By the author of RAPHAEL

Jabril

D. B. Reynolds

Vampires in America Book Two

By the author of RAPHAEL

Sinopse:

Houston, Texas - Botas de cowboy, beisebol e viagens até as estrelas... Certo? Errado. Porque Houston também é a casa de Jabril Karim, um dos oito poderosos Senhores Vampiros que controlam toda a América do Norte. E como a investigadora privada, Cynthia Leighton logo vai descobrir que nem todos os senhores vampiros são criados de igual forma. Porque Jabril é o rosto do mal no novo mundo, um vampiro que não valoriza nenhuma vida a não ser a sua, que escraviza àquele que deseja, rouba tudo o que cobiça e destrói qualquer um que esteja em seu caminho. Correndo de LA e seu sedutor Senhor Vampiro, Raphael, Cyn vê o trabalho de Houston como um bem-vindo refúgio, um lugar para o qual fugir e curar seu coração partido. Mas Texas não será férias. Pois em Jabril Karim, Cyn encontrará um verdadeiro inimigo, um que fará qualquer coisa para satisfazer seus desejos, enriquecer seus cofres e expandir seu poder. Lutando pelas vidas de duas jovens irmãs, a jornada de Cyn vai levá-la pelas ruas de Houston e de volta a L.A., onde a polícia humana está determinada a prender Raphael pelo assassinato de um dos seus. Mas o perigo não termina aí. Porque Jabril quer Cyn e nada o parará até a ter.

Jabril

D. P. Reynolds

Vampires in America Book Two

Prólogo

Cynthia Leighton acelerou pela estrada escura, as mãos no volante, o estrondo do motor abafando o som da sua respiração frenética. Os olhos dela olharam ansiosamente da estrada quase vazia para seu espelho retrovisor, onde um par de faróis de repente apareceu se aproximando dela na escuridão da madrugada.

A adrenalina já existente em seu sistema aumentou ainda mais quando ela pisou fundo no acelerador e colocou o grande SUV em um avanço gratificante. Ela olhou para os faróis baixos, no chão, o frio azul de um sedan caro, se aproximando muito rápido. Estaria nela em segundos. Seria ele? Ele tinha descoberto seu engano e vindo atrás dela?

Ela agarrou o volante com mais força, as mãos tendo espasmos num protesto doloroso, quando o sedan chegou à sua traseira, tão perto que ela mal conseguia ver os faróis. Ela desviou de repente, tentando confundi-lo, convencida de que ele iria chocar contra ela se fosse necessário. O SUV dela ameaçou capotar, se inclinando em duas rodas quando ela deslizou para a próxima pista, o cinto de segurança fazendo um corte em seu pescoço enquanto ela lutava para mantê-lo em vista.

O sedan grande passou, o motorista nem mesmo olhou na direção dela quando se apressou para o seu próprio destino e um que não tinha nada a ver com ela. Cyn afundou no banco do motorista, engolindo a bílis de seu medo, sentindo o frio do ar condicionado enquanto o suor revestia seu corpo. Por que ela alguma vez pensara que fosse uma boa idéia se envolver novamente com os vampiros? Esperava que fossem todos como Raphael - belos e uns bastardos mentirosos como ele - era? Claro, ele tinha quebrado seu coração, mas todas essas virtudes de escoteiro, como honroso e digno de confiança, se aplicavam a ele também. Poderoso como ele era, ele governava o território com a lealdade e o respeito do seu povo, ao invés de medo.

Mas não foi isso que ela encontrou no Texas. Não, aqui ela tinha descoberto a face do mal em Jabril Karim, Lorde Vampiro do território Sul e a criatura mais desprezível e vil que ela já conheceu. Um vampiro que escravizava aqueles que ele desejava e destruía todos que estivessem em seu caminho. E agora, isso incluía Cyn... E o vampiro escondido no compartimento de carga atrás dela, um vampiro cuja vida dependia de Cyn conseguir chegar ao aeroporto antes de Jabril descobrir que tinham ido embora.

Ela pisou mais no acelerador, pisando uma linha tênue entre a velocidade e a cautela. Ela ousou um olhar sobre o relógio no painel. Era quase o amanhecer. Se ela pudesse fazê-lo até lá, eles estariam seguros.

Ela dirigiu mais rápido.

Capítulo 1

Houston, Texas,
quatro dias antes.

Jabril Karim assistiu silenciosamente como seu tenente, Asim, escorregou pela porta do escritório, viu-o parar abruptamente confuso quando percebeu que seu Mestre estava estudando-o de seu lugar atrás da secretária. O peito estreito de Asim inchou com um suspiro enquanto ele lutava para conter de forma visível o seu medo e Jabril sorriu, perversamente satisfeito.

— Bem? — ele perguntou em um tom aborrecido.

— Ninguém viu Elizabeth em dois dias, meu senhor. — disse Asim, encolhendo-se ligeiramente enquanto entregava as notícias indesejadas. — E os guardas não têm registro dela atravessar o portão nessa altura, nem entrando nem saindo.

Jabril se afastou de sua mesa delicadamente e cruzou as pernas. — Então, a pequena escapou. — disse ele, pensativo, alisando o tecido da calça sobre o joelho. Ele olhou para Asim. — Ela não vai ter sucesso, é claro. Ela pertence a mim e, felizmente, a lei norte-americana está do meu lado no presente caso. Mas... — Ele ergueu um dedo de advertência. — Como recuperar minha propriedade antes que seja tarde demais?

— Vou organizar uma busca. — Asim ofereceu ansiosamente. — Ela não pode ter ido longe.

— Possivelmente. Mas as crianças humanas têm grande liberdade de ação no país e, além disso, Elizabeth pode parecer bastante madura, quando ela quer. Estou relutante em fazer isso, mas temo que podemos precisar de alguém para realizar esta pesquisa para nós. Alguém que entende a sociedade melhor, talvez alguém que se especializou nessas crianças em fuga?

Asim franziu o cenho. — Existem essas pessoas, é claro, se você acha que é sensato. Entrarei em contato com seus advogados e descobrirei quem lida com estas coisas. Deixe-os merecer uma parte do dinheiro que lhes paga para não fazer nada. Um investigador privado, talvez... — Ele deu a seu mestre um olhar assustado quando Jabril deu uma risada. — Senhor?

— Um investigador privado, Asim! Isso é muito perfeito. Você se lembra do negócio infeliz na costa oeste recentemente? Há rumores de que Raphael usou um investigador particular, um investigador particular muito próximo pelo que ouvi, mas que resistiu até ao charme daquele bastardo arrogante.

— Você contrataria uma mulher?

— Oh, dificilmente, Asim. — disse ele com um olhar desdenhoso. — Fale com os advogados e encontre um homem adequado para o trabalho. Mas chame essa mulher de Raphael de qualquer maneira. Quero conhecê-la, e eu acredito que o ego daquele bastardo poderia precisar ser espicaçado. Você acha que ele se importaria de compartilhar?

— Acho que ele preferiria dividir com uma cobra, meu senhor. — disse Asim com um sorriso afiado.

Jabril riu de novo, um som desagradável. — Exatamente, Asim. Exatamente. Deixe-me pensar... era Cynthia qualquer coisa. Lawson ou Layland, ou algo assim. Você se lembra?

— Leighton. Cynthia Leighton. Seu pai é Harold Leighton da Leighton Investimentos.

— Sério? Bem, não é interessante? Raphael se move em círculos mais elevados do que eu pensava. Mais uma razão para dar uma olhada. Você pode encontrá-la?

— Claro, meu senhor.

— Excelente. Não lhe diga nada ao telefone, Asim. Insista para que ela venha em pessoa.

— E se ela se recusar?

— Oh, ela não vai recusar. Os seres humanos amam segredos. E nós somos muito bons em mantê-los.

Capítulo 2

Cynthia Leighton marchou até a rampa de embarque, seguindo os quadris bastante substanciais do advogado que tinha sido seu companheiro de assento e seu autonomeado melhor amigo durante a maior parte da manhã. Mais de três horas ouvindo sobre o mais recente e fascinante (bocejo) triunfo dele no mundo do direito penal. Cyn não era o tipo de garota que fazia amigos com facilidade, mas ela tentou ser educada. O advogado tinha frustrado até mesmo suas melhores intenções. Felizmente para ele, a máquina de raios X a fez deixar o seu spray de pimenta no controle de segurança em Los Angeles. Quando o terminal de Houston apareceu, ela ergueu a alça de sua mochila sobre o ombro e pegou em sua bagagem de mão, com a intenção de fazer uma fuga limpa.

O advogado fez uma jogada final, parando perto da porta para sugerir que ela se juntasse a ele para tomar uma bebida de comemoração em seu hotel. Cyn deu uma olhada intencional para seu relógio – pouco passava da uma da tarde. Ela sorriu em arrependimento fingido e deslizou para longe, se perdendo rapidamente dele no aeroporto lotado. Teria o cara realmente pensado que ela estaria interessada? Ela parecia assim tão desesperada?

Soltando um suspiro exasperado, ela se concentrou na sinalização geral, procurando a zona para ir buscar a bagagem. Não que ela tivesse qualquer uma para ir buscar, mas era aí que o motorista da limusine tinha prometido vir ao seu encontro. Seguindo o fluxo geral da multidão em direção às escadas para baixo, ela foi atingida pela forma como todos os aeroportos pareciam iguais. Não importam os supostos detalhes arquitetônicos únicos que apregoavam, eram ainda os mesmos corredores longos e intermináveis cheios com o mesmo tipo de chão e grandes espaços abertos que ecoavam todo esse barulho até que você mal podia ouvir-se pensar, muito menos ouvir o anúncio mais recente de embarque com som de má qualidade. Ela soltou um suspiro esgotado quando finalmente subiu na escada rolante, seu olhar caindo sobre um sinal que a acolhia ao Aeroporto Internacional Bush. Porque os políticos sempre colocam seus nomes em tudo? Ela não conseguia pensar em um único político que merecesse o seu nome em uma instalação de tratamento de esgoto, muito menos num grande aeroporto, onde todos tinham de olhar para ele o tempo todo.

Nossa, que resmungona! Você precisa de uma bebida, Cyn. Não, o que ela realmente precisava era de uma boa noite de sono, uma noite não perturbada por sonhos com um certo vampiro. Então, o que ela estava fazendo no Texas, prestes a aceitar realizar um trabalho para outro morto-vivo? Quando a

chamada tinha chegado há dois dias, tudo em que ela conseguia pensar era em sair de L.A., pelo menos por um tempo. Colocar um estado ou dois entre ela e Raphael parecia uma boa idéia, dado que mais nada parecia funcionar. Além disso, metade do seu trabalho como investigadora particular era para um vampiro ou outro. A maioria das vezes eram coisas tediosas, rastrear contas bancárias antigas e familiares mais jovens, mas este novo caso tinha possibilidades. Talvez fosse interessante o suficiente para apagar as memórias remanescentes de brilhantes olhos negros e um sorriso lento. Ela suspirou. Provavelmente não.

Um homem se aproximou quando ela desceu a escada rolante, seu terno preto liso, camisa branca e gravata preta gritando "Motorista de limusine" claro como o dia.

— Senhora Leighton? — Perguntou ele.

Cynthia assentiu sombriamente, um pouco surpresa que ele a reconhecesse. Ela esperava um sinal com o seu nome, não uma saudação pessoal. — Sim. — admitiu ela. — Como você sabia?

Ele sorriu, um lampejo fugaz de dentes que mudou completamente seu rosto por um breve instante. — Eu não sabia, não com certeza. O Sr. Asim me deu uma descrição, mas ele foi muito vago. — Ele deu de ombros. —Você parecia corresponder.

— Quem é Asim?

Isso, obviamente, o surpreendeu. — Ele trabalha para o Senhor Jabril Karim, eu pensei...

— Ah. Falamos ao telefone, eu acho. — O que não explicava como ele sabia a aparência dela, mas lidar com vampiros nunca era simples nem fácil. — Tudo bem. — disse ela. —Então, como vamos sair daqui?

— Por aqui. Posso... — Ele tentou pegar sua mochila.

Ela tirou-a de seu alcance. — Não, eu levo isso. Você pode pegar a mala, obrigado. Qual a distância até ao hotel?

O motorista ignorou a alça em sua pequena mala, pegando-a ao colo em vez disso. — Cerca de 30 minutos, mas Sr. Asim me orientou a levá-la diretamente até a propriedade.

— Foi é? Que simpático da parte dele. — Ela sorriu para diminuir o veneno de suas palavras. — Infelizmente... — Ela fez uma pausa. — Você nunca me disse seu nome.

— Scott.

— Eu sempre gostei desse nome, a minha primeira paixão foi um Scott então eu vou te dizer, eu não quero causar problemas para você, mas eu me levantei esta manhã antes do amanhecer para pegar meu vôo, depois eu passei quase duas horas no check-in de segurança apenas para me encontrar presa em um cilindro metálico estreito com um advogado do caralho que esteve berrando no meu ouvido por mais de três horas. Eu estou cansada e eu estou irritada e não tive uma decente noite de sono em um mês. Então eu vou para o hotel, mas eu estou perfeitamente disposta a tomar um táxi se isso causar menos problemas para você. — Ela não mencionou que ela também iria para o hotel porque um pacote estaria esperando por ela ali. Um pacote que incluía sua escolha de armas, uma Glock 17 de 9mm. Cyn não tinha nenhuma intenção de visitar um vampiro estranho desarmada.

Ela empurrou a porta e sugou uma golfada de ar sujo do aeroporto. — Perfeito. — ela murmurou e levantou uma sobrancelha curiosa para Scott. — Então, eu preciso de um táxi?

Ele piscou para ela por um momento, como se ele ainda não tivesse adquirido sua fala novamente. — O Four Seasons, certo? — Disse ele finalmente.

— Sim. — Ela sorriu.

— O carro está ali.

À medida que se afastavam do meio-fio, Scott pegou seu reflexo no espelho. — Você deveria tentar tomar um comprimido para dormir. — disse ele.

Cyn encontrou seus olhos. — Eu tentei. Eu tentei todos eles. O meu médico não me dá mais, o que é dizer algo em LA. Você pode obter praticamente qualquer comprimido que você quer lá, tudo que você tem a fazer é pedir.

— Meditação, talvez. — sugeriu ele, a sua atenção na longa fila de carros que passava por eles.

— Isso é uma idéia. — Cyn disse distraidamente. — Encontrar um guru para mim mesma. — Ela não precisava de um comprimido e ela não precisava de meditação. Ela precisava que Raphael desaparecesse de sua vida. Não que ele estivesse exatamente em sua vida. Não mais. Oh, não. O Senhor Raphael tinha tomado tudo o que queria e depois tinha corrido tão longe e tão rápido quanto o seu dinheiro conseguiu levá-lo. Ela achara que era amor. Acontece que era simplesmente um Buffet itinerante com ela como a entrada. Ela fechou os olhos contra a dor muito familiar de perda e sabia que não era tão simples. Raphael não a tinha deixado porque ele não a queria. Ele a deixou porque ele a queria. Centenas de anos de idade e ele ainda não tinha evoluído além do medo que o sexo masculino tem de compromisso com uma só mulher.

Naturalmente, toda a verdade era provavelmente ainda mais complicada, mas isso era a base da questão e não havia nada que ela pudesse fazer a não ser ultrapassar isso. Mais de um mês se passara desde que ela o tinha visto, desde que ele foi embora sem olhar para trás. Ela nunca tinha se apaixonado antes, quanto tempo demorava a curar um coração partido?

Cyn inclinou a cabeça para trás contra o couro macio e fechou os olhos. No banco da frente, Scott tomou a dica, colocou um CD calmante para tocar e deixou a música suave preencher o silêncio até que chegaram ao hotel.

Ela rolou em seu sono, a cama macia do hotel se adaptando a seus movimentos, a embalando em seu calor. Um peso se moveu por trás dela e ela sorriu, pegando o cheiro de sua loção pós-barba - uma pitada de especiarias, quase inexistente. Ela sentiu o deslizar da sua pele quando ele se esticou ao lado dela, quando ele a puxou e aconchegou dentro da curva de seu corpo grande, fazendo-a se sentir segura, protegida. Ele era o único homem que a tinha feito se sentir assim, como alguém por quem valia a pena lutar, alguém para acalentar. Seu rosto era áspero contra o rosto dela, seus lábios macios quando eles exploraram sua mandíbula, beliscando seu lóbulo da orelha antes de beijar uma trajetória descendente que se arrastou ao longo da curva de seu pescoço. Ela se mexeu, seu corpo respondendo ao seu toque quando os dedos fortes deslizaram entre suas pernas e começaram a acariciar suavemente.

Um pequeno gemido passou pelos lábios dela enquanto ele inclinava sua perna para a frente e deslizava seu pênis para baixo da fenda de seu traseiro até à umidade entre suas pernas. Com o primeiro golpe dentro dela, ela ofegou, arqueando as costas para se abrir ainda mais, acolhendo sua invasão, começando a se mover com ele. O ritmo dele ganhou urgência e ele agarrou seus quadris, segurando-a firme contra ele enquanto ele dirigia cada vez mais fundo dentro de suas dobras escorregadias. Ela estendeu a mão e cobriu a mão dele com a dela, apertando com força, esmagando seu clitóris, sentindo seu sexo grosso deslizando para dentro e para fora, abrindo-a, esticando-a de forma apertada em torno dele.

Ele gemeu com fome, se inclinando para a curva do pescoço dela mais uma vez. Por uma fração de segundos o calor de sua respiração roçou seu pescoço e, em seguida, os dentes dele afundaram em sua veia. Ela gritou, seu orgasmo súbito e avassalador, passando de uma piscina tranqüila de necessidade para uma onda de êxtase no espaço de segundos. Ela gritou enquanto o orgasmo se abatia sobre ela, carregando-o em seu rastro, deixando o rugido de conclusão dele vibrando em seus ossos.

Ela permaneceu dentro do círculo de seus braços, entorpecida com a paixão do sexo que tinham feito, seus músculos relaxados, seu desejo saciado. No momento.

Como se soubesse o que ela estava pensando, ele deu uma risada baixa e sensual, a sua respiração suave na bochecha dela. — Doce, minha Cyn. — murmurou ele. — Tão doce.

O telefone vibrou, acordando Cynthia. Ela piscou no quarto escuro, se virando automaticamente para o corpo rígido masculino que deveria estar no espaço por trás dela e não encontrou nada, além do vazio. Ela fechou os olhos e obrigou as lágrimas a recuarem, curvando seu corpo em torno da dor em seu peito. O telefone tocou seu toque de despertar novamente, e ela estendeu a mão irritadamente, afastando o receptor para longe, escutando a voz automatizada falar. Ela ficou lá por um momento mais, sentindo a excitação de seu corpo, o brilho fino de suor que cobria sua pele. Foi tão real. Muito real. E foi tudo uma mentira.

Afastando as cobertas, ela se forçou a ficar de pé e foi para o chuveiro. Um dia de cada vez, não era o que todos os grupos de ajuda anônimos diziam? Um dia de cada vez.

Ela se perguntava o que eles pensariam sobre ela usando seu mantra contra a memória de seu amante vampiro.

Cyn praguejou quando as portas automáticas do saguão do hotel se abriram e ela saiu.

— Está congelando aqui fora. — disse ela para ninguém. — Eu pensei que o Texas fosse quente.

—Cynthia Leighton?

Ela congelou, virando ao redor para olhar o homem de pé ao lado de uma limusine longa e preta estacionada na porta do edifício. Não, não um homem.

Um vampiro. Não que a maioria das pessoas teria notado. As pequenas coisas o denunciaram - uma protuberância em seu lábio superior escondendo presas emergentes em um show instintivo de agressão, a forma demasiada parada em que ele a olhava da limusine. Cyn conhecia os vampiros, sabia que por muito que eles pudessem se assemelhar a humanos, eles eram definitivamente diferentes - melhores, mais fortes, mais rápidos. O Homem de Seis Milhões de Dólares[1], mas sem o acidente de avião. Este vampiro em particular estava olhando para ela com desgosto, como se ele esperasse desesperadamente estar errado sobre sua identidade. Ela sorriu, feliz por arruinar a sua noite. — Sou eu!

O vampiro não sorriu, nem mesmo a sombra de um sorriso. — Senhor Jabril Karim está esperando.

Cyn fez questão de conferir o relógio. — Meu compromisso é às sete. — Eram seis horas, e a residência de Jabril era a cerca de quarenta minutos fora da cidade. Ela sabia por que tinha verificado.

O vampiro apenas olhou para ela. Cyn abriu a porta da limusine e deslizou pelo assento de couro macio. Iriam ser quarenta minutos muito longos.

[1] Série televisiva sobre um ciborgue, também chamada de 'O Homem Biônico'.

Capítulo 3

Mirabelle acordou. Não foi um despertar lento, não foi um retorno gradual dos sentidos como se ela tivesse estado a dormir. Foi a clareza da diferença entre o preto e o branco, a vida e a morte. Ela era uma vampira e ela estava acordada.

Permanecendo perfeitamente imóvel, ela ouviu os sons ao seu redor – um automóvel se deslocando lentamente para longe da casa, um pássaro cantando do lado de fora da janela, vozes vindas das cozinhas sob seu quarto. Mas nada mais. Segura. Por agora.

Ela se sentou no escuro quase perfeito de um closet, jogando fora os cobertores que ela não precisava, mas utilizava de qualquer maneira. Eles a confortavam, talvez uma lembrança de tempos melhores. A escuridão em si não era impedimento, seus olhos compensaram a ausência de luz, se servindo da pouca luz que espreitava por debaixo da porta, mostrando a ela os contornos e as sombras das prateleiras e cabides, roupas e calçados. Ela suspirou e se levantou, abriu a porta do armário e foi para o quarto ao fundo.

Era um quarto espaçoso, elegantemente mobiliado com uma cama enorme coberta com uma colcha de cetim e acessórios de veludo. Cortinas de brocado elaboradas cobriam as janelas largas, de tom vermelho vinho e azul para combinar com a cama. Era tudo muito bonito e muito caro... E nada que ela teria escolhido para si mesma. Mas então, ela nunca dormiu aqui. Ela se sentia mais segura, de alguma forma, se escondendo no armário. Era ridículo, e, no final, inútil. Mas ela fazia-o de qualquer maneira.

Um puxão na corda grossa e as cortinas se afastaram. Além da janela, a noite era afastada pela brilhante, quase berrante, iluminação artificial do terreno da propriedade. Mirabelle olhou lá para fora sem ver e se perguntou por que estava tão inquieta hoje à noite. Era uma noite como outra qualquer. Não era?

Uma batida soou na porta e ela se virou, atravessando a sala com um sorriso. Provavelmente era sua irmã Elizabeth, que era sua única amiga verdadeira e um ponto brilhante em suas noites. Com apenas dezessete anos e ainda humana, Liz vivia em um prédio separado à beira da fazenda, juntamente com a governanta e outros servos. Tinham passado dias desde que elas se tinham visto pela última vez. Liz não podia vir todas as noites, mas ela tentava, e...

Mirabelle parou antes de chegar à porta e cheirou o ar com cuidado. Sua visita era definitivamente humana, mas...?

Ela olhou nervosamente para a sua camisola de seda. Era um prazer secreto para a sua feminilidade, mas o último que lhe tinha restado. Ela correu de volta para o armário e tirou uma túnica longa e grossa, fechando-a em torno do pescoço e amarrando-a com firmeza antes de ir para abrir a porta.

— Minha senhora. — O servo baixou os olhos, sem querer olhar para ela, mesmo no abrangente roupão. — Senhor Jabril Karim pediu sua presença imediata. — Ele olhou para suas roupas de dormir e apertou a boca em desaprovação. — Isto é, o meu senhor pede a sua presença logo que você estiver vestida decentemente.

Mirabelle enrubesceu, mais de raiva do que de humilhação. Mesmo os servos ousavam julgá-la, embora fosse o dinheiro dela que alimentava e vestia esse homem e toda sua família. E porque ela estava se sentindo infeliz e inquieta esta noite, ela fez algo que raramente fazia. Ela jogou a cortesia ao vento e fechou a porta na cara dele, trancando-a com um clique alto.

Um desafio insignificante, ela admitiu enquanto se apressava de volta para o armário, e que, provavelmente, voltaria para assombrá-la sob a forma de pequenos buracos em suas roupas e visitas irregulares ao seu quarto pelo pessoal de limpeza. Não que ela se importasse de qualquer forma. Ela odiava a roupa chamada de modesta que Jabril Karim insistia que ela usasse, e os quartos eram pouco mais do que uma cela de prisão. Que lhe importava se eram limpos ou não? Ainda assim, se o velho sugador de sangue tinha enviado alguém para vir buscá-la, provavelmente era importante - para ele de qualquer maneira. E ele tinha formas de puni-la que eram muito piores do que qualquer coisa que o pessoal da limpeza pudesse sonhar em fazer.

Ela tirou o roupão e pijama, entrou no banheiro e ligou o chuveiro, deixando a sala se preencher com o vapor, enquanto ela escovava os dentes. Jabril podia reclamar que ela tinha demorado muito tempo, mas ela não ia sair sem um maldito banho. Ele sabia muito bem que ela acordava muito depois dele, muito depois dos outros vampiros da casa acordarem. Ela era muito jovem, como essas coisas eram contadas. Ela tinha tido apenas dezoito, quando ela foi transformada, e isso tinha sido apenas cinco anos atrás, um século ou mais depois que qualquer um dos outros vampiros vivos aqui. O sol tinha que estar bem abaixo no horizonte antes que ela começasse a se mexer, o que significava que todos os outros tinham estado acordados uma boa hora antes que ela puxasse a sua primeira respiração completa de cada noite.

Ela lavou a boca e foi para debaixo do jato quente, deixando-o liberá-la da tensão, obrigando-se a colocar de lado suas muitas queixas, empurrando-as para o fundo de sua mente. Foi como ela sobreviveu até aquela altura, como ela iria sobreviver o tempo suficiente para fugir um dia, para levar Liz e fazer uma vida para as duas longe do Texas e de Jabril Karim.

Capítulo 4

O tecido grosso de sua saia pesava em seus quadris e Mirabelle puxou-o, tentando colocá-lo confortavelmente em torno de suas pernas. Suas roupas eram todas pretas: uma saia até ao tornozelo, camiseta e um casaco preto solto, e ainda um lenço para esconder seus longos cabelos loiros. Seus sapatos eram Nikes pretos e ela usava meias pretas como uma velha senhora, que se estendiam até acima dos joelhos, como se de alguma forma, até a visão de um pouquinho de sua carne iria ser uma irresistível tentação para os vampiros do sexo masculino da corte de Jabril.

Mirabelle não se sentia irresistível nem tentadora. Sentia-se velha e feia, e ela olhou com ressentimento para os homens ricamente vestidos, que enchiam a sala. A brigada do pênis se vestia de seda e lã macia em um arco-íris de cores vibrantes.

Mirabelle era a única vampira do sexo feminino na propriedade. De fato, ela nunca sequer conheceu outra mulher vampira, mas ela sabia que existiam. Jabril Karim raramente iniciava vampiros do sexo feminino. Normalmente, ele não tinha uso para as mulheres além do valor nutricional do seu sangue e do sexo que vinha com ele - e seus escravos humanos no porão forneciam isso. Ele fez uma exceção no caso de Mirabelle, porque ela tinha algo mais que ele queria... Um monte de dinheiro.

Felizmente para ela, ele ainda teria que descobrir uma maneira de chegar ao seu dinheiro, sem ter que mantê-la viva, assumindo que um vampiro possa ser considerado vivo. Ela não sabia a ciência por detrás do assunto, mas ela certamente se sentia viva. Às vezes, ela achava que valeria a pena morrer apenas para evitar que Jabril colocasse as mãos viscosas no seu dinheiro. Mas então, ele teria ido atrás de Liz e seria muito mais difícil, além de que ela estaria verdadeiramente morta e incapaz de desfrutar de sua reação, de modo que isso tirava a satisfação de toda a idéia.

Com esforço, ela forçou seus pensamentos para longe de Jabril e de seus seguidores para algo mais agradável, o pouco que havia para escolher. Ela se perguntava onde estava Liz. Não que sua irmãzinha alguma vez tenha se aventurado por esta parte da casa à noite. Havia apenas dois tipos de seres nesta sala — vampiros e alimentos. Se você não fosse um, era o outro. E Liz estava determinada a não fazer parte de nenhum dos dois, uma aspiração que Mirabelle tinha toda a intenção de ver concretizada. Já era ruim o suficiente que

Jabril tenha conseguido transformá-la, ela não iria ficar parada e deixá-lo transformar sua irmã mais nova também.

Houve uma ondulação de movimento que se espalhou por toda a sala, Mirabelle olhou através de seus cílios. Era uma grande sala, uma sala "grandiosa" como o arquiteto de seus pais a tinha chamado, com pilares amplos espalhados por todo o espaço vazio. Os pilares eram apenas para efeito - Mirabelle sabia desde sua infância ao brincar aqui que eles eram quase completamente ocos e não feitos de mármore como aparentavam ser. Mas isso tinha sido antes da morte dos seus pais, antes de Jabril ter reivindicado a sua casa para si mesmo. Não havia crianças brincando na sala, não mais. Uma familiar onda de tristeza rolou sobre ela quando se lembrou de todos aqueles outros tempos. As grandes recepções e festas da sociedade do Texas – angariações de fundos organizadas pelos seus pais e outros, eventos beneficentes onde os convidados andavam pela sala bebericando cocktails e comendo alimentos saborosos antes de passarem grandes cheques dedutíveis nos impostos.

Ela suspirou. Jabril tinha mudado a sala para atender a si mesmo, é claro. Ele tinha removido a maioria dos móveis, pois não havia necessidade de sofás ou cadeiras em que ninguém estava autorizado a sentar-se, exceto ele próprio. Ele havia deixado apenas algumas mesas estreitas ao longo das paredes intercaladas com urnas enormes cujo verde pálido era refletido no quase branco chão de mármore. Muito em cima, o teto se arqueava em uma cúpula vidrada redonda cuja moldura envolvente de cobre tinha o mesmo tom antigo de verde patina. Lembrou-se de sol brilhando através desses painéis enormes de vidro, enchendo a sala grande com...

Ela virou sua atenção novamente para o presente quando as portas duplas se abriram para um lado, e um enorme vampiro meio nu entrou, olhando ao redor da sala como se esperando que alguém o desafiasse. Ninguém o fez. Na verdade, ninguém encontrou seu olhar sequer. Todos eles aprenderam há muito tempo atrás que a idéia de Calixto de um desafio era imprevisível, dependendo grande parte do seu humor. Os vampiros podem se curar rapidamente, mas a dor ainda machucava como o inferno. O guarda-costas saiu da porta e andou para um lado, acenando respeitosamente para a sala não visível atrás da porta.

Um momento depois, Jabril entrou com um aceno de aprovação para seu diligente guarda. Na aparência, o senhor dos vampiros, tinha quarenta anos de idade e estava em boa forma, com cabelos pretos curtos, e olhos cor de chocolate escuro, que eram grandes e redondos, quase bulbosos com a esclera amarela. Para Mirabelle, eles sempre pareciam molhados - olhos grandes, molhados e amarelados. Eca.

Ela deixou cair o olhar rapidamente quando ele se aproximou dela. Jabril Karim al Subaie era o herdeiro de uma família Árabe muito tradicional e conservadora que tinha sido aliada da dinastia dos Saud durante séculos, antes

mesmo de Jabril ser vivo. Ele exigia um comportamento respeitoso e submisso dos seus servos... E suas mulheres.

Mirabelle ficou tensa quando uns sapatos de couro elegantes por baixo de uma calça perfeitamente adaptada parou na frente do seu olhar abaixado. Ela esperou, não ousando olhar para cima.

— Mirabelle, meu tesouro — disse ele finalmente. Ela lutou contra uma careta. Não havia nada que se aproximasse de afeto entre eles. Se ela fosse o seu tesouro, era apenas no sentido mais literal.

— Meu senhor — ela sussurrou.

— Pergunto-me, minha querida, se você ouviu falar de Elizabeth ultimamente?

Ela sentiu um solavanco de medo por suas palavras. Chocada, olhou para cima, encontrando os olhos dele por um momento, antes que seu olhar baixasse novamente para seus pés. — Elizabeth, meu senhor? — ela conseguiu dizer. — Eu não a vejo desde... — Pensou desesperadamente, tentando lembrar a última visita de Liz. — Creio que foi há cinco dias, meu senhor. Pouco antes do amanhecer.

Tinha acontecido alguma coisa? Ela queria gritar a pergunta para ele, mas forçou-se à quietude, cerrando os punhos bem nas dobras da saia pesada. Se ele soubesse que ela se importava, ele teria prazer em manter as informações dela.

Ela estava ciente do silencioso exame detalhado que ele fazia enquanto olhava para ela, farejando o ar como um animal, como se pudesse de alguma forma sentir o cheiro da verdade em suas palavras. Mas então, ela não podia mentir para ele. Ele era seu mestre, seu criador, e ela era jovem demais e fraca demais para resistir a ele. Ele conhecia a mente dela tão bem quanto ela. Ela tinha conseguido manter alguns segredos dele, escondidos na parte mais privada de sua mente, por trás de muros de desorientação e de detalhes inconseqüentes. Ele nunca pensaria em olhar para as verdades que ela escondeu, porque ele não tinha ideia que elas existiam. Mas ele poderia saber se ela mentia em resposta a uma pergunta direta. E ela não estava mentindo sobre isso. Se Elizabeth estava sumida, Mirabelle não tinha idéia de onde poderia estar.

— Eu vejo — disse Jabril. — Bem, isso é preocupante. A mulher chegou, Asim? — perguntou ao vampiro situado ao seu cotovelo.

— Ela acabou de passar pelo portão, meu senhor.

Mirabelle ouvia, ainda de olhos baixos, sua mente bombardeando com perguntas. Onde foi Elizabeth? E quem é a mulher que Jabril estava falando?

Será que ela sabe algo sobre Liz? Ela estava tão presa em suas próprias perguntas que ela quase perdeu as próximas palavras de Jabril, estremecendo de medo quando ele falou diretamente na frente dela.

— Você vai ficar aqui, Mirabelle.

— Meu senhor, — ela guinchou ofegante, dobrando-se em uma profunda reverência e permanecendo lá até estar certa de que Jabril havia se afastado. Quando ela se endireitou, fê-lo lentamente, seus olhos ainda procurando. Não estava além de Jabril esperar, apenas para puni-la por desrespeito. Os vampiros mais próximos a ela observavam seu comportamento cauteloso com pequenos risos de desdém, e ela sentiu uma pontada de mágoa antiga. No passado, esses mesmos vampiros a tinham tratado com carinho, como uma irmã mais nova. Ao longo dos meses seguintes à sua transformação, eles tinham visto Jabril a descartar, viram-no tratá-la com desrespeito total. Buscando agradar a seu mestre, eles seguiram o seu exemplo um por um até que ela ficou completamente isolada, ficando assim sozinha numa sala cheia de vampiros. Sufocando um suspiro, ela ignorou-os por agora, sabendo que eles não podiam fazer nada mais do que zombar. Até seu vigésimo quinto aniversário e até que Jabril tivesse controle absoluto sobre seu dinheiro, ninguém estava autorizado a tocá-la. Ninguém, exceto Jabril.

Mirabelle recuou até que ela se colocou contra a parede, cabeça baixa, punhos cerrados na cintura, querendo nada mais do que ser invisível. Ela olhou cautelosamente ao redor da sala, tentando avaliar o humor dos outros vampiros. Eles ficaram conversando e rindo muito alto, suas vozes ecoando no mármore do chão e no teto alto. Jabril havia se mudado para um estrado baixo na frente da sala, sentando-se em uma enorme cadeira de madeira talhada com detalhes dourados. O encosto e assento eram em cetim bronze profundo com bordados a ouro em bom estado. Um trono por qualquer outro nome, Mirabelle pensou.

Ela não se importava. Deixe-o ter o seu trono, deixe que seus seguidores encham a sala e briguem por posição, tentando chegar perto o suficiente para receber um pouco de atenção. Não Mirabelle. A última coisa que ela queria, era a atenção de Jabril. Ela gostaria muito mais de estar escondida no seu armário, checando as mensagens para algum sinal de Liz. Porque se Jabril realmente não sabia onde Liz havia ido, ela poderia ter fugido, poderia ter escapado desse buraco do inferno que tinha sido a sua casa. E se assim fosse, ela tentaria enviar uma mensagem a Mirabelle, para informá-la de que estava segura. Ambas sabiam que Liz tinha de ser cuidadosa, que todas as informações dadas a Mirabelle poderiam ser tiradas de sua mente por Jabril. Mas ela ia mandar alguma coisa. Ela não iria deixar Mirabelle se preocupar por nada. E Mirabelle estava muito preocupada neste momento.

Uma porta no fundo da sala se abriu com um rangido. Mirabelle olhou para cima, tal como todos na sala e viu um dos muitos seguranças do senhor vampiro deslizar para dentro. Eles eram tão parecidos, que ela raramente se

preocupava em tentar distingüir entre eles. Eram homens enormes com cabelos escuros e olhos mortos, todos vestidos de preto, dos sapatos à camisa. Este fez uma pausa, de costas para a porta fechada, e olhou para frente da sala. Mirabelle seguiu seu olhar e viu Asim sussurrar algo a Jabril, que levantou os olhos e acenou para o guarda-costas.

Curiosa, Mirabelle se virou para a entrada a tempo de ver uma mulher estranha passando. Ela era alta e magra, cabelos escuros pendurados em um corte irregular, pela altura dos ombros, os seus olhos verdes varriam a sala com um olhar aparentemente ocioso. Mirabelle quase não abafou o suspiro de saudade que apunhalou-a com força suficiente para machucar. A mulher era tudo o que Mirabelle sabia que nunca seria – bonita, confiante... Livre. Aquele olhar verde caiu sobre ela por um momento e Mirabelle viu um lampejo de humor. Ela soube naquele momento que era tudo uma pose, um jogo para chamar atenção. E estava funcionando. Cada vampiro na sala estava olhando a visitante com fome, imaginando como seria enterrar os seus dentes naquele pescoço macio. Jabril e os seus vampiros desprezavam as mulheres, como se fossem inferiores, mas isso não os impedia de as cobiçar a todo o momento. Mirabelle suspirou alto, no silêncio. A mulher encontrou de novo o seu olhar e piscou.

Mirabelle sentiu um rubor de agradável surpresa. Uma simples troca, uma piscadela de olho, apenas isso. Mas disse tanto: Nós estamos juntas aqui, você e eu. Duas mulheres em uma sala cheia de tolos. Ela deu um sorriso hesitante, mas rapidamente baixou o olhar, envergonhada de como deveria parecer, em contraste com aquela mulher elegante, com as sua roupas feias e lenço sem graça, ela nem sequer tinha passado um rímel para realçar a cor dos olhos.

— Senhor Jabril Karim? — A voz da mulher atravessou a sala, antes silenciosa, quebrando assim um quadro congelado.

Jabril deu-lhe um sorriso predatório, um que continha muito mais do que a simples cobiça dos seus lacaios. Houve astúcia naquele sorriso e uma fome voraz. Mirabelle esperava viver o resto de sua longa vida sem ter que ver aquele sorriso dirigido a ela. Jabril assentiu com a cabeça em reconhecimento. — Senhorita Leighton, se junte a nós, por favor — disse ele.

A mulher avançou, o salto alto das botas elegantes clicando ruidosamente no chão de mármore. Como Mirabelle, ela estava vestida toda de preto, mas a semelhança terminava ali. Calça preta que se apegava às coxas alargando-se um pouco abaixo do joelho para acomodar botas até meio da panturrilha. Ela usava uma gola de cashmere contra o frio, e um casaco de couro, que caía em seus tornozelos. Embora a Mirabelle estivesse quase sufocada, a mulher parecia fresca e à vontade quando ela atravessou a sala lotada e parou a apenas alguns centímetros de distância do palanque onde Jabril presidia.

Cyn, assim que entrou na sala, soube logo que tinha sido um erro vir para o Texas. Parando no nível superior dos dois pequenos degraus que davam para o chão de uma sala grande, que fazia eco, ela podia sentir os olhos rastejando sobre sua pele, a testosterona era tão espessa que se tornava difícil respirar. Uma lenta varredura disse-lhe que só havia homens aqui, todos eles sendo vampiros. Não, espere, havia uma mulher solitária, jovem e aterrorizada, usando roupas da avó italiana de alguém.

Ela respirou fundo, sentindo algum conforto pelo peso da sua Glock no coldre sob o casaco longo de couro. Eles não a tinham revistado e não tinham perguntado se ela estava armada. No começo, ela pensou que era o descuidado habitual de um vampiro para um mero humano, mas depois percebeu que não era a sua humanidade que fazia menos dela. Era o seu gênero. A constatação a fez mais confiante... E mais cautelosa. Confiante, porque sabia que poderia cuidar de si mesma muito melhor do que a maioria dos homens esperava. Cautelosa, porque ela não podia contar com as normas de cortesia ao lidar com os Neandertais dessa faixa, principalmente quando esses Neandertais eram Vampiros.

E por falar em Neandertais... Seu olhar pousou em um gigante seminu que estava de pé ao lado do Lorde Vampiro, olhando para ela desconfiado. Cyn se perguntou se ele era um eunuco. Ela sorriu para si e olhou diretamente para Jabril.

— Senhor Jabril Karim? — Perguntou ela, embora realmente quem mais poderia ser?

Deu-lhe um aceno majestoso e convidou-a a avançar. Ela atravessou o espaço com uma oscilação deliberadamente casual de seus quadris, usando sua altura e suas longas pernas para um bom propósito. Ela fez uma pausa na base do tablado e considerou dar o passo final para cima do estrado em si, se perguntando o que o guarda-costas eunuco faria se ela tentasse. A auto-preservação a fez pausar e dar uma pequena reverência pela cintura em vez disso. — Meu senhor — ela disse.

Os grandes olhos do Senhor Jabril a olharam da cabeça aos pés. Era mais, e de alguma forma menos, que a avaliação lasciva que ela normalmente recebia dos homens. Como se ele a quisesse, mas não como uma mulher. Ou não apenas como uma mulher. Ela o avaliou em silêncio, esperando que ele fizesse o próximo movimento. Típico, ela pensou. Lá estava ele sentado, o vampiro em seu trono faz de conta, o príncipe e seus cortesãos. Raphael poderia ser um

porco traidor, mas nunca denominou-se um príncipe, pelo menos não que ela tivesse visto.

Ela ficou irritada, enquanto os minutos se passavam, sentindo-se mais e mais como um espécime em um jardim zoológico, porém devido à sua experiencia com vampiros e seus jogos, conseguiu disfarçar a irritação que teimava em aparecer no seu rosto. Será que esse idiota achava que ela murcharia sob o peso do seu olhar? Pouco provável. Ela colocou um olhar de curiosidade leve no rosto e esperou.

Ele deu-lhe um sorriso pleno de prazer genuíno. — Meu associado, Assim — disse ele, gesticulando. — Eu acredito que você falou com ele no telefone.

Cyn olhou. Asim era completamente normal, alto e magro, com um peito afundado, cabelos escuros e usados um pouco longos demais, e a pele pálida de alguém cuja tez morena já não via o sol. Ele deu ao corpo dela um olhar avaliador descarado através de olhos castanhos, sem nem fingir cortesia, seu olhar, finalmente, chegando ao seu rosto. Homem encantador. Cyn estava muito feliz por ter percorrido todo o caminho para o Texas para trabalhar para esses caras.

Jabril ficou de pé e precisou apenas de um simples passo para descer do estrado, o que deixou-o parado muito perto de Cyn. Ela permaneceu no lugar em que se encontrava, mas por pouco. Ele era menor que ela, especialmente com suas botas de salto alto, mas isso nada fez para mitigar a força da sua personalidade. Ela deveria ter vindo preparada, sendo que trabalhou com Raphael. Jabril Karim era um Lorde Vampiro. Centenas, talvez milhares de vampiros, cada um poderoso à sua maneira, deviam as suas vidas a este homem. Ele era perigoso e mortal, e Cyn deveria se lembrar disso se esperava voltar para a Califórnia com seu corpo e mente intactos.

— Talvez devêssemos levar a nossa discussão para o meu escritório — disse Jabril, seu olhar nunca deixando o rosto de Cynthia.

Ela inclinou a cabeça concordando e ele se virou imediatamente. Asim ignorou-a para seguir atrás do seu mestre e do guarda-costas seminu, mas Cyn estava tão distraída com a dança do progresso de Jabril através da sala, que ela se esqueceu de segui-los. A sala inteira pulou em movimento ao mesmo tempo, com cada um dos vampiros de Jabril se balançando em seu caminho, balanceando o desejo de ser reconhecido contra o medo que impedia o seu movimento. Asim virou-se abruptamente para lançar um olhar penetrante em sua direção, indicando com um empurrão arrogante de sua cabeça que ela deveria ir junto. Cyn reprimiu um riso, apreciando a irritação em seu rosto, enquanto caminhava lentamente em sua direção.

Enquanto ela se aproximava da porta, ela passou pela jovem, a esquisitice simples nesta sala cheia de homens. De perto, a menina não parecia ter mais de vinte, não importando que o seu corpo jovem estivesse escondido

sob aquelas volumosas roupas. Claro, era difícil dizer com vampiros, mas algo nela dizia "jovem" a Cynthia. Jovem em idade humana e do sexo feminino. Definitivamente não pertencia aqui.

— Mirabelle. — A voz de Jabril Karim quebrou os pensamentos de Cyn. A menina pulou com os olhos largos de medo. — Vem — ele ordenou.

Cyn franziu a testa enquanto a menina seguiu automaticamente, inclinando-se como um cachorro na coleira. Um cão que tinha medo de ser espancado se desobedecesse.

Jabril os levou a um pequeno escritório. Asim entrou por último, fechando a porta aos guarda-costas eunucos que ficaram de fora, na grande sala, provavelmente protegendo a privacidade do seu mestre. O interior do gabinete estava cheio com mobiliário arrumado e um tanto efeminado - com uma secretária linda, que parecia quase demasiado frágil para segurar o peso do candeeiro ornamentado em seu canto, algumas prateleiras incorporadas na própria parede e duas cadeiras estofadas de brocado com as pernas finas, que se encontravam diante da mesa. Um belo e, sem dúvida, inestimável, tapete cobria a maior parte do piso, com suas cores vibrantes, apesar de seus suaves tons de marrom e azul. Jabril circundou a mesa e sentou-se, indicando com a mão graciosa que Cyn deveria assumir uma das duas cadeiras. Asim não se sentou, mas situou-se atrás da mesa, ao lado de seu mestre.

Cyn olhou para a menina, Mirabelle, esperando que ela tomasse a outra cadeira, mas ela permaneceu em pé no fundo da sala, encolhida perto de um segundo conjunto de portas, como se pronta para fugir à menor oportunidade.

— Acredito que seu vôo transcorreu sem complicações? — Jabril Karim disse a Cyn. Ele tinha uma voz melódica, medida e uniforme. Ela não sabia por que isso a surpreendeu, ele não era um homem feio, seu rosto carimbado com as linhas duras dos seus antepassados, com os lábios tão cheios como os de uma mulher jovem e olhos que eram um pouco demasiado proeminentes. Mas Cyn percebeu nesse momento que ela não gostava muito desse lorde vampiro e se perguntou o que a tinha virado contra ele. Havia a sala do trono falso, é claro, mas ela achou isso divertido e realmente não muito surpreendente. Ele tinha provavelmente mais do que algumas centenas de anos e era de uma época em que os príncipes tinham poder verdadeiro. E embora ele pudesse ser insuportavelmente arrogante, a verdade é que como um lorde vampiro, o seu poder também era muito verdadeiro, e assim uma certa arrogância era quase esperada.

Não, ela decidiu, foi a menina que a fizera tomar uma antipatia instantânea a Jabril Karim. A jovem mulher era tratada como um animal de estimação feio e obrigada a se vestir como se sua feminilidade fosse algo vergonhoso que tivesse de ser escondido. A Cyn não importava quão velho o vampiro era ou de onde ele veio. Aquela garota era jovem e estava assustada, e

aqueles grandes olhos azuis tinham nascido na América, ou Cyn comeria suas botas.

Ela percebeu que Jabril estava esperando por uma resposta e inclinou-se ligeiramente, cruzando as pernas em um movimento deliberadamente sedutor. — O vôo foi o que se espera nestes dias — ela rejeitou. — Você mencionou uma questão de certa delicadeza, meu senhor? — os olhos de Jabril foram das pernas cruzadas para o rosto, onde prendeu o olhar por um segundo antes de dizer calmamente: — De fato. Uma questão muito preocupante, mas que requer certa... Discrição, eu receio. Uma jovem sob meus cuidados desapareceu...

— Uma garota? — a surpresa de Cyn era evidente. Uma garota desaparecida era a última coisa que ela teria esperado desta atribuição.

A calma de Jabril rachou um pouco com a interrupção, mas ele continuou sem problemas. — Elizabeth Hawthorn. Seus pais eram amigos estimados, e quando eles morreram, eu pensei que o mínimo que eu podia fazer era cuidar de suas filhas em um ambiente familiar. É tão importante que as crianças tenham alguma... Constância em suas vidas, você não acha? Eu tive o prazer de encontrar tribunais que concordam comigo.

Cyn achou chocante que qualquer juiz tenha entregado uma criança a este sanguessuga e se perguntou qual era o preço da vida de uma criança hoje em dia. — Posso perguntar quantos anos a menina desaparecida tem?

— Dezessete — Jabril respondeu com um suspiro, obviamente calculado. — É problemática como todas as crianças que estão nessa idade, eu receio, as pequenas rebeliões da infância.

Meu Deus! Uma menina de 17 anos de idade vivendo com esse bando. Não admira que ela fugisse. — Há quanto tempo ela está desaparecida?

— Uma semana, pelo menos. Você entende Srta. Leighton, tem sido um pouco difícil para ela viver aqui. — Ele fez um gesto em torno dele com outro suspiro profundo. — Somos Vampiros. Ela, claro, não. É muito jovem ainda para fazer tal compromisso, embora eu tenha esperança de que ela escolha se juntar a nós.

Ele se levantou em seguida e caminhou ao redor da mesa. Cyn levantou-se automaticamente, recuando, para evitar que ele a tocasse, mas era quase como se a perseguisse intencionalmente, chegando perto o suficiente para correr os dedos pelo seu braço até a pele da sua mão.

Houve uma sensação estranha quando ele se afastou e deixou os dedos dela. Uma espécie de teia de aranha de sentimentos, como se ele tivesse deixado algo agarrado à sua pele. Ela lutou contra um arrepio instintivo que ele pareceu não notar, sua atenção já fixa na mulher silenciosa no fundo da sala. A menina encolheu-se quando o lorde vampiro passou um braço pelos seus

ombros. Foi um gesto praticado e ainda estranho, ainda mais pela diferença de suas alturas - algo que Cyn não tinha percebido até agora, porque a postura submissa da menina a fez parecer muito menor do que ela realmente era. Cyn assistiu desconfortavelmente como Jabril praticamente arrastou a menina assustada para a frente.

— Mirabelle preferiu ficar conosco, não é, meu tesouro? — A ameaça era tão mal disfarçada que Cyn não poderia imaginar como ele pensava que alguém era enganado pelas palavras afetuosas. A menina deu um aceno brusco, o olhar fixo firmemente no chão.

— A senhora Leighton não pode ouvir você, se você não falar, menina querida.

— Sim — ela guinchou rapidamente. — Quero dizer, sim, meu senhor. Eu queria ficar.

Ele sorriu como um pai orgulhoso. — Minha querida Mirabelle é tímida, Sra. Leighton. Ela é a nossa caçula e eu receio que a tenhamos mimado. As crianças são tão raras entre nós.

E graças aos deuses por isso. — Quanto tempo você tem vivido aqui, Mirabelle? — A cabeça da menina veio para cima, encontrando os olhos de Cyn pela primeira vez. Naquele breve momento, viu a raiva por trás do medo, rapidamente fechada para não mostrar nada.

— Eu nasci aqui, minha senhora — Mirabelle disse suavemente. — Esta era a minha casa antes… — Ela engoliu em seco. — Depois do acidente, meu senhor teve a gentileza de mover o seu lar para cá, assim Elizabeth e eu…—

— Bobagem — Jabril interrompeu. — Como eu poderia fazer qualquer coisa menos, criança? Essa é uma perda tão terrível para alguém tão jovem. Mas nós fazemos o que podemos… —

— Espere — Cyn interrompeu. — Você está dizendo que Mirabelle é irmã da menina desaparecida? — O que significava que ela própria não tinha muito mais de dezessete anos.

Jabril estava olhando para ela com surpresa. — Sim, claro. Eu não mencionei isso? — Ele olhou para Asim em esclarecimento. — Que estranho. Suponho que agora pense em Mirabelle como parte da minha família. — Ele acariciou os cabelos cobertos da menina e Cyn lutou contra o impulso de golpear as mãos dele.

— Será que a sua irmã… — Ela começou a perguntar diretamente a Mirabelle se ela sabia o paradeiro da irmã, mas parou no meio da frase, devido ao flash de pânico nos olhos da menina. — Será que a sua irmã levou algo com

ela? — Disse ela em vez disso. — Qualquer coisa que possa indicar onde ela pode ter ido? — Mirabelle parecia aliviada e Cyn sentiu o desconforto crescer.

— Eu não sei. Elizabeth não vive nesta casa, e nós…

— É muito perigoso — Jabril interveio rapidamente. — Meus homens são bem treinados e muito disciplinados, mas são, afinal, apenas humanos... Em muitos aspectos — ele emendou com um pequeno sorriso por sua própria inteligência. — Elizabeth é uma menina linda na beira da feminilidade. Eu achei melhor para ela ficar na casa dos empregados com a governanta.

— Posso falar com a governanta?

Jabril sorriu para ela. — Você vai fazer o trabalho então? Maravilhoso. Oh. — Fez uma pausa, como lhe tivesse ocorrido um pensamento. Era um artifício tão óbvio que Cyn sabia quais seriam as palavras seguintes ainda antes de ele as falar — Raphael não se importa que você trabalhe para mim, não é? Nós, vampiros podemos ser tão... Possessivos. Eu não quero pisar na linha.

Cyn considerou firmemente antes de responder. — A minha vida é minha, meu senhor. O Senhor Raphael me empregou por um tempo curto para uma tarefa específica que eu completei a seu contento. Tenho certeza que ele vai lhe dizer o mesmo.

— Ah, sim, nós ouvimos que houve algum negócio feio lá fora. Algo a ver com a Alexandra, não foi? Não que eu possa imaginar alguém tolo o suficiente para tentar desafiar Raphael, mas ainda assim...

Cyn riu. — Meu senhor, a chave do sucesso em meu negócio é a confidencialidade do cliente. Eu não compartilho os detalhes do negócio de Raphael com você, tal como não compartilharei os do seu negócio com ele. Tenho certeza que você prefere assim.

— É claro — ele estalou. Ele respirou fundo, através do seu nariz. — Você pode começar com a empregada — disse ele bruscamente. — Eu já tinha falado com ela, claro. Sem muitos resultados, eu receio, mas talvez você obtenha algo útil dela. — Foi-se o vampiro encantador. Ele estava claramente acabado com Cyn e pronto para voltar para sua própria noite. — Mirabelle, por que você não leva a Srta. Leighton até a casa? Temo que esta me pegou em um mau momento e eu tenho muito a fazer. Asim?

Cyn assistiu, perplexa, como Jabril e seu capanga marcharam para fora da sala sem sequer um "vejo vocês mais tarde." Aparentemente, uma vez que sua tentativa de obter um pouco de fofocas sobre Raphael tinha falhado, ele não tinha nada mais para lhe dizer. Sua boca se curvou num meio sorriso e ela virou-se para dizer algo a Mirabelle, mas as palavras congelaram em sua língua. A garota estava segurando a mão perto do seu peito, com a mão aberta em aviso. — Por aqui, Srta. Leighton — ela disse em voz alta, então fez um gesto

para Cyn a preceder através da porta externa. Cyn abanou a cabeça em desgosto. Por que ela pensou que tomar este trabalho seria uma coisa boa? Porque não tirar umas férias no Havaí, Cyn? Vampiros no Texas? Que diabos você estava pensando?

Capítulo 5

Logo que elas estavam fora, Mirabelle inclinou a cabeça para trás e sugou o ar frio da noite. Cyn assistiu com curiosidade. — Não sai muito? — ela advinhou.

Mirabelle saltou. — Perdoe-me. — ela disse rapidamente. — A casa dos empregados é por aqui. — Ela partiu, os ombros curvados para a frente.

Cyn andou com ela e falou calmamente enquanto caminhavam. — Eu vejo as coisas, Mirabelle, eu vejo e faço conexões. É por isso que eu sou boa no meu trabalho. Eu sei, por exemplo, que Jabril não gosta de mulheres. Oh, ele não é gay, isso nunca. Mas ele não acha que as mulheres valem muito, não é?

Ela olhou em volta rapidamente. — Deixe-me mostrar algo. — Abriu o casaco de couro apenas o suficiente para revelar a Glock 17 aninhada no seu coldre de ombro antes de cobri-la novamente. — Eles nem sequer me perguntaram se eu estava armada. Nunca lhes ocorreu que uma mulher estaria, eu imagino.

— Eu acho que a única razão pela qual eu estou aqui é porque eu fiz um trabalho para o Senhor Raphael, na Califórnia, e Jabril está esperando irritar o Raphael, me chamando para o Texas. Eu não ficaria surpresa se ele realmente tivesse contratado alguém, alguém com um pênis, para fazer o trabalho real. — Ela riu e olhou para cima. Mirabelle ficou em silêncio, mas ela parecia estar escutando. — Isso não me incomoda, em particular. Receberei o meu pagamento de uma maneira ou de outra e eu nunca vim ao Texas antes.

— De qualquer forma, dada a baixa opinião que Jabril tem das mulheres, eu gostaria de saber o que você está fazendo aqui. E dado que esta propriedade é pertencente a algo chamado de Fundação Hawthorn, que tem um patrimônio público superior a quinhentos milhões, eu acho que não é você que ele quer, sem ofensa, mas o seu dinheiro. Como estou me saindo até agora?

— Hey — ela disse suavemente, vendo lágrimas encherem os olhos da menina. — Sinto muito. Às vezes eu não me saio muito bem com toda essa coisa de sociedade educada.

— Não. — Mirabelle esfregou o seu rosto, como uma criança. — Não, você está certa, sobre tudo. Eu estou tão envergonhada — disse ela miseravelmente. — O que você deve pensar de mim?

— Não se preocupe com isso, querida. Eu sei do que os vampiros são capazes. Então me diga, o velho Jabril nunca deixa você fora de sua visão?

Mirabelle abanou a cabeça. — Esta é a primeira vez que eu estive fora sozinha em... Deus, deve ser seis meses. Não, desde antes do Verão, quando uma das empregadas entrou em trabalho de parto de forma inesperada. Ela nunca deveria ter ido à casa naquela hora da noite. Eu não sei... — Ela estremeceu. — Você deveria ter visto a cara de Asim, quando ele percebeu o que estava acontecendo. — Um sorriso triste e amargo atravessou seu rosto. — Você não gostaria de ver o que quase aconteceu depois disso. Eu nem sequer esperei pela permissão, eu corri tão rápido quanto eu podia para pedir alguma ajuda. Alguma ajuda humana. Alguém tinha que ajudar essa mulher e seu bebê a sair daquele lugar antes...— Ela estremeceu.

— Ok, talvez haja algumas coisas que eu não saiba sobre vampiros — Cyn disse com uma careta. — Então, me diga Mirabelle, como você se tornou uma vampira? Eu não posso acreditar que você realmente escolheu passar suas noites com esse bando.

— Não, eu... — a cabeça de Mirabelle virou segundos antes que Cyn ouvisse uma porta fechar seguido por passos.

— Mirabelle? — Uma mulher de meia-idade apareceu ao virar da esquina do prédio de dois andares para o qual elas caminhavam. — O que você está fazendo aqui? — Ela deu a Cyn um olhar desconfiado. — E quem é esta?

— Senhor Jabril Karim me enviou — Mirabelle disse rigidamente. — Esta é Cynthia Leighton. Ela é uma investigadora particular. Ela vai encontrar Liz.

A mulher deu a Cyn um olhar cético, espiando por cima dos seus óculos presos a uma corrente em torno de seu pescoço. Ela tinha o cabelo grisalho puxado para trás em um coque tão apertado que ela nunca iria precisar de um face lift[2], e a saia cinza e o casaco mais pareciam um uniforme que um terno. Ela deu um passo mais para perto e estendeu a mão. — Sra. Elaine Peach. Sou a governanta chefe do Senhor Jabril. Sr. Asim disse que estaria vindo esta noite. Eu vou lhe dizer a mesma coisa que eu disse a ele. Eu não tenho visto a menina por uma semana. Ela não me mantém exatamente informada sobre suas idas e vindas.

— O que fez você perceber que ela estava desaparecida? — Cyn perguntou.

Sra. Peach a estudou, em seguida, deu uma pequena fungada e voltou pelo mesmo caminho que ela tinha vindo, com uma pequena ondulação de sua mão de "siga-me". Elas caminharam e entraram na casa dos empregados

[2] *Facelift* é uma palavra inglesa usada para designar procedimentos cosméticos rejuvenescedores faciais.

através de uma porta de vidro que levava para uma cozinha grande e aberta. Ignorando os dois homens tomando café na mesa, a governanta se manteve caminhando até chegar a uma porta de entrada sem adornos. Uma mesa pequena estava perto do que devia ser a porta da frente, com um simples ramo de flores em um vaso de cristal lapidado. A governanta finalmente parou lá e se virou para Cyn. — Eu realmente não lido muito com Elizabeth. Ela tem uma tutora que supervisiona a sua escolaridade. Mas a mulher ficou fora por uma semana, umas férias pessoais, alguma coisa familiar. Achei que a menina estava... — Ela encolheu os ombros. — No quarto dela, eu suponho.

— E a assistente social dela do Serviço de Proteção às Crianças? Elas se encontram em algum lugar?

— Não, a mulher vem aqui uma vez por mês. — O tom da Sra. Peach não deixava dúvidas de como encarava essas visitas regulares. — Intromete-se em tudo, como se estivéssemos maltratando a criança.

— Você tem alguma idéia de onde Elizabeth poderia ter ido? E por quê? Ela mencionou alguma coisa que a estivesse incomodando?

— Elizabeth mal falava comigo. Ela não era rude, ela simplesmente não estava interessada. Você provavelmente terá mais sorte com a assistente social. Eu acho que elas realmente se deram bem, considerando-se.

— Considerando-se?

— Bem, elas não são exatamente do mesmo nível social, não é verdade? Quero dizer, com a sua parte da herança, Elizabeth vale mais do que a mulher alguma vez verá em uma centena de vidas. E ela... — Sra. Peach parou bruscamente e deu uma pequena tosse nervosa. — Pois bem. Eu posso lhe dar o nome e número, se quiser.

— Eu apreciaria, obrigado. E o da tutora também, se possível.

— Claro que sim, vou tratar disso. Mais alguma coisa? — Ela deu a Cyn um olhar ausente, sua mente, obviamente, tendo já se mudado para sua próxima tarefa.

— Posso ver o quarto dela, por favor?

— Certamente. — Mrs. Peach se voltou para Mirabelle, claramente pensando melhor, se virou para a sala adjacente. — Kelly!

Cyn notou o rubor de constrangimento de Mirabelle, embora ela tenha certeza de que a governanta não. Sra. Peach podia ser uma dona de casa maravilhosa, mas suas habilidades com as pessoas faziam com que Cyn parecesse a Miss Simpatia.

Uma garota delgada em um vestido de uniforme rosa apareceu, seus olhos arregalados com curiosidade. Os cabelos castanhos estavam puxados para trás em uma longa trança, para revelar vários piercings em cada uma de suas orelhas, além de uma pequena argola em uma das sobrancelhas.

— Kelly, mostre a Sra. Leighton onde é o quarto de Elizabeth e não demore. Você precisa terminar a prata hoje à noite ou não haverá folga amanhã.

— Sim, senhora — disse Kelly obedientemente. Ela olhou para Cyn com um sorriso malicioso, revelando um piercing na língua. — Por aqui, por favor.

O quarto de Elizabeth era no primeiro andar, em um canto quieto. A porta dela era a única porta que dava para aquele corredor, e o corredor em si levava diretamente para a cozinha, o único lugar em uma propriedade daquele tamanho em que sempre havia alguém. Por muito que ninguém parecesse prestar muita atenção a Liz, alguém tinha tido o cuidado de restringir seus movimentos e associações. Ou pelo menos tentou. Kelly as levou para um quarto modesto, indo imediatamente para uma janela de popa na parede distante e a abrindo, deixando entrar o ar fresco.

— Fica tão abafado aqui estando tudo fechado o tempo todo. No entanto, essa é a maneira que Liz gostava. Ela gostava de sua privacidade.

Cyn estava fazendo uma rápida pesquisa visual, notando a ausência de uma fechadura na porta. Na parede mais próxima havia uma cadeira. A borda superior do encosto da cadeira estava arranhado e arrancado. Liz tinha feito sua própria fechadura, ao que parece. Bom para ela. Cyn olhou Kelly. — Vocês eram amigas? — Perguntou ela.

Kelly franziu a testa, dando um olhar de soslaio para Mirabelle. Mirabelle pegou o olhar, e Cyn pôde ver um conhecedor lampejo de desânimo cruzar o seu rosto.

— Eu vou esperar lá fora — Mirabelle disse suavemente. — Eu estou precisando de um pouco de ar fresco. — Ela fez uma pausa em seu caminho para fora e sem olhar para trás, disse: — Eu amo a minha irmã. — Ela olhou para cima, em seguida, com lágrimas cintilando em seus olhos azuis. — E eu não quero que ele a encontre. — Então ela saiu do quarto, quase correndo pelo corredor.

Kelly esperou até que os passos de Mirabelle se desvanecessem completamente antes de dar a Cyn um olhar desconfortável. — Eu não quis magoá-la, mas... — Ela encolheu os ombros. — Ela é uma vampira. Qualquer coisa que eu diga na frente dela vai voltar ao Senhor Jabril. Não é culpa dela, mas é o jeito que é. — Ela deu uma olhada a Cyn, sondando. — Eu preciso saber. Se você encontrar Liz, o que acontece então? Quer dizer, você vai obrigá-la a voltar pra cá? Ela vai ter dezoito anos logo, você sabe. Você não pode fazê-la fazer qualquer coisa depois disso.

Cyn retornou o olhar de Kelly. — Não — ela disse, finalmente. — De jeito nenhum eu estarei trazendo uma criança de volta a este lugar. Eu não me importo se ela tem oito ou dezoito anos.

Kelly estudou Cyn, claramente tentando decidir se ia acreditar nela ou não. — Como eu sei que posso confiar em você? — disse ela. — Quero dizer, Liz é uma amiga e... Como posso saber?

— Você não pode — Cyn disse honestamente.

— Sim — Kelly riu sem jeito. — É uma merda. — Ela soltou um longo suspiro. — Tudo bem. Eu acho que... Ok.

— Então? — Cyn disse.

— Então talvez nós conversássemos algumas vezes, Liz e eu.

— Você sabe onde ela está? — Cyn perguntou diretamente.

Kelly olhou para suas mãos, que estavam passando nervosamente sobre a saia do uniforme rosa. Seu olhar disparou para cima para um olhar rápido, então ela acenou decisivamente e fechou a porta, antes de girar para Cyn. — Ela não disse nada específico sobre um lugar. Não exatamente. Mas... — Ela beliscou a boca e respirou fundo. — Liz saía muito mais do que alguém imagina. Ela é inteligente, muito mais esperta do que eu e não tem medo de nada. Nem mesmo do velho Jabril.

— Então por que ela ficou?

— Bem, ele tem a irmã dela, certo? — Kelly disse, como se fosse óbvio. — Quero dizer, Liz estava com medo que ele fizesse algo com Mirabelle se ela fosse embora.

— Por que agora, então?

Kelly encolheu os ombros, evitando o olhar de Cyn. Seus olhos se lançaram ao redor do quarto, vindo descansar na pequena mesa. — Liz convenceu um par de guardas durante o dia no portão da frente, você sabe. Então eles não a denunciavam. Ela é bonita. Eles te mostraram uma foto?

Cyn percebeu com desgosto que, de fato, ninguém lhe havia dado uma descrição física da menina e ela estava tão distraída com os jogos de Jabril que ela nunca tinha pensado em perguntar. Muito profissional, Cyn. Por outro lado, a omissão emprestou credibilidade à sua crença de que eles contrataram alguém para fazer o trabalho. Ela deveria ter ficado insultada por seu único valor aqui ser para irritar Raphael, mas principalmente, ela estava se

divertindo. Eles não tinham idéia de quão irritante ela poderia ser. — Não, nenhuma foto. Ela se parece com Mirabelle?

Kelly bufou. — Quem sabe? Talvez em alguma altura, mas quem pode dizer agora? — Ela andou até a mesa e abriu uma gaveta, deslizando a mão até a parte de trás e tirou um par de fotos dobradas. — Esta é Liz — ela entregou a Cyn, apontando.

Kelly estava certa. Elizabeth Hawthorn era bonita. Mais do que bonita. Um pouco magra para sua altura, ela tinha longos cabelos cor de mel, olhos grandes e um sorriso de rainha da beleza do Texas. Na foto, ela estava usando calças jeans rasgadas, que mostravam o brilho de uma argola de ouro no umbigo e um top sem mangas que revelava muito mais do que Jabril teria gostado. Como acessório, um colar, do tipo que você compra de um vendedor de rua de arte nativa genuína. Ela estava encostada a um garoto alto e magro, com ombros largos que eram apenas ossos e tendões, como se não tivesse crescido em seu corpo, ou talvez ele simplesmente não recebesse as refeições regularmente o bastante. Dado o estado de suas roupas e cabelos, Cyn tendia para a última explicação. — Quem é o cara? — Ela perguntou a Kelly.

— Este é Jamie. Ele e Liz são muito ligados.

— Ligados como em...

— Eles estão transando.

— Alguma possibilidade de ela estar com Jamie?

Kelly pensou sobre isso. — Talvez. Mas eu não sei. — Vozes de repente ecoaram pelo corredor e ela lançou um olhar de culpa para a porta. — Olha, eu tenho que ir. Você pode me encontrar amanhã, durante o dia? The Children's Museum. Você sabe onde é?

— Vou encontrá-lo.

— Faça à tarde, eu trabalho até tarde aqui esta noite, portanto lá para as duas horas da tarde. Agora eu tenho que voltar para a prata ou eu não vou ter um dia de folga. — Ela começou a sair do quarto, mas Cyn parou-a.

— Obrigada, Kelly.

Kelly assentiu. — Amanhã às duas horas. Eu estarei lá.

Cyn passou mais alguns minutos no quarto de Liz, passando pela mesa, verificando o armário, procurando alguma indicação de que Liz tinha planejado ir embora por algum tempo. Parecia que a garota tinha fugido de repente, mas Cyn não queria tirar conclusões precipitadas. Não ainda. Ela se levantou de onde estava olhando para debaixo da cama e escovou o pó e a sujeira para fora

dos joelhos de suas calças pretas. — Lá se vai a boa manutenção da casa, Sra. Peach.

Com um último olhar ao redor ela saiu, fechando a porta atrás de si.

Mirabelle estava encostada na parede mesmo do lado de fora da porta da cozinha. Havia poucas luzes a esta distância da casa principal e Cyn mal podia ver a moça.

— Eu já praticamente terminei aqui — disse Cyn.

Mirabelle endireitou-se e estendeu um pedaço de papel dobrado. — A Sra. Peach deixou isso para você. São os números que você queria, da tutora de Liz e da assistente social.

— Você a conhece?

— A Sra. Peach?

Cyn lhe deu um pequeno sorriso. — Não. Quero dizer a assistente social.

— Oh! Ah, claro. — Ela abriu o papel e olhou para o nome. — Ramona Hewitt. Claro, eu me lembro dela. Estou surpresa que ela ainda esteja por aqui. Eu acho que nenhum deles durou tanto tempo. É um trabalho horrível. — Ela ficou em silêncio por um espaço de duas respirações. — Sra. Hewitt se importava, no entanto. Eu acho que ela realmente o fazia.

— Eu vou lhe dizer que você disse "oi", ok?

— Claro. — Mirabelle assentiu. — Eu vou levá-la de volta para casa, se estiver pronta. Embora o carro provavelmente já esteja à espera, se você quiser ir já. Quer dizer, se você não precisar ver o Senhor Jabril antes de ir.

Jabril não parecia muito disposto a gastar mais tempo com Cyn naquela noite. E ela certamente não tinha um desejo ardente de vê-lo. Nunca mais. — Eu acho que telefonarei mais tarde, então será o carro. Obrigada.

Quando elas passaram à frente da casa, Cyn puxou seu casaco apertado contra si se protegendo de uma rajada de vento. — É sempre esse frio em Houston?

Mirabelle sorriu. — Geralmente não. Nós estamos a passar por uma onda de frio.

— Que sorte a minha.

À medida que se aproximavam do carro, Cyn viu o mesmo vampiro silencioso que havia dirigido anteriormente. Estava encostado ao carro e com

cara de tédio. Ele se endireitou quando elas apareceram, olhando para as duas, como se as culpando por ele ter passado a sua noite à espreita na garagem.

— Ok, Mirabelle — Cyn disse em benefício dele. — Obrigado pela sua ajuda. Eu vou informar Jabril assim que souber de alguma coisa.

— O nome do meu mestre é Senhor Jabril Karim — resmungou o guarda-costas. — Você vai se referir a ele dessa forma.

Mirabelle congelou, mas Cyn mal olhou para ele antes de balançar a cabeça e abrir a porta do carro. — Vejo você depois, Mirabelle. Cuide-se.

O motorista ficou fora tempo suficiente para que Cyn começasse a pensar em chamar um táxi, mas eventualmente ele deslizou para o assento do motorista, favorecendo-a com um olhar proibitivo, antes de se virar e dar partida no carro.

Cyn olhou pela janela. Gramados por ambos os lados com árvores e flores. Olhando para trás, ela podia ver a casa banhada pelo brilho do que deveriam ser centenas de luzes. Mirabelle estava na entrada, parecendo pequena e apagada contra a brilhante casa branca. Cyn se virou quando eles passaram pelo portão artificialmente rústico pensando que Liz não era a única filha Hawthorn que precisava de resgate.

Capítulo 6

Mirabelle assistiu a limusine deslizar da garagem, percorrendo uma linha elegante pelos gramados decorados e para fora dos portões. Ela pensou ter visto Cynthia Leighton se virar no último minuto, mas foi provavelmente a sua imaginação ou um pensamento desejoso. Desejando que ela fosse aquela que a limusine conduzisse através de um dos portões para... Qualquer lugar. Qualquer lugar, menos aqui.

Ela suspirou, tocando o lenço, arrumando suas roupas antes de abrir a porta e escorregar para o interior da casa. Ela fez uma pausa no lado de dentro, ouvindo, mas não havia ninguém por perto. Estavam todos na sala do trono, ou talvez Jabril tenha se desculpado e descido para o seu harém pessoal no porão para seu repasto da noite.

Ela correu em direção às escadas tão rápido quanto pôde, com o cuidado de manter o decoro em qualquer caso. Seus passos eram suaves e medidos, com as mãos ao lado do seu corpo e os olhos sobre seus próprios pés, nas escadas e, em seguida, no piso acarpetado à sua frente. Seu quarto era no segundo andar, na parte de trás da casa. Fechando a porta atrás dela, foi direto para o armário, fechando a porta deste também e clicando na tranca frágil. Ela se virou na luz fraca e arrancou o lenço deselegante, suspirando de alívio, enquanto corria os dedos das duas mãos através das ondas de seus cabelos loiros. Em seguida foi a vez das roupas que tanto odiava, embora ela as pendurasse cuidadosamente num cabide, prontas para serem usadas. Ela uma vez cometeu o erro, num acesso de raiva, de jogar as coisas repulsivas para o chão. Jabril tinha ficado muito descontente com sua aparência desgrenhada na noite seguinte e tinha feito penosamente ela ter certeza de que aquilo não iria acontecer novamente. Não houve hematomas depois, nenhum sinal visível do seu descontentamento. Ele não teve necessidade de recorrer a algo tão bruto quanto isso. Ele era um vampiro e ela lhe pertencia de corpo e alma. O menor esforço da sua vontade poderia causar-lhe dor indizível, a dor que a deixou se contorcendo no chão, pedindo misericórdia, enquanto ele olhava com desapego frio.

Ela estremeceu com a lembrança e vestiu uns jeans velhos e uma camisola, deixando os pés descalços com as unhas pecaminosamente pintadas. Ela se sentou com as pernas cruzadas no chão do armário e fechou os olhos, ouvindo. Os sentidos dos vampiros eram muito mais aguçados do que os de um ser humano. Mirabelle podia ver na escuridão com facilidade, poderia ouvir o batimento cardíaco de um empregado no corredor da casa tranquila e, apesar do cheiro de sangue ser inebriantemente forte, todo o seu sentido do olfato era bastante reforçado. Ela sempre sabia quando os seres humanos se alimentavam

durante o dia. Ela sabia quando o lixo tinha ficado muito tempo acumulado e quando a fruta em cima do balcão estava ficando mole.

Não que ela tenha sido autorizada a entrar nas cozinhas. E não era como se ela precisasse de alimentos de qualquer maneira. Pelo menos não esse tipo de alimento. O que ela precisava era sangue. Fresco, sangue humano. Jabril tinha seu 'estábulo' de escravos de sangue, que ele compartilhava com Asim e aqueles dentre seus lacaios que estavam a seu favor, naquele momento. A nutrição de Mirabelle vinha de um saco de plástico de sangue anônimo, deixado pendurado na maçaneta da porta três vezes por semana como um horrível sinal de "Não perturbe". Tomar sangue diretamente de um humano tinha o potencial para ser um ato sexual intenso. Diziam que era incomparável em seu êxtase, tanto para humanos como para vampiros. Razão pela qual tantos humanos se ofereciam para fazê-lo. E por que Jabril jamais permitiria que Mirabelle o fizesse. Ela tinha inicialmente pensado que isso era devido a um senso de posse obsceno, porque ela pertencia a ele. Mas mais tarde, ela veio a perceber que era apenas sua idéia puritana do papel apropriado para uma mulher de sua casa. Ela era certamente o mais baixo vampiro no seu totem, mas ela era uma Vampira e isso a colocava em uma classe completamente diferente dos humanos da propriedade. Uma classe que exigia um certo decoro feminino, na opinião dele.

Os outros vampiros da família de Jabril, aqueles não privilegiados o suficiente para usar os escravos de sangue, eram autorizados a caçar na cidade de Houston. Discretamente, claro, e apenas voluntários. Ele era muito claro sobre isso. Jabril Karim era um dos oito lordes vampiros que governavam toda a América do Norte, uma posição não ganhada através de apadrinhamento político, mas pela força bruta. Todo o sul dos Estados Unidos era o seu território, mas Houston era a sua casa. E nenhum vampiro queria fazer uma bagunça no quintal de Jabril.

Quando Mirabelle se sentou no chão do seu armário, ela localizou cada pessoa, homem ou vampiro, no segundo andar. Os vampiros eram os mais fáceis, se distinguiam por seus batimentos cardíacos lentos e o cheiro forte do sangue velho que parecia nunca ir embora. Mas os vampiros raramente visitavam o segundo andar. Jabril e seus lacaios tinham quartos no subnível debaixo da casa. Era mais um indicador do seu baixo status, ela residir no andar superior, seu quarto não tinha uma janela, mas sim uma parede inteira de janelas. Mirabelle não se importava. Isso a lembrava de tempos melhores e a mantinha longe do resto deles. Que era perfeito para o que ela tinha planejado para hoje à noite.

Ela permaneceu imóvel por um momento final, à escuta. Satisfeita, ela se virou e rapidamente removeu a frente falsa do que parecia ser um conjunto de ordinárias gavetas embutidas para revelar um pequeno frigorífico escondido por trás delas. Este tinha sido o quarto de seu avô quando ele estava vivo. Ele tinha sido um amante de lanches durante a noite e gostava de estar perto da escada traseira que levava diretamente para a cozinha. Mirabelle não tinha

nada além de boas lembranças de seu avô. Ela tinha dez anos de idade quando ele morreu, cinco anos antes do acidente de seus pais. Um dos muitos segredos que ele compartilhou com ela antes de sua morte tinha sido o seu tesouro de guloseimas contrabandeadas, alimentos que seu médico havia proibido após seu terceiro ataque cardíaco. Mirabelle passara muitas tardes alegres no chão do armário enquanto o avô produzia todos os tipos de deliciosas guloseimas. Ela não sabia o que a tinha fascinado mais, a idéia de esconder coisas de sua mãe, ou a maneira como tudo parecia muito melhor quando vinham do esconderijo secreto do vovô.

Mas o que ela tirou de dentro do frigorífico pequeno era muito diferente dos rolos de salsicha gordurosa e queijos gordos. Era um elegante computador portátil, com um adaptador para a rede sem fios que pegava um sinal claro e forte a partir do modem do andar de baixo, um modem usado por praticamente todos os habitantes.

Tinha sido idéia de Liz. Foi ela quem conseguiu a senha da rede e contrabandeou o laptop durante o dia, enquanto a maioria das pessoas na casa principal estava dormindo. Era uma forma de romper o isolamento que Jabril tentou impor sobre elas, uma maneira para que as irmãs pudessem se comunicar de forma privada, longe dos ouvidos indiscretos e dos olhos que estavam por toda parte nesta casa.

Mirabelle se conectou ao website que ela e Liz usavam. Havia milhões de mensagens postadas diariamente no fórum, a maioria delas eram apenas trocas banais entre adolescentes de todo o mundo. Ela examinou várias mensagens e entrou em salas de chat ao acaso, borrando o rastro de seu computador antes de se concentrar em busca de uma mensagem de Liz. Ela encontrou em um dos fóruns públicos.

Vaca1, eu estou bem. Não se preocupe. Estarei em contato. **Foi enviado pela Vaca2.** A designação de vaca era uma velha piada entre elas, uma brincadeira com os apelidos que seus pais haviam usado nelas enquanto crianças. Mirabelle tinha sido simplesmente Belle. Elizabeth tinha sido Elsie. Belle e Elsie. Elas costumavam brincar que seus pais estavam confusos sobre se tinham filhas ou vacas. Afinal, este era o Texas.

Mirabelle fechou os olhos, deixando o alívio lavar o pior de seus medos. Ela ainda estava preocupada sobre onde Liz estava e o que estava fazendo, mas pelo menos agora ela sabia que não era um esquema de Jabril para deixar Liz prisioneira para que pudesse controlá-la melhor. Deus sabia que não era difícil para ele planejar algo parecido. Como amigo dos pais delas e também sócio nos negócios, ele conseguiu ser nomeado o guardião legal de ambas as meninas, quando seus pais morreram. Os vampiros, na sua maior parte, viviam discretamente, passando pela sociedade, sem a maioria das pessoas sequer se darem conta que estavam ali. Mas isso não significava que os vampiros eram igualmente inconscientes do ser humano na sociedade. Os políticos eram

cortejados, as doações feitas. Leis eram aprovadas, e os interesses antigos e a longo prazo eram protegidos.

Jabril era astuto e perspicaz, e sempre muito generoso com doações políticas nos lugares certos. Ninguém havia se oposto à tutela. Nem Serviços de Proteção à Criança, que tinham feito uma investigação rápida e não encontraram nada censurável em dar a um vampiro a custódia de duas meninas. E não o juiz que tinha realizado uma audiência privada - em seus aposentos, durante a noite - para o seu bom amigo, Jabril Karim.

Jabril foi cuidadoso o suficiente, e suficientemente paciente para esperar três anos, até Mirabelle completar dezoito anos. Três anos e um dia. Ele a transformou um dia após seu aniversário de dezoito anos. Tinha sido uma coisa feia, sua primeira e única experiência sexual. Brutal e superficial, feito tão friamente como quando um ladrão rouba uma relíquia de valor apenas pelo dinheiro que vai fazer. Ela havia estado doente por meses. Jabril tinha ficado furioso, temendo que ela não sobrevivesse. Não que ele se preocupasse com Mirabelle, mas se ela morresse antes de seu vigésimo quinto aniversário, o seu dinheiro seria perdido para sempre, passando não para Elizabeth, mas para o fundo de caridade Hawthorn, a única parte do dinheiro da família em que ele não podia tocar.

No fim das contas, tinha sido Liz quem a manteve viva. A perspectiva de deixar a irmã sozinha com um monstro tinha sido motivação suficiente para tirá-la da sua cama, determinada a ficar viva até que ela visse Liz longe do Senhor Jabril Karim e qualquer um como ele.

Hoje à noite, quando Jabril lhe disse que Liz estava desaparecida, a sua primeira esperança desesperada era que sua irmã tivesse finalmente escapado. O próprio aniversário de 18 anos de Liz estava a apenas algumas semanas de distância, e não era segredo para ninguém que Jabril estava ansioso pelo dia em que ele poderia transformar a filha caçula dos seus velhos amigos e ganhar assim o controle total de seus bens. Ele não estava satisfeito com a quota de Mirabelle. Ele queria tudo. E desde que ele tinha estuprado Mirabelle, porque não Liz também? Mas Liz era mais forte do que Mirabelle e, aparentemente, ela conseguiu escapar. Mirabelle sentiu uma onda de grande orgulho por sua irmãzinha.

Passos ecoaram pelo corredor, e ela levantou a cabeça, escutando. Alguém estava subindo a escadaria de mármore próxima à entrada da casa. Ela sentiu o cheiro distinto de sangue velho e fez uma careta. Com movimentos cuidadosos e concisos de quem tem prática, ela desligou o computador e guardou o material em seu esconderijo, fechou a porta da geladeira e colocou a gaveta falsa, na frente. Apenas alguns segundos depois, ela estava de pé, puxando um manto pesado sobre seu jeans e moletom. No momento em que um golpe superficial pressagiou a abertura de sua porta, ela estava sentada perto da janela, lendo um livro.

O olhar de Asim esquadrinhou o quarto inteiro antes de vir para descansar sobre ela. — Você sabe onde ela está? — Ele perguntou suavemente. Asim tinha estado com Jabril por centenas de anos, um retentor geracional de família a quem Jabril tinha trazido como vampiro para atender suas próprias necessidades em evolução. Asim tratava de todos os detalhes que o vampiro pensava serem muito entediantes para se preocupar e foi o único dos lacaios de Jabril que continuou a tratar Mirabelle com bondade. Ele interveio em seu nome em mais de uma ocasião, salvando-a de castigos nas mãos de Jabril. Houve momentos em que ela suspeitava que Asim se considerava seu protetor, quase um pai severo, ou talvez um tio.

Ela olhou para ele com uma expressão confusa. — Meu senhor? — Ele não era realmente seu senhor, só Jabril Karim merecia esse título, mas ela sabia que lhe agradava.

— Eu sei que isso é difícil para você, Mirabelle. Eu sei que você não entende seus caminhos, mas o que ele faz é necessário. Para você e para todos nós. A mulher da agência governamental vai estar aqui na próxima semana para a visita mensal. Elizabeth não estava aqui na última visita, ela deve estar aqui para esta. Jabril estará muito furioso se ela não estiver e eu não preciso dizer quem vai sofrer o impacto da sua ira.

Mirabelle estudou seu rosto, procurando qualquer indício de que ele estava jogando com ela. Ela queria, precisava acreditar que ele se preocupava com ela, que ela podia confiar, que ela não estava completamente sozinha. Ela baixou os olhos com um suspiro. — Eu não a vi, Asim. Honestamente. Ela não me disse nada sobre ir a qualquer lugar.

— Eu vejo. — Ele parecia quase desapontado e Mirabelle se sentiu envergonhada. Lágrimas encheram os seus olhos e ele desviou o olhar, aparentemente constrangido por ela estar chorando. — Melhor você ficar no seu quarto — disse ele, finalmente, caminhando até a porta. — Seu temperamento é incerto nesta noite e eu não quero que ele veja você desta maneira. — Deu-lhe um olhar triste e saiu, fechando a porta silenciosamente atrás dele.

Com a porta fechada, Mirabelle deixou que as lágrimas viessem, chorou por tudo que ela tinha perdido. Não só o seu avô e seus pais, mas os sonhos de uma garota adolescente – o seu primeiro namorado, o seu primeiro beijo, um marido, filhos. Toda a vida que ela nunca teria.

Capítulo 7

Jabril puxou o cabelo loiro da escrava, jogando a cabeça para trás e esticando sua garganta tensa, até que o contorno de sua jugular pudesse ser visto sob a pele delicada. Ele baixou a cabeça e cheirou, desfrutando do doce aroma do seu sangue e até mesmo do doce cheiro de seu terror. Ele esperou, saboreando o momento em que a escrava de cabelos escuros com a boca em seu pênis o trouxe para a beira do clímax, em seguida, cravou os dentes no pescoço da loira. Seu grito de dor o pôs duro novamente, e bebeu até que ela estava mole debaixo dele. Ele a deixou cair nos travesseiros a tremer convulsivamente no meio de um orgasmo desencadeado pelo elemento eufórico em sua saliva. Às vezes, ele não se preocupava em fazer a alimentação prazerosa para os escravos, mas às vezes ele fazia. A possibilidade as fazia muito mais ansiosas para agradar.

Ele se deitou de costas na cama, curtindo o fluxo de sangue fresco através de seu sistema, deixando a escrava de cabelos escuros terminar sua ansiosa ministraçâo oral. A porta se abriu e ele olhou para cima para ver Asim entrar no quarto, com as narinas queimando de fome ao sentir o cheiro de tanto sangue. Ele caminhou até o pé da cama e parou, seus olhos estreitos avaliando o que tinha diante dos olhos, o seu mestre e as escravas bem utilizadas.

— Senhora Leighton retornou ao hotel — disse ele.

— Excelente. O que você achou dela, Asim? — Jabril passou a mão ao longo do quadril nu da loira, observando os olhos de seu ajudante se apertarem de fome quando a mulher se esfregou em Jabril com um gemido necessitado.

Asim trouxe seu olhar de volta para o vampiro com um movimento culpado. — Orgulhosa, masculina. Típica fêmea americana.

— Mas linda do mesmo jeito.

Asim encolheu os ombros com indiferença estudada. — Seu sangue é igual a qualquer outro.

— Talvez não — discordou Jabril. — Raphael a marcou como sua, você sabe.

— Eu não...

— Não, claro que não. Era muito sutil e antigo; eles estiveram separados por algumas semanas, eu imagino. Arrogante da parte de Raphael reivindicá-la e depois deixá-la. Ele pode achar um pouco de dificuldade para reivindicá-la novamente.

O olhar de Asim cresceu vagamente alarmado. — Você...

— Um pequeno toque. Porque ela é de Raphael e até isso vai enfurecê-lo. — Fez uma pausa e deu a seu ajudante um olhar de soslaio. — Você já comeu?

— Não, mestre.

Jabril fingiu surpresa. — Bem, então. Esta ainda não foi usada hoje à noite. — Empurrou a escrava de cabelos escuros longe de seu pênis, agora flácido, ignorando os pequenos sons de protesto. O rosto de Asim se contraiu em ressentimento mal escondido, mas ele deu a Jabril uma pequena vênia antes de agarrar o braço da garota e arrastá-la para fora do quarto. Jabril sorriu levemente e olhou para a loira, correndo uma mão ausente por sua pele macia enquanto ele pensava sobre Cynthia Leighton. Ele suspeitava que Asim estava errado. O sangue da Sra. Leighton seria realmente doce.

Capítulo 8

Ela estava em uma varanda, um pedaço de lua era a única luz visível no céu de veludo negro. Na praia abaixo, o mar se mudava inquieto, invisível na escuridão. Braços fortes vieram à sua volta, puxando-a contra um peito sólido e espesso, envolvendo-a em um forte abraço. Ela se inclinou para trás, fechando os olhos para o alívio de sua doce presença, o conforto de seus braços. Os lábios dele alisaram o seu cabelo e permaneceram para sussurrar em seu ouvido.

— Onde você está, minha Cyn? Onde você foi?

— Eu estou aqui. Com você.

— Não. Diga meu nome, doce Cyn.

— Raphael — ela sussurrou.

— Tão longe lubimaya[3]. Onde você está?

Ela franziu o cenho para o seu insistente questionamento. Que tipo de sonho era esse, afinal? — Texas — disse ela, intrigada. — É isso que você quer? Estou em Houston, Texas.

Seus braços se apertaram ao redor dela, como bandas de aço e sua respiração se esgotou em um chiado de som. — Por quê? Por que Texas?

— Um trabalho — ela retrucou, já irritada. Ela tentou afastar os braços, mas ele a segurou rapidamente.

— Cyn, que trabalho? Quem?

— O que quer dizer 'quem?', não é da sua conta, mas é para Jabril Karim. Que diferença faz? — Ela aproveitou o momento para se afastar dele. — O que é isso? Se você vai assombrar os meus sonhos, eu gosto muito mais dos de sexo.

Seus braços a puxaram de volta, seu riso macio e sensual escoou em todo o comprimento do seu corpo. — Ah. Você sente a minha falta então, minha Cyn?

[3] Lubimaya quer dizer amada em Russo.

Isso era muito cruel. Ela não estava gostando desse sonho de jeito nenhum. Ele só a deixou triste. — Deixe-me ir — ela sussurrou. — Apenas me deixe ir.

O travesseiro estava molhado quando o despertador do celular a arrancou do sono, mas ela se convenceu que não era nada mais do que o suor de uma noite agitada em um hotel estranho. Ela não tinha mais lágrimas para chorar por Raphael, não importava quantas vezes ele assombrasse seus sonhos. Ela passou as mãos pelos cabelos, verificando as horas de relance. Era um pouco antes das oito da manhã. Um tempo perfeitamente abandonado por Deus para se estar acordada, mas esperava ver Ramona Hewitt esta manhã nos Serviços de Proteção à criança. Ela havia deixado uma mensagem na noite anterior, mas não iria esperar por uma chamada de retorno que poderia nunca vir. Em vez disso, ela iria lá e esperaria para falar com a mulher por alguns minutos. O que ela precisava não tomaria mais tempo do que isso.

Uma hora depois, as portas do elevador dos Serviços de Proteção à Criança se abriram e ela ouviu o choro de uma criança pequena que rapidamente se silenciou quando a mãe empurrou algo em sua boca com um olhar de culpa. Era culpa, porque a criança chorou? Ou porque a mãe estava usando doces para acalmá-lo, às nove horas da manhã? O ar do lugar estava pesado com o desespero, sufocando na sua espessura. Mas não havia nada que ela pudesse fazer por essas pessoas. Ela se concentrou em seu propósito e foi direto para a recepção, onde uma mulher assediadamente jovem estava no atendimento.

Cyn esperou até que a recepcionista tinha terminado a sua chamada. — Eu gostaria de ver Ramona Hewitt — ela disse.

— Ela está esperando por você? — A jovem tinha um sotaque distinto do Texas, não filtrado pela educação ou experiência.

— Não, mas só preciso…

— Você precisa de marcação. Posso…

— …de alguns minutos. Diga-lhe que é sobre Elizabeth Hawthorn.

A recepcionista apertou os lábios em irritação, então correu os olhos de cima a baixo pela aparência de Cyn - as calças de brim azul pálido, artisticamente desbotada e desgastada, o casaco de couro macio, corte de cabelo caro, limpo, arrumado... O dinheiro. A única coisa que os burocratas do governo tinham aprendido a respeitar. — Um momento. — Ela pegou o telefone, apertou alguns botões e falou para o receptor, virando-se e fazendo o seu melhor para impedir Cyn de ouvir. Quando ela se voltou, seu olhar de desaprovação tinha aumentado, mas ela deu um aceno.

— Mrs. Hewitt vai vê-la. — Ela não deu a sua opinião sobre o assunto e apontou para a esquerda. — Abaixo nesse corredor, primeira à esquerda, segunda à direita, o ultimo escritório à direita. — Ela falou rapidamente, em seguida, olhou para Cyn, desafiando-a a pedir esclarecimento. Cyn murmurou um obrigado, mas ela já tinha deixado de existir para a mulher jovem e atarefada quando o telefone voltou a tocar.

Ramona Hewitt olhou para cima quando Cyn bateu levemente na porta aberta. Ela era uma mulher negra com cerca de cinqüenta anos, com a pele lisa, perfeita, que seria exatamente a mesma quando ela tivesse oitenta. Cabelos longos, que tinham sido recolhidos em uma trança cruel e embrulhados em volta da cabeça para formar uma coroa grisalha sobre uma face que suportava as linhas de um sorriso fácil. Ela não estava sorrindo agora. Ela deu a Cyn o mesmo olhar de alto a baixo que a recepcionista e chegou à mesma conclusão pouco lisonjeira. — Você não pode estar relacionada[4], eu sei todas as suas relações e não há muitas, nenhuma delas que valha a pena, deixando essas meninas da forma que estão.

— Sra. Hewitt — Cynthia disse em sua voz mais educada e profissional. — Meu nome é Cynthia Leighton. Sou investigadora particular...

— Investigadora? Você está cerca de oito anos atrasada, não acha?

Cyn parou, confusa. — Fui contratada por Jabril...

— Eu não tenho nada a dizer para você, então. — Hewitt já estava se afastando, folheando uma pasta grossa que se encontrava na sua mesa.

— Sabia que Elizabeth fugiu? — Cyn interrompeu. Hewitt fechou a pasta e olhou para ela. Bem, isso chamou a atenção dela, Cyn pensou.

A assistente social fez uma careta. — Eu não posso acreditar nisso. Lizzie teria me chamado.

— É por isso que estou aqui. Foi-me dito que se ela falasse com alguém, seria com você. E eu quero encontrá-la.

Hewitt bufou de desgosto. — Por que, porque assim você pode devolvê-la para o maldito vampiro? — Não foi uma maldição do jeito que Hewitt o disse, era apenas a verdade literal.

— Não. Quer você acredite ou não, eu quero ajudá-la. A ela e à sua irmã, Mirabelle. — Cyn tirou um cartão de sua mochila. Era um cartão de visita para a casa de Jessica, um abrigo para adolescentes em LA dirigida por Lúcia Shinn, uma das poucas amigas próximas de Cyn. Cyn rabiscou o nome de Luci e número pessoal, bem como o seu número particular, antes de entregá-lo à

[4] No sentido de ser da família, ou de ter qualquer relação assim.

assistente social. — Antes de você decidir que eu sou um dos caras maus, você pode dar a uma chamada para esta pessoa. Se, depois de falar com ela, você decidir que eu poderia fazer algo de bom, meu celular está no cartão e está sempre ligado. Eu estarei em Houston, até que este caso me leve para outro lugar. — Virou-se para sair, mas a voz da Hewitt a parou.

— Como está Mirabelle?

Cyn fez uma pausa, voltando-se. — Nada boa. Mas eu vou tirá-la de lá também. — Ela não esperou por uma resposta. Ela não precisava de uma. Não havia dúvidas em sua mente sobre o que precisava ser feito. Seria mais fácil com a ajuda de Hewitt, mas ela o faria sem ela, se ela tivesse que fazer.

Capítulo 9

The Children's Museum[5] de Houston foi fácil de encontrar. Afinal de contas, quantos edifícios existiam por aqui com pilares gigantes amarelos e um sinal com letras enormes em rosa soletrando "museu" na frente? Sem mencionar as gangues itinerantes de crianças gritando, que claramente já tinham subjugado seus acompanhantes e estavam agora planejando um golpe de algum tipo. Cyn encostou-se a um edifício adjacente, bem atrás da multidão, e usou a vantagem de sua altura de um metro e oitenta para procurar na área por Kelly. Ela poderia ver porque a garota queria se encontrar aqui. Haviam tantas pessoas, e muitas delas eram crianças, que uma garota pequena como Kelly poderia ser facilmente confundida com um dos garotos mais velhos. Cyn avistou-a, ela se encontrava detrás de um grande pilar, seus muitos brincos brilharam ao sol quando ela espiou para buscar por Cyn. Cyn se firmou contra a investida das crianças e se dirigiu à praça, atravessando os revolucionários em potencial para chegar ao lado de Kelly.

— Hey!

O rosto de Kelly se iluminou, embora seus olhos varressem a área ao seu redor como se estivessem vendo se Cyn estava sozinha. — Oi — ela retornou. — Vamos para dentro. Vamos fingir que você é minha mãe. Ela deu a Cyn aquele sorriso perverso novamente.

— Legal. Você tem o quê, dezenove anos?

— Vinte mês que vem.

— Sim, bem eu não sou velha o suficiente para ser sua mãe. Por que estamos aqui?

— É barulhento e há sempre muita gente, além disso a rua Montrose é perto daqui e um monte de crianças de lá anda por aqui, especialmente nas noites de quinta-feira. Famílias entram de graça e é muito fácil escorregar para dentro. Enfim, ninguém vai olhar duas vezes para uma mãe solteira e a sua filha.

[5] Museu para crianças.

Cyn comprou os bilhetes e cutucou Kelly em direção à porta. — Eu não quero ser uma mãe solteira. Por que não posso ter um marido rico em vez disso?

— Eu não sei. Você parece uma mãe solteira para mim, como se você estivesse livre, você sabe? À procura de alguém.

Ótimo. — Então, desde quando você trabalha para Jabril? — Cyn perguntou, mudando de assunto.

— Quase dois anos. Desde que eu completei dezoito anos. Uma amiga da minha mãe me arranjou o trabalho. É meio assustador com todos aqueles caras mortos dormindo o dia todo e as horas são estranhas, mas tudo bem.

— Eu não acho que eles estão realmente mortos — comentou Cyn. — Então o que faz por lá? — Ela começou a levantar os óculos de sol quando elas entraram, mas deixou-os cair de volta quando ela viu as cores fortes estampadas em todas as superfícies à vista.

— Limpeza, você sabe. Espanar, limpar, polir a prata — seus olhos rolaram em desgosto. — Apesar de tudo, pagam bem.

— Você trabalha na casa principal ou apenas na casa dos empregados?

— Às vezes, trabalho na casa principal. Durante o dia. Ninguém é permitido lá após escurecer. Não queremos aborrecer os grandes vampiros maus por serem forçados a olhar para um simples ser humano, certo? A não ser que você seja uma das louras, de qualquer maneira.

— Louras?

— Assim é como chamamos as escravas de sangue que Jabril mantém em seu covil no porão. Não há uma única célula no cérebro delas, embora o que lhes falta em neurônios, elas compensam com silicone. Aqueles seios não podem ser reais.

Cyn sufocou uma risada. Isso era muito bonito, o que ela esperava de Jabril e sua laia. — Então, existe algum lugar onde possamos, pelo menos, nos sentar? Estou me sentindo como um gigante entre os liliputianos[6] aqui.

— Há um café. É na maior parte comida para crianças, mas eles têm café do Starbuck's.

— Existe um Deus! Mostre o caminho, criança.

---

[6] De Liliput, terra imaginária habitada por pessoas de minúscula estatura. (Do romance Viagens de Gulliver, do escritor inglês Swift.)

Cyn conseguiu achar uma das poucas mesas de tamanho adulto no café e fez Kelly guardá-la, enquanto ela foi em busca de café. Não era um verdadeiro Starbuck's, mas serviria.

— Então. — Ela deslizou para o assento do outro lado da mesa e passou a Kelly um frappuccino de chocolate. — O que você sabe?

Kelly lambeu o chantilly de seu lábio superior, antes de dizer: — Como eu disse, Liz costumava sair durante o dia. Sua tutora era incompetente e, além disso, ela só vinha duas vezes por semana. Há um guarda que sempre olhava para o lado e a deixava sair, e um par de outros que eram assim-assim. — Ela rodou a mão, palma para baixo. — Eles meio que sentiam pena de Liz, sendo uma criança com todos aqueles caras velhos. E, você sabe, vampiros e tudo.

— Eles não se preocuparam, se ela iria ou não voltar? Quero dizer Jabril não me parece ser um empregador compreensivo.

— Huh, você tem razão. Mas eles sabiam que Liz voltaria porque a irmã estava lá. Além disso... — Ela encolheu os ombros. — Liz não lhes faria isso, colocá-los em problemas como esse.

— Então o que ela fazia quando saía?

— Vinha para cá, principalmente.

— Neste museu? — Cyn olhou em volta. Se Liz tinha o hábito de ficar por aqui, ela poderia muito bem, estar ali naquele momento.

— Não, não exatamente aqui. Apenas você sabe, aqui. A área dos museus e Montrose, com as outras crianças. Bem, e Jamie.

— Ah, sim, Jamie. O que você pode me dizer sobre ele?

— O que há para dizer? A mãe dele é uma drogada, o pai está desaparecido, ou morto, quem sabe? Quem se importa? Jamie foi abandonado a alguns anos atrás, quando ele fez dezesseis anos, está nas ruas desde então. Ele passa uma noite aqui, uma noite lá. Abrigos diferentes, em convívios. Você sabe, como as outras crianças fazem. Liz lhe dava dinheiro para comprar comida, às vezes um motel. Eles estavam bastante ligados um ao outro.

— Então, você acha que Liz está com Jamie?

— Talvez — disse ela, evitando o olhar de Cyn.

Cyn suspirou. — Olha, Kelly, alguém precisa encontrá-la antes que Jabril o faça. Seria bom se essa pessoa fosse eu, porque eu quero ajudá-la.

— Ele tem outra pessoa procurando, você sabe.

Cyn olhou para ela com curiosidade. — Você quer dizer Jabril?

— Sim. Um cara apareceu fazendo perguntas um dia antes de você. Cara velho, cheirava a charutos. — Ela fez uma careta. — Está chateada?

— Honestamente? Eu deduzi que assim fosse. Jabril tem negócios antigos com alguém para quem eu fiz alguns trabalhos há algum tempo. Eu acho que ele está tentando ferrar com esse cara um pouco. Não vai funcionar, mas Jabril não sabe disso. Ele também não sabe que quando eu encontrar Liz – e eu irei - eu não vou trazê-la de volta para o Fodido Lorde Jabril. Nós vamos para algum lugar seguro, talvez com uma bela vista e um spa deslumbrante, comemorar o seu décimo oitavo aniversário em grande estilo. E então eu vou fazer questão de ter certeza que ela tenha uma palavra a dizer no seu futuro.

— Isso seria bom — Kelly sussurrou. — Mas ele vai descontar sobre sua irmã, você sabe. Mirabelle.

Cyn deu um suspiro muito vulgar. — Garota, você não conhece a sua mãe muito bem. — Ela bebeu o seu café, balançou as longas pernas em volta e ficou em pé. — Então, onde posso encontrar Jamie?

Kelly levantou-se. — Ela não está com Jamie.

Cyn deu a Kelly um olhar duro. — Onde ela está?

A menina deu um sorriso torto para Cyn. — Ela está em L.A.

Capítulo 10

— Maldição. — Cyn se inclinou para trás na cadeira, sacudindo a cabeça.

— Sim, muito estranho, né?

— Não é a palavra que me vem à mente, não. Como?

— Ela vinha planejando isso há algum tempo. Você sabe, juntar dinheiro e essa merda. Ela tem uma identidade falsa que mostra que ela tem dezoito para que ela possa pegar um avião. Mais duas semanas e ela nem sequer vai precisar mais disso.

— Por quê L.A?

Kelly encolheu os ombros. — Por que não? É meio como o Texas, certo?

— Realmente não.

— Bem, mas eu quero dizer, é ensolarado e tudo, e todos sabem que as pessoas são muito descontraídas por lá, então ela achava que seria mais fácil. Você sabe, conseguir um emprego, conseguir um lugar.

— Jamie foi com ela?

— Nah, eles tiveram uma grande briga por causa disso. Ele queria que ela ficasse aqui, mas Liz estava totalmente decidida em sair do Texas. Quero dizer foi este o estado que a deu para Jabril em primeiro lugar, então por que ela ficaria?

— Por que Jamie não quis ir com ela?

— A mãe dele. Ele a vê de vez em quando e ele tem uma irmã que mora com sua tia. Eu acho que ele se sente responsável.

— Então, Liz está sozinha lá fora. Você pode entrar em contato com ela?

— Ela verifica este site que usamos, mas... — Sua voz se extinguiu e seu olhar inquieto voou para longe.

— Mas?

— Eu não tenho notícias dela. Quero dizer, só se passaram alguns dias, ela deixou uma mensagem no primeiro dia, mas desde então, não sei de nada dela.

— Perfeito. Um bom planejamento. — Cyn esfregou os olhos cansados, tentando não olhar para Kelly, tentando não imaginar todas as coisas que poderiam acontecer com uma garota de dezessete anos, sozinha em L.A. — Tudo bem, ouça...— Ela parou quando seu telefone tocou, então franziu o cenho para o visor. Era um número local, e não um que ela conhecia. Por outro lado, definitivamente não era uma chamada dos vampiros. Ela atendeu — Leighton.

— Senhora Leighton, aqui é Ramona Hewitt. Podemos nos encontrar?

Os olhos de Cyn se arregalaram de surpresa. Não tinha demorado muito. — Claro — disse a Hewitt. — Diga a hora e o lugar, de preferência antes de escurecer.

Hewitt fez um som mudo de entendimento. — Onde você está ficando?

— No Four Seasons.

— Bem, bem. Certo. Eles têm um bar. Você pode pagar a uma funcionária pública uma bebida bem merecida.

— Que horas?

— Vamos marcar para as quatro e meia. O sol se põe cedo nesta época do ano.

— Lá estarei — Cyn disse. Hewitt desligou o telefone sem despedir-se, assim Cyn fechou o telefone e voltou-se para Kelly. — Onde eu estava?

— Você estava prestes a elogiar a mim e a Liz pelo nosso planejamento incrível.

— Algo do gênero, mas o que está feito, está feito. Se você souber de Liz, você me chama de imediato, sacou? Eu vou te dar o número do meu celular. — Ela cavou na mochila e tirou um dos seus próprios cartões de visita, escrevendo no verso antes de entregá-lo. — Se alguém perguntar, você diz a eles que eu lhe dei quando eu estava na propriedade. No caso de você pensar em qualquer coisa que pudesse me ajudar, certo? Você diz para Liz me ligar, ou me dar um número onde eu possa chamá-la. Será que ela vai acreditar em você se você lhe disser que está tudo bem, que ela pode confiar em mim?

— Provavelmente. Sim, eu penso assim.

— Tudo bem, mas se não, dê-lhe esse endereço. — Ela indicou o endereço da casa de Jessica que ela tinha escrito na parte traseira. — O número de telefone de lá, também. É um abrigo para adolescentes no lado oeste de Los Angeles, dirigida por alguém de confiança. Se Liz precisar de uma carona para chegar lá, eles vão cuidar disso.

— O que você vai fazer agora?

— Esse telefonema era da assistente social de Liz. Todos parecem concordar que Liz confiava nela, então, eu espero que ela saiba de algo que me possa ajudar. Depois disso, eu preciso descobrir uma maneira de colocar Mirabelle em um avião comigo de volta para a Califórnia, e então irei encontrar a sua amiga Liz.

Os olhos de Kelly ficaram grandes como pires. — Ele nunca vai deixá-la ir. Não Mirabelle. Mesmo se Liz ficar afastada, ele já tem Mirabelle e seu dinheiro. Você não sabe como ele é, o que ele vai fazer com ela.

— Na verdade, eu tenho uma idéia muito boa, mas eu vou descobrir alguma coisa. Eu não posso simplesmente abandoná-la.

Kelli estava olhando para ela como se lhe tivesse crescido outra cabeça. — Por que ele te chamou? Quero dizer, você com certeza não parece gostar de vampiros, então por quê você?

Cyn se levantou, sua mente já estava trabalhando no problema da Mirabelle. — Como eu disse antes — disse ela distraidamente. — Ele pensou que poderia usar-me para se vingar de alguém. Infelizmente, esse alguém não está nem aí, por isso não vai funcionar do jeito que ele esperava.

— Um namorado, hein?

— Não! — Cyn se focou na menina, surpresa. — Por que você diz isso?

— Bem, eu posso dizer — disse ela, satisfeita. — É uma coisa de namorados.

— Tanto faz. Ouça, você tem um celular, certo?

— Claro.

— Dê-me o seu número. — Ela empurrou a caneta e cavou outro cartão, observando quando a menina escreveu o seu nome e número em uma letra infantil, depois pegou o cartão de volta e leu. — Ótimo. Eu tenho que ir. Você vai ficar bem?

— Nenhum problema. Vou me encontrar com alguns amigos depois.

— E você vai me ligar se souber alguma coisa?

— Sim.

— Tudo bem. Eu não sei quanto tempo vou estar em Houston, mas pode chegar a mim no meu celular, sempre. — Ela pendurou a mochila no ombro e deu uma última olhada em Kelly. — Obrigada por tudo, Kelly.

Kelly corou e abaixou a cabeça. — Sim, está tudo certo.

— Você me faz uma mãe orgulhosa. — Ela sorriu. — Falo com você depois.

Ela correu para fora do museu, imaginando se ela tinha tempo suficiente para voltar ao hotel, para seu encontro com Ramona Hewitt.

Capítulo 11

Ramona Hewitt já ocupava uma mesa quando Cyn chegou. Ela tinha demorado mais do que esperava, porque, ao contrário do que a maioria das pessoas pensava acerca do Texas, Houston era uma cidade grande e com muito tráfego.

Hewitt parecia desgastada. Seu terno azul estava amassado e algumas mechas de cabelo escapavam do seu confinamento rígido. Um copo de uísque estava na mesa, à sua frente.

— Eu espero que você não tenha pago. — Cyn disse, puxando uma cadeira para se sentar.

— Ainda não.

— Bom. — Cyn sinalizou para o garçom, que a atendeu após entregar o pedido da mesa do lado.

— O que vos posso servir, senhoras?

Cyn geralmente não bebia, mas hoje ela faria uma exceção. — Eu quero um Absolut com gelo e um par de azeitonas e... — Ela olhou para Hewitt, mas a assistente social abanou a cabeça. Cyn apontou para o uísque. — Coloque-o na minha conta e gostaria de mantê-la aberta. Ah, e algo para comer, talvez... — Ela agarrou num menu e o leu rapidamente, fazendo uma careta com as escolhas. — Far Eastern Bites, eu acho, o que quer que seja. — O garçom assentiu e saiu, parando em outra mesa no caminho.

— Está movimentado — comentou Cyn.

— É sexta-feira — disse Hewitt. — Algumas pessoas gostam de começar o seu fim de semana mais cedo. — Ela tomou um gole de uísque e Cyn notou que ela o estava tomando puro. Uma verdadeira apreciadora de uísque, Cyn estava surpresa. Hewitt parecia mais o tipo que bebia xerez[7].

— Então, por que você não me disse que foi co-fundadora da Casa de Jessica? — Disse Hewitt.

[7] É um tipo de vinho fortificado, licoroso típico da Espanha, envelhecido no sistema de soleira. Seu nome é derivado da região onde é elaborado, Xerez da Fronteira, em castelhano *Jerez de la Frontera*.

Cyn encolheu os ombros. — Porque eu não fui. Esse é o bebê de Luci, não o meu. Ela fez todo o trabalho. Tudo que fiz foi assinar um cheque.

— Um dos grandes.

— Não maior do que o de Luci. Ela tinha esse sonho, quando estávamos na faculdade, criar um lugar onde as crianças em fuga poderiam se sentir seguras. Mais como uma obsessão, na verdade. Ela sempre falava disso. Eu não era tão dedicada, mas eu acreditava em Luci e no que ela estava fazendo. Não sou do tipo sociável, por isso, peguei o caminho mais fácil, assinando um cheque.

— E se tornou uma investigadora particular.

— Bem — Cyn sorriu levemente. — Primeiro eu fui da polícia. Luci provavelmente lhe disse. O fiz principalmente para irritar o meu pai, mas eu gostei por um tempo.

— Mas não por muito tempo.

— Não. Não por muito tempo. Como eu disse, eu não sou uma pessoa sociável. Eu trabalho melhor sozinha.

O garçom chegou com sua bebida e a promessa de que a comida já estava vindo. Cyn esperou ele sair e, em seguida, tomou um longo gole de vodka, sentindo que este suavizava as tensões resultantes do cansativo dia ao sentir o calor gostoso deslizar por todo o seu corpo. — Então. Você ligou.

— Eu liguei — disse Hewitt. — Quanto você sabe sobre Jabril Karim?

— Mais do que a maioria, menos do que alguns, eu suponho. Eu sei sobre vampiros, como eles trabalham em geral e a sua hierarquia. Jabril tem poder real dentro da sociedade, tanto pessoalmente como politicamente. Eu não o subestimaria. Mas, quanto às duas irmãs, Mirabelle e Elizabeth? Eu só sei o que me disseram, o que não é muito. Eu posso dizer sem dúvida que Mirabelle é uma prisioneira, que Jabril quer o dinheiro dela, nada mais. Quanto à herança Hawthorn, é uma questão de registro público, e eu suponho que também há bens particulares. O que eu não sei é como ele conseguiu ficar com ela, em primeiro lugar. Ele também afirma ser o tutor legal de Liz, isso é verdade?

— Sim, é. — A mandíbula de Hewitt se apertou com raiva. — Você pode não acreditar, mas eu tentei impedir que isso acontecesse. Eu era a assistente principal desse caso, e eu recomendei vivamente contra a concessão da guarda das duas meninas. Elas eram apenas crianças. Quinze e dez anos. Que tipo de sistema entrega crianças para um monstro como aquele? Eu não entendia na época, e ainda não entendo. Mesmo depois do que ele fez com Mirabelle, claro como o dia, ninguém deu um pio. — Ela se inclinou sobre a mesa, um dedo

pressionado na madeira laqueada para dar ênfase. — É dinheiro, é o que é. Todo o sistema está comprado. Um cara esperto como Jabril - posso não gostar dele, mas ele é astuto como uma serpente - um homem como ele, sabe onde colocar o seu dinheiro para fazer o melhor. Essas meninas nunca tiveram uma chance.

— Elas não têm um familiar? Alguém com uma reivindicação melhor?

— Uma meia-irmã, em algum lugar no Maine, do primeiro casamento do pai. Houve muita amargura no divórcio e ela era um pouco mais velha que as meninas. Entrei em contato com ela, mas ela não estava realmente interessada. Você teria pensado que o dinheiro por si só poderia trazê-la, mas não. Ela tinha o suficiente, eu acho. Ou talvez ela é uma das únicas pessoas na Terra que não se preocupam com dinheiro, eu não sei. Eu recomendei assistência social. Por todos os problemas, teria sido preferível. Mas, acho que o juiz não viu o meu relatório. Minha ex-supervisora tomou o caso e acabou que a audiência foi realizada em privado, para proteger a privacidade das crianças, disseram eles. — Ela bufou. — Para manter maldita coisa em segredo, isto sim. Eles entregaram as meninas e nunca mais olharam para trás. O Juiz se aposentou um ano depois, recebeu uma pensão gorda e uma casa de férias nas Bahamas. Minha supervisora? Ela conseguiu um emprego novo e brilhante no gabinete do prefeito. Comprado e pago, eu digo.

— Qual é o negócio com o dinheiro? Os pais devem ter algum outro tipo de fundo menor, além da herança. Você não pode entregar todo esse dinheiro para as crianças.

— Não, na verdade, os pais eram inteligentes. Eu acho que eles pensaram que Jabril Karim não meteria o nariz, eles fizeram o que podiam. O fundo cuida de cada garota até os dezoito anos; elas ficam com a totalidade da receita até então, mas não podem tocar no dinheiro principal. Aos dezoito anos, cada uma delas, herda cinquenta por cento. No caso de Mirabelle, isso coloca todos os seus bens à disposição de Jabril, sendo que os vampiros são controlados por quem os cria. — Cyn acenou com a cabeça e Hewitt continuou. — Os pais colocaram uma pequena condição, algo para ajudar as meninas a crescerem um pouco antes de começarem a tomar suas próprias decisões. Se uma delas morrer antes dos 25, sua parte da herança vai direto para a fundação de caridade da família. Nenhum outro herdeiro pode ser nomeado, nem mesmo a irmã sobrevivente.

— Esta é provavelmente a única razão de Mirabelle ainda estar viva.

— Se você puder chamá-la de viva. A lei o faz, então, eu acho que isso é o que importa, mas o que ele fez com aquela menina é um crime. Um óbvio crime.

— E Liz fugiu porque Jabril pretende fazer a mesma coisa com ela uma vez que ela complete os dezoito?

— É isso mesmo. Ah, ele vai afirmar que foi a sua escolha, exatamente como ele fez com Mirabelle, mas não será. Se há uma coisa que eu sei ao certo é que Elizabeth Hawthorn não quer ter nada a ver com Jabril Karim ou qualquer outro vampiro. Ela é uma mulher perfeitamente adorável, uma jovem que quer crescer, casar e ter filhos, como qualquer outra garota americana.

Cyn teve que sorrir, imaginando o que pensaria Hewitt das escolhas que ela fez em sua vida. — Isso é... — Ela parou quando o garçom apareceu novamente e deslizou um prato de petiscos asiáticos em sua mesa, junto com guardanapos e talheres.

— Mais uma bebida? — Ele acenou com a cabeça, mostrando o copo quase vazio de Cyn.

— Não para mim. — Ela olhou novamente para o copo de Hewitt. — Outro uísque? Ou algo mais?

— Eu tenho que dirigir para casa — disse Hewitt, com pesar, sacudindo a cabeça. — Vou ficar por este.

— Então, é só. — Cyn disse ao garçom. Ele foi embora, tecendo seu caminho através da multidão que tinha ficado ainda mais espessa enquanto elas estavam sentadas falando. Colocando o que ela esperava que fosse um pedaço de ovo em sua boca, Cyn mastigou pensativamente, então disse: — Ok, o que você me disse até agora é basicamente o que eu esperava. Mas o que eu realmente gostaria de saber é se você tem alguma ideia de como posso conseguir afastar Mirabelle dele, mesmo que, por apenas um par de horas. Tempo suficiente para levá-la de avião para fora do Texas.

Hewitt ficou ainda mais chocada do que Kelly. — Esta não é uma criatura para se enfrentar de ânimo leve, Sra. Leighton.

— Cynthia — Cyn sugeriu. — Ou Cyn.

— Cynthia — Hewitt corrigiu. — Eu imagino que Jabril seja realmente cruel com quem se atravessa no seu caminho. Muitos dos seus concorrentes, têm sofrido contratempos ao longo dos anos. Ele está nesta área já à algum tempo, e pelo que entendi, ele teve que mudar um pouco os seus hábitos, mas se eu fosse você, não contaria com a sua civilidade. Os modos graciosos são apenas superficiais.

— Eu acredito em você, mas eu tenho meus próprios recursos. Se eu puder tirá-la do território de Jabril, as opções dele serão limitadas e uma vez que atingirmos as Montanhas Rochosas, suas mãos estarão praticamente atadas. Vampiros são ferozmente territoriais, e o chefe do oeste, é mais do que a maioria.

— Receio que não possa ajudá-la lá, mas, e sobre Elizabeth? Se você deixar o Texas...

— Liz está na Califórnia.

— Na Califórnia? Mas como...

— Uma amiga dela. Alguma chance de Liz entrar em contato com Mirabelle?

— Eu não sei como. Você viu como funcionam as coisas na propriedade. Eu mesma tentei ver Mirabelle um par de vezes e fui dispensada. Eles nem sequer lhe deram o recado, me disseram que ela não queria ver ninguém. Claro que não acreditei, mas, uma vez que ela tinha mais de dezoito anos, eu não tinha jurisdição.

O garçom deixou cair a conta na mesa delas com um murmúrio — Quando estiverem prontas. — Cyn olhou-a rapidamente e escreveu o número do quarto dela, para ser cobrada lá.

— Eu vou pensar em alguma coisa — disse ela. — Mais alguma coisa que me possa dizer?

— Além de ter cuidado? — Hewitt sacudiu a cabeça e começou a juntar suas coisas para sair. — Elas são boas meninas, ambas. E seus pais eram pessoas boas e tementes a Deus. Elas merecem mais do que a vida lhes deu.

— Não merecemos todos? — Cyn pegou um par de coisas e se levantou. Houve uma mudança imediata no fluxo humano da sala, enquanto as pessoas se posicionaram para pegar sua mesa. — Provavelmente não falaremos novamente até eu chegar a Los Angeles, mas depois disso, vou tentar mantê-la atualizada. Se acontecer alguma coisa por aqui, você vai me ligar?

— Eu vou. — Hewitt se levantou e ofereceu sua mão em um aperto firme, mas amigável. — Eu lhe desejo sorte, Cynthia. Vou fazer uma oração por você e pelas meninas.

Cyn assistiu Hewitt marchando pelo saguão em direção às portas da frente e a viu vestir um casaco marrom por cima de sua roupa azul. Ela esperou até que o manobrista trouxe o carro e Hewitt estava em seu caminho, e então ela virou-se e se dirigiu para o elevador. Ela tinha uma idéia para tirar Mirabelle das garras de Jabril, mas ela precisava ser muito mais cuidadosa do que ela estava sendo no momento. Ela estava cansada. Precisava de um monte de café e de um banho quente. Mas primeiro, ela teria que telefonar a um vampiro.

Capítulo 12

Faltava um par de horas para o pôr do sol. Cyn passou o tempo fazendo anotações em um catálogo de páginas amarelas, tentando pensar em tudo o que precisaria para os próximos tempos. Quando finalmente chegou a hora de fazer a chamada, as mãos tremiam de tal maneira que era difícil marcar os números. Mas ela precisava de respostas e aquele era o único lugar onde ela poderia obtê-las. Ela ficou um pouco aliviada quando ouviu a voz feminina impessoal do outro lado.

— Empresas Raphael.

— Duncan, por favor.

— Posso saber com quem estou a falar?

Ela pensou em mentir, mas era Duncan, o cara número um de Raphael, seu tenente e conselheiro mais próximo. Ele provavelmente não atenderia o telefonema de um desconhecido, então ela disse a verdade. — Cynthia Leighton.

— Um momento. — A mulher disse um pouco rápido demais, como se esperasse seu telefonema. O estômago de Cyn estava saltando com os nervos, enquanto ela esperava, com medo de ouvir certa voz doce do outro lado da linha. Mas foi o sempre tão educado Duncan quem atendeu o telefonema.

— Senhora Leighton, que prazer falar contigo.

Havia um tom de sinceridade em sua voz e Cyn realmente acreditou no que ele disse. Isso lhe trouxe um pressão de lágrimas aos olhos, mas ela empurrou a emoção para longe, com raiva. — Duncan. Obrigado por falar comigo.

— Mas é claro. Por que não iria? — Mais uma vez, o seu espanto era genuíno, mas como isso apenas confundiu Cyn, ela o ignorou e avançou com a razão daquele telefonema.

— Eu tenho algumas perguntas. Perguntas estas, que você pode não querer responder, mas eu realmente preciso das informações. É uma questão de vida ou morte, e eu digo isso literalmente.

— Você está em perigo? — perguntou ele rapidamente.

— Não, não. Bem, não mais que o normal. Você me conhece. — brincou ela sem jeito, então, ficou séria. — Se uma vampira jovem, digamos que tenha renascido à cinco anos... — Ela usou o próprio termo vampiro para a transição. —...tentar deixar o território do seu Senhor, ele vai sentir isto? Será que ele saberá? — Ela quase podia sentir a careta que Duncan fazia enquanto ouvia.

— Que idade tem esta jovem vampira? A idade a partir do nascimento.

— Agora tem vinte e três, mas quando foi transformada, tinha apenas dezoito anos.

— Jabril Karim — disse ele severamente. — De onde você está ligando, Sra. Leighton?

— Por que todo mundo fica me perguntando isso? Eu tenho um emprego, Duncan. As pessoas me contratam e eu vou onde o trabalho me leva.

— Senhora Leighton...

Ela podia ouvir a hesitação em sua voz, ouvir as engrenagens girando. — Se Raphael pegar o telefone eu vou desligar, Duncan. Estou falando sério.

— Você me coloca em uma posição difícil. — Suspirou. — Por que não estou surpreso? Estou certo? Você está no Texas? Diga-me.

— Sim — admitiu ela.

— Eu não sei o que lhe deu para fazer um acordo com esse aí, mas isso já não importa. Você precisa sair daí o mais rapidamente possível. Não acredito que você entenda o que está em jogo.

— Quer saber Duncan, esqueça. Lamento ter ligado. O que há com vocês? Ótimo, eu transei com Raphael um par de vezes. Mas foi ele quem se afastou. Não eu. Isso não dá a ele, ou a qualquer um de vocês, o direito de ditar o resto da minha vida. Vou...

— Senhora Leighton...

— ...para onde eu quiser...

— Cynthia!

Cyn parou, puxando uma respiração profunda. — Você vai responder ao caralho da pergunta ou não? Há mais em jogo aqui do que o pau de Raphael.

Duncan sufocou uma risada. — Tenho saudades tuas, Cynthia. Contra todas as probabilidades, eu tenho saudades. Muito bem. Novamente, eu aconselho que você deixe imediatamente o Texas, mas... — Ele anulou o

protesto em expansão. — Mas, a jovem em questão – e não me ofenda, negando isso - tem estado sob a influência de Jabril há já algum tempo, desde tenra idade e os métodos de Jabril não são amáveis. Se ele souber que ela está partindo, ele irá fazer de tudo para detê-la, independentemente do que isso fará a ela, seja físico ou não. Não espere a sua ajuda nisso, Cynthia. Ela não poderá lhe dar, mesmo que queira. Ela vai lutar com você.

— E se eu fizer isso durante o dia?

— Isso seria o melhor. Ela é jovem e o sol a atinge muito mais forte. Mas Jabril nunca irá libertá-la.

— Deixa isso comigo. Uma vez que sairmos do seu território, o poder que ele tem sobre ela irá enfraquecer?

— Certamente, ele irá se enfraquecer. Mas não vai desaparecer, não até que seja substituído por um poder mais forte.

Ela podia ouvir a satisfação em sua voz. — Merda.

— De fato.

— Posso drogá-la? Será que alguma coisa funciona?

— Não. O vírus vai limpar tudo do seu sistema, nem dará tempo de fazer efeito. Você deve…

Ele parou no meio da frase, e Cyn podia ouvir uma voz profunda e sedosa, no fundo. Seu coração saltou e de repente estava difícil respirar.

— Meu senhor… — Ouviu Duncan começar. Ela não ouviu mais.

— Adeus, Duncan. — Ela desligou. Seu celular tocou quase imediatamente, mas Cyn não atendeu. Ela estava tentada a desligá-lo, mas ficou com medo de perder uma ligação de Kelly, ou até mesmo de Liz. Então, ela mudou-o para vibrar e assistiu ele dançar em volta da mesa algumas vezes, seus olhos nunca deixando o visor até que as chamadas foram desviadas para o correio de voz. Finalmente, ele ficou em silêncio. Ela eliminou as mensagens sem sequer as ouvir.

Capítulo 13

Levou várias horas e muitos telefonemas, mas Cyn finalmente encontrou uma empresa na área de Houston que tinha o equipamento e os serviços necessários para o que ela tinha planejado. Depois disso, ela tomou um banho merecido, ficando debaixo da água quente até que a pele estava rosa brilhante, numa vã tentativa de convencer seus músculos a relaxarem. Finalmente desistindo disso, ela se envolveu em uma das toalhas felpudas do hotel e secou o cabelo, em seguida, puxou a bolsa de maquilagem que sempre estava em sua mala, mas que raramente usava. Ela não exagerou, aplicando apenas o suficiente para mostrar o verde de seus olhos e a borda afiada de suas maçãs do rosto. Suas roupas foram escolhidas com igual cuidado, querendo não o conforto, mas o impacto. A saia curta de couro preta que se agarrava às coxas dela e mostrava a curva de seu traseiro firme. Ela havia trabalhado duro para mantê-lo assim e não haveria mal em usá-lo para seu próprio benefício. Ela acrescentou uma blusa de seda azul-turquesa escura, com um decote drapeado, que mostrava uma boa quantidade de pele. Não o suficiente para parecer sacanagem, mas o suficiente para ser casualmente provocante. Seu coldre de ombros era um estranho encaixe para fazer conjunto com o tecido sedoso, mas ela o colocou de qualquer maneira. Ela não chegaria perto de Jabril Karim sem a sua arma.

Suas botas de couro ficaram muito bem, seus saltos altos acentuavam o longo comprimento de suas pernas sob a saia curta. Ela vestiu um casaco de couro por cima de tudo, seus dedos encontrando automaticamente o metal frio do canivete no fundo de um bolso. Armas eram ótimas, mas os vampiros eram rápidos, e se ela necessitasse de algo às pressas... Bem, era sempre bom ter um backup. Tudo o resto foi para a mala pequena. Ela deu um último olhar ao redor do quarto. Com a mala pequena pendurada sobre um dos ombros ela se moveu com a mala grande para o corredor e depois para o elevador.

O veículo de aluguel que ela arranjou a estava esperando no exterior do hotel, tripulado por um homem jovem e ansioso, que teve grande prazer em mostrar as várias características do SUV, incluindo todo o luxo imaginável de conveniência e uma deslumbrante variedade de suportes para copos. Os únicos recursos que importavam para Cyn eram o sistema de navegação e as janelas escuras. Ela escolheu esta empresa por sua especialidade em alugar os seus serviços a clientes que desejavam anonimato.

Depois de deixar o rapaz no seu escritório - ele disse que não era necessário, mas Cyn insistiu - ela ligou o GPS e se dirigiu à propriedade Hawthorn, o atual covil pessoal de Jabril em tudo menos em nome.

— Isto está errado — o guarda rosnou. — O Senhor Jabril Karim não está esperando por você.

— Eu sei — disse ela com um sorriso insinuante. — E eu sinto muito, mas eu realmente preciso falar com ele e não pode esperar até amanhã.

Ele franziu o cenho para ela, e depois se afastou com um grunhido — Um momento.

Enquanto esperava, Cyn consultou o relógio e imaginou como seria a próxima hora. Passavam alguns minutos das cinco horas e, segundo o jornal local, o próximo nascer do sol ocorreria por volta das sete e meia. Ela iria executar o seu plano muito em cima da hora, mas o seu maior medo era dar a Jabril tempo suficiente para ir atrás dela. Deslizando para fora o mais próximo possível ao nascer do sol, ela estava contando com que o lorde vampiro não descobrisse nada de anormal até que ele acordasse amanhã à noite. Por aquela altura, ou já estaria no inferno, ou, se a sorte estivesse do seu lado, ela e Mirabelle estariam apreciando a vista do condomínio de Cyn na praia.

Ela ouviu quando o guarda falou com alguém, provavelmente Asim. Asim lhe pareceu o tipo de lacaio que iria controlar o acesso ao grandalhão como uma forma de garantir a sua própria base de poder. Quando o guarda virou as costas, ela estava pronta, com um sorriso brilhante.

— Meu senhor a receberá.

Cyn lutou contra a vontade de revirar os olhos. — Isso é muito gentil, muito obrigado. — Seu esforço para ser agradável ganhou nada mais do que um grunhido em resposta, mas o portão foi aberto, e isso era tudo o que realmente lhe importava.

Cyn estacionou o SUV grande na curva externa da garagem, colocando-o mais longe da porta da frente e mais perto do caminho que levava aos aposentos dos criados. Ela esperava que essas coisas não importassem quando chegasse a hora de partir, mas nunca se sabe. A porta da frente foi aberta quando ela chegou à varanda e um homem de meia-idade apareceu, foi em direção a um par de carros estacionados de um lado. Ele era a própria definição de corte limpo, a pele do seu rosto brilhava e seu cabelo quase branco foi cortado o suficiente para que seu couro cabeludo rosa fosse claramente visível. Aquele deveria ser o outro investigador particular que Jabril havia contratado, o verdadeiro. Ela conhecia o tipo. Antigo militar, ele provavelmente tinha uma esposa dócil e muito jovem em casa, alguém que ele tinha trazido de uma ilha

distante, em algum lugar onde as mulheres ainda eram subservientes aos homens. Ela riu em privado. Mais de um desses sujeitos tinham sido desagradavelmente surpreendidos quando o ratinho se tornou uma verdadeira mulher norte-americana. Ele a ignorou, passando por ela sem nem lhe dar um olhar.

Cyn se virou quando ele passou. — Você está procurando por Elizabeth Hawthorn, não é? — ela chamou.

Ele parou, virando a cabeça bruscamente para olhar para ela.

— Teve sorte? — perguntou ela.

Ele lhe disparou um olhar zangado, caminhou até seu carro e subiu, partindo sem nem uma palavra.

— Eu vejo que você faz amigos onde quer que vá.

As vísceras de Cyn se apertaram, mas não mostrou isso em seu rosto quando ela se virou para enfrentar Asim, que estava bloqueando a porta. — Asim — disse ela. — Como é bom ver você novamente.

O olhar do vampiro viajou pelo corpo dela, detendo-se sobre o comprimento da coxa nua visível abaixo da saia curta, antes de encontrar os olhos dela. — É assim que você faz seus negócios, Sra. Leighton? — Sua expressão lhe disse exactamente o tipo de negócios a que ele se referia.

— Eu faço o meu papel, Asim. Qualquer coisa que funcione. Eu gostaria de falar com Mirabelle novamente, se possível.

— Não a esperávamos e é quase madrugada — disse afetadamente, mas Cyn apenas sorriu agradavelmente. Se ele estivesse esperando por algum tipo de explicação, esperaria um longo tempo. — Por aqui. — ele retrucou.

Jabril Karim se recostou atrás de sua mesa e estudou a mulher jovem. Não houve prazer em punir Mirabelle. Ela não mostrou sequer pretensão de lutar, entregando-se pouco antes de ele a atingir com o primeiro golpe. Não que ele realmente tenha se inclinado para bater nela. Não, isso era muito bruto e as provas eram muito visíveis. Além disso, ele não tinha necessidade de recorrer a tais medidas, como era seu mestre ele podia lhe infligir dor com apenas um pensamento. Ela sofria da forma certa, ele lhe daria isso. Ela estava encolhida

como um cachorro ali no canto, tremendo de tal maneira que ele podia ver, mesmo estando do outro lado da sala. Muito gratificante em sua própria maneira, ele supunha, e foi a única satisfação que ele apreciou, até agora, naquela noite. Ele ainda não tinha se alimentado, pois um negócio tinha aparecido, recebeu uma carta urgente do chefe de sua família na Arábia Saudita, exigindo uma ação imediata.

E agora esse negócio de Elizabeth. Aquele idiota do investigador particular que Asim havia contratado não tinha encontrado nada, absolutamente nada. Faltava menos de duas semanas para que ela completasse dezoito anos, e parecia ter evaporado. Jabril havia esperado essa oportunidade durante anos, ele tinha subornado e bajulado as autoridades necessárias, tolerando todas as investigações e inspecções intrusivas que fizeram. Ele ganhou o direito sobre toda a fortuna que a menina herdou. Mais, ele ganhou o direito sobre a menina. Elizabeth mostrou muito mais espírito que a sua irmã mais velha, e Jabril havia esperado ansiosamente para lhe tirar isso, para vê-la rastejar aos seus pés e implorar por misericórdia.

Ele se afastou da sua mesa com raiva, empurrando a cadeira para trás e ficando de pé tão rapidamente que Mirabelle ofegou com medo. E agora, a puta do Raphael tinha aparecido inesperadamente, sem dúvida, com um relatório semelhante, não que ele esperasse que ela lhe trouxesse algo útil de qualquer jeito.

Ouviu-se uma batida suave e Asim entrou no quarto, olhando para o seu Senhor antes de abrir a porta completamente para admitir a mulher Leighton. Jabril ficou instintivamente tenso quando ela entrou, sentindo o fraco mas inconfundível perfume de Raphael que continuava agarrado à sua pele, no sangue que corria em suas veias. Sua fome cresceu quando ela passeou na sala, com suas longas pernas deslizando como seda por baixo de uma saia curta de couro, os peitos descaradamente exibidos. Imaginou como seria tê-la sob ele, aquelas pernas envolvidas em torno de seus quadris, seu pau batendo impiedosamente dentro dela, seus dentes afundando naquele pescoço liso até que seu sangue quente jorrasse goela abaixo. Ele endureceu com o pensamento, ainda mais quando ele imaginou a raiva de Raphael com a transgressão. É claro que não era culpa dele que Raphael a tenha deixado vaguear desprotegida. O outro lorde vampiro deveria saber como ela seria tentadora para os seus inimigos. Ele olhou para a mulher, sentindo a pressão das presas contra os tecidos moles das suas gengivas quando estas responderam à fome do seu corpo.

— Senhora Leighton. — Ao contrário do que pretendia, aquilo saiu como um grunhido e ele viu os olhos dela aumentarem um pouco examinando o que eram sinais evidentes de excitação. O seu aroma mudou, adoçado com o tom de medo, fazendo com que sua excitação aumentasse. Ele poderia estar sobre ela em um piscar de olhos, muito antes que ela o visse chegando, muito antes que ela tirasse a arma escondida junto do seu peito macio.

Ele deu um meio passo à frente, sua mente cheia de pensamentos do corpo nu de Leighton esticado abaixo dele, tremendo de necessidade, o seu sangue escorrendo sobre os seios fartos que seriam lambidos quando ela gritasse para sua liberação.

Mirabelle choramingou e a mulher Leighton afastou-se da sua mão estendida para agachar-se junto à garota estúpida. Ele rosnou de raiva, as palavras com que a castigaria já se formando em sua cabeça. Ele parou e respirou fundo, com base na vontade enorme que fazia dele um dos mais poderosos vampiros vivos.

— Senhora Leighton. — Não havia o menor dos tremores em sua voz, e ele fez uma pausa para engolir antes de continuar. — É uma visita inesperada e já é tarde. Será que você tem algo para mim?

Cyn se ajoelhou no chão, perto de Mirabelle, lutando para respirar o ar que tinha ficado espesso com partes iguais de luxúria e medo. Jabril rosnou o nome dela e ela olhou para ele, vendo os pensamentos obscuros deslizando sob a superfície dos olhos e o aumento óbvio de uma ereção debaixo de sua calça elegante. Ele sorriu, recuando os lábios para expor presas totalmente distendidas. Era uma visão aterradora. Ela se esforçou para não mostrar seu medo quando ele deu um passo para mais perto, pensando em sua arma e no quão rápido ele poderia se mover, teve certeza de uma coisa. Ela não queria que ele a tocasse novamente. Ela não sabia o porque disso, mas seu estômago se revoltou com a idéia.

Jabril repetiu o nome dela, depois parou. Quando voltou a falar, as presas haviam ido embora e os olhos estavam quase normais.

Cyn olhou para Mirabelle e se levantou para enfrentá-lo. — Obrigado por me ver, meu senhor — disse ela, obrigando-se a esquecer sua ereção de apenas momentos antes e ignorando a garota choramingando a seus pés. — Eu sei que o tempo é curto, mas poderia trocar algumas palavras com Mirabelle? E, talvez, dar outra olhada nas coisas de Elizabeth? Falei com algumas pessoas que acreditam que a viram e a Sra. Hewitt...

Jabril franziu o cenho. — A assistente social — Asim comunicou.

— ... Eu talvez tenha uma idéia de onde ela se está escondendo. Ocorreu-me que, pela proximidade das irmãs, Elizabeth poderia ter dito algo

inadvertidamente para Mirabelle ou, talvez, deixou algo num bolso ou em uma gaveta que pudesse me ajudar a continuar.

Cyn se concentrou em respirar quando Jabril a estudou. — Meu próprio povo não encontrou nada — disse ele. — Eu não vejo nenhuma razão pela qual você acha que pode...

Ela sorriu. — Vamos dizer, meu senhor, que minhas fontes são um pouco diferentes do que as de seus outros investigadores. Existem centenas de crianças, adolescentes, que vivem nas ruas de Houston, Elizabeth está provavelmente se escondendo entre eles. Tão experiente como o seu homem sem dúvida é neste tipo de coisa, é mais provável que estas crianças tenham corrido dele em vez de lhe dizer algo útil.

— Você está sugerindo que eles vão falar com você? — Asim não se incomodou em negar que eles tinham contratado outra pessoa.

— Como eu disse, Asim — disse ela sem tirar sua atenção de Jabril. — Eu faço o meu papel. Meu senhor — ela continuou. — Estou confiante de que posso transformar este caso dentro de 24 horas se eu puder restringir a minha pesquisa. Não há uma chance de que Mirabelle...

— Muito bem. — Isso foi tudo que ele disse, mas ele continuou a olhar para ela sem piscar, quando Mirabelle ofegou em aparente dor tentando ficar de pé, ficando de cabeça baixa e com as mãos apertadas firmemente em seus lados.

— Senhor. — Sussurrou a menina, seu olhar cravado no chão entre seus pés.

— Mirabelle, a Sra. Leighton parece não ter feito um trabalho aprofundado em sua última visita. Se você pudesse acompanhá-la ao quarto de Elizabeth, uma vez mais, por favor. — Cyn ignorou o comentário mordaz, ela estava mais preocupada com a mudança no comportamento de Mirabelle do que com a opinião que Jabril tinha de suas habilidades. Se a jovem tinha estado intimidada antes, ela estava completamente aterrorizada agora.

— Sim, meu senhor. — A voz de Mirabelle era quase inaudível quando ela se esgueirou até a porta, sem sequer uma vez virar as costas ou levantar os olhos do chão.

— Depois volte imediatamente, meu tesouro. O sol está próximo. — Mirabelle se encolheu como se tivesse sido golpeada.

— Sim, meu senhor — ela sussurrou novamente.

Cyn olhou para Jabril, o rosto educado para não mostrar nada. — Obrigado, meu senhor. — Ela, provavelmente, devia ter dito mais, beijado a sua

bunda um pouco, mas a única coisa que ela queria naquele momento era tê-lo fora de sua vista. Ela seguiu Mirabelle através da porta, dando as costas para o vampiro com um ato de vontade, recusando-se a recuar de costas como uma espécie de escrava. Ele que se foda.

— O que ela quer? — Jabril perguntou quando as duas mulheres tinham ido embora.

— Ela pediu para falar com Mirabelle, meu senhor. Ela afirma que é relevante para o desaparecimento de Elizabeth, e segundo os relatórios do guarda, ela foi muito insistente.

— É possível ela tenha descoberto alguma coisa? — Jabril gesticulou para que Asim o seguisse quando ele caminhou em direção ao elevador e seu harém privado, a fome incitando-o a apressar-se.

— Improvável. O investigador mantém-se confiante de que ele vai encontrar a garota antes que seja tarde demais. Não creio que a Sra. Leighton possa fazer melhor. Ela é a filha mimada de um homem rico que brinca de ser uma detetive. Sem dúvida, ela já está cansada da vida noturna local e deseja encontrar uma desculpa para deixar o caso para que possa ir para casa.

— Talvez — disse Jabril distraidamente quando as portas do elevador se fecharam. Ele olhou para o relógio, pensando que havia tempo apenas para pegar uma escrava ou duas antes do amanhecer.

Como antes, Mirabelle parou à porta, respirando profundamente. Porém, ao contrário de antes, não havia nenhuma sensação de liberdade na ação. Ela ficou curvada, com as mãos fechadas e a respiração ofegante. Cyn percebeu que a menina estava chorando e estendeu a mão para tocar seu ombro. Mirabelle se encolheu pelo contato suave, dando um passo para trás.

— Sinto muito — Mirabelle disse em uma voz morta. — Por aqui, por favor.

Cynthia franziu a testa, mas caminhou silenciosamente por alguns passos. — Diga-me, Mirabelle — disse ela puxando conversa. — Se houvesse um incêndio, e você tivesse dez segundos para pegar tudo o que significasse algo para você, o que você levaria?

Mirabelle deu-lhe um olhar assustado antes de olhar para longe rapidamente. Cyn no início pensou que ela não iria responder, mas então ela disse: — Nada.

— Nada?

— Ele já tomou tudo de mim. Não há nada aqui que eu queira.

— É o que eu pensava. E quanto a Elizabeth?

— Elizabeth está desaparecida. E eu espero que ela continue assim. Sem ofensa, Sra. Leighton, mas eu espero que você nunca a encontre.

— Ah, eu já a encontrei.

Mirabelle parou em seu caminho, em seguida, virou-se para Cyn com um olhar frenético ao redor. — Você não pode entregá-la para ele! Você não sabe o que ele vai fazer?

Cyn lhe deu um pequeno sorriso. — Pense, Mirabelle. Eu sei que você tem uma mente, mesmo que ele nunca a deixe usar. Por que eu estaria aqui, procurando coisas de Elizabeth, quando eu já a encontrei? Porque não dizer a Jabril onde ela está e recolher o meu pagamento?

Mirabelle franziu o rosto em confusão e cansaço. — Eu não sei — ela chorou. — Por favor não... — Ela engoliu um soluço. — Por favor, não brinque comigo. Isso é tudo que eles sempre fazem, tudo que ele faz. E ele me machuca. Oh, Deus, ele me machuca muito. — Ela cobriu o rosto com as mãos, e de repente levantou a cabeça, olhando diretamente para Cyn, os olhos quentes com ódio. — Você quer saber o que eu faria se houvesse um incêndio nesta maldita casa? Eu cortaria minha garganta e pediria a Deus para os queimar até às cinzas comigo. Não há nada aqui que valha a pena salvar, nem mesmo a mim.

— Mirabelle. — Cyn falou secamente, alarmada pelo extremo estado emocional da menina. Ela precisava de Mirabelle calma se quisesse que o plano desse certo. — O que acontecerá quando eu sair daqui esta manhã? Jabril vai esperar para vê-la novamente, ou você está livre até que a noite caia?

— O quê? — Ela perguntou, claramente confusa pelo desvio que a conversa tinha tomado. — Porquê?

— Responda à pergunta. — Cyn exigiu.

— Não! Quero dizer, não, ele não vai querer me ver. Ele teve que tratar de algum grande negócio. Eu não sei o que era, mas ele não teve a chance de comer muito. Então, ele está com fome. Foi por isso que ele surtou quando você entrou, você é humana e feminina, seu controle estava escorregando. Está perto de nascer o sol, ele vai direto para seus aposentos e ter um pouco de orgia de sangue antes de ir dormir.

— Então você vai ter que voltar para seu quarto sozinha? E ninguém vai estar lá?

— Não. Não há ninguém, mas porque...

— E se eu dissesse que eu poderia tirá-la do Texas hoje à noite?

Os olhos de Mirabelle se arregalaram com medo e ela praticamente desabou no chão aos pés de Cyn. — Não, não. Você não deve. Você não deve falar essas coisas. Ele vai saber e vai me machucar. Ele não pode te tocar. Ele tem medo de você ou algo assim, mas ele vai me machucar tanto. — Ela estava chorando abertamente, sentada no chão e abraçando-se com força.

Cyn se agachou ao lado dela, falando diretamente em seu ouvido. — Ouça-me, Mirabelle. Esta é a sua chance. Você entendeu? Eu não posso devolver o que ele tomou de você. Eu não posso dar-lhe um marido e filhos e uma casa com cerca branca, mas posso lhe dar uma chance para uma vida real. Algo melhor do que viver com medo e esperando Jabril decidir que não precisa mais de você viva. Há senhores melhores que Jabril, lugares melhores para você do que o Texas. Esta é sua chance, Mirabelle. Pegue-a.

— Ele vai saber — ela sussurrou miseravelmente. — Ele não vai me deixar ir.

— Isso mesmo — concordou Cyn. — Ele vai saber. Mas o sol nascerá em... — Ela olhou o relógio. — Menos de uma hora. Jabril está muito ocupado vendo seu próprio conforto para se preocupar com o seu. Você caminha para longe de mim e sobe em minha caminhonete, e eu vou fazer o resto.

— Mas aonde eu vou... O sol... Eu nunca...

— Confie em mim. Dois minutos atrás você me disse que preferiria queimar até as cinzas a viver dessa maneira. Então, o que você tem a perder? Além disso, pense na confusão que geraria se eu deixasse isso acontecer. Como, diabos, eu iria explicar isso para a empresa de aluguel de automóveis?

Mirabelle deu uma espécie de riso estrangulado. — Você realmente acha que eu posso?

— Eu sei que você pode. — Cyn se levantou e estendeu a mão. — Agora, vamos dar o fora daqui antes que o sol apareça.

Mirabelle olhou primeiro em seu rosto, em seguida, para a mão estendida. Tremendo toda, ela estendeu a mão e colocou os dedos na mão de Cyn, e finalmente a agarrou firmemente. Cyn a puxou e lhe deu um abraço rápido. — Vamos nos fazer à pista, babe. A noite é velha.

Capítulo 14

Na sombra da casa grande, Cyn ajudou Mirabelle a subir na área de bagagem do carro e jogou a cobertura retrátil sobre ela. A jovem vampira já estava ficando fraca quando o sol mordiscou o horizonte e Cyn só esperava não ter errado no cálculo. Mirabelle precisava estar, pelo menos, meio consciente quando chegassem ao pequeno aeroporto privado. De maneira nenhuma Cyn poderia tirá-la do carro e colocá-la no avião. Com um olhar final e cuidado ao redor, ela virou a chave na ignição.

Os guardas humanos já se tinham juntado aos vampiros no portão e Cyn se lembrou de Raphael dizendo - parecia ter sido a uma centena de anos atrás - que quanto mais perto do amanhecer, mais distraídos e menos confiáveis os guardas vampiros seriam. Ela estava contando com essa distração agora e ficou aliviada quando o guarda vampiro que a tinha deixado entrar antes, bloqueou o seu caminho. Ela lhe deu um sorriso amigável, que ele ignorou, mas ele deu-lhe um olhar superficial antes de pisar para trás acenando com impaciência.

Cyn só soltou uma respiração completa quando chegou à via circular. Ela tinha verificado a rota mais cedo para traçar a sua fuga, utilizando o sistema de navegação do SUV no painel. Ela considerou evitar as rodovias por completo, aderindo assim às estradas, mas neste caso o caminho mais direto era também o mais seguro. Além disso, sendo uma garota da Califórnia, ela estava mais confortável em uma rodovia e ainda era cedo, por isso não devia haver trânsito matinal. Ela verificou a sua posição e deu um gás, correndo em direção ao campo Ellington.

— Você ainda está comigo, Mirabelle? — Cyn chamou, olhando automaticamente para o espelho retrovisor, embora não houvesse nada para ser visto, exceto a cobertura de carga preta. Em resposta, ela ouviu um gemido abafado que a preocupou muito, mas por agora, não havia nada que ela pudesse fazer. Ela tinha que chegar ao avião, tinha que tirá-las dali e ir para a Califórnia. Mas e se ela não conseguisse? E se fosse tarde demais? Jesus, o quê então? Ela considerou suas opções. Se ela perdesse o avião, ela teria que continuar no chão. Entre os vidros escuros e a cobertura de carga, Mirabelle estaria suficientemente segura do sol. Mas, quanto tempo levaria para chegar à fronteira do Arizona e ao território de Raphael? Jabril poderia encontrá-las nesse meio tempo? Ele sabia onde elas estavam, mesmo que o destino lógico não tivesse sido Arizona, ele tinha uma ligação de sangue com Mirabelle, e isso, era melhor do que qualquer GPS. E, se algo corresse mal, Cyn estaria presa em um SUV com o que seria, assim que anoitecesse, um vampiro enlouquecido.

Um par de faróis apareceu do nada em seu espelho retrovisor, chegando rápido. Oh Deus, ela pensou, é ele. Ele tinha ido procurar Mirabelle e viu que ela partiu? Ela dirigiu freneticamente, o seu olhar dançando entre a estrada e o seu espelho, observando a desgraça na forma de um sedã de cintura baixa. Ele andou até a sua traseira, tão perto que não conseguia ver os faróis, tão perto que ela estava convencida de que ele a iria jogar para fora da estrada. Ela puxou o SUV para a pista do lado, desviando perigosamente, e assistiu incrédula e atordoada quando o outro carro correu passando, e seu condutor, nem mesmo olhou na sua direção.

Ela respirou fundo e seguiu em frente, tremendo de frio quando a adrenalina abandonou o seu corpo.

Quando ela avistou o aeroporto, usou o seu telefone celular para ligar para um número predeterminado e o piloto do seu jato fretado a guiou para o hangar. Esta determinada companhia aérea oferecia algumas amenidades para a comunidade vampira; os seus anúncios eram sutis, mas óbvios, se você soubesse o que procurar. Quando Cyn entrou na segurança relativa do hangar privado, o nascer do sol já era uma promessa ou uma ameaça no horizonte. No momento em que as portas começaram a se fechar atrás dela, um pequeno feixe de luz já era visível. Lembrando o que Duncan tinha dito sobre Mirabelle ter maior sensibilidade ao sol, Cyn derrapou até parar o mais próximo do jatinho que conseguiu, em seguida, atirou-se do caminhão. A cabine do avião foi aberta, luzes interiores irradiando boas-vindas acima da escada curta. Eram apenas alguns degraus, mas Cyn começou a se desesperar. A companhia aérea podia convidar vampiros, mas eles deixavam claro que os passageiros tinham que embarcar no avião sob seu próprio pé.

— Por favor, que Mirabelle esteja desperta o suficiente para andar. — Ela sussurrou a oração para qualquer deus que protegesse vampiros e seus tolos amigos humanos.

— Mirabelle — ela chamou, abrindo a capota em silêncio. — Você ainda está acordada? — Ela verificou a área antes de liberar a cobertura da bagagem.

Mirabelle se enrolou em uma bola apertada, os olhos fechados. O sol estava chegando, seu cérebro sabia, pois este parecia lava quente contra seu crânio. Ela estava quase louca de medo, bombardeada por sensações que nunca antes sentira. Naquele momento, ela devia estar em casa, escondida no seu

armário debaixo dos seus cobertores reconfortantes, protegida por muros, cortinas e portas. Quando a escotilha de repente se abriu, ela gritou de forma incoerente e olhou aterrorizada para a mulher que estava enquadrada na luz artificial de um prédio desconhecido.

— Mirabelle? — Disse a mulher. Mirabelle piscou, tentando se concentrar em algo além da constante diminuição do ritmo de seu próprio coração. — Mirabelle, você tem que se mover, querida. Não temos muito tempo.

— Mover? — Mirabelle disse asperamente. Ela olhou a mulher estranha, lutando para ver, para distinguir detalhes contra o espesso nevoeiro que tinha rolado de algum lugar, escondendo tudo atrás de um véu de cinza. Ela lembrou-se de um nevoeiro. Os pais dela, em certo inverno, as haviam levado à praia, a ela e Elizabeth. As nuvens cinzentas assentavam na areia, parecendo uma parede de bolas de algodão sujo. Tinha sido estranho atravessar, sentir o apego, os dedos da névoa úmida em sua pele e cabelos.

—... Pressa... encontrar-nos... Eu não posso... Elizabeth...

A atenção de Mirabelle ficou mais aguçada. A mulher ainda estava falando. Elizabeth? E quanto a Elizabeth? A mulher queria ir com ela para algum lugar. Para ver Elizabeth? Será que Liz precisava dela, será que estava machucada? Será que Jabril a tinha tomado? Mirabelle se ergueu de forma estranha, devido a estar num espaço confinado. A mulher segurou a mão dela para ajudar. Ela era forte. Muito mais forte do que Mirabelle. Não, isso não poderia estar certo. Mirabelle era uma vampira. Ela devia ser mais forte. Ela deixou a mulher puxá-la de pé e deixou-se ser levada para junto de umas escadas. Não eram muitas escadas, apenas algumas. Em seguida, elas estavam lá dentro. Isso era bom. O sol já estava alto, ela tinha que se esconder. Estava escuro aqui, seguro. Ela tropeçou na escuridão, sentiu algo macio sob ela, e depois nada.

Cyn cambaleou sob o peso morto de Mirabelle e quase não conseguiu transportar a vampira para a cama estreita que ficava na parte de trás do avião. Ela fez o possível para endireitar os membros de Mirabelle, a cobriu com um cobertor leve, verificou a temperatura e voltou para a cabine principal. Ela fechou a porta atrás de si e correu pelo corredor curto, descendo dois degraus de cada vez de volta para o SUV e pegou sua mochila e mala. Deixou as chaves no banco. A locadora iria buscá-lo amanhã. Se alguém perguntasse, o hotel diria que ela iria permanecer lá hospedada por mais dois dias. Era uma mentira fraca, mas era tudo o que ela tinha.

O piloto a estava esperando na porta. Ele era o típico piloto - altura média, magro, de meia idade, boa aparência, mas nada de virar cabeças[8]. Ele cumprimentou-a pelo nome, tomando a sua mala com um sorriso impessoal antes de erguer as escadas do avião e fechar a escotilha. Cyn desabou no assento mais próximo, suas mãos segurando os braços, esperando que o avião decolasse.

Minutos depois, eles estavam levantando vôo e Houston estava ficando para trás. Cyn suspirou de alívio e todos os músculos do pescoço dela pareceram relaxar ao mesmo tempo. Seu tempo de vôo para Santa Monica seria cerca de três horas, cada minuto com sol brilhante. Ela arrancou as botas de salto alto e foi recuperar a mala, maravilhada com a carpete espessa sob seus pés descalços. A saia de couro e as botas entraram na mala, sendo substituídos pelos seus moletons desbotados e um par de meias.

Ela se serviu de um copo de vinho a partir do estoque de cortesia, e afundou na cadeira macia e confortável, apertando os botões, até que esta estava totalmente reclinada. Havia alturas, Cyn pensou, em que era bom ser filha de seu pai. Ele não tinha sido um pai muito presente, e Deus sabia que eles tinham pouca relação pai-filha até agora. Mas em momentos como este, quando ela precisava de um jato particular em um minuto, ela estava muito grata pelo nome Leighton e pelo fundo generoso que vinha com ele. Ela já estava quase dormindo quando o interfone tocou.

— Nós estamos na nossa altitude de navegação, Sra. Leighton. Parece que será uma viagem suave até Los Angeles.

Ela apertou o botão de resposta. — Obrigado. Provavelmente, vou dormir até chegarmos em terra, então não se preocupe.

— Sim, senhora. A informarei quando começarmos a nossa aproximação final.

— Parece perfeito. Obrigado novamente. — Ela puxou o cobertor e dormiu antes que ela tivesse tempo de se perguntar se ela sonharia.

[8] No sentido de quando ele vai a algum lugar as pessoas não viram a cabeça para olhá-lo, ou seja que ele tem uma aparência mediana.

Capítulo 15

Alguém estava gritando. Cyn pulou, tropeçou e estendeu o braço, incapaz de ver até mesmo sua própria mão. Estava escuro, mais negro que uma noite sem luar na praia, nem sequer um fraco brilho da luz das estrelas. Ela piscou rapidamente, as mãos levantadas para tocar seu próprio rosto, seus olhos abertos. Os gritos ficaram mais altos, cheios de dor. Seu coração batia descontroladamente enquanto tateava em direção ao som, apenas para descobrir que não havia nada a que se pudesse agarrar - sem paredes, sem mobília, nada.

Os gritos pararam, cortados no meio de uma inspiração, e Cyn congelou, lutando para respirar, para retardar sua palpitação, tentando ouvir. O espaço ao redor dela era enorme, ecoando em sua vacuidade. Um som quebrou o delicado silêncio, a voz suave de uma mulher, suplicando, em palavras que ela não conseguia entender. O riso cruel de um homem assobiou para fora e com um gemido de terror, o tormento da mulher foi retomado, enchendo a escuridão com o som do medo. Cyn se agachou perto do chão, os braços em volta da cabeça numa vã tentativa de bloquear o barulho terrível, cerrando os próprios lábios contra um gemido.

Algo a tocou na escuridão. Foi um leve roce contra o braço dela, mas agarrou-se. Frio. Mau. Jabril Karim.

Ela correu. Sua risada a seguindo, deliciando-se com seu medo, acariciando seu rosto, suas costas, com toques de ameaça. Ela sabia de alguma forma que ele estava brincando com ela, que ele poderia arrancá-la do escuro e mandá-la abaixo, afogando-a no miasma oleoso dele até sua voz se levantar para se juntar ao coro de desesperança.

Braços vieram em torno dela, segurando-a contra um peito largo. Ela lutou em silêncio, se recusando a dar um som de terror, apenas socos e pontapés.

— Se acalme, minha Cyn. — Ela congelou com a voz familiar, o mel doce e suave de veludo, embrulhando-a em segurança, afastando os gritos, fechando tudo com seu toque. Os braços apertados, a sua força lavando para longe o terror, seus lábios sensuais absorvendo as lágrimas, ela não sabia que as tinha derramado. Ela cedeu contra ele, seus braços deslizando ao redor de sua cintura fina, agarrando-se à sua força. — Durma por agora, doce Cyn.

Los Angeles, Califórnia

Cyn acordou, o coração ainda martelando com o terror. Ela se atrapalhou com os controles do assento desconhecido, finalmente empurrando a persiana aberta e deixando entrar a luz do dia na cabine escura. Ela fechou os olhos, sentindo o pesadelo desaparecer na força desse único feixe de luz.

A voz do piloto chegou pelo interfone, quando ele anunciou sua chegada iminente na área de L.A. Cyn ligou a luz pequena e finalmente encontrou a combinação correta de botões para deixar o assento na posição vertical. Em deferência a Mirabelle, ela puxou a cortina da janela para baixo e se levantou, esticando os braços para tocar o teto e depois o chão. Algum dia, num futuro próximo, ela teria que experimentar dormir numa cama.

Ela caminhou pelo corredor até a sala pequena e escura onde dormia Mirabelle. A jovem vampira estava intacta, os cabelos loiros jogando uma pálida luz tênue na cabine. Cyn fechou a porta de novo e entrou no banheiro do outro lado da sala.

O sinal do cinto de segurança estava piscando loucamente, quando ela voltou para a área de assentos. Pelo amor à variedade, ela escolheu uma cadeira diferente. Não que isso importasse, elas eram todas idênticas - grandes, confortáveis e estofadas de couro. Desenhadas para acomodar os bem alimentados empresários e as suas mulheres, ela supunha. Com um olhar para a porta fechada na parte de trás do avião, ela puxou a cortina da janela mais uma vez e olhou a vista familiar de L.A.

Cyn tinha aterrado em aeroportos de todo o mundo - alguns bonitos, alguns feios, alguns verdes, alguns no centro das maiores cidades do planeta - mas havia um sentimento especial em pousar no aeroporto de casa. Era saber que você iria em breve entrar em seu próprio carro e abrir sua própria porta da frente, comer do seu próprio frigorífico e tomar um banho em seu próprio banheiro. E a mais abençoada de todas, era saber que logo estaria dormindo em sua própria cama, debaixo de seus próprios lençóis. Era como nenhum outro sentimento no mundo. O avião desceu com um baque suave e ela estava em casa.

Parte do seu acordo com a empresa era o uso do avião privado até depois do pôr do sol. Essa era uma daquelas amenidades para vampiros, juntamente com o quarto de dormir sem janelas, agora ocupado por Mirabelle. Tinha soado ótimo na altura, precisamente o que ela precisava. Mas uma vez no chão, Cyn foi confrontada com a realidade de esperar várias horas para Mirabelle acordar. E ainda não era meio-dia.

Demasiado perturbada para dormir ou ficar sentada, Cyn rondou pelo corredor e verificou mais uma vez o sono da vampira. Ela deixou a porta do quarto entreaberta, por isso, se Mirabelle acordasse, ela teria pelo menos um pouco de luz para enxergar. Ela parecia bastante alterada, em Houston, e Cyn não queria que ela enlouquecesse quando acordasse em um lugar estranho.

No hangar, Cyn podia ouvir o zumbido constante de pequenos aviões decolando e pousando na pista vizinha, misturado com o barulho ocasional de um jato particular. Este aeroporto tratava exclusivamente a aviação em geral, de modo que, provavelmente, havia algo maior nas pistas do que o seu próprio jatinho fretado. O hangar em si era grande o suficiente para duas pessoas, mas a empresa havia lhe garantido que o edifício estaria vazio, exceto por ela.

Cyn preferiu ter certeza, então ela fez uma rápida caminhada à volta. Havia um escritório com janelas contra uma parede, com algumas mesas e os apetrechos de escritório habituais, mas a porta estava trancada e as luzes estavam apagadas. Havia ainda um par de banheiros e uma sala de manutenção de algum tipo, mas ninguém estava lá. Uma vez que ela tinha verificado as travas em todas as portas exteriores, ela voltou para o avião e sentou-se na escada para remexer na mochila à procura do seu telefone celular.

Havia várias mensagens do número de Raphael, que ela excluiu sem ouvir. Poderia ser uma chamada de Duncan, mas ela não quis arriscar. Raphael era muito bom em convencê-la que tudo o que ele queria era razoável. E, além disso, Cyn tinha seu orgulho. Ele se afastou e agora, de repente, ele a queria de volta. Seria coincidência que isso tenha acontecido logo depois de ela ter ido ao Texas se encontrar com um lorde rival? Cyn não acreditava em coincidências. Especialmente onde os vampiros estavam inclusos. Eles faziam Maquiavel parecer um amador.

Havia duas outras mensagens, uma de Dean Eckhoff, seu oficial de treinamento do DPLA, e uma de Lucia Shinn, sua amiga de colégio que dirigia o abrigo de adolescentes cujo nome ela havia dado à Ramona Hewitt e à amiga de Liz, Kelly. Ela chamou Lucia em primeiro lugar, na esperança de que Elizabeth tenha conseguido o número com Kelly e a tenha chamado.

— Olá? — A voz do adolescente tinha tanta suspeita e ressentimento que Cyn se perguntou por que o garoto se preocupou em atender ao telefone. Não que ela esperasse outra coisa. Luci dava aos "seus" miúdos o controle da casa, desde que obedecessem algumas regras básicas, que eram: nenhuma droga,

álcool, ou luta. Para além disso, eles eram encorajados a pensar no lugar como sua casa – algo que deu algumas boas lembranças para a maioria deles.

— Hey — Cyn disse. — Lucia está?

— Talvez. Quem está falando?

Ela revirou os olhos, mas engoliu sua impaciência. — Diga a ela que é Cynthia.

— Luci! — O garoto gritou tão alto que Cyn se afastou do telefone. — Você recebeu um telefonema!

Cyn ouviu a voz de Luci quando ela se aproximou do telefone, suave e sem pressa, como sempre. Se Luci levantou a voz alguma vez, Cyn nunca tinha ouvido falar. O recepcionista autonomeado passou seu nome, dizendo: — É uma mulher. Disse que se chamava Cynthia.

— Cyn! Onde você esteve? — Luci exclamou um instante depois.

— Ei, Luce. Você rima[9].

Luci gemeu. — Então por que você demorou tanto?

— Eu vi a sua mensagem há dois minutos, estive um pouco ocupada. Quando você ligou?

— Dois dias atrás. Onde você está?

— Sentada em um hangar de avião à espera do pôr do sol.

— Esperando pelo... — Luci suspirou. — Vampiros, de novo? Pensei que você estava no Texas. Uma pessoa do Serviço para crianças de lá ligou, Ramona Hewitt, e ela disse…

— Sim, ela me disse. Nós conversamos. Você não tem ouvido da minha menina desaparecida, não é? Elizabeth Hawthorn? Loira, olhos azuis, provavelmente com um pouco de sotaque?

— Não — disse Luci lentamente, como se estivesse a verificar alguma lista na sua cabeça. — Não. — Desta vez mais confiante. — O que faz você achar que ela está aqui?

— Ela é a razão pela qual eu estava no Texas. Seu guardião me contratou para encontrá-la, e eu tenho certeza que ela veio para LA, dei o seu número para uma amiga dela, daí a minha pergunta.

[9] Porque na frase anterior Luci diz: "Cyn! Where've you been?", e em inglês isso rima.

— Ok, estou confusa. Ela é uma vampira adolescente ou o quê?

— Não se eu puder evitar — Cyn disse severamente. — É uma longa história, mas se a garota aparecer, não chame ninguém além de mim, ok? Ela não quer voltar para o Texas.

Na outra ponta da linha, Lúcia suspirou. — Se ela disser que está tudo bem, você vai receber uma chamada, caso contrário...

— Yeah, yeah, eu sei como funciona. Diga a ela que Mirabelle está comigo, ela vai ligar.

— Quem é Mirabelle?

— Sua irmã mais velha e a razão pelo qual eu estou sentada em um hangar de avião, em vez de estar a caminho de casa. Como eu disse, longa história. Então você me ligou, o que está acontecendo?

Lúcia respirou fundo. — Preciso de sua ajuda.

— Qualquer coisa que eu possa fazer, você sabe disso.

— Você é provavelmente a única a quem eu posso recorrer para isso. Ouça... — A voz de Luci ficou abafada, como se ela estivesse protegendo o telefone. — Posso ir aí? — Ela perguntou. — Eu preferia não discutir isso pelo telefone.

Cyn recuou surpresa, mas disse: — Claro, se você não se importar de ser babá de uma vampira. Hey, enquanto você está vindo, poderia fazer um par de paragens para mim? Eu estou meio presa aqui...

Enquanto esperava que Luci aparecesse com o material que lhe pediu, Cyn chamou seu amigo Dean Eckhoff. Eckhoff tinha sido atribuído aos homicídios não muito tempo após Cyn ser novata, e eles permaneceram em contato depois que ela saiu da polícia. Ele a ajudou a rastrear um figurão da máfia russa local no mês passado, quando ela foi contratada por Raphael para encontrar a sua irmã seqüestrada.

Eckhoff também a tinha defendido, no rescaldo, quando uma agente disfarçada que vinha trabalhando na organização apareceu morta. Havia muita

gente na polícia de Los Angeles que ainda estava convencida de que Cynthia tinha sido, de algum modo, a responsável. A policial morta, Benita Carballo, tinha sido uma amiga de Cyn, ou assim ela pensou, até ao momento que Benita a traiu para um dos inimigos de Raphael que tinha intenção de sugar o sangue de Cyn até deixá-la seca. Cyn tinha escapado, por pouco. Benita não tinha. Seu corpo tinha sido encontrado, sem um pingo de sangue, dois dias depois e Eckhoff foi um dos poucos que acreditou que Cyn não teve nada a ver com aquilo.

O telefone finalmente tocou. — Eckhoff.

— É Cynthia.

— Sim. Temos que falar.

— Eu sou uma garota popular hoje. Todo mundo quer falar comigo. Você pode me dizer do que se trata?

— Não agora. — Fez uma pausa. — Você está no seu celular, certo?

— Sim.

— Eu te ligo em dez minutos. — Ele desligou o telefone.

Cyn virou seu telefone com uma carranca. Essas foram duas chamadas estranhas demais. Alguma coisa estava definitivamente acontecendo. Ela se levantou e esticou as pernas, em seguida, caminhou ao redor do hangar vazio, à espera que seu telefone tocasse. Quando isso aconteceu, ela respondeu imediatamente.

— Sim.

— Nós temos problemas e, goste ou não, você está no meio deles.

— Eu disse a eles tudo o que sabia sobre Benita.

— Não é isso. Ou não só isso, embora tenha certeza que isso não ajuda. Alguém anda a matar meninas, adolescentes em fuga, a maioria delas, nós temos cinco vítimas até agora. Tudo feito por alguém com dentes afiados e um gosto por sangue.

— Impossível. Raphael nunca...

— E aí está o seu problema — ele a cortou — Você está muito perto dos sanguessugas, Cyn. As pessoas por aqui estão lembrando-se de Carballo e seu nome continua a aparecer.

— Oh Cristo, e agora? Estou ajudando alguns cretinos a matar meninas? Pelo amor de Deus.

— Eu não disse que acreditava. — disse ele levemente, e Cyn podia ouvir a raiva sob suas palavras.

— Você está certo. Sinto muito. Tem sido um par de dias longos. Escute, eu nem sequer estava em Los Angeles na semana passada. Cheguei uma hora atrás.

— Bem, isso já é alguma coisa.

— Eu estou lhe dizendo, não há nenhuma maneira no inferno de Raphael tolerar um de seus próprios matando assim. Algo não está certo sobre isso. Há quanto tempo está acontecendo?

— Você sabe que eu não deveria dizer nada. Conseguimos mantê-lo fora dos jornais, porque as vítimas em sua maior parte vivem nas ruas. Mas é apenas uma questão de tempo.

— Você não teria me chamado se você não tivesse algo a dizer, chefe.

Ele suspirou, ficando quieto como se estivesse pensando sobre o seu próximo movimento. — Você está certa. Okay. Cinco meninas em menos de um mês.

— Jesus! Ele é um filho da puta ocupado. Luci Shinn vem tentando falar comigo também. É por isso?

— Provavelmente. Ela está ameaçando ir à imprensa, se não fizermos alguma coisa.

— Você já falou com ela?

— O caso não é meu, mas eu acho que ninguém falou, seja com quem for, até agora.

— Você sabe, se você tivesse alguns minutos para falar com Luci, ela podia realmente ajudá-lo. E alguém se preocupou em chamar Raphael? Ele saberia se...

— Como eu disse, não é o meu caso, não é a minha decisão.

— Bem, merda, Eckhoff! — Ela pensou por um minuto. — Posso ver os corpos?

— O quê?

— Posso ver os corpos?

— Para que inferno quer ver os corpos?

— Porque eu posso te dizer se um vampiro realmente fez isso.

— O médico diz...

— O médico está com pressa. Meninas sem-teto não fazem manchetes. Ele vê uma mordida no pescoço e sangue e diz: vampiro. Deixe-me ver os corpos, Eckhoff. Talvez eu possa ajudar, e você sabe que eu posso falar com os vampiros e com a Luci para você.

Houve um longo silêncio. — Okay. Mas você vai ter que manter um perfil baixo. Vou falar com o meu cara no escritório do médico legista e ver o que posso fazer. Você estará acessível?

— Estarei inacessível até que o sol...

— Eu nem vou perguntar a razão. Fique perto do seu celular. Quando souber de algo, eu ligo. — Ele desligou sem nem se despedir.

Cyn levantou-se e meditou por alguns minutos, olhando para o nada, chateada por estar presa naquele hangar estúpido. Caramba, caramba, caramba. Agora ela se sentia culpada. E se todas as chamadas do número de Raphael foram por causa dessa coisa de vampiro assassino? Se não tivesse sido Raphael, mas sim Duncan ou outra pessoa querendo a sua ajuda para lidar com a polícia humana? Talvez Raphael não estivesse definhando por ela, afinal. E isso não era uma merda?

Ela teria que telefonar e não apenas por causa dos assassinatos. Mirabelle precisava da bênção de Raphael para poder ficar na Califórnia, o que provavelmente significava uma petição para sua proteção ou algo assim. Os vampiros apreciavam cerimônias e tradições. Mirabelle provavelmente teria que fazer algum tipo de juramento arcaico, algo envolvendo sangue, ela tinha certeza. Terrivelmente gótico, mas o que quer que fosse, tinha que ser melhor do que viver como brinquedo privado de Jabril. Nada mudava o fato de que Cyn teria que chamar Raphael. Talvez ela pudesse chegar a Duncan em seu lugar. — Vai sonhando — ela murmurou em voz alta. Ecos fracos zombaram dela das alturas do hangar vazio. Ela olhou para o relógio e quase gemeu. Horas ainda para matar. Ela subiu os degraus de volta para o avião e esperou.

No momento em que Lucia ligou para dizer que estava no lado de fora do hangar, Cyn não pôde chegar à porta rápido o suficiente. Tinha se passado quase uma hora desde que ela tinha falado com Eckhoff. Ela já havia tentado fazer listas de coisas para fazer, listas de pistas para seguir, listas de pessoas para conversar, listas de pessoas famosas que ela achava que estavam mortas. Ela até tentou dormir, por cerca de dois minutos. Finalmente, ela vestiu o

moletom e tênis e tinha começado a fazer voltas em torno do interior do edifício abafado. Quando Luci chegou, ela mudou seu padrão e correu até a porta para deixá-la entrar, então ficou ali ofegando como um cão, uma mão sobre o seu lado que estava começando a doer.

Luci olhou para o rosto de Cyn coberto de suor e balançou a cabeça em diversão. — Você não encontrou outra coisa para fazer com seu tempo?

— Eu não conseguia ficar parada — Cyn ofegou. — Muita coisa em minha mente.

— Essa é uma desculpa. Ok, eu acho que tenho tudo o que você queria e eu trouxe um pouco de comida, mas... — Ela deu a Cyn um olhar de cima para baixo, enrugando o nariz apesar de Cyn ser mais alta do que ela. — Talvez você queira se limpar antes de comer.

— O que você trouxe?

— Sanduíches do Bruno. Ninguém diria ao olhar para você, mas está frio lá fora e eu pensei que algo quente seria bom. Existe um chuveiro por aqui?

Cyn sorriu. — Você está insinuando que eu cheiro mal?

— Eu nunca seria tão bruta. — Luci olhou ao redor do hangar vazio, com um suspiro, então, mudou seu olhar do jato de volta para Cyn, sobrancelhas perfeitamente tratadas, olhos amendoados. — Eu acho que estamos comendo aí?

Cyn riu e acenou com a cabeça. — É muito bom, na verdade, e há muitas bebidas frias. Deixe-me lavar. — Ela foi para o banheiro das mulheres, virando-se para andar para trás e dizer: — Dean Eckhoff me chamou.

— Então, você sabe por que estou aqui — disse Luci severamente. — Eu não consigo fazer nenhum desses bastardos falarem comigo. As minhas crianças não significam nada para eles.

— Isso não é verdade, Luce. Olhe, deixa eu me limpar e vamos conversar.

Capítulo 16

Cyn lambeu o molho de tomate de seus dedos e gemeu com prazer. — Deus, isso é bom. Eu juro que não comi qualquer alimento real em dias. Entre ficar acordada a noite toda com aquele idiota do Jabril e tentar encontrar alguém numa cidade estranha sem nenhuma pista, eu mal encontrava tempo para comer um sanduíche do serviço de quarto. Embora eu tenha comido alguns rolos de ovos ou algo assim no bar do hotel. Não é o que eu esperava de Houston, mas... — Ela deu de ombros. — Eu acho que não se deve esperar um convite para um churrasco de um vampiro, hein?

— Dificilmente. Pessoalmente, eu acho que não aceitaria qualquer convite para jantar de um vampiro. Eu ficaria muito preocupada com o quê - ou quem - estaria no cardápio. Especialmente por mim.

Cyn riu. — Não acredite no cinema. Muitos vampiros são bastante cuidadosos sobre o consentimento nestes dias. — Ela colocou o último pedaço do sanduíche de lingüiça em sua boca e usou um punhado de guardanapos para limpar o restante molho e gordura de seus dedos, enquanto ela mastigava. — Então — disse ela. — Eckhoff realmente me chamou por causa de suas meninas desaparecidas. Você sabia que a polícia pensa que um vampiro está fazendo isso?

Luci franziu o cenho. — Por que eles pensam isso?

— Isso é o que eu vou descobrir. Dean vai me colocar no necrotério para ver os corpos. — Luci fez uma careta de desagrado, mas Cyn continuou. — Eu devo ser capaz de dizer se foi obra de um vampiro, embora eu realmente duvide. Os lordes vampiros lideram os seus muito bem. Algo como isso poderia causar muitos problemas e ninguém quer isso.

— Talvez seja algo interno. Você sabe, alguém que queira causar problemas.

Cyn balançou a cabeça. — Não que eles não se odeiam às vezes. Acredite em mim, nisso eles são exatamente como o resto de nós. Mas ao que parece, isso é ruim para todos, não apenas para um ou dois.

— Bem, se eles são realmente como nós, talvez alguém se perdeu ao longo da borda. Você sabe, enlouqueceu.

— Possível. Raphael esteve me chamando também, eu não sei por quê. Obviamente, eu ainda não fui capaz de chamá-lo de volta.

Luci franziu o cenho. — Eu pensei que você e ele estavam...

— Nós estávamos, quer dizer, nós estamos — acrescentou Cyn rapidamente. — Mas isso não é pessoal, são negócios. Eu sei que você não gosta dele, Luce...

— Porque ele te machucou.

— Nem tudo era...

Luci deu-lhe um olhar de reprovação. — Ele partiu seu coração.

Cyn respirou fundo ao lembrar-se desse pormenor. Ela quase conseguiu esquecê-lo na pressa dos acontecimentos, já não pensava nisso desde que ela decidiu resgatar Mirabelle. — Sim. — disse ela e continuou calmamente. — Mas Raphael é um empresário, Luci. E isso é muito ruim para os negócios. Se ele souber sobre isso, então ele está tentando pará-lo.

— Sinto muito, querida.

— Não. Não, você está certa. Eu deixei-me levar por um minuto. Olha, Eckhoff vai me ligar quando ele tiver alguma coisa planejada. Provavelmente mais tarde, esta noite, quando o necrotério estiver mais vazio. Vou lá e falo com ele um pouco mais, depois deixarei você saber o que eu descobri. Porém Luci, você tem que manter isso para si. Se Dean souber que eu estou falando com você, ele vai ficar puto como o inferno e eu não irei conseguir saber de nada.

Luci fez um movimento como se zipando os seus lábios, em seguida, abriu-os e disse: — Eu confio em você. Não confio em Eckhoff ou qualquer daqueles sujeitos, mas eu sei que você vai fazer o que é certo.

— Ok, obrigado. Então, o que você pode me dizer sobre as meninas mortas? Alguma delas era sua?

— Eu não sei muito, nem mesmo seus nomes, exceto o da mais recente. Ela nos visitava regularmente - Carlene. Isso é tudo que eu sei, seu primeiro nome, e que ela estava perto dos dezoito, talvez dezenove anos. Você sabe como é, Cyn, você tem sorte se eles lhe disseram o seu verdadeiro nome. Eu venho tentando descobrir mais sobre o resto das vítimas. Você pensaria que a polícia estaria feliz por alguém querer ajudar a descobrir quem são as vítimas, mas eles nem sequer se abrem a uma cooperação.

— É complicado, Luce. Os assassinatos ocorreram em jurisdições diferentes, cidades diferentes. Provavelmente levou um tempo até os policiais conectarem os casos uns aos outros, e ainda mais para começarem a cooperar

entre si. Mas acredite em mim, eles querem encontrar o assassino tanto quanto você.

Luci deu-lhe um olhar cético.

— Ok, bem, talvez não tanto quanto você, mas você é única.

— Sim, eu sou. — ela fungou.

Cyn sorriu. — Vá para casa, Luce. Volte para seus meninos, depois eu ligo.

Lucia se levantou, recolhendo o lixo e empurrando tudo para dentro de um saco de papel manchado de gordura. — Você é uma má influência. Eu não sei como deixei você me convencer a comer esse lixo — ela reclamou, limpando as mãos.

— Porque é gostoso. Será que você teve a chance de... — Ela parou quando viu que Luci segurava um saco com o logo da Gap.

— Foi o melhor que eu pude fazer em tão pouco tempo, acho que está tudo aí.

— É perfeito, Luce. Obrigada. Vou levá-la às compras nos próximos dias, mas você não iria acreditar no que ela está vestindo. Ela tem 23 anos, mas se veste como a avó de alguém. Não a minha avó, é claro, ela jamais usaria aquelas roupas.

— Sua avó tem um excelente gosto. Eu a vi em um banquete na semana passada.

— Você a vê mais do que eu.

— Isso é porque eu realmente participo nos eventos da minha comunidade.

— Uh huh. — Cyn não mordeu a isca. Luci estava sempre atrás dela para assistir a alguns eventos para fundos de confraternização. Cyn deu a sua amiga um sorriso doce.

Luci sacudiu a cabeça com desgosto. — Okay. Estou indo. Não me deixe pendurada, Cyn. Ligue-me. Mesmo se você não tiver nada de novo para me contar, você precisa ligar, ok?

— Não conte com uma chamada hoje à noite. Provavelmente, quando eu for me encontrar com Eckhoff já será tarde, e poderá levar algum tempo para pensar sobre o que eu descobrir. — Elas andaram juntas até a porta do hangar, e Cyn pegou um olhar preocupado no rosto de sua amiga. — Não se preocupe Luce, eu te ligo amanhã à noite, o mais tardar.

— Não é com isso que eu estou preocupada.

— Não se preocupe com isso também. Raphael e eu pertencemos ao passado. Isto é estritamente empresarial.

— Se você diz. — Luci abriu o carro, em seguida, jogou sua bolsa dentro e deslizou para o banco do motorista. Iniciou o carro, deu um pequeno aceno através da janela e em seguida foi embora.

Cyn retornou o aceno com um sorriso. Ela não fazia amigos com facilidade e raramente os mantinha, uma vez que os fazia. Mas os amigos que ela mantinha eram importantes para ela. Benita tinha sido importante. Sua morte tinha sido dolorosa, em parte, porque ela tinha traído Cyn, mas também porque ela se foi. Cyn sentia falta dela, apesar de tudo. Protegendo os olhos contra o sol, que tinha quebrado para fora da cobertura de nuvens em tempo de um pôr do sol brilhante, ela assistiu Luci fazer uma curva e desaparecer de vista. Então ela pegou o telefone celular.

Ela esperou pela saudação automatizada e disse — Duncan, é Cynthia Leighton. Você tem meu número. — Não demoraria muito tempo. Os vampiros acordariam em breve, e Cyn tinha alguns corpos para visitar.

Capítulo 17

Quando ficou escuro dentro do hangar, Cyn localizou a caixa da luz principal e ligou todas as luzes até que o local estivesse totalmente iluminado. Ela voltou ao avião e ligou algumas luzes na cabine, depois foi até ao corredor e abriu a porta do quarto em que Mirabelle dormia, para que quando ela acordasse visse tanta luz quanto possível.

Depois disso, não havia nada a fazer senão esperar um pouco mais, então ela se pôs a passear para frente e para trás na frente do avião, parando de vez em quanto, quando pensava ter ouvido algo, então continuava a andar. Ela estava tão empenhada em escutar Mirabelle que o toque do seu telefone celular a surpreendeu. Com uma mão sobre o seu coração sobressaltado, ela verificou o visor e abriu.

— Olá, Duncan.

— Sra. Leighton.

— Sinto muito, por não tê-lo contatado mais cedo — disse ela.

— Recebeu as minhas mensagens? — Ele conseguiu colocar um mundo de desaprovação e decepção naquelas quatro palavras.

— Hum, sim. Mais ou menos. Meu celular está agindo estranho.

— Eu vejo.

Ela limpou a garganta para ter certeza que a voz saía limpa e disse: — Sinto muito, ok. Eu pensei que... Não importa o que eu pensei. O que posso fazer por você? — Disse ela em sua voz profissional.

— Onde você está?

— Aeroporto de Santa Monica, na verdade. — O que a lembrou. — Escute, eu preciso falar com você...

— Quando você voltou? — Ele parecia perplexo.

— Voltei esta manhã. Desde então, estive aqui sentada esperando o pôr do sol.

— Pôr do sol. — Ele ficou em silêncio por algum tempo. — Tem alguém com você, Cynthia?

— Sim.

— Mirabelle Hawthorn.

— Sim. Não o diga Duncan. Ela está aqui e veio para ficar. Eu não podia deixá-la lá.

— Jabril não ficará feliz por tê-la perdido, Cynthia.

— Que pena. Ele não pode mantê-la prisioneira, pode? Quero dizer, vocês devem ter algum tipo de processo para vampiros que mudam de lugar. Eles não têm que ficar sempre no mesmo lugar, certo?

— Não, de fato.

— Cristo em uma muleta, Duncan. Basta dessa merda de vampiro inescrutável. O que eu faço agora?

— Onde está Mirabelle?

— Ainda está dormindo. Eu fretei um avião e paguei um extra para tê-lo no hangar até depois do anoitecer... — Cyn parou, pensando que tinha ouvido um movimento dentro do avião. — Desculpe Duncan, — ela continuou ausente, ainda olhando para o avião em silêncio. — Eu pensei que tinha ouvido Mirabelle se movendo ao redor, mas talvez não. Ela já não deveria estar acordada? Quer dizer, você é...

— Muito mais velho do que ela. — ele respondeu. — É provável que ela não acorde até bem depois que o sol tenha se posto, embora já não demore muito. Você já fez arranjos para ela se alimentar?

— Se alimentar? Oh, Merda. Eu nem sequer pensei nisso. O que eu... Merda! — Cyn começou a andar novamente, sua mente correndo através das possibilidades. — Suponho que numa situação desesperada como essa, eu poderia...

— Não — Duncan interrompeu fortemente — lhe dê o seu sangue. Você me entende, Cynthia? Sob nenhuma circunstância.

— Que nojento, Duncan. Eu ia dizer que eu poderia chamar Lonnie. — Lonnie trabalhava para Raphael, correndo um circuito de casas de festa em várias partes de Los Angeles, onde as pessoas se alinhavam ansiosamente pela oportunidade de se misturar com os vampiros, doando sangue direto da veia, a fim de desfrutar do sexo que era oferecido em troca. Lonnie podia ser encontrado na casa de Malibu, com gente bonita. — Mas por que... — Cyn

estava prestes a perguntar por que Duncan tinha sido tão enfático sobre o compartilhamento de seu próprio sangue, então respirou. — Raphael.

— Senhor Raphael — ele concordou com seriedade. — Ele não partilha de bom grado.

— Que direito tem ele...

— As conseqüências não seriam para você, mas para Mirabelle, Cynthia. E não é só a alimentação que ela vai necessitar, há a questão da proteção.

— Tudo bem, tudo bem. Então, o que... — Cyn girou quando um baque surdo ecoou pelo hangar. Ela olhou para o pequeno avião, tentando ver se alguém estava se movendo dentro. — Duncan. — disse ela em voz baixa. — Eu acho que ela está acordada.

Mirabelle acordou lentamente, seu corpo fraco, sua mente entorpecida, sem a clareza que ela geralmente experimentava quando despertava. Ela ficou imóvel, como sempre, ouvindo, farejando o ar. Ela abriu os olhos. Luz. Havia muita luz. Alguém tinha aberto a porta do armário enquanto ela dormia? Estava alguém esperando...

Seu coração saltou em pânico quando os seus sentidos a chutaram. Ela não estava no seu armário. Este não era o seu cobertor - ela afastou a coberta estranha e olhou para si mesma - ela tinha dormido com a sua roupa, algo que ela nunca fazia. Ela expandiu seus pulmões, e chegaram-lhe aromas estranhos de metal, óleo, e comida, algo picante, ela não se lembrava de nenhuma comida com aquele cheiro.

Ela se sentou, empurrando o cobertor com as mãos trêmulas, lutando para sair da cama. Estava em uma espécie de plataforma, escondida em um quarto pequeno, cercada de paredes por três lados e a sua saia longa não possibilitava grandes movimentos. Suas pernas caíram sobre a borda do colchão e os pés tocaram o chão acarpetado. A porta que estava à sua frente se encontrava aberta, luz artificial irradiava do corredor. Levantou-se lentamente, uma mão deslizando para a parede mais próxima para obter suporte. Ela tinha pavor de sair para a luz, mas também tinha medo de ficar na escuridão. A fome decidiu por ela, golpeando sem aviso e dolorosamente intensa. Ela ficou aterrorizada. E se não houvesse sangue? Será que ia morrer? Ela tinha ouvido histórias de vampiros que ficavam vivos por meses, anos até, sem sustento. Histórias de horror.

Ela deu um passo em direção à luz, chorando quando uma súbita pontada de dor a levou a ficar de joelhos, se curvando numa bola apertada de agonia. Jabril Karim. Só ele poderia fazer isso, mas por quê? O que ela tinha feito? A dor dobrou, então triplicou e ela gritava mais e mais, incapaz de fazer qualquer coisa que não fosse dar voz ao tormento do seu corpo. Cada nervo estava pegando fogo, todos os músculos encolhendo e esticando ao acaso até que ela pensou que sua pele se romperia e seu corpo iria voar além. Sem nenhum aviso, a dor se foi, parando tão rapidamente como tinha começado. No silêncio, ouviu um sussurrar. Ela se mexeu em direção à luz, mas os sussurros continuaram, crescendo mais alto, perseguindo, ameaçando-a com mais tortura, mais agonia se ela não... O quê? O que eles querem que ela faça? — Ouça.

Mirabelle ouviu e balançou a cabeça, horrorizada com o que ouviu. — Ouça — a voz exigiu novamente. — Olhe. — Ela vislumbrou uma imagem. Uma mulher de cabelos escuros, seu corpo deitado de barriga, mole. O seu rosto bonito, estava com cortes, grandes e sangrentos, que Mirabelle... Ela ofegou em voz alta e olhou para as próprias mãos, seus dedos se enroscaram em garras como as de um animal. Ela provou seu próprio sangue quando as presas dividiram suas gengivas, forçando seu caminho por entre os lábios. Ela respirou fundo, estremecendo devido ao horror, então ela se levantou e deu uma guinada em direção à porta aberta.

Capítulo 18

Os gritos ecoaram no pequeno jato, enchendo o hangar cavernoso e ricocheteando nas paredes de metal. Cyn correu para as escadas, tropeçando através da escotilha estreita a tempo de ver Mirabelle se agachar no chão ao lado de fora do compartimento para dormir, os olhos rolando branco com terror. Quando ela viu Cyn, ela recuou para o canto, com dentes à mostra, presas distendidas.

— Jesus, o que...

— Cynthia! — Duncan estava gritando em seu ouvido. — Não...

— Depressa, Duncan. — ela fechou o telefone e deu um passo adiante. Mirabelle estava agachada contra a parede, sibilando desafiadoramente, as mãos enroladas como garras na frente dela.

— Mirabelle. — Cyn disse, estendendo a mão — Mirabelle sou eu. Cynthia. Você está bem. Você está segura.

Mirabelle congelou. Ela olhou em silêncio no início, então fechou os olhos e começou a balançar-se para trás e para frente, sussurrando algo, resmungando para si mesma. Cyn deu um passo em frente, tentando entender o que a vampira dizia.

— Por favor, por favor. Me desculpe, desculpe... — A menina estava repetindo as mesmas palavras vezes e vezes sem conta, os braços envolvidos com tanta força sobre seu corpo que estava retirando sangue com suas próprias garras. Seu corpo balançava ao ritmo de suas palavras, a cabeça batendo suavemente na divisão atrás dela, com cada ciclo.

Cyn não sabia o que fazer.

Por que não pensou sobre isso, por que não arranjou alguém para estar aqui, alguém que sabia o que fazer? Jesus, quanto tempo demoraria Duncan a chegar?

O telefone tocou e ela agarrou-o. — Duncan?

— Qual empresa aérea você usou?

— Lonnie?

— Eu mesmo, babe. Qual companhia aérea? — Ela disse a ele. — Sei qual é. — Ele disse alguma coisa, provavelmente para quem estava dirigindo. — Agüenta, Cyn.

Ela queria gritar para ele se apressar, mas uma olhada para Mirabelle disse-lhe que gritar, provavelmente, não era uma boa idéia. Ela pensou sobre a porta do hangar. Estava bloqueada? Ela não conseguia se lembrar. Mas, que diabos, eles eram vampiros. Se eles queriam a porta aberta, eles abririam. E, além disso, Mirabelle tinha aberto novamente os olhos e estava olhando para Cyn com um olhar de fome.

— Ok, vamos manter a calma aqui, Mirabelle. Eu sei que você está com fome, mas Lonnie... Bem, você não o conhece, mas ele está trazendo sangue.

Mirabelle sibilou com raiva... Ela se inclinou um pouco para a frente, como se estivesse se preparando para atacar? Cristo, talvez fosse melhor não falar sobre comida, depois de tudo. Cyn ficou em silêncio e começou a calcular quanto tempo levaria para alguém chegar - Duncan ou Lonnie, ela não se importava qual. Qualquer um deles poderia lidar com isso melhor do que ela. Ela traçou mentalmente o percurso de Duncan desde Malibu até ao aeroporto, talvez tenha parado para pegar Lonnie? Sim, tudo bem, mas isso não teria tomado muito tempo, Lonnie devia ter esperado no lado de fora da casa e pulado dentro do carro rapidamente.

Claro, havia o trânsito. Mas a esta hora do dia, indo para sul, não devia estar muito ruim. Suas pernas a estavam matando, pois ela estava agachada no corredor estreito, ela tinha medo de se mover. Mirabelle parecia estar em uma espécie de espera vigilante. Meu Deus, à espera de quê? Isto era como aqueles shows da natureza mostrados na televisão, onde o leão senta e espera o antílope cair na exaustão, para depois atacar?

Ela estava tão concentrada a olhar para a vampira que tinha se esquecido que estava a segurar o telefone. Quando ele tocou, ela quase o deixou cair no chão. — Onde você está? — Ela sussurrou. Ouviu o medo em sua própria voz e amaldiçoou.

— Cinco minutos, babe. — Era Lonnie novamente. Ele falou com alguém, e então disse: — Há algum carro na frente do seu hangar?

— Não da última vez que eu olhei. Tenho todas as luzes acesas.

— Ok, já vi. Estamos quase lá.

Ela ouviu o som de um carro e depois ouviu a porta do hangar ser aberta. Um bater de passos no chão de concreto e depois passos a subir as escadas. Ela virou-se para Duncan quando ele entrou pela porta... E Mirabelle atacou.

Capítulo 19

Cyn ouviu um movimento atrás dela e então ela estava caindo, Duncan agarrou seus ombros e colocou-a nos braços de Lonnie. — Duncan — ela gritou, lutando contra o aperto de Lonnie. — Não machuque... — Ela soltou-se, tropeçando a tempo de ver Mirabelle congelar, com os olhos travados em Duncan. Ele estendeu a mão para ela, baixa, num gesto não ameaçador.

— Está tudo bem, pequena — disse ele em voz baixa. — Você está segura.

Mirabelle olhou cautelosamente para o vampiro estranho que vinha em sua direção. Ele tinha um rosto bondoso – seus grandes olhos castanhos eram gentis, mostravam preocupação por ela e sua voz tinha um sotaque sulista que lhe lembrava o seu pai. A sensação de calor a cercava, cobrindo-a, selando-a... As vozes.

Ela começou, de repente, a perceber que as vozes tinham sumido, nem mesmo um sussurro havia permanecido. Ela fechou os olhos, sentindo as lágrimas começarem a rolar pelo seu rosto.

O vampiro tinha se agachado na frente dela e estava dizendo alguma coisa. Ela olhou para cima. — Quem é você? — Ela sussurrou.

— Meu nome é Duncan e eu vou cuidar de você.

— Ele me quer de volta.

— Eu sei.

— Eu não vou voltar. Eu não posso.

Ele balançou a cabeça. — Eu sei. Você não precisa se preocupar com isso. Está com fome?

— Sim — ela admitiu em voz baixa.

— É claro que você está. Você teve um tempo difícil, Mirabelle, mas não mais. Você pode beber de uma bolsa?

— Sim. É a única coisa que eu sei fazer — Ela tinha vergonha de admitir isso.

— Eu vejo. Bem, tudo bem então. — Ele girou sem levantar-se e disse alguma coisa para as duas pessoas que estavam atrás dele. Mirabelle olhou para cima, realmente vendo pela primeira vez. Outro vampiro com cabelos longos e... — Cynthia — ela disse suavemente, com admiração.

— Hey — a investigadora respondeu com um sorriso. — Você me assustou. Você está bem?

— Sinto muito.

— Não se preocupe, querida. Nós vamos cuidar de você.

Mirabelle baixou a cabeça, aliviada e envergonhada ao mesmo tempo. Duncan ainda estava falando, dizendo algo em uma voz baixa ao outro vampiro, depois a Cynthia. Mirabelle ainda estava muito desorientada para ouvir as palavras, mas o outro vampiro, aquele com o cabelo comprido, estava segurando uma espécie de caixa. Ela sentiu o cheiro de sangue e a fome torceu ferozmente dentro dela, como se soubesse que o sustento estava perto. Ela observou avidamente quando o vampiro colocou a caixa no chão e deixou a cabine do avião. Cynthia encarava Duncan com uma expressão obstinada. Finalmente desistindo, ela chegou ao outro lado do assento e puxou um grande saco de compras, empurrou-o para Duncan e murmurou um juramento antes de sair pela escotilha aberta.

Cyn desceu as escadas, frustrada por Duncan não a ter deixado ficar. — Que diabos foi aquilo? — Ela perguntou a Lonnie.

— Aquilo — disse ele — Era provavelmente o seu Senhor tentando forçá-la a voltar para ele. Duncan o bloqueou por agora.

Ela olhou para ele com espanto. — Duncan pode fazer isso?

Lonnie deu-lhe um olhar divertido. — Você não chega ao cargo de tenente do Senhor Raphael por ser um amor.

— Oh. Eu acho que nunca pensei nisso dessa forma.

— Não há razão para que você deva, babe. — Ela deu-lhe uma carranca indiferente pelo carinho odiado.

— O que ele está fazendo lá?

— A alimentação infantil. Eu trouxe alguns pacotes a mais, não sabia a extensão da fome dela.

— Por que Duncan não me deixou ficar?

— A menina está envergonhada. Ela é jovem, mas um vampiro da sua idade já deveria se alimentar a partir de uma veia. É como uma criança de seis anos de idade ainda usando mamadeira. Não é culpa dela, é claro, mas... — Ele encolheu os ombros.

— Então, o que fazemos agora?

— Vamos esperar por Duncan para se decidir o que acontece em seguida.

Cyn não gostou do som daquilo. — Eu acho que deve ser Mirabelle a decidir, não Duncan. Eu não a trouxe de tão longe para que outra pessoa...

— Cyn, a garota precisa de ajuda.

Ela tinha que admitir que era verdade. E Duncan tinha vindo, então ela estava disposta a ouvir o que ele tinha a dizer. Isso não queria dizer que ela faria o que ele dissesse, mas ela ouviria. — Então, vocês voltaram para Malibu? Pensei que tinham se mudado para as montanhas depois do que aconteceu com Pushkin. — O falecido Pushkin, era o vampiro que tinha tentado derrubar Raphael, seqüestrando sua irmã, Alexandra, para usá-la como isca.

— Nós o fizemos. Não durou muito tempo. O grandalhão odeia o frio.

— Raphael também está aqui?

Lonnie deu-lhe um olhar astuto, então riu, mas ficou sério quando Duncan apareceu no topo das escadas, e depois desceu na direção deles.

— Como ela está? — Cyn perguntou a ele.

— Tão bem quanto se pode esperar — disse ele rapidamente, com aquele sotaque sulista que vinha de tempos da sua memória. — Ela está fraca e desnutrida; seu antigo mestre fez de tudo para mantê-la em servidão, ele abusou fisicamente dela por anos. Nós não tínhamos idéia. — Ele balançou a cabeça. — Sabíamos que ele a tinha transformado jovem; suspeitávamos de coerção, mas isso...

— Você já conheceu Jabril Karim? — Cyn perguntou.

— Não em todas as palavras, não. Eu o vi, é claro, nas reuniões. Os senhores raramente socializam além das formalidades, e Jabril Karim ainda menos que os outros.

— Bem, eu o fiz. O cara é uma bola de merda total. Ele mantém um harém de escravos de sangue em seu porão, não ficaria surpresa se ele já tivesse enterrado um corpo ou dois na sua propriedade.

Duncan olhou para ela em alarme. — Será que ele, isto é, você foi…

— Não — disse Cyn. — Ele esteve próximo em certa altura, mas não.

— Graças a Deus, pelo menos. Estávamos preocupados. Você não respondeu às minhas mensagens nem às de Raphael... — Ele parou abruptamente e suspirou, esfregando o rosto com uma mão. — Será que você ouviu qualquer uma das minhas mensagens, Cynthia?

— Eu te disse…

— Sim, eu sei, mas você ouviu as mensagens?

Cyn franziu a testa e desviou os olhos, incapaz de encontrar aquele olhar honesto. — Não.

— Não — repetiu ele.

— Sinto muito, ok?

Ele a olhou por alguns minutos, deu uma olhada a Lonnie e disse. — Lonnie, você poderia nos dar um momento?

— Claro — Lonnie disse alegremente. — Vou esperar lá fora.

Cyn olhou para os próprios pés, consciente do escrutínio de Duncan enquanto Lonnie caminhava até a porta, fechando-a silenciosamente atrás dele. Ela olhou para cima. — Então?

Duncan sorriu de diversão, que só aprofundou a sua carranca. O sorriso cresceu para uma risada. — Estou contente de ver você segura, Cynthia. Mesmo que tenha trazido um problema.

— Eu não podia deixá-la lá, Duncan.

— Eu entendo.

— E agora?

— Ela deve retornar comigo à fazenda. Ela precisa de alimentação regular – não estou a exagerar quando falo em desnutrição. Jabril Karim deve ser castigado pelo que fez. Infelizmente, poucos dos senhores são tão compreensivos quanto o Senhor Raphael.

— O que Mirabelle quer fazer? Você vai perguntar…

— Cynthia, quando você vai aprender que não somos os monstros que você pensa?

Cyn respirou fundo. Ela estava ficando cansada de pedir desculpas. — Eu não o faço, você sabe…

Duncan levantou uma sobrancelha.

— Não acho que você é um monstro — explicou Cyn. — Eu também não confio em humanos. — Ela sorriu.

— Fiquei mais tranqüilo — disse ele secamente.

— O que ela está fazendo lá?

— Mudando de roupa, acho eu. Ela ficou muito animada quando eu lhe mostrei as suas compras. Foi gentil de sua parte.

— Sim, bem, eu posso ser gentil também, você sabe.

— Sim, na verdade, eu sei.

— Ok, agora eu estou preocupada. Por que você está sendo tão bom para mim? — Ela estava brincando, mas apenas em parte.

— Ele vai querer vê-la.

Seu bom humor desapareceu. Ela nem sequer precisou perguntar quem era "ele". — Por quê?

Duncan suspirou impaciente, esfregando os dedos entre os olhos, como se tivesse uma dor de cabeça... Ou talvez duas. — Jabril Karim pode de fato ser um cretino, como você diz, mas é também um vampiro poderoso. Ele certamente sabia de sua ligação com o Senhor Raphael… — Ele levantou uma mão para evitar seu protesto de que nenhuma conexão existiu. — Você tomou o sangue dele, você teve relações sexuais com ele, mais de uma vez.

Cyn sentiu uma onda de constrangimento aquecer o seu rosto, mas não podia negar o que ele tinha dito.

— Para um vampiro poderoso, a troca de sangue é uma maneira de marcar os que lhe são importantes, particularmente amantes humanos. Jabril Karim certamente percebeu sua conexão no momento em que a viu. Ele pode até te ter chamado especificamente porque sabia que você era amante de Raphael. Os senhores são ferozmente competitivos. A oportunidade de assumir algo de Raphael... — Ele balançou a cabeça. — Quando não conseguimos falar com você, tememos o pior.

Ela não sabia o que dizer. Uma parte dela se sentia extremamente feliz ao saber que Raphael se preocupava com ela. A parte mais sóbria resistiu, ela não gostava da ideia de ter sido "marcada" como propriedade de alguém e se ressentiu ao saber que não era nada mais do que uma peça de jogo entre os dois senhores vampiros, valiosa apenas porque o outro a queria. Ou já teve, de qualquer maneira. — Bem, eu já estou de volta — disse ela, mostrando algum ressentimento. — E eu estou bem. Você pode lhe dizer isso. Não há necessidade…

— E então há a questão de Mirabelle.

Ela olhou para ele, sua boca aberta em meados da frase. — Mirabelle?

— Eu a tenho protegido das tentativas de Jabril Karim, ele está tentando fazer com que ela volte para seu lado. Se não o fizesse, ela enlouqueceria. Porém a minha proteção não vai durar muito. Este é o território do Senhor Raphael e Mirabelle é filha de outro. Ela é, como você apontou, maior de idade e livre para tomar suas próprias decisões, mas muito jovem e inexperiente para que possa sobreviver por conta própria. Ela vai precisar da permissão do Senhor Raphael para permanecer, e, talvez mais importante, da sua proteção para sobreviver.

— Então?

Ele deu-lhe um olhar pleno. — Mirabelle deve aparecer ante o Senhor Raphael e pedir-lhe proteção, eu posso garantir que ele irá se recusar a vê-la, a menos que você concorde em ficar ao seu lado. Você é afinal, a responsável por ela estar aqui.

— Se é tão importante… — e se ele estava assim tão preocupado, acrescentou silenciosamente —… por que ele não está aqui?

— O Senhor Raphael está ocupado esta noite.

— Ocupado como? — Perguntou ela rapidamente, ignorando um flash irracional e indesejado de ciúmes.

Duncan balançou a cabeça, a olhando meio com diversão e meio com exasperação. Ele respirou fundo e franziu a testa. — Ele recebeu um telefonema da polícia humana.

— Os assassinatos — disse Cyn quase sem fôlego. Ele a cortou com um olhar rápido.

— Você sabe dos assassinatos?

Cyn acenou com a cabeça. — Eu liguei para Lucia Shinn quando voltei. Preciso encontrar Elizabeth, a irmã humana de Mirabelle. Foi por isso que Jabril me contratou, em primeiro lugar. Seu aniversário de dezoito anos é em algumas semanas e ele planejava transformá-la do jeito que ele fez com Mirabelle.

— Dando-lhe assim, o controle sobre toda a fortuna Hawthorn.

Cyn acenou com a cabeça. — Felizmente, Elizabeth não é estúpida, ela descobriu o que ele tinha planejado e fugiu. Mas quando cheguei lá, duas coisas ficaram óbvias. Primeiro, Jabril só me contratou por curiosidade e para enfurecer Raphael. — Ela balançou a cabeça com a sua expressão. — Eu não estou totalmente boiando, Duncan. E segundo — ela continuou — quando eu encontrar Elizabeth, vou fazer das tripas coração para vê-la bem longe de Jabril Karim. Porque monstros existem em várias formas e tamanhos Duncan, até vampiros.

— De fato. — Ele murmurou.

— De qualquer forma, Luci me disse sobre os assassinatos que andam a acontecer aqui em LA. Ela está chateada e acha que não está sendo feito o suficiente para encontrar o assassino. Fiz algumas chamadas e descobri que a polícia acha que eles têm um vampiro assassino em série em suas mãos.

— Não qualquer vampiro, Cynthia. O senhor Raphael.

Cyn olhou. — Raphael? Eles acham que Raphael é o assassino, mas isso é ridículo.

— Eles afirmam ter uma testemunha de um dos crimes.

— Mas, com certeza. Quero dizer, Raphael... Ele nunca está sozinho, não é? Seus seguranças...

— Precisamente, 'os seguranças dele'. A polícia não dá crédito a qualquer uma de nossas testemunhas, porque eles são vampiros, todos eles, são Vampiros.

— Bem, foda-se. Eu disse-lhes que não podia ter sido um vampiro a fazer aquilo, Raphael jamais...

— Eles o estão questionando neste momento.

Cyn olhou para ele em alarme. — Por que você não está com ele? Será que ele tem um advogado?

— Meu mestre mandou-me para ajudá-la em vez disso, e sim, ele tem advogados com ele. A polícia originalmente queria interrogá-lo na estação, mas abriram uma exceção. O Senhor Raphael não é um homem sem influência.

— Okay. Okay. — Ela começou a andar. — Olha, eu já comecei a olhar isto para Luci. — Ela olhou para cima. — Irei ver os corpos mais tarde, esta noite. — A face de Duncan mostrou a sua surpresa. — Eu também tenho influência — ela retrucou. — Não sei exatamente quando, mas vou precisar esconder Mirabelle em algum lugar…

— Eu já disse…

— Sim, sim, mas eu estive pensando sobre isso, e vai ser melhor ela ficar com Lucia Shinn. Luci está acostumada a lidar com medo, com crianças, e é isso que Mirabelle é, mesmo sendo uma vampira. Eu vou buscá-la antes do amanhecer e a levarei para minha casa. Ela estará segura lá, por enquanto, de qualquer maneira. — Ela fez uma pausa — Você está certo, no entanto. Ela vai precisar de outra coisa, a longo prazo, mas não sei se a propriedade de Raphael é o ideal. Você não viu o palácio da testosterona no Texas. Eu vi. Ela precisa de algo... Mais. Eu não tenho certeza... Caramba. Eu precisarei me mover se quiser acompanhar isso, e ela não pode ir comigo. Ela não…

— Alexandra.

— O quê?

— Mirabelle pode ficar com Alexandra. Ela é um pouco mais velha, é claro, mas as experiências iniciais não são diferentes e Alexandra está... Solitária, creio eu, desde o seqüestro, uma vez que Matias morreu. Eles estiveram juntos por muito tempo. Ele foi, talvez, seu único amigo real. Poderia ser bom, ela cuidar de outra pessoa, alguém com quem ela possa se identificar.

— Mas... — Cyn suspirou, tentando descobrir uma maneira de dizer o que ela queria, sem ofender ninguém. — Mirabelle é uma adolescente moderna. Ou ela era antes daquele idiota a estuprar e lhe roubar a vida. Ela precisa ser livre, ser jovem novamente, e Alexandra... — Ela suspirou, lembrando-se da vampira na perfeita casa senhorial francesa, que fica no meio de Malibu, com seu mobiliário antigo e salas de estar à luz de velas, para não mencionar sua coleção de vestidos antigos. — Ela vive no século 18, Duncan.

— Não mais — ele disse. — Acredito que os acontecimentos recentes foram como uma chamada de atenção para Alexandra. Ultimamente, ela tem

experimentado outras coisas. Na verdade, em numerosas ocasiões, ela pediu a Raphael para você a visitar.

— Eu?

Duncan concordou. — Ela ficou bastante impressionada, digamos, com a forma profissional como você terminou com Albin, quando você a resgatou.

Cyn deu um grunhido muito grosseiro, lembrando a morte de Albin. Tinha sido uma competição entre o vampiro e uma Uzi[10]. A Uzi tinha vencido. Não que ele não o merecesse. Albin não tinha só traído Raphael e ajudado a seqüestrar Alexandra, ele quase tinha matado Cynthia também. — Ok — disse ela, pensativa. — Para esta noite, Mirabelle vai para casa comigo, se isso for o que ela quer, é claro, e depois...

— Isso é o que eu quero.

Ambos olharam com surpresa para ver Mirabelle na porta do avião, vestindo as roupas que Lucia havia escolhido para ela. Pela primeira vez desde que Cyn a conheceu, Mirabelle parecia o que ela tinha sido antes de Jabril transformá-la em vampira, o que ela seria de agora em diante. Uma adolescente. Os jeans desbotados ficavam um pouco grandes e a camiseta era um pouco brilhante demais para um vampiro pálido, mas estava claro que com algumas semanas de alimentação decente, ela seria muito linda. Seu cabelo loiro tinha sido escovado e preso em um rabo de cavalo, revelando surpreendentemente os grandes olhos azuis e uma boca cheia.

Cyn sorriu para ela, encantada. — O que me diz de fazermos uma fogueira para queimar os trapos velhos, Mirabelle? Podemos beber champagne e dançar nuas ao redor do fogo.

— Whoa, eu posso ir? — Lonnie estava em pé na porta aberta, olhando para a garota.

— Não — disse Cyn, dando-lhe um olhar sujo. — Só as meninas. Vamos lá, Mirabelle, vamos sair desta espelunca. Eu tenho uma amiga que quero que você conheça e esses caras têm negócios para cuidar.

[10] **Uzi** é uma família de pistolas-metrelhadoras compactas (retirado da wikipédia).

Capítulo 20

Houston, Texas

Uma batida soou na porta da suíte privada de Jabril. — Entre — disse ele, sua atenção focada na sua última abotoadura. Ele olhou por cima do ombro quando a porta se abriu.

— Meu senhor, queria… — Asim gaguejou. A fome lutando com a repulsa em seu rosto quando ele viu as consequências sangrentas do ataque de raiva que seu mestre havia tido.

— Asim — Jabril disse calmamente, fazendo com que o seu tenente deixasse de olhar para a carnificina e olhasse para onde ele estava na porta do banheiro. — Eu quero todos os guardas que estavam de plantão na mudança de turno do nascer do sol, tanto vampiros quanto humanos, no meu escritório... Não — disse ele, mudando de idéia. — É melhor fazê-lo lá embaixo, em algum lugar. Há probabilidade de ficar uma bagunça.

— A câmara de isolamento, meu senhor? — Asim disse fracamente.

— Excelente escolha, Asim. Sim. A câmara de isolamento. Trate disso, sim?

— Sim, meu senhor. Senhor...

Jabril levantou uma sobrancelha para ele. — Asim?

— Sobre isso. — Ele fez um gesto em direção à cama enorme, que ocupava a maior parte do quarto. Jabril olhou ao redor, como se vendo pela primeira vez. Sangue cobria toda a superfície, salpicando as paredes e móveis, encharcando os lençóis e travesseiros. Os restos do que havia sido a sua escrava de sangue favorita, estavam no meio da cama, seu longo cabelo loiro tingido de vermelho, sua garganta arrancada e seus olhos estavam vidrados e fixos. Ele tinha rasgado a maior parte do seu torso, parcialmente escondido pelo corpo de uma segunda escrava de sangue, que não tinha sido sua favorita, mas que tinha tido a infelicidade de ser escolhida para servi-lo ontem à noite. O que significava que ela estava com ele naquela noite, quando ele acordou para a percepção de que Mirabelle tinha fugido. Roubada por aquela puta, Leighton.

Uma névoa vermelha cobriu a sua visão com fúria, ameaçando ultrapassá-lo novamente, mas ele lutou contra, reforçado pelo sangue da vida das duas escravas com que tinha recentemente se banqueteado. Bem, pelo menos as suas vidas tinham sido bem gastas, pensou com satisfação.

— Sim — disse ele distraidamente, respondendo à pergunta de Asim. Ele já estava pensando em outras coisas, tal como a maneira com que iria recuperar a cadela ingrata da Mirabelle. Ela pagaria por essa rebelião quando ele a encontrasse. Passará muito, muito tempo, antes que ela ouse desafiar o seu domínio novamente — Terei isto limpo antes do amanhecer — disse Asim. Virou-se para seu armário - felizmente as portas haviam estado fechadas, seu guarda-roupa inteiro poderia ter sido arruinado - vestiu um casaco, feito sob medida, e ergueu os punhos da camisa precisamente um centímetro, antes de atravessar o quarto em direção à porta. — Veja os guardas em primeiro lugar, no entanto, Asim. Eu quero saber como isso aconteceu.

Asim assentiu em silêncio, deixando a cabeça abaixada e os olhos baixos quando Jabril passou por ele em direção ao corredor. O tenente manteve sua postura respeitosa até que Jabril moveu-se para o elevador, ficando assim, fora de vista. Talvez fosse bom demonstrar seu poder ocasionalmente, Jabril considerou pensativo. Isso lembrava aos seus lacaios o preço do fracasso - algo que os guardas estariam aprendendo muito em breve.

Capítulo 21

Los Angeles, Califórnia

Cynthia verificou duas vezes o endereço que Eckhoff lhe havia dado. Ela foi parar na frente de um edifício de dois andares. A rua estava silenciosa e escura quando ela saiu de seu Range Rover, o único ruído era o de carros passando pela Olympic Boulevard a um par de quarteirões de distância e havia pouco trânsito àquela hora da noite. Ela olhou para cima quando passou pelo capô arredondado de seu caminhão. À primeira vista, o edifício era igual a qualquer outro no bairro, em sua maioria comercial, sem janelas e escuro, exceto por uma luz de segurança nos arredores do perímetro. Mas os tijolos das paredes eram novos, e ocultas entre as luzes de segurança estavam câmeras de vídeo discretas que acompanhavam o seu progresso enquanto caminhava para a porta da frente. Não havia nenhum bloqueio, apenas uma entrada de teclado com um interfone.

Cyn se perguntou se ela deveria anunciar a sua presença, tocando na campainha. Quando finalmente Eckhoff lhe telefonou, ele deixou claro que essa visita seria fora do radar. Ela estava na Luci, deixando Mirabelle, quando o seu telefone tocou. Mirabelle, no início, tinha ficado nervosa por ter que permanecer na casa de fuga, mas as crianças a tinham recebido com sua amigável suspeita de costume, não sabendo e nem se importando que ela fosse uma vampira. Para eles, ela era mais uma vítima da vida, danificada, mas ainda não quebrada. O ponto alto foi quando Luci saiu do seu escritório, indo diretamente para Mirabelle e dando-lhe um abraço maternal. Nunca deixava de surpreendê-la como Luci, mesmo abraçando uma criança que fosse mais alta que ela, fazia com que essa criança se sentisse segura novamente. Quando Cyn saiu para se encontrar com Eckhoff, Mirabelle estava sentada na sala de estar com as outras crianças, assistindo televisão.

A porta se abriu quando ela ainda estava contemplando o interfone. — Quanto tempo vai ficar aí, Leighton? — Dean Eckhoff era alto e magro, com olhos azuis e cabelos que tinham sido vermelhos, mas que agora eram em sua maioria cinza. Dizer que sofrera um desbaste seria ser gentil. Ele estava vestido com sua habitual calça escura e casaco desportivo de lã, sua camisa debaixo bem passada.

Cyn encolheu os ombros. — Eu nunca estive aqui antes. É novo?

Ele assentiu, os olhos varreram a rua rapidamente antes de puxá-la para dentro e fechar a porta com um empurrão firme. — Alguma mente brilhante decidiu que precisávamos de uma instalação especial, para segurar vampiros. Você sabe, sem janelas e tudo mais. Em seguida, foi salientado que talvez devêssemos ter um necrotério especial também. Para suas vítimas.

Cyn franziu o cenho. — As suas vítimas?

— Sim, para quando ressuscitarem dos mortos após três dias — ele falou lentamente.

Ela revirou os olhos. — Jesus, esses caras precisam parar de assistir reprises da Buffy.

Ele bufou. — Você não está sugerindo que alguém deva realmente estudar o assunto antes de ser tomada uma decisão, pois não, novata? Você é mais esperta que isso.

— Certo. Desculpe. O que eu estava pensando? Ok, então você está me dizendo que os poderosos decidiram que as mais recentes vítimas devem ser guardadas aqui, para o caso de ressuscitarem dos mortos.

— Isso. Você sempre foi a minha melhor aluna. Vamos lá, está lá embaixo.

— É claro. — Em sua experiência, os necrotérios eram geralmente no porão. Ela não sabia o por quê. Talvez a prática remonta de quando não havia refrigeração e os corpos tinham que ser mantidos no subsolo para ficarem mais frios. Ou talvez algum tipo de gesto simbólico de enterrar os mortos indesejados.

Eles passaram pelo elevador, indo para a porta de incêndio. Eckhoff a empurrou e desceu as escadas com Cyn logo atrás dele. A porta do porão se abriu e ela sentiu aquele cheiro de morgue, o cheiro de produtos químicos, produtos de limpeza... E algo mais, o cheiro da morte. Não era pútrido, nada como carne podre ou visões de zumbis. Mas entrou nos seus pulmões como um ar mais processado e demorado, ocupando espaço e fazendo-a trabalhar o dobro para poder pegar ar.

— Cyn?

Ela olhou para cima e percebeu que tinha parado de andar. — Sim, me desculpe. Já faz um tempo.

Eckhoff grunhiu. — Você não vai acovardar não é? Não vai desmaiar ou, Deus me livre, vomitar? Seria muito embaraçoso.

Cyn sorriu para ele. — Jesus, Eckhoff, eu não sabia que você se importava.

— Não por você, Leighton. Por mim. Eu jamais voltaria aqui embaixo, se um dos meus próprios recrutas tivesse jogado o seu almoço ao longo de um corpo morto.

Ela apertou seu braço levemente. — Não se preocupe, meu velho. Eu vou ficar bem.

Ele levou-a através de um conjunto de portas duplas, batendo uma chave plana de metal na parede para abrir as portas bem antes de chegarem nelas. Aquilo foi desenhado para as macas, para que os técnicos pudessem ter as portas abertas quando passassem com um cadáver.

Um loiro magro olhou para cima quando eles entraram, os olhos dele deslizando sobre Eckhoff e Cyn. Ele se levantou atrás de sua mesa penosamente limpa, removeu um par de óculos de leitura com uma mão e fechou a pasta que ele estava olhando com a outra. Ele parecia jovem demais para precisar de óculos de leitura, e Cyn se perguntou se era uma afetação.

— Detective Eckhoff — disse ele em voz baixa, sussurrando.

Eckhoff girou o braço, fazendo uma rápida introdução. — Ian Hartzler, Cynthia Leighton. Ian é o técnico de noite aqui na instalação. Costumava estar na baixa, mas quando abriram este lugar, ele se ofereceu.

Cyn estudou Hartzler. Ele tinha estatura média, talvez um metro e setenta, com ombros estreitos, mas que eram quadrados e bem formados. Ele tinha cabelos loiros e olhos tão pálidos que quase se misturavam com o branco ao seu redor. Aqueles olhos olharam para ela, quase sem piscar. O cara era meio estranho.

— Por quê? — Ela perguntou a ele.

Ele ergueu as sobrancelhas pálidas, questionando.

— Por que você se voluntariou? Acho que não houve exatamente uma corrida para a posição.

Ele sorriu, um alongamento fino de seus lábios que não mostrou nenhum dente. — Eu sou intrigado com o incomum, e vampiros são certamente incomuns, você não acha?

Hartzler subiu no seu medidor pessoal de estranheza de meio estranho para definitivamente estranho, mas Cyn manteve essa opinião para si mesma. — Bem, eles são diferentes, eu vou te dar isso — ela admitiu.

Eckhoff fez um gesto impaciente. — Sim, tudo bem. Mas vamos começar com isso, antes que alguém apareça.

— Certamente. — Hartzler caminhou até uma fileira de portas de aço inoxidável brilhante, colocando a mão sobre uma das alças, mas antes de fazer qualquer coisa ele olhou por cima do ombro e perguntou? — Você vai querer ver os cinco? Por ordem de morte?

Cyn acenou com a cabeça. Ela notou que o técnico sabia exatamente a que gaveta ir sem ter que verificar o arquivo ou até mesmo olhar para a marca na própria porta.

Hartzler deu um sorriso satisfeito, então puxou a porta com uma conversão maçante de selos de liberação. Após a abertura, ele deslizou o corpo para fora, olhou para Cyn, como se para ter certeza que ela estava prestando atenção, então puxou o lençol verde pálido com um floreio. — Patti Hammel — disse ele. — Tinha 22 anos; causa da morte, traumatismo crâniano.

Cyn franziu o cenho. — Força bruta? — Ela olhou para Eckhoff.

— O sangramento foi após a morte.

As sobrancelhas de Cyn se ergueram em descrença. — Após a morte? Mas isso é quase impossível. Ele teria que tê-la drenado dentro de quê? — Ela olhou para Hartzler. — Dez minutos, talvez?

Ele baixou a cabeça lentamente, como em sinal de respeito, ou talvez pelo prazer que ela lhe proporcionou ao fazer aquela pergunta. — O coração pára, o corpo morre e o sangue começa a coagular dentro de cinco minutos — ele confirmou. — Sangrá-la totalmente, certamente seria impossível depois de quinze minutos.

Cyn apontou para o corpo. — Posso? — Ela perguntou educadamente.

Hartzler deu-lhe outro sorriso desdentado e um aceno de cabeça, antes de pisar para trás, abrindo espaço para Cyn ao lado do cadáver pálido. A pele de Hammel, que provavelmente tinha sido pálida na vida, estava praticamente translúcida na morte, já seca como papel delicado, colando nos ossos embaixo. A morte era a morte. Refrigeração poderia fazê-la um pouco melhor, mas não muito.

O técnico do necrotério lhe ofereceu um par de luvas de exame que Cyn pôs rapidamente antes de inclinar a cabeça da menina morta para expor melhor o seu pescoço. Duas pequenas feridas redondas eram visíveis na parte esquerda da garganta, rodeadas por uma quantidade considerável de contusões. Cyn não era nenhuma médica especialista, mas mesmo assim, ela podia perceber que o atacante havia exercido muito mais força do que devia ter sido necessário, o que argumentava contra ele ser um vampiro. Escuros machucados com impressões digitais sugeriam que Hammel havia sido mantida no local, enquanto a carótida era perfurada. Cyn franziu a testa. Havia algo

naquelas feridas que a incomodava, mas ela não conseguia descobrir o que era. Ela decidiu que pensaria sobre o assunto mais tarde. Ao olhar para cima, ela encontrou os olhos pálidos de Hartzler a observá-la avidamente. Ela se endireitou e olhou para Eckhoff. — Posso ver o arquivo com as fotos da autópsia?

Dean considerou-a silenciosamente, depois acenou com a cabeça na direção do Hartzler. Cyn ouviu os pés do técnico, e uma pasta apareceu na frente dela. Abriu-a rapidamente, olhando através das fotografias em cores vivas dos traumas infligidos à pobre Patti Hammel. Não foi preciso muito para imaginar a brutalidade do seu final, o terror que ela passou naquele momento.

Cyn fechou a pasta e disse calmamente. — Posso ver as outras agora, por favor?

Hartzler pareceu surpreso, mas ele respondeu com entusiasmo, cobrindo o corpo de Patti Hammel e deslizando-a de volta para o anonimato da geladeira do legista. Mais uma vez sem consultar as notas, ele foi diretamente para outra porta e abriu-a, repetindo as suas ações de apenas alguns momentos antes.

— Jane Doe número 1 — disse ele, com ar de apresentador de game show.

— Não identificada? — Cyn perguntou a Eckhoff abruptamente.

Ele deu de ombros. — Estas são crianças de rua na maior parte.

— Luci disse que ela se ofereceu para ajudar, mas ninguém ligou para ela.

Eckhoff folheou o novo arquivo. — Esta não levava identificação e ninguém na cena admitiu conhecê-la. As impressões digitais deram negativas. — Ele pegou a pasta de Hammel novamente, uma carranca se formou. — Hammel não estava na rua. Ela era uma daquelas viajantes, subcontratada por muitas empresas diferentes. Isso colocou as suas impressões digitais em arquivo para identificação. Nenhum parente próximo, nenhum dos colegas de trabalho a conhecia socialmente. A maioria dos seus contatos era por telefone. Ela era independente, alugou um apartamento em Culver City. Seu senhorio pensava que ela estava namorando alguém, disse que ela saía durante a noite várias vezes.

Cyn olhou para cima. — Namorando? Será que ele relatou o seu desaparecimento?

— Não.

— Curioso. — Ela olhou para o corpo da Jane Doe número 1. — Esta menina é muito mais jovem que Hammel.

— O médico estima 16 anos de idade, talvez mais jovem — Hartzler confirmou. — Ela era uma usuária de drogas pesadas. — Ele deslizou uma mão pelo seu braço, quase numa carícia, virando seu cotovelo para revelar uma erupção de picadas de seringas.

Cyn não comentou, foi direto para o pescoço da menina, encontrando duas perfurações que combinavam, quase que na perfeição, com as de Hammel. — Mesma causa de morte?

— Não exatamente — respondeu Eckhoff. — Nenhum traumatismo craniano. Nós achamos que o assaltante aprendeu com o primeiro ataque e fê-lo mais limpo dessa vez. A morte foi exsanguinação, pura e simples. Além disso, esta estava alta, não houve necessidade de subjugá-la antes do ataque.

— Uh, huh. Próxima.

Eles desceram na lista, uma após outra, cinco jovens mulheres, incluindo duas Jane Doe, começando com a Patti Hammel e terminando com a menina que Luci tinha conhecido no abrigo, listada apenas como Carlene Doe. Hammel era a mais velha, a única que tinha sido atingida primeiro e a única que não vivia na rua. As outras seguiram o mesmo padrão de Jane Doe número um, pois elas estavam todos sob a influência, seja de drogas ou de álcool, e sangrado através do pescoço. Cyn puxou o lençol sobre o rosto de Carlene e acenou com a cabeça um ok para que Hartzler devolvesse o corpo à gaveta.

Ele o fez com movimentos suaves e praticados, fechando a porta com um reverencial florescer, antes de fixar os olhos pálidos de sua expectativa sobre ela. Cyn evitou o seu olhar desconfortável, ocupando-se a fazer anotações em um bloco de espiral pequeno que ela tinha tirado de sua mochila, querendo lembrar-se das informações tanto quanto ela poderia de sua breve olhada nos arquivos.

Ela terminou de escrever e estava a por tudo de volta em sua mochila quando o telefone de Eckhoff tocou. Era um barulho discordante no necrotério silencioso, o que a assustou um pouco. Eckhoff deu-lhe um olhar cético e, em seguida, entrou no corredor, a sua voz flutuando de volta através das portas fechadas. Cyn se mexeu com incerteza, infeliz que a cortesia a deixasse presa no necrotério até que Eckhoff terminasse a sua chamada.

— Eu sei quem você é. — A voz fina de Hartzler estava febril de emoção.

Cyn se virou, dando um passo automático para trás quando percebeu o quão perto ele estava dela. — O quê?

— Eu sei quem você é — ele repetiu, olhando. — Você é a investigadora. A que eles confiam.

Ela não teve que perguntar quem eram 'eles'. — Me desculpe, Sr. Hartzler....

— Está tudo bem. Você pode confiar em mim para ser discreto. — Ele olhou na direção do Eckhoff de forma significativa. — Você está trabalhando para eles sobre isso? Existe algo que eu possa fazer para ajudar?

— Uh, obrigado, mas não. Eu não estou realmente...

— Claro, claro. Eu entendo. É difícil para eles, tenho certeza. Um dos seus próprios. — Ele escorregou um pedaço de papel dobrado no bolso. —Se... — Sua boca fechou-se quando as portas foram abertas, anunciando o retorno de Eckhoff.

— Nós já acabamos aqui, Cyn? — Eckhoff perguntou.

— Sim. — Ela agarrou em sua mochila e empurrou a porta, correndo pelo corredor até as escadas sem se preocupar em ver se Eckhoff a seguiu. Ele a alcançou antes da porta se fechar, suas pernas longas e magras subindo duas escadas de cada vez. Deu-lhe um olhar interrogativo, mas não disse nada até que eles estavam na rua, ao lado da porta do motorista de seu SUV.

— O que foi aquilo?

— Seu amigo aí é um fanático por vampiros. Eles se vestem de preto, põem dentes falsos na boca e empurram uns aos outros com fantasias de se tornarem a coisa real. Este é o seu emprego de sonho, ele é provavelmente a inveja de todos os seus pequenos amigos. — Cyn jogou a sua mochila no banco da frente e esfregou os braços vigorosamente, sentindo-se de alguma forma contaminada. — Ele se ofereceu para me ajudar em minha investigação para eles, qualquer coisa que ele pudesse fazer. Ele é um lunático.

Eckhoff olhou para o edifício. — Talvez. Mas é o meu lunático, e ele é confiável. Eu usei-o como um recurso, durante anos. Ele sabe dessas coisas tão bem como os documentos, e ele está mais do que disposto a falar sobre isso.

— Yeah? Bem, talvez você deva olhar para o seu recurso um pouco mais de perto, porque não foi nenhum vampiro que matou aquelas meninas.

— Como você sabe?

Cyn inalou profundamente, frustrada com suas próprias falhas. — Há algo errado. Não consigo exatamente... O quanto você sabe sobre este caso? Por que o médico especificou um ataque de vampiros? Quero dizer, já houve um desses antes?

Ele olhou para ela em descrença. — Você quer dizer, além de Carballo? Você se lembra dela, não é? A policial que encontraram drenada na beira da estrada?

— Sim, eu me lembro dela, Dean. Mas como era para ser eu deitada na beira da estrada enquanto Benita estava ocupada derramando segredos do departamento para o seu namorado vampiro, eu não posso me sentir muito mal por isso, sabe?

Ele desviou o olhar, sua mandíbula apertada com tanta força que ela podia ver o osso branco sobressaindo contra a pele.

— Dean?

Ele manteve seu olhar sobre o tráfego distante. — O oficial de investigação sugeriu na cena que era uma mordida de vampiro. Toda a gente está vendo vampiros em todo o lado desde que Carballo morreu, e nós temos essa nova instalação pronta e esperando para ser usada. — Ele enganchou um dedo por cima do ombro. — Os corpos foram trazidos para aqui e autopsiados para confirmar a causa da morte. Eles pediram o usual – exame toxicológico, algumas amostras de tecido em torno das feridas, mas como tudo isso é de baixa prioridade, não chegou nenhum resultado ainda. Não é como não tivessem trabalho suficiente para fazer na cidade. Hartzler deveria cuidar de tudo o resto.

— Ótimo — Cyn murmurou baixinho.

— Eu disse que esse caso não é meu. Eu não tenho nada a ver com isso, e eu não sei muito mais do que você.

— Quem é a testemunha?

— Que testemunha?

— Não seja tímido, Eckhoff. Vocês estão alegando ter uma testemunha que identifica Raphael.

— Ei, foi você que disse que precisávamos falar com ele...

— Não como um suspeito! É ruim o suficiente vocês pensarem que um vampiro está fazendo isso, mas Raphael? Você ficou louco. O cara tem um álibi mais apertado do que a porra do presidente, ele nunca está sozinho.

— Álibis podem ser falsificados, Cyn.

Ela riu. — Dean, se Raphael quisesse alguém morto, você nunca encontraria o corpo. Você realmente acredita que um lorde vampiro está

deixando as meninas mortas na rua? Você tem alguma idéia de quanto poder ele tem?

— Não, não tenho! Nenhum de nós tem e esse é o problema. Temos um policial morto que ninguém nega que foi assassinado por um vampiro, e agora temos adolescentes mortas cobrindo as ruas. Como sabemos que não é o mesmo cara?

Cyn olhou para ele, debatendo o quanto dizer. — Eu já te disse o que aconteceu com Benita. Ela estava suja. Ela confiou nos bandidos mais do que nos policiais e acabou morta. Quanto ao vampiro que a matou... Você não precisa se preocupar com ele, nunca mais.

Eckhoff deu-lhe um olhar duro. — E como você sabe?

— Como eu disse antes, se Raphael quer alguém morto, você nunca vai encontrar o corpo.

— Ótimo. Isso é bom para caralho, Cyn.

— O que importa? Um vampiro a matou, e esse vampiro pagou o preço. Menos um vampiro é um ponto para os caras bons, certo?

O olhar que ele lhe deu era de desapontamento, quase doía, e ela corou. — Desculpe, Dean, foi um longo dia e não dormi muito. Mas você sabe que estou certa sobre alguns pontos.

Ele franziu a testa e respirou fundo pelo nariz. — Este caso é uma droga.

— Sim, é. Quem é sua testemunha?

— Eu não posso te dizer, Cyn. Você sabe disso.

Cyn pensou em argumentar, mas ele estava certo. — Hammel não se encaixa, você sabe — disse ela.

— Achamos que ela foi um acidente, que o cara tem um gosto para a veia e começou a procurar presas fáceis.

— Se um vampiro em LA quer sangue da veia, ele não precisa matar. Pessoas fazem fila para serem voluntários. Inferno, seu amigo Hartzler, provavelmente, daria a sua orelha esquerda por uma chance, ele e todos os seus amigos. Você sabe sobre as casas de sangue. O que você acha que se passa lá?

— Talvez seja alguém que gosta de caçar.

Ela balançou a cabeça. — Não é assim que funciona. Um assassinato e os executadores de Raphael estariam sobre ele como o branco no arroz. Ele não

duraria 24 horas. Esses caras não jogam jogos, Eckhoff, e eles não dão segunda chance.

Ele suspirou. — Este não é o meu caso — disse ele de novo, e ela detectou uma nota evidente de alívio sob suas palavras. — Eu posso ter uma conversa, mas isso é tudo.

— Eu sei. — Ela consultou o relógio. — Escute, eu realmente tenho que ir. Tenho mais uma parada para fazer antes de ir para casa, e então eu vou dormir por cerca de 10 horas na minha própria cama. — Ela esfregou o rosto cansado. — E depois eu tenho que voltar para o meu trabalho real, que é encontrar uma adolescente em fuga antes que ela se torne a próxima vítima.

— Isso está relacionado com o negócio no Texas?

— Sim, eu tenho certeza que ela correu para LA. Tenho Luci à procura, e eu dei o meu número a alguém que ainda poderia estar em contato, mas... — Ela deu de ombros. — Você sabe como funciona.

— Agulha no palheiro.

— Algo assim. Okay. — Ela deslizou para o banco da frente.

Eckhoff descansou uma mão em cima da porta aberta e se inclinou — Se cuida, novata. Quem está por trás desses assassinatos quer que a gente pense que é um vampiro, e ele pode não aceitar muito amavelmente que alguém estrague o seu blefe.

— O que mais há de novo? Não, não. — Ela acenou longe de sua objeção antes que ele pudesse dar voz a ela. — Serei cuidadosa. Agora deixe-me ir para casa.

Ele ficou para trás, deixando a porta fechar antes de bater no topo de seu caminhão e descer a rua em direção ao seu próprio carro, um sedan americano. Cyn fez uma volta rápida e acenou pela janela aberta, enquanto ela passava. Ela tinha que voltar para Luci, pegar Mirabelle e acomodar a garota no condomínio antes do sol nascer. Assumindo que nenhum outro vampiro decidisse fazer uma aparição não programada.

Capítulo 22

Cyn estava morta de cansaço quando entrou na garagem sob o seu apartamento em Malibu. Ao seu lado no banco da frente, Mirabelle estava nervosa, preocupada com seu primeiro nascer do sol longe da segurança da única casa que ela havia conhecido — mesmo que a casa tivesse sido transformada em uma prisão por Jabril Karim. Cyn tentou tranquilizá-la, dizendo que ia ficar com ela durante o dia, que as janelas estavam todas cobertas com persianas que bloqueavam a luz solar em deferência aos hábitos de coruja de Cyn, mas a menina estava aterrorizada. Cyn realmente não podia culpá-la, mas ela estava tão exausta que era um esforço lidar com uma Mirabelle inquieta.

Ela destrancou a pesada porta da garagem do apartamento e segurou-a aberta para a menina, acenando em direção às escadas. — Vá em frente — ela disse. — Estarei lá em um segundo.

Mirabelle deu às escadas um olhar incerto antes de subir, enquanto Cyn empurrou a porta firmemente fechada e se virou para desarmar o painel de segurança. Ela franziu a testa, vendo a linha de luzes verdes que indicava que o sistema já havia sido desarmado. Cyn raramente se esquecia de ativar o alarme, e nunca quando ela estava viajando...

Ela ergueu os olhou para o som de um baque forte no andar de cima, como se alguém tivesse derrubado uma mala... Ou um corpo.

Cyn ficou perfeitamente imóvel, ouvindo... E não ouviu nada. Ela tirou a sua jaqueta e pegou a alça de segurança em sua arma, movendo-se silenciosamente ao pé da escada. Era perto do nascer do sol, talvez a menina tivesse desmaiado. Duncan havia enfatizado quão jovem ela era.

Cyn começou a subir as escadas, um pé de cada vez. Ela contornou o primeiro patamar e fez uma pausa. Havia um vulto escuro no topo das escadas, era Mirabelle enrolada em uma bola se segurando, choramingando baixinho. Cyn correu até os últimos degraus, indo para baixo em um joelho e escovando uma mão tranquilizadora sobre as costas da jovem mulher, mas quando ela procurou na sala não encontrou nada. Ela piscou com a memória de Mirabelle encurvada sob o chicote de crueldade de Jabril e se perguntou se Jabril estava tentando contatá-la novamente. Talvez o escudo de Duncan não tinha sido suficiente depois de tudo.

Um borrão se moveu ao seu redor, sua mão foi automaticamente para o seu fixador de ombro e para a Glock 17 que lá estava. As sombras em sua sala de estar se deslocaram quando a sua mão tocou a coronha da arma. A arma estava quase fora do coldre quando percebeu quem era.

— Não — Cyn rosnou. Ela colocou a Glock de volta no coldre. Três passos duros a levaram à sala de estar. — Não, não, não. Você não pode fazer isso, Raphael. Você não pode vir aqui e...

Raphael se endireitou na sua altura máxima, sua estrutura poderosa elevando-se acima dela, com olhos negros que brilhavam como prata na pouca luz. Aqueles lábios sensuais estavam puxados para trás em um sorriso confiante, e as sombras acariciavam seu perfeito rosto, mostrando sua beleza. Cada momento de angústia em relação ao mês passado veio à tona para perfurá-la no estômago, sufocando suas palavras e fazendo-a parar.

— O que você quer? — Ela manteve a voz baixa, esperando que ele não ouvisse a dor embaixo dela.

O lorde vampiro olhou para ela, seu belo rosto ilegível. Mas então, Cyn nunca tinha sido capaz de ler nada ali, a menos que ele quisesse. Ela desejava poder dizer o mesmo sobre si mesma.

— Eu queria saber que você está bem.

Ele parecia tão razoável. — Tudo bem — disse ela. — Você vê que eu estou, agora você pode sair.

— Cyn... — ele começou, mas ela ouviu Mirabelle gemer baixinho atrás de si e correu de volta para seu lado.

— Está tudo bem, Mirabelle — disse ela, se agachado ao lado da menina.

— Eu sinto muito, sinto muito — Mirabelle continuava a sussurrar em meio às lágrimas.

— Está tudo bem. Vamos querida, levante-se.

— Ela não pode — Raphael observou friamente.

Cyn sentiu uma onda de raiva substituir a dor. Ela se levantou, girou ao redor em um único movimento e marchou até ele, ficando perto de seu rosto. — Não faça isso com ela — ela sussurrou. — Ela veio comigo porque eu disse que você era melhor do que isso, melhor do que aquele idiota do Texas. Se você está puto comigo, tudo bem, fique puto comigo, mas não se atreva a usá-la assim.

Ele olhou-a, tão irritado como ela estava, e o primeiro pensamento de Cyn era saber que inferno de direito ele tinha de estar com raiva de alguém.

Eles olharam um para o outro pelo que pareceu uma eternidade, e então ele deu um passo em torno dela e foi até Mirabelle, indo para baixo em um joelho.

Cyn viu como ele colocou a mão suavemente no ombro trêmulo da menina e se inclinou para falar diretamente em seu ouvido. Sua voz era muito suave para Cyn ouvir qualquer coisa, mas o corpo magro de Mirabelle parou seu estremecimento, e ela começou a soluçar de alívio, os soluços se voltando para risos, quando todos os músculos pareceram relaxar ao mesmo tempo. Mirabelle finalmente levantou o rosto, olhando para Raphael com algo perto de adoração, seus olhos azuis brilhando com lágrimas na pouca luz. Raphael estendeu a mão terna e as enxugou, tirou um cacho de cabelo de sua face. Cyn sentiu uma pontada aguda de ciúmes, seguida de imediato pela vergonha, como ela poderia ser tão mesquinha. E tão estúpida.

O vampiro levantou-se, trazendo Mirabelle com ele. Ele falou com ela novamente, e ela assentiu, dando-lhe um sorriso tímido, que ela em seguida transferiu para Cyn.

Cynthia se aproximou, com o cuidado de manter Mirabelle entre ela e Raphael. — Vamos, Mirabelle, o nascer do sol não pode estar longe. Deixe-me mostrar-lhe seu quarto, e você pode começar colocando algo confortável. Você não quer dormir o dia inteiro com essas roupas.

Sem olhar para trás, ela conduziu a jovem vampira pelo corredor além da cozinha e de lá para o maior dos dois quartos de hóspedes. Era um quarto agradável, embora impessoal, já que Cyn raramente tinha convidados para falar. Houve uma altura em que sua meia-irmã Holly tinha sido uma regular, uma visita que se auto convidava. Mas a última vez que Holly tinha vindo para ficar, ela tinha tentado entrar no estúdio privado de Cyn para roubar fotografias e vídeos dos seus clientes vampiros. Holly descobriu que os itens furtados valeriam um monte de dinheiro para diversos tablóides, impressos e televisão. Ela estava certa.

Felizmente Cyn tinha-os travado, a ela e ao seu incompetente namorado ladrão, antes que conseguissem passar pela porta trancada. O que tinha, provavelmente, salvado suas vidas. Vampiros não recorrem a tribunais, se você violou sua privacidade. Suas soluções tendem a ser mais permanentes.

É claro, Holly não vê exatamente dessa forma. Não que Cyn se importasse. Holly não era mais bem-vinda, em qualquer circunstância.

Cyn foi até o armário onde algumas das roupas de sua irmã ainda estavam penduradas. Uma coisa que ela tinha a dizer sobre Holly, a mulher tinha um gosto excelente. — Vamos ver o que temos aqui — disse ela principalmente para si mesma. Ela vasculhou a roupa e veio com uma camisola de seda previsivelmente linda e cara que parecia como se jamais tivesse sido usada. — Que tal isso para hoje à noite? Amanhã podemos ir às compras e escolher algumas coisas que você goste.

Ela se virou, segurando a camisola, mas Mirabelle estava na janela, puxando as cortinas para trás e por diante, verificando a sua cobertura. Cyn atirou a camisola sobre a cama e se aproximou. Cyn foi para o lado da menina, ela estendeu-se e puxou para baixo a persiana. — Aí, você vê — disse ela em modo tranqüilizador. — A persiana cobre toda a janela, mas para ter certeza absoluta, podemos puxar as cortinas também. — Ela adequou a ação para palavras. — Acredite em mim, Mirabelle, nada passa. Este quarto é escuro como breu durante o dia.

— Ele é bom — Mirabelle disse abruptamente.

Cyn franziu o cenho. — Quem?

— O Senhor Raphael. Você disse que seria bom e ele é.

— Eu acho que não usei a palavra 'bom' para me referir a Raphael — Cyn respondeu acidamente.

Mirabelle corou. — Não, não exatamente. Mas ele é. — ela insistiu. — Vocês estão…

— Não! — Cyn disse rapidamente. — Bem, não mais — ela emendou. — Ele pode ser bom, mas ele também é um imbecil. Nunca se esqueça disso, Mirabelle. Os homens podem ser bons e doces quando querem, mas no fundo eles ainda são um bando de idiotas.

Mirabelle olhou para ela com cuidado, como se ela fosse totalmente louca.

— Não se preocupe. Você não precisa se preocupar com isso. Sim, Raphael é um cara decente quando ele quer ser, e ele irá protegê-la. Vamos deixar por isso mesmo. Agora. Há um banheiro aqui. — Ela se aproximou e abriu a porta, enfiando a cabeça dentro para se certificar de que havia toalhas e todo o resto que uma pessoa pode precisar para uma noite... Ou um dia. — A cama é confortável... — Sua voz sumiu quando viu Mirabelle novamente olhar ao redor ansiosamente. — Escute, Mirabelle, o armário é grande o suficiente. Se você vai se sentir melhor, podemos…

— Não — Mirabelle disse rapidamente. — Não. Eu não quero mais dormir em armários. — Ela respirou fundo e puxou os ombros para trás. — Eu vou ficar bem. Isso é maravilhoso, Cynthia. Obrigado.

Cyn sorriu, aliviada ao ver a menina recuperar sua força. Não uma menina, Cyn. Ela não é muito mais jovem do que você, não importa como ela se parece. — Tudo bem. Vou deixá-la. Se você precisar de alguma coisa, eu vou estar lá fora, ou lá em cima. O meu quarto é o de cima, mas se você chamar eu

vou ouvir, ok? E eu prometo que vou estar aqui o dia todo. Estou totalmente cansada, você provavelmente vai acordar antes que eu faça.

— Okay. Obrigado.

— Sem problema. Durma bem. — Isso era um indicativo de quão estranha a sua vida tinha se tornado, Cyn nem sequer achou estranho dizer essas palavras para um vampiro prestes a ir dormir durante o dia.

Capítulo 23

Cyn pensava que Raphael já tinha ido embora, quando voltou para a cozinha mal iluminada. Ela ficou ao mesmo tempo aliviada e estranhamente desapontada. Mas então ela o viu de pé perto das janelas, de costas para a sala enquanto olhava o oceano. Ele se misturava perfeitamente nas sombras, e ela foi lembrada novamente o quão poderoso ele era, ele poderia chamar a escuridão para torno de si, como um manto contra os olhos humanos.

— Por que você chamou Duncan? — Ele perguntou.

Cyn piscou, surpresa pela contemplação de sua perfeição masculina. — O quê? — Ela perguntou confusa.

Ele girou com uma graça sobrenatural que fazia cada movimento parecer uma dança. — Por que Duncan? Você achou que eu não iria ajudá-la?

— Não — protestou ela. — Não, eu sabia que você iria, foi por isso que eu a trouxe aqui.

— Então por que chamar Duncan?

Ela não queria responder a essa pergunta. Ela não queria admitir o quanto doía falar com ele, vê-lo ali estudando-a com os olhos como prata enquanto a lua baixava no oceano lá fora. — Está ficando tarde, não é? — Ela disse. — Você não precisa voltar à sua propriedade?

Ele sorriu, divertindo-se com sua desajeitada mudança de assunto. Ele atravessou a sala, chegando tão perto que ela podia sentir o leve cheiro picante de sua loção pós-barba, podia ver um ligeiro pressionar de suas presas contra aqueles lábios que ela sabia de fato que eram surpreendentemente suaves. — Preocupada comigo, minha Cyn? — Ele murmurou.

Ela fechou os olhos brevemente lutando contra a vontade de fechar aqueles últimos centímetros e enterrar-se em seus braços. — Eu não sou sua. — ela sussurrou desesperadamente. — Eu não sou de ninguém.

Raphael estendeu a mão para emaranhar os dedos em uma mecha de seu cabelo e puxá-la para mais perto. Suas narinas ficaram infladas quando ele respirou. — Ele tocou em você.

— Não. — ela se opôs, antes de se lembrar da sensação pegajosa do toque casual de Jabril. — Só o meu braço, eu não queria...

— Eu deveria matá-lo por isso. — Sua boca estava contra sua pele, seu hálito quente contra sua têmpora, e ela não conseguia se lembrar quando ele tinha chegado tão perto. Lábios macios mordiscando por sua face até a boca em espera. Ela gemeu um protesto fraco quando a boca se fechou sobre a dela, quando seu braço se envolveu em torno de suas costas e a puxou contra o comprimento de seu grande corpo sólido.

Não havia nada de romance ou sedução no beijo. Foi duro e exigente, fome e necessidade. Presas correram para fora, beliscando sua língua, e Raphael cantarolou com prazer quando o seu sangue se misturou ao sabor de sua boca. Ela apertou-se contra ele, precisando sentir a sua excitação, precisando saber que ele a queria tanto quanto ela o queria. Ele a ergueu, deixando suas presas afundarem na maciez de seu lábio inferior e rosnando quando o sangue quente começou a fluir. A sensação trouxe uma onda de desejo e Cyn envolveu os braços em torno do seu pescoço, passando os dedos pelo seu cabelo curto. Ela o mordeu de volta, pressionando os dentes humanos em sua boca macia, saboreando o gosto de seu sangue, sentindo uma onda de êxtase quando este desceu por sua garganta.

Raphael colocou a mão em concha na bunda dela e trouxe as pernas ao redor de seu quadril, colocando sua ereção na fenda entre as coxas dela. Ela gritou, querendo-o mais que a vida naquele momento, querendo sentir o seu peso pressionando-a para baixo, abrindo-lhe as pernas e mergulhando seu pau dentro dela, duro contra suave, seda contra cetim.

E ela se lembrou de Duncan dizendo-lhe como os lordes vampiros marcavam seus amantes humanos. A fria realidade caiu sobre ela.

— Não! — Ela forçou a palavra para fora. Seu corpo gritou com raiva, ansioso para ter sexo com ele. Seu coração se partiu novamente quando ela o empurrou. Ela escolheu a raiva em vez do sofrimento, fortalecendo-se com ela e empurrando ambas as mãos contra seu peito pesado. Ela cambaleou um pouco quando ele a deixou ir. — Por que você não apenas tatua seu nome na porra da minha testa! — Ela rosnou, limpando o sangue deles de sua boca com uma mão.

Raphael se esticou incrivelmente rápido e pegou a mão dela para lamber o sangue com um sensual deslizar de sua língua. Ele deu um passo atrás, lambendo os lábios e olhando para ela, seus olhos quentes com desejo, deixando-a saber quão bom era o sangue. — Se eu soubesse que você estava indo para o Texas — disse ele sedosamente. — Eu teria.

— Bastardo.

Ele se aproximou mais uma vez, sua respiração se misturando com a dela quando ele afagou um dedo pelo seu rosto para descansar contra a veia grande

do pescoço. — Diga que você não me quer, doce Cyn, — ele murmurou. — Diga-me, e eu deixarei você sozinha para sempre.

Ela sugou uma inspiração difícil, chocada com a idéia de nunca mais vê-lo novamente. — Vá embora, Raphael. Me machuca até mesmo olhar para você.

Ele deixou cair a mão e se afastou ela. Algo muito parecido com dor brilhou em seus olhos antes de ser rapidamente substituído por seu usual rosto cuidadosamente em branco. Cyn sentiu um arrependimento momentâneo por machucá-lo, seguido por uma onda de aversão por ele ainda poder manipulá-la tão facilmente.

— Sua Mirabelle precisa apresentar-se — disse ele sem rodeios. — Este é o meu território, Cyn.

— Como ela faz isso?

Ele sorriu, mais uma vez a imagem de arrogância confiante. — Marque uma hora. De que outra maneira? — Ele girou ao redor e arrastou o casaco da parte traseira do seu sofá. — É quase amanhecer. Tenho que correr. — Antes que ela o pudesse parar, ele agarrou a frente de sua camisa e puxou-a contra ele para um duro, mas rápido beijo. — Até depois, minha Cyn. — E ele se foi, não mais que um borrão de movimento, pela porta da frente e descendo as escadas exteriores antes que a porta tivesse se fechado.

Cyn se aproximou e trancou a porta, imaginando por que ela se incomodava quando a maior ameaça, poderia obviamente, entrar a qualquer momento que quisesse. Ela olhou pela janela onde o céu permanecia escuro sobre o negro oceano, a lua por fim definida. Em algum lugar no horizonte leste o céu já estava começando a empalidecer para o nascer do sol, mas o seu apartamento enfrentava o oeste. Ela puxou as cortinas para o dia que vinha e subiu as escadas para seu quarto, que ficava no terceiro andar, desligando a luz da pequena cozinha quando ela passou.

Estava totalmente escuro em seu quarto; apenas o brilho dos vários LEDs delineava as formas familiares. Ela retirou suas roupas, deixando-as cair no chão, e deslizou por baixo da suavidade de seu lençol. Seus olhos se fecharam e a exaustão adiada tomou conta dela, libertando-a a sonhar com o abraço do Senhor vampiro.

Capítulo 24

O convés de madeira estava fresco sob seus pés descalços, os trilhos molhados no ar da noite enevoada. Ela esfregou os braços contra o frio e Raphael deu um passo por trás dela, puxando-a contra os músculos firmes de seu profundo peito. Não era verdade o que diziam sobre vampiros. Eles não eram gelados, nem estavam mortos. Seus corações bombeavam, seu sangue circulava, seus pulmões gritavam. A sua temperatura corporal era um pouco mais fria que a norma humana, o que provavelmente era o motivo das velhas superstições. Mas quando os braços de Raphael a envolveram, ela se sentiu quente e segura, protegida contra a noite úmida e qualquer ameaça que ela pudesse esconder.

— Eu me lembro de minha primeira visão do oceano. — Sua voz era um murmúrio profundo, seu rosto aninhado em seu cabelo. — Estava lotado e barulhento, sujo com o cheiro de corpos não lavados e muito pior. Eu mal podia ver a água devido aos navios atracados contra o cais.

Cynthia escutava, quieta e silenciosa. Ele nunca falava de seu passado.

— St. Petersburgo era o centro do mundo então. Ou assim dissemos a nós mesmos. Era o centro do império e isso era o suficiente.

Rússia, Cyn sabia. Ele estava falando sobre a Rússia Imperial.

— A cidade portuária de Brest, na França, era igualmente ruim quando eu finalmente deixei a Europa para vir aqui, e Nova York era ainda pior. Nunca conheci a beleza de um oceano até que me mudei para o oeste. Lembro-me de vir ao longo da colina, atraído pelo frescor do ar, o cheiro de sal da água. Havia uma lua cheia naquela noite e eu olhei como um menino ignorante para a imensidão do horizonte, estendendo-se até onde os olhos podiam ver e não havia uma única dica de que o homem já tinha estado aqui com seus hábitos perniciosos. — Ele respirou, reforçando seu domínio sobre ela, deixando seus lábios demorarem contra sua têmpora.

— Eu sabia que esta seria a minha casa. Tenho casas em outras cidades, lugares bonitos com vistas espectaculares à sua maneira. Mas eu só tenho uma casa, doce Cyn, e é aqui.

Sua cabeça mergulhou e os seus lábios se arrastaram ao longo da linha de sua jugular até ao lado de seu pescoço para colocar um gentil beijo no canto da boca. Ela entrelaçou os dedos com os seus, deixando a cabeça cair em seu

ombro e fechando os olhos, ouvindo o murmúrio suave das ondas, sentindo a batida do seu coração coincidir com o pulso em suas próprias veias.

Cyn despertou abruptamente para a escuridão familiar de seu próprio quarto, seus dedos acariciando cuidadosamente ao longo do caminho que a boca de Raphael havia tomado no seu sonho. Ela se sentou, olhou o relógio e descobriu que tinha dormido durante o dia. Já quase havia luz quando ela finalmente adormeceu, e nesta época do ano o sol se punha cedo, o que significava que os vampiros já estariam se mexendo com a noite. O que era bom, porque ela tinha uma pergunta que só um vampiro poderia responder. Estendendo a mão para seu celular, ela o abriu e foi percorrendo seus números, tentando decidir a quem ligar quando a campainha tocou. Um minuto inteiro se passou enquanto ela pensava em não responder, mas então ela decidiu que, pelo menos, valia a pena dar uma olhada. Ela se levantou, vestiu o jeans enrugado do dia anterior, puxou uma camiseta velha por cima da cabeça e foi para a varanda para dar uma espreitadela para baixo.

O vampiro em sua porta olhou imediatamente para cima, seus movimentos furtivos não eram páreo para sua aguda audição na noite calma.

— Sra. Leighton? — O luar brilhava amarelo em seus olhos.

— Hum. Sim.

Presas brilharam quando ele sorriu e mostrou o refrigerador pequeno em seus braços. — Lonnie me enviou. Ele diz que é para Mirabelle.

— Oh! Okay. Já vou para baixo.

Cyn voltou para dentro, deixando a porta corrediça aberta. Estava frio, mas o movimento constante das ondas era um som familiar e o ar fresco era um intruso bem-vindo. O apartamento estava calmo quando ela desceu as escadas, ainda não havia sinal de Mirabelle.

Foi preciso alguns minutos para abrir todas as trancas, mas o vampiro estava esperando pacientemente quando ela finalmente abriu a porta. Ele lhe deu um olhar expectante, mas Cyn não tinha intenção de convidá-lo a entrar. Ela havia aprendido da maneira mais difícil que uma vez convidado, não havia maneira de desconvidar. Era irritante o suficiente ter Raphael rondando sua casa à vontade, não queria por lá um vampiro que ela nem conhecia.

Ela estendeu a mão e tomou o refrigerador de seus braços. — Obrigado. Hey, — disse ela, lembrando a questão que estava esperando por ela quando acordou. — Lonnie está por perto?

Ele deu de ombros. — Na casa de praia.

— Você tem o número de celular dele à mão?

Ele deu-lhe um olhar um pouco desconfiado, mas tirou o telefone do bolso e leu o número rapidamente. Com um flash de irritação, Cyn o repetiu para si enquanto ela atravessava a sala e depositava o refrigerador na bancada. Ela pegou uma caneta e escreveu o número rapidamente, então se voltou para a porta, mas o vampiro já tinha ido. — Acho que ele não esperava uma gorjeta. — Disse ela a ninguém.

Quando a porta foi novamente fechada e todos os bloqueios garantidos, ela franziu a testa para o refrigerador, imaginando o que fazer com ele. Ela estava inclinada a empurrar a coisa toda em sua geladeira que, como de costume, estava quase vazia, então havia espaço de sobra. Caso Mirabelle preferisse o sangue à temperatura ambiente, poderiam sempre aquecê-lo de alguma forma. Uma que não incluísse o microondas. Cyn não apreciava a ideia de que um saco de sangue explodisse dentro do seu dispositivo de cozinha favorito. Talvez elas pudessem usar água fervente. Ela se lembrava vagamente de que era possível aquecer a mamadeira de um bebê em um copo de água quente. Ela encolheu os ombros. Elas arranjariam uma maneira.

Café veio em seguida, um processo tão automático que não tinha consciência de que o tinha feito até que estava segurando a primeira caneca em suas mãos. Ela tomou alguns goles vivificantes, em seguida subiu as escadas, indo para seu escritório. A porta estava trancada, como sempre, que foi o que evitou a tentativa de roubo por parte da sua irmã Holly, há não muito tempo atrás. Cyn encontrou os dois supostos assaltantes tentando arrombar a fechadura. Eles não tinham conseguido, mas ela mudou a fechadura de qualquer maneira. Ela não dava chances quando se tratava da confidencialidade do seu cliente.

Copo de café na mão, ela bateu um código no teclado recém-instalado, escutando como o pesado ferrolho destrancava, então empurrou a porta e caminhou até sua mesa, iniciando sessão no seu computador.

Com uma rápida verificação ao seu e-mail, ela notou que era praticamente tudo spam. Havia um e-mail de Duncan — Alexandra tinha concordado em se encontrar com Cyn e Mirabelle à meia-noite daquele dia. Quão curioso. Ele também ressaltou que a nomeação de Mirabelle com Raphael estava marcada para — ela verificou a data no seu calendário — uma semana a partir de hoje. Ela franziu a testa e teclou o número de Duncan.

— Boa noite, Cynthia, — Duncan respondeu com sua habitual voz calma.

— Por que tanto tempo?

— Estou bem, obrigado por perguntar.

— Yeah, yeah. Boa noite, Duncan. Acredito que tudo está bem e blá, blá, blá. Então, por que tanto tempo?

— Até?

— A sessão de Mirabelle com Raphael. Por que esperar até o próximo domingo? Ela não vai estar mais segura se fizermos isso antes?

— De fato, mas existem formalidades que devem ser observadas. Jabril deve ser informado, embora eu ache que podemos supor que parte, pelo menos, é realmente uma formalidade. No entanto, ele também tem direito a ter uma testemunha presente para verificar que a decisão de Mirabelle é feita livremente e não sob coação. Uma vez devidamente informado da sua intenção, Jabril tem uma semana para oferecer uma testemunha aceitável para ambas as partes. O que significa que ela não pode se comprometer ao Senhor Raphael antes desse tempo.

— Espere, você está dizendo que Mirabelle tem que chamar Jabril? Não acho...

— Claro que não. Esta é uma questão entre os dois senhores vampiros. Raphael estará chamando Jabril esta noite.

— E quanto a essa testemunha?

— O que tem ele?

— Jabril pode vir ele mesmo...

— Na verdade não. Os membros do Conselho podem viajar dentro do território do outro apenas com autorização expressa, a permissão raramente é dada, exceto para a reunião anual do Conselho Vampiro, que roda entre os membros.

— Então, quem vai ser a testemunha?

— Eu não sei.

— Não Asim.

— Ah, isso é certo, você conheceu Asim. Homem encantador. Não, não será Asim. Raphael nunca o aceitaria. Não, vai ser alguém menor, alguém que Jabril não se importará de perder se ele sair da linha.

— Yeesh.

Duncan riu. — Não se preocupe, Cynthia. Não haverá caos. Pelo menos não em sua presença.

— É bom saber. Okay. Vou colocá-lo em meu calendário então.

— Estou ansioso para ver você.

— Mmmhmm. Espere — disse Cyn. — Mirabelle está em perigo até então? Quero dizer, é provável que Jabril tente arrebatá-la de volta?

— Seria insensato da parte dele, mas ele pode estar desesperado o suficiente para tentar, sim. A fortuna de Mirabelle é considerável e Jabril tem tratado dela como se fosse sua há muitos anos. Ela estará muito mais segura uma vez que esteja dentro da propriedade, seja com Alexandra ou aqui na casa principal. Você a estará trazendo esta noite?

— Nós tínhamos planejado fazer umas compras em primeiro lugar. Na sua nota dizia à meia-noite.

— Vou enviar alguém para acompanhá-las, então. Talvez Mirabelle gostaria de conhecer Elke. Não acredito que Jabril tenha uma única fêmea entre seus asseclas.

— Você realmente acha que existe algum perigo?

— Não. Não tão cedo, mas por que arriscar?

— Okay. Elke. Devemos buscá-la?

— Não, ela estará na sua porta dentro de uma hora. Espere por ela, Cynthia.

— Como se eu não fosse esperar.

Ele ainda estava rindo quando desligou. Cyn sorriu. Ela gostava de Duncan. Pena que seu chefe era um bastardo.

Uma semana inteira, ela pensou. Ela preferia ter tudo resolvido mais cedo que isso, mas talvez fosse melhor assim. Mirabelle poderia recuperar um pouco da sua ruptura traumática com Jabril, além de ela ter tempo para encontrar algo bonito para vestir no grande dia — nada como uma roupa linda para fazer uma pessoa se sentir bem sobre si mesma.

Cyn introduziu a data em seu calendário do computador, depois escreveu com grandes letras vermelhas em uma nota para colar na porta da geladeira.

Ela rapidamente correu pelo resto de seus e-mails, digitando respostas rápidas a dois inquéritos de potenciais novos clientes — ambos vampiros. Ela anexou uma lista de suas taxas e termos, depois se mudou para o Google e digitou na busca o que ela estava realmente interessada.

Enquanto ela via os resultados, ela acariciou o lado do pescoço, mais uma vez refazendo o caminho que a boca de Raphael tinha tomado em seu sonho. A busca finalmente produziu a imagem que ela estava procurando, e ela estudou cuidadosamente antes de imprimir um par de páginas. A Internet era uma coisa maravilhosa. Enquanto esperava pela impressora, um rugido alto na vizinhança do seu estômago lembrou-lhe que ela não comia há algum tempo — sanduíches com Luci. Delicioso, mas há muito tempo.

Segurando as páginas à medida que elas saíram da impressora, ela pegou sua xícara de café, agora vazia, e desceu as escadas. Depois de um exame rápido das ofertas em sua geladeira, ela decidiu recompensar-se com um muffin. E não apenas qualquer muffin, mas um gigante de calorias e açúcar, especificamente projetado para engordar Cyn e ajudá-la a conseguir um marido. Eles eram a criação de sua empregada Ana, que andava angustiada por Cyn continuar solteira e determinada a fazer algo sobre isso. Cyn não disse exatamente que aprovava o que a mulher estava a fazer, mas ela estava feliz em comer os muffins... Com moderação. Ela nunca tinha feito um teste, mas não havia dúvida em sua mente que cada um dos tesouros dourados era embalado com saborosas calorias. Ela colocou um no microondas e abriu seu telefone celular para ligar para Lonnie.

— Cyn — ele respondeu. — Esta é uma surpresa. Deram-lhe o sangue que enviei?

— Sim, obrigado, Lonnie, ouça…

— Você viu a minha nota sobre ter certeza que ela bebe tudo?

— Nota?

— Deixei um bilhete no refrigerador. Certifique-se que Mirabelle beba os dois litros; ela não vai querer, você terá que convencê-la, ela pode tomar um agora e o outro mais tarde, se for muito para uma só vez.

— Um, eca, mas tudo bem. Eu tenho uma pergunta para você.

— Manda.

— Vocês estavam falando ontem sobre Mirabelle beber de um saco, ao invés da veia. Isso é o que você disse, "da veia".

— Sim. — Lonnie arrastou a palavra como se perguntando onde ela estava querendo chegar.

— Certo, então, você nunca bebe de uma artéria, você sabe como as do pescoço, que...

— Sim, Cyn — ele interrompeu. — Eu sei o que é uma artéria. A resposta é não.

— Não? Como em nunca?

— Não, como em nunca.

— Por quê? Quero dizer, porque não artérias?

— Circulação humana 101, babe. Veias vão para o coração, artérias saem dele. O que significa que o sangue nas artérias é bombeado, daí o pulso humano, thump thump thump. Quando um hospital extrai sangue, eles enfiam uma agulha na sua veia. O mesmo para um vampiro, para obter um fluxo agradável e regular, nada demais. Você perfura uma artéria e você tem uma verdadeira bagunça em suas mãos, e uma bagunça pulsando a um ritmo acelerado. Não contribui para uma refeição tranquila, se você quer a minha opinião.

— Mas não iria ser mais fácil? Você sabe, mais rápido?

— Quem quer rápido? Pense em uma lata de refrigerante. Você abre o topo e bebe, sai a um ritmo agradável. Mas se você fizer um buraco minúsculo no lado em vez disso, há muita pressão e esguicha por todo o lugar. Você não consegue controlá-lo e você não pode beber rápido o suficiente. A mesma coisa com sangue.

— Ok, então no pescoço, você pode usar a veia jugular, certo? — Perguntou ela, lembrando a sensação dos lábios de Raphael contra o seu pescoço. — Mas não a artéria carótida?

— É isso aí. Por que você quer saber essas coisas, Cyn?

— Algo que eu estou trabalhando, — disse ela vagamente, a sua atenção voltada para as imagens que ela tinha imprimido lá em cima. Ela encontrou as duas que estava procurando, imagens que mostravam claramente a localização das principais veias e artérias do pescoço humano. Imagens que lhe disseram que nenhum vampiro havia colocado os buracos nos pescoços das cinco jovens mortas que estavam no necrotério paranormal muito especial do condado.

— Cyn?

A voz de Lonnie a chamou de volta para a tarefa em mãos. — Sim, eu estou aqui. Ouça, obrigada, Lonnie. Isso era o que eu precisava. Ah, e sobre

Mirabelle. Ela provavelmente vai ficar com Alexandra depois desta noite. Ela vai ficar lá que é mais seguro, enquanto essa coisa toda com o Texas é resolvida.

— Alexandra? — A surpresa de Lonnie era óbvia.

— Yeah. Duncan sugeriu. Isso não será um problema, não é? Quero dizer, você pode enviar o sangue para Alexandra, certo?

— Sim, sim eu faço. Me avise quando fizer a mudança.

— Ótimo. Obrigado, Lonnie. Falo com você depois. — O temporizador de microondas soou quando ela estava desligando. Quando ela encheu uma chávena de café e sentou-se para desfrutar de seu muffin, ela ouviu os primeiros sinais de vida vindo do quarto de hóspedes. Mirabelle estava finalmente acordada e, sem dúvida, morrendo de fome.

Enquanto esperava Mirabelle terminar seu banho, Cyn puxou o refrigerador da sua geladeira e rapidamente leu nota de Lonnie. Além de sua recomendação de beber os dois litros, ele incluiu instruções para trazer o sangue à temperatura ideal. Ela ficou espantada de que sua vida chegou ao ponto onde o aquecimento de um saco de sangue para o pequeno almoço de alguém parecia banal, mas estava pronto e à espera quando Mirabelle entrou na cozinha.

— Obrigado — Mirabelle disse suavemente, recusando-se a encontrar os olhos de Cyn.

Cyn franziu a testa, lembrando de Lonnie dizendo que a jovem tinha vergonha por ter que beber de um saco.

— Vou correr lá em cima bem rápido e tomar um banho enquanto você toma seu pequeno-almoço, Mirabelle.

— Claro. — Seu alívio era evidente.

— Bom. Então, aqui está o plano para esta noite. Primeiro, você precisa de algumas roupas, então vamos às compras. Elke estará vindo da propriedade para se juntar a nós. Ela pertence à equipe de segurança de Raphael.

Mirabelle parecia preocupada, por isso, ela acrescentou rapidamente, — Duncan acha que não há qualquer perigo, mas ele pensou que você se sentiria mais segura assim. E Elke é razoável — Ela fez uma pausa, pensativa. — Embora, eu não aceitaria seus conselhos quando se trata de roupas, se você entende o que quero dizer, — disse ela com uma piscadela. — Depois das compras, vamos diretamente para a propriedade de Raphael visitar a irmã dele, Alexandra. Se vocês se derem bem, você vai ficar com ela. Se não, vamos pensar em outra coisa. A propósito, a sua reunião com a equipe de Raphael será em uma semana a partir de hoje. — Ela tocou na nota pegajosa que tinha colocado

na geladeira. — Eu achava que não existiam regras para essa coisa de vampiros. Quem imaginaria, certo?

Ela começou a subir as escadas para seu chuveiro, mas lembrou as instruções de Lonnie. — Oh, — disse ela, virando-se para se certificar que Mirabelle estava prestando atenção. — Lonnie disse para você beber os dois litros de sangue, mas se você não conseguir beber tudo de uma vez, podemos voltar aqui depois de irmos às compras e antes de irmos para a propriedade de Raphael. Eu não sei quanto a você, mas fazer compras me deixa com fome.

— Nós vamos ver Raphael? — O rosto da menina iluminou-se com entusiasmo.

Oh meu Deus, uma paixão adolescente, Cyn pensou. E Raphael, de todas as pessoas. — Estamos indo para a fazenda, mas provavelmente — felizmente, ela acrescentou silenciosamente — não veremos Raphael — ela explicou. — Alexandra tem sua própria casa lá.

— Oh, — disse Mirabelle, um tanto triste. — Okay — acrescentou ela apressadamente. — Obrigado, Cynthia.

Cyn parou novamente, no meio da escada. — Sem problema, e por favor, por favor, me chame de Cyn. Aproveite o seu pequeno-almoço. — Ela ainda conseguiu dizê-lo com uma cara séria.

Enquanto Cyn havia tomado banho e se vestido com seu habitual uniforme de trabalho, que era jeans, blusa e botas de cowboy, Mirabelle havia terminado a primeira bebida e estava sentada em frente da televisão, passando os canais. Ela olhou para cima quando Cyn entrou na sala, com os olhos brilhantes. — Isso é incrível, Cyn. Você tem, tipo, todos os canais do planeta!

— Yeah. Quinhentos canais e nada para assistir. — A campainha soou alto, indicando que alguém estava na porta lá embaixo. — Provavelmente é Elke, — ela comentou, mas tomando nada como garantido, ela atravessou a cozinha, indo para o monitor de segurança que lhe mostrou um visual da segurança vampira de Raphael, vestindo um terno cinza escuro, que era o uniforme da equipe de Raphael. — Ei, Elke! Estaremos aí em baixo em um segundo.

Elke olhou para a câmera, fazendo uma careta pela saudação alegre de Cyn. As duas não eram exatamente amigas e elas certamente nunca tinham ido

fazer compras juntas. Cyn, não queria que Mirabelle se sentisse mais estressada do que ela já estava.

— Você está pronta para ir? — Ela perguntou à menina.

— Claro! — Mirabelle desligou o aparelho e alguns minutos depois as três estavam cruzando o Pacific Coast Highway, com uma Elke silenciosa no banco de trás.

— Nós iremos à Third Street — disse Cyn a Mirabelle, quando passaram pelo Pier de Malibu. — É um pouco frio para fazer compras, mas esse tempo não vai durar muito. Basta algumas coisas para você usar por alguns dias. — Ela olhou para o lado, avaliando a figura de Mirabelle, ainda bastante escondida pelo jeans e pela camiseta solta, que era tudo o que ela tinha para vestir. — Você é um tamanho oito, eu acho. Talvez um dez quando estiver bem nutrida, mas eu aposto que você perdeu algum peso.

Mirabelle encolheu os ombros. — Eu não compro qualquer roupa desde que a minha mãe morreu. Jabril sempre insistia para eu vestir o que ele escolhia. Liz também, mas ela escapava e comprava coisas para si mesma. Ela descobriu uma maneira de conseguir algum do nosso dinheiro, mas nunca me disse como. Isso não importa de qualquer maneira. Eu nunca tive coragem de ir contra ele. Minha grande rebelião era usar uma velha camisola de seda da minha mãe.

— Sim, bem, isso é história. Assim que encontrarmos Liz, vamos fazer compras de verdade.

— Você acha que vai encontrá-la?

— Com certeza. — Cyn disse, esperando que fosse verdade.

O silêncio encheu o carro por alguns minutos. — Existe algo que eu posso dizer a Liz, quando eu a encontrar, para que ela saiba que você está comigo? Algo que só vocês saberiam? — Cyn pegou Elke olhando com surpresa pelo retrovisor e lhe deu um olhar sujo de volta. O quê? Será que a vampira achava que Cyn não conhecia o seu próprio negócio?

Sem saber do silencioso intercâmbio, Mirabelle pensou por um momento. — Diga-lhe que eu disse que as vacas têm que ficar juntas.

Cyn olhou para cima, levantando as sobrancelhas com ceticismo.

— É uma brincadeira de quando éramos crianças. Liz vai entender.

Cyn encolheu os ombros. — Se você diz. Ouça, como eu disse, depois das compras, vou levá-la para a propriedade para conhecer a irmã de Raphael, Alexandra. Ela é bem mais velha do que você está agora, mas ela era ainda mais

jovem do que você quando foi transformada. Eu não sei todos os detalhes, mas ela passou por uma espécie de tempo ruim antes de Raphael encontrá-la, e depois, no mês passado, alguém a raptou, tentando chantageá-lo. Conseguimos resgatá-la, mas um outro vampiro, um cara chamado Matias, morreu tentando protegê-la e eles eram bastante próximos. Duncan pensa que vocês podem ter muito em comum, que vocês podem ser capazes de ajudar uma à outra a passar por tudo isso.

— Ok. — Mirabelle estava duvidosa. — Vamos ficar lá, então? Na casa dela?

— Uh, não. Bem, você vai, é claro, Elke vai ficar também. Mas eu preciso procurar Liz.

— Por que não posso ir com você?

Cyn suspirou. — Olha, eu sei que você quer ajudar, mas os lugares que eu preciso ir, as pessoas que eu preciso falar... Elas estarão relutantes em falar comigo, muito menos com alguém que não conhecem. Mas... — Cyn fez uma careta, tentando pensar em uma boa maneira de dizê-lo e sem conseguir pensar em nada. — Eu trabalho sozinha, Mirabelle — disse ela simplesmente. — Sinto muito, mas essa é a maneira que é.

— Mas ela é minha irmã.

— Eu sei disso, e também sei que você quer que eu a encontre o mais rápido possível. Então, você precisa me deixar fazer o meu trabalho, ok?

— Certo. — A jovem suspirou e olhou pela janela. — O que você acha que o Senhor Raphael vai fazer? — Ela disse finalmente. — Quero dizer, quando eu for vê-lo?

— Eu não sei. Algo formal e pretensioso, eu suponho. — Ela ouviu Elke abafar uma risada na parte de trás do assento. — Esses caras parecem amar cerimônias cafonas — continuou ela. — Além disso, foi você que disse que ele era um cara legal.

— Sim, mas ele também é realmente assustador.

Cyn riu. — Bem, estamos de acordo em grande parte de qualquer maneira. — Ela deslizou em um ponto vago no primeiro nível do parque de estacionamento e desligou o motor. — Vamos às compras.

Capítulo 25

Houston, Texas

Jabril saiu da câmara de isolamento, sentindo o ligeiro deslocamento de ar quando a pesada porta girou, fechando o cheiro de morte que enchia a sala por trás dele. O interrogatório tinha sido bastante satisfatório. Não que tenha aprendido algo de novo. Mas eles tinham estado mais do que ansiosos para responder suas perguntas, e ele os tinha questionado bem. Sim, ele se lembrou com um suspiro satisfeito, ele tinha sido muito completo. Isso não os tinha salvado, é claro. Suas falhas eram imperdoáveis, o custo quase incalculável para ele próprio — só ao pensar nisso sua raiva quase o dominou mais uma vez. Mas ele disciplinou-se, armazenando para uso posterior, quando servisse aos seus propósitos para melhor efeito.

Aquela cadela do Raphael foi a responsável por tudo, interferindo onde não devia. Ele não precisava dos guardas para saber disso. Ele poderia ter suspeitado que o vampiro ocidental estava conspirando contra ele, mas ele foi obrigado a admitir que o erro foi seu. Ele a convidou, como trazendo uma serpente para seu ninho, pensando em brincar com Raphael, em furar aquela bolha de confiança que o desgraçado usava como uma segunda pele.

Ele respirou fundo. Aquilo ainda não tinha terminado. Ele não se importava com Mirabelle. Ela foi apenas um meio para atingir um fim. O dinheiro Hawthorn pertencia a ele e a ele apenas, mesmo que tenha vindo com duas fêmeas inúteis anexadas. Mas ele estava ficando à frente de si mesmo. Ele ajeitou a gravata, enfiando-a sob a sua jaqueta e começou a andar pelo corredor. A primeira coisa a fazer era recuperar sua propriedade.

Jabril acomodou-se atrás de sua mesa, tomando um gole de vinho tinto temperado com sangue o suficiente para torná-lo palatável. Ele considerou o seu próximo movimento cuidadosamente. Se ele esperasse, Raphael certamente lhe telefonaria diretamente. Não havia dúvidas quanto ao paradeiro de Mirabelle, ou quem a estava abrigando. Raphael saberia disso tão bem quanto ele. E se a menina achava que ia mudar definitivamente sua lealdade... Ele

tomou um longo gole de vinho, engolindo sua raiva com o pensamento de tal coisa. Mas se ela o fizesse, havia as formalidades a serem observadas.

Ele levantou o marfim delicado do aparelho de ouro de seu telefone de mesa antigo e discou um número muito particular.

Foi o próprio Raphael quem respondeu. — Jabril. — disse ele.

— Raphael. — Ele ouviu o outro vampiro rir baixinho e rangeu os dentes. — Eu acredito que você tem algo que é meu. — disse ele, finalmente, não permitindo nenhuma de suas frustrações infiltrarem-se em sua voz.

— É do meu conhecimento que ela não pretende continuar a ser sua.

— Estou certo de que é do seu conhecimento.

— Você pode, é claro, mandar uma testemunha.

Jabril enrijeceu em surpresa, grato que o vampiro do outro lado da linha não podia vê-lo. Ele não esperava que Raphael movesse isso tão rapidamente, ou Mirabelle agisse de forma tão decisiva. Raphael, pelo menos, tinha de saber a importância da garota estúpida para ele. Ela era mais do que um simples servo. Muito mais.

— Você tem uma data em mente? — Perguntou.

— Sete dias, como é costume — disse Raphael. — A cerimônia será no próximo domingo.

— Hmm. — Jabril respondeu, inclinando-se para frente e virando umas páginas, como se verificando um calendário, sabendo que o outro lorde vampiro podia ouvir cada movimento. — Sim, eu posso reorganizar algumas coisas e participar eu mesmo.

Jabril podia sentir o sorriso presunçoso de Raphael antes mesmo de ele dizer: — Eu acho que nós dois sabemos que isso não vai ser possível.

— Sério? — Jabril disse, fingindo surpresa. — O que aconteceu com essa sua confiança tão alardeada?

— Eu estava pensando mais no conforto de Mirabelle do que no meu. Ela estava muito traumatizada quando chegou.

— Tenho certeza de que é assim. Deve ter sido um choque para ela acordar e descobrir que tinha sido raptada de sua própria casa enquanto estava indefesa no sono.

— Foi isso que aconteceu?

Jabril lutou com sua ira mais uma vez. — Asim, então. — disse ele com uma calma perfeita.

— Não.

— Realmente, Raphael. Se você se importa tanto com os sentimentos da menina, eu acho que você quer alguém em quem ela confia de pé com ela para esta importante decisão.

— De fato. Você tem um desses?

Jabril teve vontade de cuspir. — Muito bem. — Pensou rapidamente, correndo através da lista de seus lacaios e não encontrando um de uso particular para ele sobre este assunto. Na verdade, se ele não pudesse estar presente ele mesmo, quem quer que ele escolhesse não seria mais do que uma testemunha, por isso pouco importava. Ele escolheu um nome quase ao acaso. — Nasir, então.

— O seu povo que forneça os detalhes e o meu povo vai encontrá-lo no aeroporto.

— Feito. — Jabril desligou sem se preocupar com gentilezas. Ele nunca gostou de Raphael, mas também ele não gostava de nenhum de seus colegas membros do Conselho. Ele enviou uma ordem mental para Asim, que estava esperando no corredor. Sem dúvida, ouvindo cada palavra, Jabril pensou com desdém.

A porta se abriu e seu tenente entrou, abaixando a cabeça respeitosamente. — Meu senhor?

— Faça os arranjos, Assim. — disse ele distraidamente, pensando em seu próximo movimento.

— Sim, meu senhor.

Asim se virou para sair, mas Jabril o chamou de volta. — Onde está aquele seu investigador, Asim? Qual o seu nome — Windle. Será que ele tem algo de útil a dizer sobre Elizabeth? — Ele não acreditava que chegasse a isso, mas se ele perdesse Mirabelle, ele precisaria ter certeza que tinha a mais nova. — Ele relatou nesta noite, meu senhor, enquanto você estava... Ocupado. Ele está confiante de que a terá sob custódia dentro de dias.

— Excelente. Onde ele acredita que ela está se escondendo?

— Ah. — disse Asim, obviamente relutante em dar este pedaço da notícia. Ele engoliu em seco. — Na Califórnia, meu senhor.

Jabril subiu por trás de sua mesa, sua raiva quebrando finalmente livre. Seu poder varreu numa torrente de fúria, varrendo tudo diante dela. Paredes tremeram, portas se separaram de suas amarras e voaram abaixo pelos corredores, janelas rachavam e quebravam, enviando cacos de vidro voando para cortar cada superfície. Vampiros se prostraram no chão, gemendo de medo e pedindo misericórdia. Em todo o complexo, os quartos dos empregados sacudiram como se de um terramoto se tratasse, mas os humanos sabiam melhor. Eles caíram de joelhos, tremendo, e orando a qualquer deus que tivessem para que sobrevivessem a essa noite.

Jabril estava em pé, olhos ardendo, braços estendidos para os lados, sentindo o terror de seus lacaios, o horror distante dos seres humanos. Ele absorveu tudo isso como o mais doce néctar, sentindo que ele penetrou em seus ossos e sangue, dando-lhe força, dando-lhe poder. Ele era mais do que um Vampiro, ele era o seu senhor e eles iam se curvar perante sua majestade como devia ser.

Ele fechou os olhos ao passado, trazendo seus braços juntos sobre o peito e abraçando-se bem, saboreando a sensação de plenitude, a corrida esmagadora de invencibilidade. Ele arreganhou os dentes e abriu os olhos para encontrar Asim encostado contra uma parede perto da porta, com um braço quebrado e sangue escorrendo de um corte na testa.

Jabril o encarou, sabendo que seus olhos ainda brilhavam com poder residual. — Eu quero Elizabeth encontrada e eu a quero de volta sob meu controle. Você me entendeu, Asim? Contrate quem você precisar, gaste tudo o que precisar, mas recupere-a. Não falhe nisso.

— Sim, meu senhor — Asim sussurrou.

— Agora, levante-se — Jabril ordenou. — Temos trabalho a fazer.

— Sim, meu senhor. — Asim cambaleou aos seus pés, puxando os pedaços de sua roupa rasgada em alguma ordem e varrendo a mão boa ao longo do corte sangrento na testa, que já havia começado a se curar. Ele olhou para o sangue em seus dedos por um momento e depois levou-os à boca e lambeu-os limpos.

Jabril viu tudo isso com crescente impaciência. Como se sentindo o desgosto de seu mestre, Asim olhou para cima e empalideceu ainda mais quando ele se apressou através da sala. — Em que posso servi-lo, Mestre?

— Vou exigir a sua assistência com os contabilistas. Duvido que Mirabelle encontrará a coragem de permanecer na Califórnia, mas devemos estar preparados para a possibilidade. Raphael não é bobo, ele vai ver a vantagem de mantê-la para si mesmo. Felizmente, ainda tenho acesso a grande parte da sua riqueza, que é adequada, mas eu quero cada centavo que possamos pôr em nossas mãos transferido para fora do país o mais rapidamente possível.

— Sua vontade seja feita, meu senhor.

— De fato, Asim. De fato.

Capítulo 26

Malibu, Califórnia

Era quase meia-noite quando Cyn puxou o Range Rover até ao portão principal da propriedade de Raphael em Malibu. O guarda, um dos seis presentes, acenou para Elke e reconheceu Cyn, mas ele olhou o carro com cuidado, franzindo a testa quando viu Mirabelle sentada no banco do passageiro. Os guardas de Raphael estavam hipervigilantes após o ataque do mês passado na fazenda, e Cyn aprovava essa cautela.

— Alexandra está esperando por nós. — garantiu-lhe Cyn.

Ele olhou nervosamente para Elke que não disse uma palavra, apenas ficou olhando-o com aqueles olhos cinza pálido quase brancos no brilho ofuscante das luzes no portão. O guarda fez uma pausa, depois pareceu tomar uma decisão e esperou seu parceiro acabar a ligação com os guardas de Alexandra, antes de sinalizar para abrirem o portão. Cyn ouviu Elke rindo baixinho para si mesma enquanto dirigia para a fazenda apropriada, e percebeu que o guarda tinha ficado dividido entre seguir a rotina ou dar-lhes passagem por causa da presença de Elke. Ela tomou-o como um bom sinal de que a vampira estava se divertindo. Embora, agora que pensava, se Elke tivesse sido ofendida, o guarda provavelmente estaria em suas costas e implorando por sua vida. Elke não era um membro da segurança interna de Raphael por nada.

Ela dirigiu pela expansiva casa principal, com linhas limpas do sudoeste e piscina infinita, passou por baixo de um dossel pendendo de árvores de eucalipto e entrou na pequena clareira onde Alexandra mantinha sua própria residência. Era uma mansão francesa do século 18, com paredes cobertas de hera e telhas azuis no telhado.

Cyn estacionou e alguém da equipe de segurança de Alexandra se aproximou do carro quando elas saíram. Elke se aproximou e conferiu brevemente com ele antes de voltar para onde Cyn e Mirabelle estavam à espera. — Não há mais compras esta noite, certo? — Perguntou ela. Cyn era mais alta do que Elke vários centímetros e a vampira estava olhando para ela com uma carranca, como se a desafiando a sugerir o contrário.

Cyn sorriu. Elke tinha sido uma boa esportiva, mas não corria perigo de se tornar uma fanática por compras — Não hoje à noite. — ela concordou. — Mirabelle vai ficar na propriedade, seja aqui ou na casa principal.

— Ótimo. — disse Elke, suspirando de alívio. — Mirabelle, falaremos depois. Leighton... — Ela fez uma pausa incerta, optando por... — Que seja. — Ela deu ao guarda de Alexandra algum tipo de sinal, e então ela se foi, correndo pela calçada e desaparecendo nas sombras sob as árvores mais rapidamente do que olho humano de Cyn poderia seguir.

Cyn deu seu suspiro próprio. Isso era um truque legal. Ela poderia pensar em mais do que algumas vezes em que teria realmente vindo a calhar. Ela se virou para Mirabelle com um sorriso. — Vamos, Mirabelle. É por aqui.

Elas passaram pela cozinha e por um longo corredor para encontrar Alexandra à espera delas, de pé, no fundo de uma escadaria larga e obviamente posando para efeito dramático. Cyn a viu e parou abruptamente.

Quando Alexandra tinha sido sequestrada no mês passado, ela estava vestindo a moda pré-revolucionária de Paris — um vestido de cetim elaborado com rendas e uma saia que estendia de forma alarmante para ambos os lados da sua cintura fina. Seus longos cabelos tinham estado cuidadosamente penteados e enrolados, pendurando em cachos grossos pelas costas. Tudo nela gritara século 18. Ela tinha evitado até mesmo luz elétrica na casa em favor das velas, com todos os quartos decorados — ou demasiadamente decorados, na opinião de Cyn — no estilo de Louis XVI e sua condenada corte.

Mas as coisas tinham mudado. A Alexandra esperando para cumprimentá-las esta noite usava uma calça preta solta com uma blusa de seda dobrada na cintura impossivelmente pequena e abotoada quase até ao pescoço. A blusa era vermelha escura de um fino Cabernet que mostrava o rico e brilhante preto de seus cabelos, que ainda eram longos, mas soltos para trás com uma faixa de veludo preto. Alexandra era pequena, pouco mais de um metro e cinquenta e dois de altura quando usava salto, e poderia facilmente passar por uma bem-conservada esposa de Beverly Hills... Extremamente bem conservada devido a que sua face era a de uma menina de dezesseis anos de idade. Ela sorriu e estendeu ambas as mãos em saudação.

— Cynthia. — disse ela calorosamente. — Estou tão feliz que você decidiu visitar. Estive perguntando a Raphael quando você viria.

Por sua parte, Cyn estava um pouco surpresa. Ela não conhecia Alexandra tão bem, tinha trocado não mais do que dez palavras com ela em seu único encontro anterior. Mas tendo sido tutelada em cortesia nas melhores escolas que a Califórnia tinha para oferecer, Cyn aproveitou a oportunidade e pegou a mão que Alexandra oferecia, dando-lhe um aperto educado, antes de recuar para colocar Mirabelle ao lado dela.

— Alexandra, esta é Mirabelle. Duncan provavelmente lhe disse algo a respeito de sua situação.

Os olhos negros de Alexandra, assim como eram os de seu irmão, passaram a considerar a jovem vampira, olhando as calças caqui e a blusa personalizada que substituíam o jeans mal ajustado e camiseta. — Mirabelle. — disse ela graciosamente, se não exatamente com o mesmo calor com que tinha recebido Cyn. — Bem-vinda à minha casa.

Mirabelle sorriu timidamente. — Obrigado. Espero que não estejamos invadindo.

— Oh, não. Congratulo-me com a visita. Agora que eu voltei à vida, por assim dizer. — ela acrescentou com um olhar significativo na direção de Cyn. — Eu não sei por que não o fiz isso antes. A roupa por si só já teria valido o esforço. — Ela acariciou o tecido mole sobre o braço dela. — Tão mais confortável... E sem espartilhos! Posso realmente respirar. — Ela respirou fundo como que para provar a verdade de suas palavras.

— Vem, vamos subir para a sala de música. — Alexandra colocou um pezinho na escada, fazendo uma pausa para contar a Cyn — Ainda é meu lugar favorito, apesar de eu ter redecorado um pouco.

Ela tinha redecorado mais do que um pouco e mais do que a sala de música, Cyn pensou quando ela e Mirabelle a seguiram até as escadas. A diferença mais óbvia era a luz brilhante dançando fora de um enorme lustre de cristal e lançando pedaços de cor contra as paredes pálidas. Havia desaparecido o cheiro penetrante de cera de vela. Revestimentos de paredes ornamentadas de cetim tinham sido arrancados, as paredes ressurgiram e foram pintadas com uma cor delicada que era pouco mais do que um rubor de ouro quente.

Na sala de música, o piano de cauda Steinway ainda estava no lugar de honra, mas as frágeis e antigas mesas de cetim, os sofás estufados com brocados e as cadeiras que tinham lotado aquele mesmo espaço, tinham ido embora. Em seu lugar, estavam algumas peças bem escolhidas, tal com um sofá confortável e cadeiras estofadas. Flores frescas enfeitavam a toalha e revistas de design cobriam a mesa baixa. Aparentemente Alexandra ainda estava remodelando.

Mirabelle deu uma pequena exclamação de alegria ao ver o piano e correu, parando pouco antes de seus dedos tocarem o acabamento em preto brilhante. — Posso?

Alexandra assentiu em uma forma de senhora fina, e Cyn se virou para esconder sua reação. Algumas coisas, ao que parece, não haviam mudado. Ela vagou até o piano, observando como Mirabelle passava os dedos um pouco tensos ao longo das teclas. — Minha mãe tocava. — Mirabelle disse suavemente. — Eu tive aulas quando criança, antes... — A voz dela quebrou, e depois endureceu. — Jabril se recusou a ter um piano em casa, disse que não suportava o barulho. Essas são suas palavras. Ele o jogou fora. O piano de minha mãe.

Cyn olhou para ver Alexandra observando.

— Posso pegar Cynthia emprestada por um momento, Mirabelle? — Alexandra pediu.

Mirabelle franziu a testa, concentrando-se fortemente em seus dedos à medida que escolheu uma série de notas.

Cyn tocou seu ombro e encontrou o olhar interrogativo de Mirabelle com um rápido sorriso de tranquilidade. — Nós já voltamos. — disse ela.

Cyn seguiu Alexandra pelo corredor, para uma sala que foi criada como uma espécie de escritório caseiro.

— Minha sala de dia. — disse Alexandra, com um truque irônico de seus lábios. — O tipo de sala que uma dama teria usado para manter sua casa, livros ou o manuseio de sua correspondência. Não que eu esteja sobrecarregada com tais coisas, é claro. As pessoas de Raphael cuidam de tudo. — Ela continuou andando, levando Cyn através da sala e para uma varanda generosa com vista para frente da mansão.

— Você mudou algumas coisas. — comentou Cyn enquanto saía.

— Sim. — Alexandra sorriu levemente. — Algumas coisas. Senti que era hora. Tempos passados, realmente.

— Você parece bem.

Alexandra olhou para si e de volta para Cyn, sua boca curvando-se ligeiramente com prazer. — Pareço, não é? Eu não estava brincando sobre as roupas. Não sei por que me debati com aqueles vestidos horríveis por tanto tempo. — Ela fez uma pausa, ouvindo Mirabelle tocar o piano, e fez uma careta de desgosto. — Ela é uma criança.

— Ela tinha quinze anos quando seus pais morreram, quando os tribunais a entregaram e sua irmã de dez anos aos cuidados de Jabril Karim. Ela tinha dezoito anos e um dia quando ele a estuprou e a fez sua Vampira.

— Eu vejo. E ela quer ficar aqui?

— Eu acho que ela ainda não sabe.

Alexandra se virou para estudar Cyn. Ela era uma criatura adorável, mas com um sorriso que não era genuíno e de alguma parecia calculado, como se pudesse ser ligado e desligado à vontade. — Eu gosto de você, Cynthia. — disse ela. — Você não tem nenhum fingimento em você, e minha vida tem sido nada mais do que um fingimento por muito tempo.

Ela caminhou até a borda da varanda e inclinou-se delicadamente contra a balaustrada de pedra para contemplar o pátio abaixo. Foi pavimentado em preto e branco de mármore marcado, cercado por uma sebe alta que impedia qualquer um de confundi-la com uma entrada utilizável. Alexandra olhou para Cyn. — Diga-me. — ela disse, com olhar retornando ao mármore berrante. — O que você acha deste pátio?

Cyn descansou um quadril na pedra e olhou para o mármore, querendo saber o que dizer. Mas então, de acordo com Alexandra, ela era a menina "sem pretensão" certo? — Eu acho que é verdadeiramente horrível. — disse ela.

Alexandra riu, a primeira emoção genuína que Cyn tinha ouvido dela. — Eu também. — ela confidenciou. — Apesar de que, uma vez me fez lembrar de um tempo melhor, mas acho que eu só o instalei para ver a reação de Raphael. Fiquei tentando encontrar algo que ele se recusaria a me dar.

— Por quê? — Cyn perguntou sem rodeios.

Alexandra pensou sobre isso. — Você tem irmãos? Um irmão ou uma irmã?

— Uma meia irmã. Nós não somos chegadas.

— Raphael e eu éramos. Tivemos outros dois irmãos, gêmeos, que eram muito mais velhos e se foram antes que eu tivesse idade suficiente para sentir falta deles. Sempre foi Raphael quem cuidou de mim, me protegeu da raiva do nosso pai e dos homens das fazendas vizinhas que estavam negociando com meu pai para um casamento antes mesmo que eu tivesse meu primeiro sangramento. — Ela deu de ombros casualmente. — Nossa mãe era bonita, eu pareço com ela, é claro. O mesmo acontece com Raphael, embora ele tenha a estatura considerável de nosso pai.

Ela olhou novamente para Cyn, avaliando a reação dela. — Naquela noite terrível há muito tempo, a noite que nossa família foi atacada e Raphael e eu fomos feitos vampiros. Não sei agora se eu mudaria esses eventos, mesmo se pudesse, mas na época eu odiei o que tinha sido feito comigo. Odiava o que me tinha tornado. Culpei Raphael por não me ter protegido como deveria ter feito, por não me ter salvo daquelas criaturas. Por tudo. Eu sabia que ele ainda estava vivo em algum lugar, meu mestre vampiro me provocava com o conhecimento, dizendo que Raphael tinha escolhido servir a sua nova amante em vez de ser sobrecarregado durante séculos com uma irmã inútil. Era mentira, é claro. Agora sei que Raphael pensou que eu estava morta junto com nossos pais. Mas eu acreditei na mentira. Ou talvez fosse só isso que eu queria acreditar.

— Claro, Raphael salvou-me eventualmente, embora tenha sido por acaso. Ele me encontrou num calabouço em Paris durante a Revolução. Lá estava eu, pouco melhor do que uma prostituta, vivendo nas ruas, roubando,

matando, seduzindo homens para meu Senhor e seus outros filhos os poderem drenar, deixando-me a borra. E então Raphael apareceu — poderoso, elegante, um mestre por direito próprio. Ele tinha finalmente chegado em meu socorro e eu o odiei por isso, por ele nunca se render, por ele nunca ter caído tão baixo quanto eu tinha feito.

Ela se virou, colocando-se de volta para o pátio e dando um elegante e pequeno encolher de ombros. — Então eu o fiz pagar. Foi tão fácil como se nunca tivéssemos sido separados. Ele estava cheio de culpa por eu ter sido escravizada por tanto tempo, por ter vivido na sarjeta enquanto ele vestia roupas finas e dormia em lençóis macios. E ele estava desesperado por me recompensar. Não havia nada que ele não faria, eu só tinha que pedir. Eventualmente, eu comecei a testar a sua devoção.

— Alguma vez você encontrou? — Cyn perguntou.

— O quê?

— Algo que ele não lhe daria?

— Você sabe, Cynthia, eu fiz. Muito recentemente, na verdade.

— O que foi?

— Você.

— O quê? — Cyn se afastou da pequena vampira, de repente desconfortável.

Alexandra riu de sua reação. — Eu disse ao meu irmão que estava solitária. Com Matias morto — ele morreu tentando me defender, mas você sabe disso, é claro — eu não tinha ninguém. Eu a admirava, sua força, sua coragem. Eu queria você como minha amiga, minha companheira.

— Você poderia ter me chamado no telefone. — comentou Cyn.

Alexandra deu um sorriso minúsculo muito satisfeito. — Oh não, você não entendeu. Eu queria que ele transformasse você em vampira, assim você poderia ser minha amiga para sempre.

Cyn congelou, sem saber como responder. Mas algo deve ter se mostrado em seu rosto, porque Alexandra riu de novo, totalmente satisfeita com a reação dela. — Oh, não se preocupe, Cynthia. — disse ela despreocupadamente. — Ele disse que não. — Ela depois ficou séria, olhando pensativa para o pátio de mármore. — Eu acho que nunca vi meu irmão tão furioso quanto ele estava naquela noite, certamente jamais para mim. Ele não falou comigo durante dias, e apenas me informou que se algo acontecesse com você por minha culpa, ele pessoalmente me estacaria.

O rosto de Cyn deve ter mostrado sua dúvida.

— Ele estava muito sério, Cynthia. E ele ficaria muito infeliz se soubesse que você está aqui hoje, acho que ele ainda não confia em mim o bastante. — Mais uma vez ela deu aquele privado e pequeno sorriso antes de dizer brilhantemente: — Me disseram que o contratante estará aqui amanhã para arrancar este mármore ridículo.

Cyn forçou uma risada, aliviada com a mudança de assunto. — Bem, graças a Deus por isso.

— Ele sente a sua falta, você sabe. — Alexandra disse, dando uma olhada a Cyn. — Eu nunca vi o meu irmão tentar esquecer uma mulher ou sentir falta de uma, até que ele o fez quando estávamos trancados lá em Colorado.

Cyn soltou uma respiração, frustrada. — Você sabe, eu estou ficando meio cansada de todo mundo fingindo que isso é culpa minha. Raphael foi quem se afastou, não eu.

— Os homens são tolos, Cynthia. Você certamente sabe disso.

— Nem me diga. — ela murmurou. A nova rodada entusiasmada de música de piano irrompeu da sala de música. Ambas as mulheres olharam para cima.

— Talvez Mirabelle desfrutasse de algumas aulas de piano. — Alexandra disse severamente.

Cyn estremeceu. — Boa ideia. Posso alcançar você através do operador da propriedade? — Quando Alexandra assentiu, Cyn disse: — Vou manter contato então. Mirabelle tem o meu número de celular se ela precisar de alguma coisa. Obrigado por isso, Alexandra.

— Sim. Talvez iremos ser amigas, depois de tudo.

Cyn duvidou, mas esperava pelo bem de Mirabelle que elas pudessem permanecer amigáveis. Pelo menos até que elaborasse algo a longo prazo para a menina. Ela sorriu para Alexandra. A vampira não era a única que podia fingir um sorriso. — Eu gostaria disso. — ela mentiu.

Os olhos de Alexandra brilhavam com uma espécie voraz de alegria, como uma criança olhando para um doce favorito. Abruptamente desconfortável Cyn se afastou do parapeito. — Vou dizer adeus a Mirabelle e partir.

— Qual é a pressa? — Disse Alexandra, espelhando o movimento de Cyn e mais, chegando perto o suficiente para que Cyn pudesse ver os vincos minúsculos em sua maquiagem cuidadosamente aplicada.

— Cynthia! — A voz assustada de Mirabelle quebrou a súbita tensão e as duas mulheres correram de volta para a mansão.

Capítulo 27

Foi um falso alarme — Mirabelle reagindo ao súbito aparecimento de um dos muitos seguranças vampiros de Alexandra. Habituada aos Neandertais que habitava o covil de Jabril, Mirabelle tinham se encolhido em um canto quando Cyn voltou para a sala de música. O guarda vampiro estava quase tão estressado com a situação quanto Mirabelle. Levou apenas alguns momentos para tranqüilizar todos os lados, mas Cyn tinha odiado mesmo isso. Ela não podia sair da presença de Alexandra rápido o suficiente. A velha Alexandra tinha sido uma bonita anacrônica. Esta nova Alexandra fazia os tubarões de Beverly Hills parecerem brinquedos infantis.

Pouco tempo depois, Cyn deixou Malibu e o lado oeste da cidade para trás, dirigindo sem rumo para cima e para baixo na Hollywood Boulevard e suas ruas laterais, parando ocasionalmente para mostrar uma foto de Liz. Ela sempre achou que devia ser um choque desagradável quando os visitantes viam que a cidade mundialmente famosa de Hollywood era na verdade desagradável, uma parte decadente de Los Angeles, abrigava mais prostitutas e sem-tetos do que estrelas de cinema. Com a exceção de um hotel moderno ou dois, Cyn não podia imaginar alguém que ela conhecia, ou sabia que realmente vivia em Hollywood.

Hollywood Hills, talvez, no alto, onde a sujeira e o crime eram nada mais do que luzes cintilantes à distância, mas não em baixo, entre os habitantes decadentes de Hollywood em si. Ela cruzou a rua conhecida pelos seus fugitivos adolescentes, as covas de tiro, as movimentadas ruas onde os carros diminuíam a velocidade e, por vezes, uma menina ou um menino pegavam uma carona para ganhar alguns dólares.

Deprimida com toda a cena, Cyn virou a oeste, uma vez mais, aderindo às laterais, pelas ruas e becos onde uma jovem poderia sentar e esperar a noite. Ela marcou o número de Luci enquanto dirigia, na esperança de que Liz tenha feito check-in. Luci soou estranhamente cansada e sem paciência quando veio ao telefone, e Cyn podia ouvir gritos ao fundo.

— Você precisa de apoio aí, Luce?

— O que eu preciso é de uma gaiola e algumas algemas. — Luci disse, então respirou fundo. — Não se preocupe. Foi uma noite difícil. Amanhã será melhor. Algum sinal de sua garota desaparecida?

— Nem um sussurro, mas eu mal comecei a olhar. Eu finalmente me encontrei com Eckhoff ontem à noite e dei uma olhada nos uh... Arquivos. Tenho certeza de que os policiais estão no caminho errado, mas ninguém vai me ouvir. Pelo menos não até que eu encontre provas. Eu estou trabalhando nisso também — Cyn chegou a um sinal de stop e olhou em volta. Ela estava quase no lugar de uma das cenas de assassinato. Todas as razões para não parar ali passaram através de seu cérebro. Já era tarde, ela estava cansada, não era o seu trabalho. Que diabos. — Depois eu ligo para você, Luce.

Ela desligou e deu uma guinada à esquerda, estacionando tão perto da cena quanto conseguiu, mantendo-se razoavelmente confiante de que seu carro ainda estaria em uma só peça quando voltasse. Ela andou o resto do caminho, muito consciente da noite ao seu redor, deslizando uma mão sob o seu casaco e liberando a alça de segurança do seu coldre de ombro. Ela não esperava nenhum problema, mas neste bairro, era melhor ter certeza.

Ela encontrou a cena do crime com bastante facilidade. Era a alguns quarteirões da avenida, um pequeno beco usado pelas lojas para entregas e coleta de lixo. O beco era escuro e cheirava da mesma forma que os becos em toda parte, cheirava a lixo com um toque de desespero e de urina. Ela se agachou, estudando a área.

— Você não se parece com uma policial.

Cyn girou quando a voz desencarnada saiu das sombras, a mão direita foi reflexivamente para a coronha de sua arma. Um menino entrou na luz escassa, talvez 16 anos de idade, magro e desnutrido como todos os outros. Seus olhos estavam machucados, os nós dos dedos raspados. Ele obviamente esteve em uma briga recentemente. Provavelmente não a primeira nem a última.

— Isso é porque eu não sou. — Cyn disse calmamente, sua mão relaxando, seus os olhos voltando para a cena do crime com semanas de idade.

— Joni morreu aqui. — disse o garoto.

Cyn olhou para cima. — Você a conhecia?

— Claro. Todo mundo conhecia Joni. Ela era muito ligada, sempre tinha dinheiro e estava disposta a compartilhar.

— Compartilhar o quê? — Cyn perguntou, pensando que eram provavelmente drogas, lembrando que os corpos tinham mostrado sinais visíveis de uso de drogas.

— Comida, principalmente. — disse o menino, surpreendendo-a. — Joni ficava bêbada às vezes, mas ela não usava drogas. Ela tinha alguns clientes regulares, caras mais velhos que gostavam de foder uma menina e não se importavam em pagar um pouco mais para repetir a experiência.

— Sim. — Cyn suspirou, muito familiarizada com a história. — Você acha que talvez um de seus clientes a matou?

— Talvez, mas era muito tarde. Quase de manhã.

Cyn rapidamente recapitulou o que ela se lembrava do arquivo. A vítima desta cena tinha sido relatada em um 911 anônimo. — Como você sabe que horas eram?

— Eu a encontrei. Sentei com ela até que a polícia veio.

O coração de Cyn pulou uma batida. Não havia quaisquer relatos de testemunhas que ela tenha visto. — Você viu quem fez isso?

— Não vi. Ouvi. Eu acho que assustei o cara.

— O que você ouviu?

O garoto olhou para ela, de repente suspeito. — Por que você faz todas estas perguntas, se você não é uma policial?

— Eu sou uma investigadora particular. — Ela puxou um cartão e o entregou. — Um membro da família me contratou para descobrir o que está acontecendo. — Não era exatamente uma mentira.

O menino olhou para o cartão e de volta para Cyn. — Mais ou menos como aquele cara bruxo Harry Dresden dos livros?

— Mais ou menos, mas sem a magia. Então, ela estava viva quando você chegou aqui?

— Eu acho que não. — Uma espécie de tristeza tomou conta de suas feições e ele desviou o olhar. — Não muito, de qualquer maneira.

— O que você ouviu antes de encontrá-la?

— Um carro e um monte de barulho, como algo grande sendo jogado no lixo. Fui ver o que era porque às vezes as pessoas jogam fora coisas boas, sabe? Era um bom carro, então eu achei que fosse algo bom.

— Você viu o carro?

— Nah, mas percebi. O motor parecia todo suave e baixo e quando as portas fechavam, você poderia ouvir aquele barulho agradável, não todos os tipos de chocalhos e merda.

Observador, Cyn pensou, inteligente. Ela sentiu um momento de desespero e se perguntou pela milésima vez por que a sociedade jogou essas crianças longe.

— O que aconteceu então?

— Como eu disse, acho que o cara deve ter me ouvido chegar. Ele arrancou muito rápido, borracha queimada por todo o caminho. — Ele apontou para o chão e Cyn se aproximou, agachando-se para olhar de perto as linhas grossas pretas indistinguíveis.

— Se você não viu, como você sabe que era um cara?

Ele pensou um pouco sobre a sua pergunta. — Só percebi, eu acho. — disse ele finalmente. — Eu quero dizer... Não são sempre eles?

— Eles?

— Você sabe, serial killers, os caras que matam prostitutas.

Cyn considerou. — Você fez a chamada ao 911?

— Como? — Ele zombou.

— Então, como a polícia soube?

O menino deu de ombros. — Alguém chamou, eu acho.

— Você falou com a polícia? Disse o que você viu?

— Não. Corri quando ouvi as sirenes. Não fui longe, no caso de eles não estarem vindo aqui, mas eles vieram, então... — Ele encolheu os ombros novamente.

Cyn olhou para o chão, pensando muito. O assassino provavelmente os tinha chamado. E por que ele faria isso? Porque ele queria que se relatasse antes que o sol nascesse, porque ele queria que a polícia pensasse em um vampiro. Ela se levantou lentamente, chegando em sua mochila. — Quando foi a última vez que você comeu? — Ela perguntou casualmente.

Outro encolher de ombros.

Ela tirou vários vales oferta para o McDonalds, juntamente com a imagem de Liz. Ela entregou-lhe os cupons. — Arranja um pouco de comida, compartilha se quiser, mas não se esqueça de comer algo. — Ela virou a fotografia. — Você já viu esta menina?

O menino olhou para a foto, mas não disse nada.

— Você não vai acreditar, mas eu estou tentando ajudá-la.

— Como eu sei disso?

— Você não sabe. Ouça, eu entendo se não quiser falar comigo, mas... — Ela encontrou um dos cartões de Luci e segurou para fora. — Se você vir a menina na foto, dê-lhe este número. Diga-lhe para chamar. Diga a ela que Mirabelle diz que é hora das vacas voltarem para casa. Isso é importante. Ela vai saber o que significa.

Ele deu um olhar a Cyn que dizia que ele duvidava da sua sanidade mental. — Vacas?

— Sim, eu sei, mas diga de qualquer maneira. Se você a vir.

Ele estudou o cartão de Luci, com suas informações sobre o abrigo de fuga. — Já ouvi falar deste lugar. — disse ele, gesticulando para o cartão.

— Sim?

— É suposto ser legal.

— É.

— Talvez eu pudesse chamar também?

— Absolutamente. — Cyn entregou alguns cartões a mais. — Há sempre espaço.

— Eu não estou dizendo que eu vou.

— Não. Mas apenas no caso.

— É isso mesmo. Apenas no caso.

Cyn foi embora, pensando que ele poderia ir para o abrigo, sabendo que ele provavelmente não iria. Mas esperando que ele ao menos usasse os cupons de alimentos e não os trocasse por bebida ou drogas. Não se pode salvar todos, Cyn.

Ela caminhou lentamente de volta para seu carro, cansada e desanimada. Ela odiava os casos de fuga. Essas crianças nunca queriam falar com ninguém, e com razão, mas tornava seu trabalho muito mais difícil quando ela realmente queria ajudar. Ela alcançou o Range Rover e abriu a porta, jogando sua mochila através do assento. Por outro lado, o garoto parecia reconhecer a imagem de Liz. Talvez ele passasse a mensagem. Talvez Liz soubesse que sua irmã estava procurando por ela e entraria em contato. Talvez.

O sol nascente brilhou em seu espelho retrovisor todo o caminho de volta para Malibu. Ela puxou para dentro da escuridão fria de sua garagem com alívio e fechou o portão atrás dela, expulsando a luz do dia. Dez minutos depois, ela estava em sua própria cama, com os sons do oceano calmo a embalando para dormir. Ela disse a si mesma que não se importava se ela sonhava ou não. Mas era uma mentira.

Capítulo 28

Ela acordou menos de uma hora depois, com a vaga lembrança de um helicóptero sobrevoando a praia. Irritada, ela se virou de costas para a porta aberta e puxou o cobertor para cima, determinada a afundar de volta na inconsciência. Depois de rolar pela terceira vez agitada, ela se rendeu, afastando as cobertas com nojo. Ela nunca conseguia voltar a dormir uma vez que acordava e sua mente começava a ficar agitada.

Sentada à beira da cama, cotovelos sobre os joelhos, esfregou os dedos através de seus cabelos e se levantou com uma maldição. Poderia muito bem fazer alguma coisa. Talvez ela pudesse tirar uma soneca depois. Agora, ela precisava de um café. Muito café. Sozinha no apartamento, ela evitou qualquer roupa além da camiseta com que ela dormiu e fez seu caminho até a cozinha, onde tomou duas xícaras de café e o início de uma terceira antes de seu cérebro limpar o suficiente para se concentrar em qualquer atividade significativa. Um olhar turvo em torno da cozinha trouxe uma luz piscando em foco, e ela percebeu que seu telefone estava tentando lhe dizer alguma coisa. Ela bateu na discagem rápida para o seu correio de voz.

O Bourbon suave de um sotaque sulista se derramou. — Ei, Cyn, é Nick. Estou ficando um pouco preocupado aqui, querida. Já faz um tempo. Me liga.

Nick era um velho amigo. Na verdade, mais e menos, que um amigo. Um amigo com privilégios. Os dois tinham um arranjo de longa data que era mutuamente gratificante, tanto física como emocionalmente. Nick vivia na outra costa e chamava sempre que estava na cidade. Ao longo dos anos, ambos tinham desfrutado de um ótimo sexo sem compromisso, cada um sendo livre para seguir em frente se conhecesse alguém com quem queria passar o tempo. Quando as outras relações terminavam, como invariavelmente acontecia, a antiga conveniência estava sempre esperando. O caso com Raphael tinha ido e vindo tão rápido, Cyn nunca tinha tido a oportunidade de dizer a Nick sobre isso, e a ferida ainda era muito grande para sequer pensar em outra pessoa. Nick, sem saber, tinha deixado um par de suas mensagens habituais enquanto isso, mas ela nunca ligou de volta. Mas agora... Agora, o que, Cyn?

Ela discou. Tocou duas vezes antes de ele atender. — Bem, já era tempo, Leighton. Onde diabos você está?

— Prazer em falar com você também, Nicky.

— Yeah, yeah. Vamos lá, Cyn. Eu estava preocupado.

— Você está certo. Sinto muito.

— Porque nós somos amigos, certo?

— Yeah. Eu disse que estava arrependida.

— Então o que é? Caso importante tomando todo o seu tempo? Conheceu um cara novo, loucamente apaixonada? Mas então você estaria feliz e me ligaria. Então eu acho que alguém quebrou o seu coração. Você quer que eu o mate para você?

Cyn riu. — Ele pode ser difícil de matar.

— Yeah? E eu poderia surpreendê-la. Então, o que está acontecendo? Vou estar na cidade na próxima semana, se você quiser que fiquemos juntos.

Cyn ficou em silêncio, pensando.

— Cyn, querida, se você tem que pensar tanto nisso, você não está pronta. O bastardo. Que tal eu quebrar apenas alguns de seus ossos?

— Eu agradeço a oferta, Nicky. Ambas. E você está certo, eu não estou pronta. Ainda não de qualquer maneira. Mas eu queria que você soubesse que estava tudo bem.

— Bem, eu aprecio a chamada. Então você se mantém ocupada pelo menos? Você não é do tipo de ficar em casa e comer sorvete direto da embalagem, não é? Porque seria uma pena se você arruinasse essa sua bunda bonita.

— Nossa, Nicky. Aqui eu pensando que você estava preocupado comigo e acontece que é só com minha bunda.

— Bem, é uma bunda muito bonita, querida.

— Talvez eu leve minha bunda para uma corrida na praia mais tarde. Poderia limpar algumas teias de aranha e me ajudar a descobrir uma maneira de obter algumas respostas.

— Então você está trabalhando em um novo caso.

— Garota desaparecida, meu tipo favorito. E para ficar mais interessante, temos um serial killer solto na cidade, e ele parece favorecer as meninas em fuga. Não há pressão.

— Você ainda tem laços muito bons no departamento, no entanto, certo? Isso deve ajudar um pouco.

— O departamento não está muito feliz comigo estes dias. Até o meu cara regular está sendo cauteloso. Ele me deixou um pouco, mas ele fechou a porta por enquanto. É frustrante.

— Então fale com a secretária ou balconista ou qualquer coisa que esses caras têm. Isso é o que eu faço. Secretárias sabem tudo o que está acontecendo, e se elas gostarem de você, elas falam.

— Como a maioria das secretárias são do sexo feminino, tenho certeza que não é um problema para você.

— Hey, as senhoras gostam de mim, o que posso dizer?

Cyn não respondeu imediatamente. — Você sabe, Nicky... — disse ela pensativa. — Você não é apenas um rostinho bonito, depois de tudo. Essa é uma grande idéia.

— Okaaay... Eu não tenho certeza se isso foi um insulto ou um elogio.

— Com certeza um elogio. Estou contente por ter ligado.

— Sim, eu também. Eu não tenho idéia do que você está falando, mas tudo bem.

Cyn riu. — Obrigado, Nick. Eu vou ficar em contato.

— Faça isso. E cuide dessa bunda bonita.

Cyn desligou, então correu para cima para vasculhar o seu armário. Ela achou o papel que Hartzler tinha enfiado no seu bolso e desdobrou-o. Ele tinha escrito o seu nome e um número de telefone celular em letras maiúsculas. Ela consultou o relógio. Era muito cedo para chamar um cara que trabalhava à noite. Talvez ela tivesse que correr na praia afinal de contas, obter alguma luz natural e ar fresco para variar. Quando ela voltasse, tomasse banho e se vestisse, o Sr. Ian Hartzler deveria estar se preparando para o seu turno na instalação especial do condado. Que era precisamente onde Cyn o queria.

Capítulo 29

O sol era uma mancha de luz no pôr do sol envolvido por nevoeiro quando Cyn estacionou novamente em frente ao prédio de dois andares. O dia tinha sido frio e úmido, o sol completamente obscurecido por nuvens baixas e suspensas. Ela tinha tomado um banho após sua corrida, ficando um longo tempo debaixo da água quente, tentando aquecer.

As câmeras de segurança giraram quando ela fez seu caminho até a instalação. As câmeras eram mais óbvias na luz do dia, seus movimentos quase uma distração enquanto acompanhavam seu progresso. A porta se abriu antes que ela pudesse apertar a campainha.

— Sra. Leighton. — A voz de Hartzler retinha um animado tremor. Ele tinha ficado ansioso quando Cyn tinha ligado mais cedo, dizendo-lhe em voz baixa de sua honra nesta oportunidade de ajudar lorde Raphael. Ele estava tentando se acalmar agora, com sucesso limitado. Cyn ainda estava um pouco assustada, mas deu-lhe um sorriso amigável. Afinal, ele se ofereceu para ajudá-la, sabendo muito bem que poderia custar-lhe o emprego se alguém descobrisse.

— Sr. Hartzler. Obrigado por concordar em me encontrar.

— Oh, é claro. — Ele fechou a porta cuidadosamente atrás dela. — Como eu disse ao telefone, estou honrado por ser solicitado.

— Bem. Obrigado de qualquer maneira. Como eu mencionei, o que eu realmente gostaria é outra chance de rever os arquivos que você tem sobre as vítimas. Claro, os arquivos do caso seriam ideais, mas eu entendo que você provavelmente não tem acesso...

— Mas eu tenho esses também. — disse ele ansiosamente. — Bem, não os últimos, é claro, e não o livro de assassinato do detetive, mas eu tenho todos os relatórios iniciais, as fotos da cena do crime, declarações de testemunhas. Tenho um amigo... — Ele fez uma pausa, como se ciente de que ele estava prestes a admitir algo que era definitivamente contra o procedimento e possivelmente criminoso. — Bem, digamos que eu não sou o único que deseja servir.

Cyn piscou. Deseja servir? — Ótimo, isso é ótimo. — disse ela, tentando esconder seu desconforto. — Lá embaixo, então?

Hartzler tinha estado ali olhando para ela, os olhos claros brilhando de excitação. Ele sorriu. — Sim, é claro. Nós vamos tomar as escadas.

Lá embaixo, de volta em seu próprio domínio, o técnico do necrotério tornou-se eficiente e profissionalmente conhecedor mais uma vez. Seus olhos ainda a observavam um pouco de perto e um sorriso continuava tocando ao redor de sua boca, mas na maioria das vezes, ele era todo negócios.

— Corpos ou arquivos primeiro? — Houve um toque de desafio em suas palavras. Como se Cyn tivesse alguma coisa a provar para esse cara.

— Os arquivos, eu acho.

Ele abriu uma gaveta da mesa e retirou várias pastas. — Estes são os meus próprios arquivos, uma combinação dos registos do médico legista e do que eu tenho sido capaz de recolher a partir de outras fontes. Eles são confidenciais, você entende, e não existem em qualquer sentido oficial.

— É claro. — murmurou Cyn. Ela pegou as pastas, olhando ao redor por um lugar para sentar.

— Use minha mesa. — disse Hartzler, varrendo a cadeira para fora grandiosamente. — Leve o tempo todo que você precisar.

Cyn escreveu uma nota final e fechou o último arquivo. Ela encheu um bloco amarelo com notas e esboços, Hartzler há muito havia ficado entediado e se afastado para seus próprios deveres. Aparentemente assistir Cyn ler os arquivos do caso não era assim tanto uma honra, afinal.

Ele não estava em lugar nenhum quando ela empurrou as portas duplas para o corredor, então ela foi no andar de cima, imaginando que era aí que ele estava. Ela podia não gostar muito do cara, mas seus arquivos tinham sido surpreendentemente completos, tão completos que ela quis saber exatamente onde os tinha conseguido. Não que isso importasse. A informação tinha sido tremendamente útil e isso era o que importava.

A porta no topo da escada se fechou atrás dela e ela ouviu vozes no corredor. Imaginando ser Hartzler, ela foi nessa direção, já cavando as chaves fora de sua mochila. — Que porra é que ela está fazendo aqui?

Cyn reconheceu a voz e se virou com um sorriso enganador. — Prazer em ver você também, Santillo.

— Eu vou repetir. — disse o detetive Charlie Santillo, ignorando-a para olhar para Hartzler. — Que porra é que ela está fazendo aqui?

Cyn falou antes que Hartzler colocasse ambos em apuros. — Eu sou uma investigadora particular licenciada, Santillo, à procura de uma garota desaparecida. Eu solicitei e recebi através dos canais apropriados a permissão para ver os corpos das Jane Does nesta instalação, em caso de uma delas ser a minha menina. Estou feliz em dizer que ela não está aqui.

Santillo deu-lhe um olhar hostil. — Da próxima vez que você quiser ver um corpo em um dos meus casos, Leighton, você me chama, entendeu? Eu não dou a mínima às cordas que seu pai puxou para você chegar aqui, eu sei para quem você trabalha e eu não quero você se metendo no meu caso.

— Você não tem idéia para quem eu trabalho, Santillo. Mas então você está consideravelmente desinformado sobre um monte de coisas, especialmente esses assassinatos. — Ela se afastou dele deliberadamente. — Obrigado pelo seu tempo, Sr. Hartzler. Lamento não ter sido capaz de ajudar. — Ela começou a descer o corredor em direção à porta, mas a mão de Santillo agarrou seu braço, segurando-a de volta.

— Que porra é que isso significa?

Santillo era quatro ou cinco centímetros mais baixo que ela, mas seu corpo estava coberto de músculo e gordura. Ela olhou para a mão em seu braço e depois revirou os olhos deliberadamente ao encontro dos dele com um olhar frio. Sua mão caiu fora.

— Nós temos o seu cara morto encurralado, Leighton. Ele não vai escapar impune.

— Você não tem nada, Santillo, e eu mal posso esperar para ver o olhar em seu rosto quando você perceber isso. — Ela começou a andar novamente, mas foi novamente interrompida por sua voz.

— E quanto a Carballo, Leighton? Não te incomoda trabalhar para as criaturas que assassinaram sua amiga Benita? Ou talvez foi você quem ajudou a encobrir a coisa toda, hein? Você sabe, ouvi que o sexo com um vampiro é fantástico. É isso que é preciso para comprá-la, Leighton? Uma boa trepada?

Cyn girou sobre seus calcanhares. — É disso que se trata, Santillo? Você tem seus sentimentos feridos? Será que fez você sentir tudo inadequado quando descobriu que Benita estava fodendo um sugador de sangue ao invés de você? — As palavras deliberadamente cruéis foram entregues com um doce sorriso solícito. E elas tiveram o efeito desejado.

— Cadela — Santillo explodiu, fechando a distância até que ele estava em frente de seu rosto. Sua boca cheirava ao alho do almoço, pouco mascarado pela hortelã e as narinas de Cyn beliscaram em protesto enquanto ela se mantinha no lugar.

— Você fez com que Benita fosse morta, Leighton. Eles a drenaram e a deixaram na estrada para morrer, e você ainda está defendendo aqueles bastardos.

— Benita se matou. Ela era uma traidora e você sabe disso. Assim como você sabe que essas meninas não foram mortas por um vampiro. — Ela apontou o seu dedo para o chão, em direção à cave embaixo.

Os músculos rangiram quanto suas mãos se enrolaram em punhos em seus lados. — Não fale de Benita. Não se atreva.

Ele teria dito mais, mas a porta se abriu atrás de Cyn para admitir outro policial, alguém que ela não conhecia, mas que, obviamente, conhecia bem Santillo. Ele deu uma olhada na situação e se colocou entre os dois. Cyn deu um passo para trás ao invés de empurrar contra o seu volume.

— Calma, Charlie. — disse ele para Santillo. — Você não quer arruinar isso agora.

— Você sabe quem é ela? — O braço de Santillo balançou em sua direção.

— Sim, eu sei. E eu sei que ela não vale a pena, então recue.

Cyn se eriçou pelo desprezo de alguém que ela nem mesmo conhecia e estava tentada a empurrá-lo para fora do caminho depois de tudo. Mas ela viu o rosto pálido de Hartzler assistindo do corredor, com os olhos arregalados em pânico e, de repente lembrou-se da verdadeira razão para ela estar aqui. Ela deu mais um passo para trás voluntariamente e estendeu a mão cegamente para a maçaneta da porta atrás dela.

— Isso não acabou, Leighton! — A voz forte de Santillo a seguiu.

— Deixa para lá. — disse o policial. — Não estrague isso, cara.

Cyn olhou por cima do ombro, rapidamente abriu a porta e se virou para sair. Quando ela saiu, a porta se fechou atrás dela, mas devagar o suficiente para que ela ouvisse a voz do policial desconhecido novamente. — Quanto ela sabe?

— Nada. — respondeu Santillo. — Alega que estava aqui por uma garota desaparecida. Além disso, ninguém além de você e...

A porta se fechou, cortando suas palavras. Cyn parou no pé da escada e fez uma careta para o edifício sem janelas. Santillo era o investigador principal deste caso. Foi ele que direcionou todo mundo para a ideia do assassino ser um vampiro, quem pressionou tanto que agora essa era a única ideia que todos estavam seguindo. Se algo estava prestes a acontecer, ela realmente gostaria de saber o que era. Hartzler provavelmente lhe diria, mas ele já tinha arriscado o pescoço o suficiente. Voluntariamente, com certeza, mas ela não queria empurrá-lo ainda mais. Não agora. Ela talvez precise dele mais tarde, e, além disso, essas meninas não tinham sido mortas por nenhum vampiro. Ela tinha certeza disso. Se Santillo tentasse jogar isso em Raphael ou qualquer um de seus vampiros, ele ia ter uma surpresa grande. E definitivamente não do tipo bom.

Capítulo 30

Era tarde, mas ela parou em uma loja de eletrônicos momentos antes de eles fecharem, ganhando olhares de reprovação de todos, exceto do cara que fez as vendas de um computador portátil e de um telefone celular pré-pago. Mais tarde, ela arranjaria para Mirabelle a coisa real, mas o pré-pago teria que servir por agora. Mirabelle queria ajudar na busca de sua irmã, e Cyn tinha descoberto uma maneira dela fazer isso sem se tornar ainda mais perdida do que Liz estava. Ela jogou suas compras no banco de trás e virou para Malibu.

A casa de Alexandra estava iluminada quando Cyn fez a curva final da entrada. A luz elétrica preenchendo todas as janelas, fazendo o edifício formal parecer caloroso e acolhedor, o tipo de casa que sempre mostravam naqueles filmes festivos, exceto pela ausência da árvore na janela. Perguntou-se se Alexandra planejava obter uma árvore de Natal este ano. Provavelmente dependia das revistas que ela estaria lendo na época.

— Cyn! — Mirabelle veio voando para fora da casa quando Cyn estava descarregando suas compras. — Eu não sabia que você viria! — Ela disse com um grande sorriso no rosto.

— Eu queria ver como você está indo. Tudo bem aqui?

— Definitivamente! Esta é uma casa legal e todos os outros vampiros são tão amigáveis. Os caras até me provocam sobre meu jeito de tocar piano. Ah, Alexandra e eu fomos às compras! Sabia que você pode comprar quase tudo na internet se você tiver um cartão de crédito? Se eu soubesse teria gasto uma fortuna. Claro, eu teria tido que ter um cartão de crédito, mas eu aposto que Liz já percebeu isso e...

Cyn levantou a mão, sem fôlego só de ouvir. — Ótimo. Isso é ótimo, Mirabelle. Na verdade, eu tenho um laptop novo para você aqui. — Ela balançou a caixa quadrada grande para fora do carro, com intenção de levá-la para dentro ela mesma, mas Mirabelle a deslizou facilmente de seus braços. Ah, certo. Vampira. — Eu quero que você comece a procurar em torno dessas mensagens online que você e Liz usam. — disse Cyn. — Espalhe algumas mensagens por aí dizendo que você está segura e procurando por ela. Eu comprei para você um telefone celular também.

— Legal! Obrigada, Cyn. Eu estive verificando os nossos fóruns de mensagens usuais; Alexandra me deixou usar seu computador. Mas não há

nada desde a primeira mensagem. — A testa de Mirabelle estava enrugada com preocupação.

— Sim, isso não me surpreende muito. Embora, o computador de Liz pode ter sido perdido ou mesmo roubado, ou talvez ela colocou em um armário em algum lugar por segurança. De qualquer forma, ela poderia fazer logon a qualquer momento, em um café ou no computador de outra pessoa, e eu quero você lá esperando por ela.

Elas começaram a caminhar em direção à casa, passando a cobertura de alfena que cercava o pátio de mármore. Cyn olhou e viu que o mármore brilhante havia sido removido, deixando uma parcela de terra poeirenta. — Os operários vieram, hein? — Disse ela.

Mirabelle encolheu os ombros. — Eu acho. Quando acordei esta noite, estava assim. Alexandra diz que vai colocar um labirinto. Eu sempre os achei assustadores.

Cyn inclinou um olhar a Mirabelle, mas claramente a ironia de um vampiro chamar um labirinto de assustador se perdeu nela. — Vamos lá. — disse ela. — Vamos entrar e começar a configurar as coisas. Inferno, se eles têm uma conexão sem fio aqui, em breve você vai ser capaz de fazer compras a partir de qualquer divisão da casa.

— Espere até Alexandra vê-lo. Ela vai querer um também. Nós já falamos sobre como seria melhor ela ser capaz de fazer logon a partir de qualquer quarto. Você sabe, porque ela está fazendo um monte de remodelação e dessa maneira nós poderíamos realmente estar no quarto em que estávamos trabalhando.

— Então vocês estão se dando bem?

— Oh, yeah. Absolutamente. — Mirabelle baixou a voz à medida que entraram na casa. — Me sinto um pouco mal por vir morar com ela, mas ela realmente parece não se importar. Ela é meio solitária, eu acho. Ela esteve me contando tudo sobre sua vida e sobre Matias. Esse é o cara que morreu a defendendo. Ele parece realmente doce. Ele era um dançarino, você sabia…

— Não, eu não…

—… Na Europa, eu não sei há cem anos ou algo assim, talvez mais. De qualquer forma, é tão romântico.

Cyn acenou com a cabeça em concordância e a deixou falar, contente que Mirabelle estava se estabelecendo, e que Cyn estava livre para continuar sua busca pela desaparecida Elizabeth.

Capítulo 31

Três noites se passaram. Noite gastas subindo e descendo as ruas escuras de L.A, conversando com as crianças em fuga e operadores de abrigos, cafés e clubes de visita, mostrando a foto de Liz para quem quisesse olhar. Mas Cyn não estava mais perto de encontrá-la. Ela estava em seu armário na quarta noite, vestindo apenas sua calcinha e olhando fixamente para as prateleiras de roupas, enquanto seu cérebro lutava para pensar em uma nova abordagem, algo novo que a ajudasse a encontrar Elizabeth. Vários dos meninos com quem ela tinha falado claramente reconheceram Liz, embora nenhum deles admitisse isso. Era frustrante, mas disse-lhe, pelo menos, que Liz estava viva e bem em algum lugar nas ruas de L.A. Agora tudo o que tinha a fazer era convencer a menina a vir para a luz.

Muito mais preocupante, porém, era a crescente evidência de que o verdadeiro investigador de Jabril tinha finalmente seguido o rastro para a Califórnia. Mais de um dos meninos de rua tinha sido questionado por alguém antes de Cyn chegar lá, alguém que as crianças tinham descrito como o investigador de cabelos brancos que ela viu na casa de Jabril. O que significava não só que ele estava no caminho certo para encontrar Elizabeth, mas ele estava demasiado perto de Mirabelle para o conforto de Cyn.

Naturalmente, as pessoas da segurança de Raphael compreenderam a importância de manter Mirabelle na propriedade e longe da vista, e Cyn fez questão de mencionar isso para Alexandra. Ela também falou em particular com Duncan, que assegurou que os guardas do portão tinham sido instruídos a não permitir Mirabelle sair da propriedade sem autorização específica dele ou de Raphael. Ela respirou um pouco melhor depois disso, impulsionada pelo conhecimento de que o perigo para Mirabelle era temporário, somente até que a jovem vampira estivesse formalmente sob a proteção de Raphael. Uma vez que isso acontecesse, Jabril arriscaria um conflito direto com o Raphael se tentasse forçá-la de volta ao Texas, algo que Duncan tinha dito que Jabril não arriscaria uma vez que o Conselho Vampiro certamente estaria do lado de Raphael neste caso. Sua linha de pensamento a fez lembrar que a nomeação de Mirabelle com o lorde vampiro estava a três dias de distância e Raphael esperava que Cyn estivesse lá. Ela suspirou.

Quanto a Raphael e seu envolvimento nos assassinatos, não tinha havido um pio de ninguém nos últimos dias sobre a investigação. Nada de Eckhoff, o que já era esperado dado o seu encontro com Santillo, mas Duncan tinha estado bem silencioso. Será que isso queria dizer que a polícia tinha parado de olhar

para Raphael? Certamente Duncan a deixaria saber se as coisas estivessem esquentando. Ela sentou-se para dar um puxão em suas botas Fryem, dizendo a si mesma que ela era uma idiota. Por que ela estava se preocupando, afinal? Raphael? O vampiro mau e grande poderia cuidar de si mesmo.

Ela balançou a cabeça, rejeitando o pensamento. Ele estava provavelmente viajando ou ocupado ou quem sabe o quê mais? Então ninguém lhe tinha ligado. Não era isso o que ela queria todas essas semanas? Ser deixada sozinha, para poder superá-lo?

Uh-huh. Ela agarrou o primeiro suéter que encontrou e puxou-o sobre sua cabeça. Era hora de parar de insistir sobre o vampiro e começar a trabalhar. Ela precisava encontrar Liz e colocá-la a salvo antes que alguém a encontrasse.

Capítulo 32

Mirabelle deixou cair a bolsa de sangue vazia num caixote de plástico e limpou a boca delicadamente com o fino guardanapo de linho. Havia um pouco de sangue em um dedo e ela o lambeu rapidamente, saboreando o sabor rico do líquido espesso. Ela nunca imaginou que sangue pudesse ter um gosto tão bom. Lonnie disse que Jabril provavelmente tinha adicionado água ao seu fornecimento de sangue todos estes anos, mantendo-a fraca, mantendo-a obediente. A raiva reprimida há tempo apertou seu intestino e ela ficou de pé, pisando sobre o seu pequeno banheiro privado para lavar as mãos e o rosto.

A deixava doente pensar o que sua vida tinha sido todos esses anos, quão completamente intimidada ela tinha ficado com o lorde vampiro do Texas. Ela queria acreditar que tinha sido a desnutrição ou a simples ignorância. Mas a honestidade obrigou-a a admitir que tinha sentido medo. Terror, na verdade. Não que Jabril Karim não lhe tenha dado muitos motivos para temê-lo, mas ela deveria ter lutado de alguma forma. Inferno, ela deveria tê-lo deixado. Deveria ter saído pela porta, ido para o advogado de seus pais, para os policiais, ou mesmo para Ramona Hewitt. Alguém a teria ajudado, mesmo que apenas pelo dinheiro. E os deuses sabiam que havia o suficiente para isso. Cynthia já tinha conversado com ela sobre tomar o controle da parte da fortuna Hawthorn de Jabril. Ela colocou-a em contato com alguns grandes advogados aqui em LA, e eles já tinham vindo encontrar-se com ela. Cynthia tinha estado lá também, mas por pouco tempo. Ela estava ansiosa para voltar às ruas, à procura de Liz. Cyn não tinha dito nada, mas Mirabelle sabia que ela estava preocupada com o tempo que ela estava levando para encontrar sua irmã.

Mirabelle também estava preocupada. Ela tinha deixado diversas mensagens na sala de bate-papo para Liz, cada uma essencialmente o mesmo. *Está tudo bem, estou segura. Onde você está?* O pensamento sobre Liz a enviou para a nova mesa, que tinha sido entregue ontem. Era uma bela peça, se não fosse até mesmo exatamente o que Mirabelle teria escolhido. Mas, afinal, esta era a casa de Alexandra, Mirabelle era apenas uma convidada. Um dia em breve, depois de Cyn encontrar Liz, as duas irmãs encontrariam um lugar e elas o iriam decorar da forma que queriam. A deixava um pouco triste pensar em deixar a propriedade, no entanto. Todos os vampiros aqui eram tão agradáveis, tão aparentemente comuns. Ela até encontrou várias outras vampiras, além de Elke que parecia um pouco assustadora, mas que tinha sido muito simpática, brincando que Mirabelle precisava de alguns músculos e se oferecendo para ajudá-la a se exercitar no ginásio.

Pela primeira vez, ela sentiu-se parte de uma comunidade. Ela engordou dez quilos no pouco tempo que estava em L.A e sua pele estava corada com uma cor rosada que era pálido, mas muito mais saudável que ela esperava ser novamente. E dez quilos! Quem teria pensado que isso seria uma coisa boa. Ela riu baixinho. Talvez ela pegaria Elke para aquele treino depois de tudo. Ela gostava da guarda feminina, apesar de Alexandra não aprovar. Alexandra tinha algumas ideias muito antigas sobre como uma mulher deveria se comportar, e ser uma guarda-costas não era uma delas.

Mas Mirabelle pensava que era ótimo Elke fazer parte da segurança interna de Raphael. Era uma honra, uma marca de sua confiança. Claro, todo mundo aqui levava a segurança muito a sério. E não apenas nos portões. Todos os vampiros na propriedade dormiam durante o dia na segurança dos porões. Não apenas Raphael ou Alexandra, mas todos os guardas e Mirabelle, também. Cada um deles tinha uma câmara privada especialmente construída nos subterrâneos, uma sob a casa principal e outra na mansão de Alexandra. Elas eram como cofres bancários gigantes, mas uma vez fechada para o dia, a porta só poderia ser aberta por dentro. Mirabelle nunca tinha conhecido esse tipo de segurança como uma vampira.

Ela ainda não tinha realmente visitado a casa principal, mas ela logo iria. Este fim de semana, ela iria apresentar-se a Raphael e pedir formalmente a sua proteção. Alexandra a tinha perfurado com as palavras adequadas para dizer e como agir. Ela estava com medo de Mirabelle se envergonhar, e por associação, Alexandra, se ela estivesse desarrumada. Então elas ensaiaram o ritual todas as noites até que Mirabelle estivesse sonhando com as palavras durante seu descanso diurno. Não era complicado nem nada, mas era importante para Alexandra, então Mirabelle praticava porque ela definitivamente queria ficar com Raphael.

De volta ao seu computador, ela foi primeiro à sala de chat familiar e iniciou a sessão. O ícone de mensagem em espera surgiu imediatamente. Ela ficou tão surpresa que olhou estupidamente para ele por vários minutos. Quando finalmente lhe ocorreu o que podia significar, seus olhos se arregalaram e seu coração começou a acelerar; sua mão tremia tanto que ela teve que tentar duas vezes antes de conseguir manobrar o cursor e clicar na mensagem para abrir.

Liz! Era de Liz! Uma combinação de lágrimas de felicidade e alívio lhe encheu os olhos, e ela agarrou um lenço de papel antes de voltar para o computador. Ela leu a mensagem rapidamente, sua euforia rapidamente mudando para preocupação. Sua irmã ficou feliz ao ouvir dela, espantada que Mirabelle tivesse escapado de Jabril e estava aqui em L.A. Mas todos os pertences de Liz haviam sido roubados em seu segundo dia na cidade, deixando-a com nada, exceto a bolsa pequena e, felizmente, o pouco de dinheiro que ela conseguiu reunir antes de fugir. Tinha sido difícil por algum tempo, mas estava segura agora, ela disse. Ela conheceu um cara, alguém mais velho, que a estava deixando ficar em seu quarto de reposição, até que ela descobrisse o que

fazer. O cara tinha até se oferecido para ajudá-la a arrumar um advogado ou algo assim, uma vez que ela completasse dezoito anos e pudesse reclamar legalmente sua herança.

Não se preocupe, ela escreveu, antecipando corretamente a reação de Mirabelle. *Ele não é um pervertido e nem um cretino. Ele é alguém que sabe o que estou passando, porque teve que fugir de casa quando ele tinha dezesseis anos. O padrasto abusava dele. Você pode acreditar nisso? Repugnante. Ele não gosta de falar sobre isso, mas eu acho que foi bem difícil. Uma vez que receber o dinheiro do papai, eu vou ajudá-lo a criar seu próprio negócio. É o mínimo que eu posso fazer.*

Mirabelle encarou a mensagem de sua irmã, o sangue que ela gostou tanto há pouco tempo atrás estava pesado em um estômago enjoado. Deus sabia que ela certamente não era uma mulher do mundo, não como Cynthia, que sempre foi tão confiante, tão corajosa. Ela suspirou. Mas até mesmo Mirabelle sabia que esse cara estava usando Liz. A deixava doente pensar que jogos ele podia estar jogando com sua irmãzinha, mesmo agora. Ela apertou o botão de responder.

Vaca Bebê! Ela colocou um grande emotion sorrindo depois das palavras. Eu *tenho um lugar que você pode ficar. Um lugar seguro, COMIGO! Chame-me.* Ela inseriu o seu número de telefone temporário. *Ou me encontre no chat.* Estarei esperando por você. Ela fez uma pausa em sua digitação, tentando pensar na melhor hora, quando ela sabia que estaria acordada e já sentada em seu computador. Ela encolheu os ombros e digitou, todas as noites. *Tick tock, tick tock. Estou esperaaaaando.* Ela terminou com um emotion de um vampiro, dentes pequenos e couro cabeludo terminando em bico na testa e com uma capa no pescoço.

Os guardas humanos tinham começado a chegar para o turno diurno, e Mirabelle ainda não tinha conseguido uma resposta de sua irmã. Ela não deveria ter esperado uma reposta imediata, ela supunha. Esse cara estava deixando Liz usar seu computador, mas talvez não o tempo todo. Ainda assim, Mirabelle esteve entrando e saindo da sala de bate-papo durante toda a noite, enquanto vagava pela mansão, com o laptop a tiracolo, tentando evitar o último grupo de artesãos que Alexandra tinha contratado em sua busca obstinada pela remodelação perfeita. Aparentemente, uma vez que a mulher começava alguma coisa, ela perseguia com uma vingança.

Mirabelle olhou para o relógio. Em pouco tempo, ela teria que descer as escadas para seu pequeno quarto no cofre. Os operários humanos começaram a

arrumar as malas, ferramentas barulhentas, conversando entre si em voz alta. Os guardas vampiros assistiam os visitantes de perto, conscientes do nascer do sol que estava chegando, ansiosos para que eles tivessem ido.

Procurando um lugar calmo, Mirabelle correu através da cozinha se dirigindo para fora, para baixo da unidade e ao longo do caminho entre as duas casas. Era tranqüilo aqui, os operários barulhentos e os guardas preocupados tinham ficado para trás. Depois de viver como prisioneira de Jabril por tantos anos, ela saboreava a liberdade de caminhar na terra silenciosa sob as árvores frondosas e respirar o ar fresco. A lua pálida, baixa no horizonte, quase não se intrometeu, mas sua visão de vampiro facilmente seguiu o caminho de cascalho. Bancos foram pontilhados em intervalos regulares, pequenas construções de concreto com gárgulas fantasiosas e assentos. Algumas olhavam corajosamente o céu aberto. Outras espiavam atrás ou abaixo. Elas a tinham feito rir em voz alta na primeira vez que as tinha visto e agora ela pensava nelas como ela própria. Ela vinha aqui quase todas as noites antes do amanhecer e nunca tinha visto alguém que não os ocasionais guardas de patrulha.

Quando ela tinha ido longe o suficiente para que casa de Alexandra não fosse mais visível por entre as árvores, ela sentou-se em um dos bancos de concreto e iniciou sessão para fazer uma rápida pesquisa. Ainda nada e não havia muito mais tempo esta noite, menos de uma hora antes que ela tivesse que se dobrar em sua cama, embora para os outros demoraria um pouco mais. Ela se inclinou para trás e virou a cabeça em direção à mansão, escutando. Portas bateram no meio de sons de motores, os trabalhadores deveriam finalmente estar saindo. Ela se levantou, pronta para voltar, mas uma onda de ruído atraiu-a em outra direção, em direção à elegante e expansiva mansão, onde Raphael e seus vampiros viviam e conduziam o negócio conhecido como Raphael Enterprises. Ela hesitou, dividida entre a curiosidade e o desejo instintivo de descer para a segurança do cofre sob a mansão.

A curiosidade venceu, é claro. Ela muitas vezes sentou-se à noite e assistiu as idas e vindas na casa principal. Na maioria das noites, havia um agitado desfile de vampiros e humanos. Alguns estavam lá para fazer negócios com Raphael. Outros, e Mirabelle os reconheceu facilmente, estavam lá para oferecer-se aos vampiros como doadores de sangue. Tanto homens como mulheres, foram levados às casas de sangue mantidas por toda a cidade, muito bem guardadas por vampiros de Raphael, escoltados para a noite e sempre indo antes do amanhecer. Ao contrário de Jabril, Raphael não mantinha qualquer escravo, de sangue ou outra coisa.

Ela se aproximou da curva final no caminho. A casa principal não estava completamente visível ainda. Sentou-se a vários metros abaixo do caminho mesmo à beira do precipício. Mas ela podia ver luzes a piscar contra o céu escuro. Vermelho e azul em um padrão de rotação. Parecia familiar por algum motivo, e ela se apressou para frente só para se abaixar rapidamente atrás das árvores.

Dois veículos policiais estavam na calçada abaixo, um preto e branco, a sua barra de luz piscando em silêncio, o outro um modelo atrasado do sedã americano com uma daquelas luzes portáteis vermelhas que piscavam no telhado. Em pé ao lado do carro-patrulha estava um casal de policiais uniformizados, com as mãos repousando nervosamente em suas armas enquanto olhavam para os vários grandes e muito chateados vampiros ao seu redor. O sedã estava com as duas portas abertas, o interior com luzes acesas, mas sem ninguém dentro.

Enquanto ela o observava, as portas de vidro duplo da casa principal se abriram e surgiu Duncan, seguido por dois enormes vampiros asiáticos que pareciam ir a todo o lado com Raphael. Duncan parecia estar furioso. Ele se movia rigidamente e ela podia ver a ponta de suas presas salientes abaixo de seu lábio superior. Ele sacudiu a cabeça para os vampiros em torno dos veículos da polícia e eles se afastaram, formando um semicírculo ao redor do guarda-costas e dos dois humanos que os seguiam com... Mirabelle engasgou. Raphael!

Um baixo rosnado de raiva ressuscitou dos vampiros quando Raphael surgiu, as mãos algemadas atrás de suas costas, detido entre dois homens humanos, provavelmente os policiais do carro sem identificação. Pararam ao pé das escadas e o policial de cabelos escuros ao lado de Raphael disse algo.

O poderoso vampiro girou lentamente a cabeça olhando para baixo para o homem. Seus olhos negros cintilavam prateados com raiva e ele virou aquele olhar para seus vampiros, verificando-os lentamente, tocando cada um deles, atraindo-os para uma singular, focada entidade, totalmente sob seu controle, aguardando o seu comando.

De onde ela estava a vigiar, Mirabelle também sentiu a atração irresistível de sua vontade. Ela tremia com a força disso, sabendo com absoluta certeza que ela iria correr colina abaixo em seu socorro, até mesmo para sua própria morte, se ele desejasse. Ela ficou tensa, pronta para lançar-se ao seu comando, mas uma onda de tranquilidade inundou seus sentidos em seu lugar. Ela sentiu de repente como se estivesse ombro a ombro com os vampiros reunidos abaixo, como eles pisaram para trás em um movimento único e unificado para permitir que os humanos passassem com o seu prisioneiro. Raphael falou em voz baixa para Duncan, que deu um aceno de cabeça afiado e ficou de lado, seu rosto uma máscara de algo próximo ao desespero, vendo como seu senhor deslizou graciosamente para o banco de trás do carro sem identificação.

Com uma caótica agitação de portas batidas e rodas a chiar, os veículos da polícia giraram em torno da unidade e voltaram em direção ao portão principal. Quase que imediatamente dois SUVs pesados rugiram e os guarda-costas vampiros estavam empilhados dentro, Duncan entre eles. Os grandes SUVs partiram com um grito de borracha, logo nos calcanhares de Raphael e da polícia.

O silêncio em seu rastro era ensurdecedor. Vampiros ficaram paralisados, olhando para a partida de seu mestre, incapazes ou sem vontade de voltar para dentro. Finalmente, um dos vampiros que seguira Raphael da casa deu uma ordem e todos se moveram sem demora. Mirabelle sacudiu-se. Ela tinha que voltar para a casa, tinha que contar a Alexandra e aos outros na mansão, se ainda não sabiam. Ela correu de volta para o caminho, o laptop debaixo do braço quase esquecido. Ela tinha que... Ela tinha que ligar para Cynthia!

Capítulo 33

Cyn fechou seu telefone celular com uma maldição, correndo do abrigo para crianças desabrigadas onde ela tinha estado a seguir uma pista sobre Elizabeth. Ela correu para seu Range Rover, abrindo as fechaduras e deslizando atrás do volante em um único movimento. As buzinas estridentes dos motoristas indignados foram ignoradas enquanto arrancava do meio-fio, abrindo seu telefone novamente para ligar para Eckhoff. Ele tocou várias vezes antes de seu correio de voz atender.

— Obrigada pelo aviso, Eckhoff. — ela rosnou. — Diga ao pedaço de merda Santillo que ele pode dar um beijo de despedida na bunda dele quando isso acabar, porque ele tem o cara errado. — Ela desligou e chamou imediatamente Duncan.

A voz do vampiro era pouco mais que um grunhido.

— Eu estou a caminho. — disse ela.

— Você sabe onde? — As palavras eram grossas, mostrando a sua raiva.

— Sei. Eu estarei lá. — Ela fechou o telefone e fez uma curva à direita para pegar a auto-estrada. Ao inferno com o limite de velocidade. Era quase dia. A instalação estava equipada para lidar com o sono de um vampiro? E quanto a Duncan e os outros, sua necessidade de proteger Raphael superaria até mesmo os instintos de retirar-se do sol nascente. Ela bateu no volante com raiva. Maldito Santillo. Ela mal podia esperar para contar-lhe como ele estava errado. Ela só esperava que os vampiros não chegassem a ele primeiro.

Capítulo 34

Duncan estava esperando lá na frente quando ela chegou, andando para cima e para baixo na calçada estreita. Ele olhou para cima quando ela estacionou sua caminhonete e praticamente se jogou do assento do motorista, os olhos brilhando vagamente no brilho das luzes de segurança em torno da instalação.

— Onde ele está? — Ela perguntou secamente.

Ele olhou-a em silêncio, o escrutínio invulgarmente intenso, mesmo para Duncan. — Dentro. — disse ele finalmente. — Eles não me deixaram ficar com ele, mas os seus advogados estão lá.

Cyn continuou andando e Duncan acertou o passo ao lado dela. — Onde está todo mundo? — Perguntou ela. — Mirabelle disse que havia um monte de vocês que o seguiram.

— É quase dia. Enviei os outros para casa. Não fazia sentido ficar todo mundo em pé aqui fora. — O celular de Duncan tocou. Ele olhou para o identificador de chamadas e atendeu. — Ela está aqui. — disse ele e desligou quase que imediatamente.

Cyn olhou para ele. — Quem era?

— A advogada do Senhor Raphael. Ela está vindo para fora para falar com você.

— Eu? Por quê?

Duncan teve a graça de parecer desconfortável. — Você já ouviu falar de Obaker?

— Claro, eu ouvi falar de Obaker, mas o que...

— Obaker versos Oklahoma. — uma voz de mulher se intrometeu. — Qualquer vampiro levado sobre custódia tem o direito de designar uma presença de custódia, a fim de garantir sua segurança, se realizada fora dos recintos de uma instalação federal especificamente mandatada. E, felizmente para nós, esta estrutura maravilhosa definitivamente não é uma dessas instalações federais.

Cyn virou-se para ver uma graciosa vampira descer a passarela. Longos cabelos brancos brilhavam na fraca luz, contrastando fortemente com a pele dourada e características asiáticas para dar-lhe uma aparência exótica que se ajustava perfeitamente com as delicadas presas descobertas num sorriso cruel. Quando ela se aproximou, ela estendeu a mão bem torneada. — Kimiko Lorick. — disse ela. — O Senhor Raphael me confiou sua defesa. Não que ele precise muito, uma vez que estas acusações são claramente absurdas e completamente sem mérito. — Ela olhou para Cyn criticamente. — Você está pronta?

— Pronta para quê? — Cyn perguntou, embora tivesse uma boa ideia e não gostava nem um pouco.

— Duncan não explicou? — Kimiko olhou para o tenente de Raphael, que balançou a cabeça.

— Sra. Leighton acaba de chegar, Kimiko. Eu estava prestes a discutir o assunto…

— O sol está quase nascendo, Duncan. Não há tempo para a diplomacia. — Ela girou seu olhar de volta para Cyn. — O Senhor Raphael afirmou os seus direitos de Obaker e designou você, Cynthia Leighton. Se você não vai servir, eu preciso saber agora, enquanto eu ainda posso persuadi-lo a aceitar a outra pessoa. Eu não vou deixá-lo desprotegido. Se necessário…

— Por quê? — Cyn exigiu a Duncan. — Por que ele faria isso?

— Porque ele confia em você, Cynthia.

— Por que não os advogados? — Ela virou-se para Kimiko. — Um de vocês deve ser humano, certo?

Kimiko assentiu. — Meu marido, Boyd. E ele ficaria honrado em permanecer, mas ele vai ser melhor utilizado no tribunal, garantindo a liberação do Senhor Raphael. Ele não pode ser trancado aqui. Além disso, meu senhor te escolheu.

— E se eu disser não?

Kimiko deu a Cyn um olhar funesto. — Então eu vou tentar fazer outros acordos com o pouco tempo que tenho. Se eu falhar, o Senhor Raphael vai dormir inseguro e vulnerável a qualquer coisa que os humanos planejaram. E eu não duvido por um momento que esta farsa toda foi orquestrada para esse fim. O momento da prisão foi muito conveniente para o meu gosto.

Cyn olhou para Duncan. — Não olhe para mim desse jeito. — ela retrucou. — Vou fazer. Então o que acontece agora?

Kimiko deu-lhe um sorriso muito satisfeito, como se a coisa toda fora ideia dela. — Você está carregando uma arma?

— É claro. Por quê?

— Dê-me. — Kimiko ergueu a mão para evitar o protesto automático de Cyn. — Eles vão revistar você uma vez que esteja dentro. — Ela fez uma pausa, tomando a Glock de Cyn e aconchegando dentro de sua jaqueta de couro. — Mas eles não irão me revistar. Certifique-se de ficar perto depois. Eles esperam que nós a consultemos e, claro, nós não queremos ser ouvidos, por isso vamos nos aproximar. Eu lhe darei a arma de volta então. Você pode lidar com isso?

— Sim. — disse Cyn, insultada por isso ter sido perguntado.

Kimiko tomou seu braço. — Duncan. — disse ela sobre o ombro. — Vai ser apertado. Boyd irá dirigir de volta para a propriedade, mas esteja pronto para vir conosco assim que sairmos de lá.

Como se para enfatizar seu aviso, as luzes de segurança se desligaram em seu temporizador automático e Cyn olhou para o leste, vendo a primeira luz aquosa do nascer do sol. Eles correram em direção à porta e ela perguntou logo: — Você viu os corpos? — Ao lado dela Kimiko hesitou.

— Não, — ela disse, um pouco intrigada. — Eu requeri cópias...

— As vítimas foram drenadas com feridas de punção na artéria carótida.

— Merda. Não admira que tenham atrasado em me entregar os relatórios daquele legista. Merda. — Ela apontou a porta.

Cyn entregou a Kimiko sua mochila. — Existe um arquivo aqui que Boyd precisa ver. Tenha cuidado com ele. Parte dele, inferno a maior parte, é coisa que não deveria ter.

Kimiko jogou a mochila para Duncan e bateu seu punho na porta, impaciente. — Os bastardos sabem que estamos aqui, eles estão me irritando. Eu vou processar suas bundas quando... — A porta finalmente deu um zumbido severo e avançou ligeiramente aberta. Kimiko empurrou o resto do caminho, ignorando o policial novato que estava correndo pelo corredor em direção a eles. Eles seguiram pelo corredor, passando pela escada, por todo o caminho até a parte traseira do edifício. Enquanto caminhava, ela falou rapidamente.

— Ok ouça, estas são as regras. Ninguém entra na cela, a menos que você especificamente solicite. Uma vez que você estiver dentro, a porta será trancada atrás de você. Não pode haver vigilância de qualquer tipo dentro da cela, outro mandado Obaker e como eles o odeiam...

Houve um flash de branco e de repente Ian Hartzler saiu de um dos escritórios, segurando uma pilha de arquivos na frente de seu peito. Ele correu direto para Cyn, atingindo-a com força suficiente para desequilibrá-los aos dois, enviando os arquivos ao chão. — Sra. Leighton. — disse ele. — Eu sinto muito. — Agachou-se para recolher os arquivos dispersos e Cyn automaticamente se abaixou para ajudar, com o rosto apenas alguns centímetros de distância do técnico confuso. — Câmeras. — ele sussurrou urgentemente. Cyn deu-lhe um olhar confuso. Ele encontrou o seu olhar atentamente e sussurrou: — Há câmeras na cela!

Cyn rapidamente devolveu as pastas que tinha recuperado quando Kimiko agarrou-a pelo cotovelo e começou a puxá-la de volta para o corredor. — Você tem algum chiclete? — Cyn perguntou. Kimiko deu-lhe um olhar distraído. Cyn parou abruptamente, impedindo seu progresso. — Kimiko. Eu realmente gostaria de um chiclete. Eles devem ter uma máquina aqui em algum lugar.

— Jesus, Cynthia, não pode esperar? Você tem alguma ideia de... — Seus olhos se arregalaram em compreensão súbita. — Chicletes. Ok. — Ela olhou ao redor descontroladamente, então pediu a Cyn para ir em frente novamente. — Vou cuidar disso. Você precisa chegar lá atrás.

O corredor da cela tinha três homens de uniformes azuis, que deram passagem a contragosto quando Cyn e Kimiko empurraram. Santillo estava do lado de fora de uma porta fechada, a gritar com um homem alto, com cabelo preto e grosso, que estava vestindo um bem adaptado terno azul. Boyd Lorick, Cyn assumiu, o que se confirmou quando Kimiko apareceu e se juntou à discussão. Cyn encontrou uma parede, planejando esperar enquanto os três estavam lá. Ela olhou para o relógio e pensou em Duncan esperando lá fora enquanto o sol nascia.

— Assuma a posição, Leighton.

Cyn olhou para cima e encontrou o parceiro sem nome de Santillo olhando para ela. Uma jovem mulher de uniforme azul estava ao seu lado, parecendo claramente desconfortável. Cyn concordou com um negligente encolher de ombros, e se afastou da parede, abrindo os braços para os lados enquanto a policial feminina fazia uma rápida, mas completa revista.

— Ela está limpa. — disse a mulher e desapareceu na multidão. Cyn assistiu-a ir e avistou um banco de máquinas de venda automática no final do corredor. Ela assentiu com a cabeça naquela direção. — Você se importa? Eu não jantei.

O parceiro deu-lhe um olhar cético e a seguiu quando ela foi lentamente até as duas máquinas. Uma delas era de bebidas geladas, mas a outra... Ela cavou uns enrugados cinco dólares de seu bolso jeans, alisou-os e deslizou para o leitor. A máquina refletiu sobre a qualidade do seu dinheiro por um tempo,

decidindo que estava tudo bem e a informou em brilhantes números vermelhos de sua boa fortuna. Cyn comprou um pacote de bolachas que não queria, esperou enquanto elas caíam para baixo, e depois pediu chicletes de menta. Não exatamente seu sabor favorito, mas ela não estava comprando pelo sabor.

Enquanto ela regressava a discussão continuava, ela desembrulhou um par de chicletes e empurrou-as em sua boca, alisando ociosamente os invólucros com os dedos.

O parceiro de Santillo olhou para os pequenos pedaços de papel alumínio e Cyn sorriu para ele, mastigando ruidosamente. — Você quer os invólucros do meu chiclete, detetive?

Ele fez uma careta e Cyn riu alto. Ela abaixou-se atrás de uma mesa e jogou os invólucros em uma lata de lixo. — Você esteve assistindo filmes demais. — ela repreendeu, então olhou para cima quando os gritos finalmente pararam.

— Ela está desarmada. — o parceiro confirmou, para o óbvio desapontamento de todos menos de Cyn e dos dois advogados.

— Legal, Leighton. — rosnou Santillo. — Protegendo-os contra a sua própria espécie. Não pensei que você fosse descer tão baixo.

Cyn sorriu docemente, recusando-se a ser manipulada. — Kimiko. — disse ela, virando o olhar para a advogada vampira. — Um momento, por favor?

— É claro. Dê-nos algum espaço, Santillo. — Kimiko nem sequer tentou ser educada, prendendo o volumoso detetive com um olhar lento e frio. Santillo praguejou sob sua respiração, mas recuou vários metros. Kimiko e seu marido Boyd puxaram Cyn, virando as costas para o corredor e protegendo-a de olhares indiscretos. Colocando suas cabeças juntas para conferenciar, Boyd Lorick deu à sua esposa um olhar duro. — Você está bem, Kimmi?

Kimiko piscou várias vezes e respirou fundo. — Não por muito mais tempo. — Ela deslizou silenciosamente a arma no cós de Cyn. — Você encontrou alguns chicletes. — ela respirou de alívio. — Bom. — Boyd deu a Kimiko um olhar interrogativo, mas ela balançou a cabeça, deu um passo para trás e olhou para Santillo. — Vamos fazer isso. — ela rosnou.

Capítulo 35

Raphael estava parado no meio da sala à espera de Cyn quando ela entrou pela porta. Eles tinham tirado a sua gravata e cinto — como se ele fosse lhes fazer o favor de cometer suicídio por causa disso, se isso era mesmo possível para um vampiro — mas ele ainda estava usando seu terno, um carvão quase negro de lã bem tratada e camisa branca aberta no colarinho. Cyn suspirou. Era preciso muito mais do que a ausência de uma gravata para fazer Raphael parecer menos do que lindo. Ela olhou para cima para encontrar seus olhos negros olhando para ela. Incapaz de desviar o olhar, ela engoliu nervosamente para evitar se engasgar com o chiclete e forçou um sorriso fraco. O olhar de Raphael nunca vacilou.

Kimiko avançou para assegurar-lhe que Boyd cuidaria de tudo. — Vai, Kimiko. — disse Raphael suavemente, seus olhos nunca deixando Cyn. — Está ficando tarde e eu não lhes darei a satisfação. — Kimiko assentiu tristemente, mas saiu correndo pela porta aberta, passando por Santillo que estava fingindo ter uma razão para estar ali. Cyn saltou quando Boyd deu um toque suave no seu ombro e ela virou-se para encontrá-lo mesmo ao lado dela. — Eu estarei de volta antes de anoitecer. — disse ele em voz baixa.

Cyn acenou com compreensão, intensamente consciente do contínuo escrutínio de Raphael. — Vejo você depois. — disse ela.

Boyd empurrou Santillo para fora do quarto, dando a Cyn um último polegar levantado antes de a porta se fechar. Ela olhou para a porta até que o arrastar de passos pelo corredor terminou, e depois se voltou para Raphael, tentando pensar em algo racional para dizer. Ele ergueu a mão para ela esperar, com a cabeça ligeiramente inclinada enquanto ouvia com seus sentidos muito mais aguçados de vampiro.

Cyn aproveitou o tempo para olhar ao redor. Sabendo que elas estavam lá, ela encontrou duas lentes de câmeras rapidamente. Ela puxou o chiclete agora sem gosto para fora de sua boca com uma careta — ela odiava chiclete — e dentro de um curto período de tempo tinha bloqueado essas duas câmeras e mais uma sobre a porta. Ela deu a Raphael um olhar interrogativo.

Ele estendeu a mão. Cyn olhou para ela, desviou o olhar para seu rosto e suspirou resignada. Ela tomou sua mão e o deixou puxá-la em um abraço. Todo o corpo dele relaxou quando os seus braços vieram ao redor dela, e então enrijeceu novamente quando ele inalou profundamente pelo nariz. — Você está

carregando uma arma, minha Cyn. — Sua voz estava apenas lá, pouco mais de uma respiração contra sua orelha.

Ela havia bloqueado o visual das câmaras, mas elas ainda podiam gravar o som. — Eles não revistaram você?

Cyn acenou com a cabeça e sussurrou de volta, sabendo que ele podia ouvir. — Mas não Kimiko.

Raphael deu uma risada. — Uma mulher formidável, Kimiko, mesmo antes… Ele deu um engasgo que era uma espécie de tosse e pareceu perder o equilíbrio por um momento, inclinando-se fortemente contra ela. Cyn recuou em alarme.

— Raphael?

— Minhas desculpas, Cyn, parece... — Com um esforço visível, ele se endireitou e balançou a cabeça. Em um bizarro flashback de Mirabelle no avião, Cyn enfiou o ombro sob o seu braço e insistiu com ele em direção à cama, antes que sua natureza vampírica tirasse a opção. Eles quase não conseguiram. Cyn conseguiu puxar para trás o cobertor e Raphael caiu no colchão estreito, puxando-a para baixo com ele. Ela deu-lhe um olhar cético, imaginando se ele estava tão fora de si como parecia, mas suas pálpebras nem sequer se mexeram. Sua cabeça bateu no travesseiro, ele exalou um último suspiro profundo e então... Nada.

Ela entrou em pânico um pouco quando ele parou de respirar, seus pulmões apreendidos em simpatia quando ela pressionou a sua mão sobre o coração dele. Uma pálida batida pulsou sob a palma da mão, e ela suspirou de alívio, apenas para saltar de surpresa quando seu peito se expandiu e ele puxou outro fôlego. Ela assistiu durante alguns minutos, controlando seus sinais vitais e finalmente relaxando quando o seu corpo pareceu assentar em um ritmo regular e distintamente lento.

Cyn tinha visto cadáveres, corpos no necrotério, corpos mortos recentemente por violência ou até mesmo mortos que tiveram mortes tranqüilas em casa ou no hospital. Mas, apesar da ficção de filmes e televisão, a verdade era que a vida fugia do corpo com bastante rapidez. A personalidade que outrora animou a carne, as expressões únicas que esculpiam o rosto que seus entes queridos reconheciam... Essas tinham ido embora para sempre. Ela olhou para Raphael e se perguntou como alguém poderia confundir esta beleza serena com morte. Ela escovou um cabelo imaginário da testa dele, correndo os dedos de volta ao longo de seu couro cabeludo e acariciando o rosto suavemente. Seu coração apertou em seu peito e ela se levantou, sentindo-se ligeiramente pervertida, como se ela tivesse se aproveitado dele em seu estado indefeso.

Ela se endireitou e olhou ao redor da pequena cela — quatro paredes quadradas, pintadas de um cinza fosco, com uma única plataforma de dormir saliente de um lado e uma pia e banheiro no canto. Não havia janelas, eles tinham acertado nessa parte. Ela atravessou a cela e usou o banheiro, depois de uma análise muito profunda para adicionais câmeras. Lavou o rosto e as mãos, torcendo o nariz para o sabão áspero fornecido, e não tinha nem secado suas mãos em uma toalha de papel, quando as luzes desligaram sem nenhum aviso. Ela ouviu o zumbido desvanecendo e riu. Santillo e a tripulação não poderiam reclamar por ela ter sabotado as câmeras, que nem deveriam estar lá, então eles tinham claramente decidido puni-la, desligando as luzes do quarto sem janelas. Eles ficariam desapontados ao saber que ela não se importou. Ela tinha passado a noite à procura de Liz; seria realmente mais fácil para ela dormir.

Infelizmente, ia ser o chão ou a cama; não havia outro lugar para sentar. Outro lapso intencional, sem dúvida. Ela se perguntou novamente se Raphael estava de alguma forma consciente sob o exterior sereno, e percebeu que ele estava provavelmente rindo agora mesmo. Mas ela estava muito cansada para lutar contra isso.

Grata pela sala escura, ela escorregou a arma do seu cós e colocou-a debaixo do travesseiro, em seguida, estendeu-se na cama ao lado do vampiro e girou para que ela enfrentasse a porta. Ela fechou os olhos, agradecida por ser quase inverno e os dias serem mais curtos, embora ela suspeitasse que este dia seria muito, muito longo.

Capítulo 36

Cyn acordou no instante em que Raphael começou a se mexer. Tinha sido um dia agitado para ela, com as pessoas indo e vindo quase que constantemente no corredor. A instalação tinha estado praticamente abandonada apenas alguns dias antes, mas eles provavelmente tinham trazido pessoal extra, uma vez que estavam segurando um prisioneiro real. Ainda assim, Cyn não conseguia deixar de se perguntar se todo aquele barulho no corredor tinha sido intencional. Havia momentos em que tinha soado mais como uma festa da fraternidade do que uma instalação de detenção pertencente à polícia. Ela se mexeu na cama estreita, pronta para sentar-se, quando um braço familiar enrolou-se em torno de sua cintura para segurá-la no lugar.

— Este é o meu castigo ou o seu, doce Cyn? — Ele murmurou.

Cyn se concentrou em respirar normalmente, intensamente consciente da sua proximidade... E do fato de que a porta poderia abrir a qualquer minuto.

A respiração de Raphael estava quente em seu pescoço. — As câmeras?

— O visual continua bloqueado. — Ela também falou em um sussurro. — Não sei sobre o som.

Ele relaxou. — Senti sua falta, minha Cyn.

— Você me deixou, seu desgraçado.

— Eu fui um tolo.

Cyn fechou os olhos contra a onda de emoção desencadeada por suas palavras. Ela estava grata pelo quarto ainda estar escuro, mesmo sabendo que ele podia sentir o choque repentino no seu pulso e, provavelmente, o cheiro das lágrimas que estavam inexplicavelmente lhe enchendo os olhos. Ele se aproximou dela, deslizando os braços ao seu redor com um suspiro arrependido.

— Eu sinto muito, lubimaya.

Cyn deixou a cabeça descansar na espessura de seu braço. Lubimaya, ele a chamou. Era russo. Meu amor. Você é uma boba, Cynthia.

Uma porta bateu em algum lugar fora da cela e Raphael ficou tenso novamente. — Boyd. — disse ele enquanto as luzes acendiam. — E outros estão com ele.

Quando a porta se abriu, eles estavam de pé, Cyn ligeiramente atrás de Raphael. Ele a tinha empurrado para trás no primeiro clique da fechadura. Foi instintivo de sua parte, assim Cyn tentou ignorar a implicação de que ela precisava de proteção. Ela fez uma careta às suas costas, mas não podia deixar de se sentir um pouco satisfeita.

A primeira pessoa a entrar no quarto foi Boyd. Ele deslizou para dentro rapidamente e puxou a porta quase fechada atrás dele, caminhando diretamente para Raphael com os itens confiscados do vampiro, o cinto e a gravata.

— Meu senhor. — disse ele, segurando-os com um sorriso irônico.

Raphael pegou primeiro no cinto, deslizando-o através das presilhas em sua cintura e afivelando-o com rápidos movimentos. A gravata veio em seguida. Ele colocou-a no pescoço e se virou para Cyn com uma sobrancelha levantada. Não havia espelhos no quarto. Ela amarrou a seda com os movimentos praticados de uma mulher que tinha conhecido um monte de homens em ternos, então ajeitou o colarinho e alisou a gravata em seu peito largo. Quando ela terminou, ele pegou sua mão e levantou-a aos lábios para um beijo suave, antes de se voltar para Boyd.

A expressão do advogado estava cintilando de alegria mal escondida quando ele relatou.

— O Procurador Distrital oferece suas profundas lamentações, meu senhor, e me assegurou que todas as acusações foram retiradas. Ele estaria aqui em pessoa para comunicar o mesmo se eu não o tivesse convencido do contrário, avisando-o que você certamente preferia manter um perfil baixo. A propósito, a pesquisa da Srta. Leighton foi muito útil. — acrescentou com um aceno de cabeça na direção de Cyn.

Seu telefone celular assinalou a entrada de uma mensagem de texto e ele fez uma pausa, verificando o visor. — Duncan chegou com uma escolta adequada, meu senhor. Vamos sair pela parte traseira do edifício.

Raphael concordou formalmente, mas bateu a mão no ombro delgado de Boyd em agradecimento antes de dizer: — Cyn. — sem olhar para ela. Ela veio até ao lado dele. — Você está pronta, lubimaya? — Ele perguntou a ela.

Cyn bufou uma risada. — Mil vezes pronta. — ela concordou.

Ele a puxou para um abraço rápido, beijando o topo de sua cabeça. Ela captou um olhar de surpresa na face do advogado, antes de Raphael a deixar ir. — Estamos prontos, então. — Disse ele.

A área do corredor estava mais uma vez cheia de gente, parecendo consideravelmente menos feliz do que antes. Santillo se escondia no fundo, atirando punhais no vampiro com os olhos, seu olhar se deslocando para lançar a Cyn nada menos que ódio, quando Boyd abriu um caminho através da multidão. Cyn ignorou Santillo, mas viu Hartzler encostado numa porta aberta olhando para Raphael em reverência. Ela chamou sua atenção e acenou com gratidão. Ela faria mais depois, em um local menos público. Não fazia sentido colocar o técnico em problemas com Santillo e seus amigos. Ela podia não entender a obsessão de Hartzler, mas ele tinha demonstrado claramente sua lealdade e não faria mal nenhum tê-lo ao seu lado no futuro.

Eles viraram à esquerda, longe da frente do edifício, em direção à uma saída de emergência estreita. Boyd trocou um olhar com alguém na multidão, aparentemente verificando se o alarme tinha sido desligado. Ele abriu a porta devagar. Duncan estava esperando lá fora, o alívio em seu rosto durou pouco, pois ele rosnou para os humanos que se arrastavam atrás de Raphael. Ele fez um gesto brusco e os guarda-costas vampiros se aproximaram, formando um círculo protetor em torno de Raphael e Cyn enquanto fizeram o seu caminho até um grande SUV preto, cuja maior parte bloqueava o estreito beco. Havia espaço suficiente para as portas de passageiros em de um lado, mas não mais. Raphael parou e gesticulou para Cyn ir antes dele, mas ela balançou a cabeça.

— Meu carro está estacionado na frente.

Raphael franziu o cenho. — Um dos outros…

— Não. — ela interrompeu e disse em voz baixa. — Eu aprecio isso, mas não. Eu quero verificar Mirabelle, ver se ela já ouviu algo sobre Liz. Se não, eu preciso começar a procurar novamente. Não deve tomar tanto tempo e...

Suas palavras se acalmaram. Raphael a olhava com... Dor? O que ele pensou, que ela iria direto para sua cama, agora que ele tinha feito tudo legal com ela, agora que ele tinha se desculpado? Bem, ok, que na verdade não era uma má idéia, mas... Não. Ela não ia ser tão fácil. Ela tinha uma vida, um trabalho, e uma adolescente que ainda estava lá fora nas ruas com um assassino à solta. Mas ela não ia dizer nada disso aqui com seus vampiros ouvindo.

— É importante, Raphael. Eu preciso encontrá-la.

Ele a considerava fixamente, seus olhos brilhando de emoção. — Muito bem. — disse ele um pouco tenso. — Se precisar...

— Eu vou. — Ela se afastou, deixando o círculo protetor fechar em torno dele, formando uma parede entre eles. Ele a encarou por mais um momento, e depois desapareceu no SUV. Duncan fechou a porta atrás dele, mas aproximou-se de Cyn antes de subir no banco da frente.

— A nomeação de Mirabelle é...

— Eu sei, Duncan. Não se preocupe. Nós duas estaremos lá.

Ele deu-lhe um olhar intrigado, deu de ombros e disse: — Então vejo você domingo.

Cyn observou-os se afastarem antes de caminhar lentamente pelo beco e para a rua, saindo a mais do que um quarteirão de distância da instalação. Ela cruzou para o outro lado e foi calmamente até o Range Rover. Seu corpo protestou quando ela subiu no carro. Ela estava rígida e dolorida após mais um dia de pouco sono, e que foi passado em uma borda estreita da cama que nem sequer era larga o suficiente para Raphael sozinho, muito menos para os dois.

Ela virou a ignição e pegou seu celular, percebendo que era provavelmente muito cedo para fazer uma chamada a um vampiro jovem, Mirabelle não estaria acordada ainda. Ela deixou uma mensagem e voltou para casa, com nada em mente além de um banho quente e roupas frescas. Ela podia ter passado sua primeira noite na prisão, mas ela não tinha que cheirar como tal.

Capítulo 37

Depois de um banho, Cyn dirigiu para Malibu e tomou o café da manhã... Ou jantar. O que quer que ela lhe chamasse, diversos dias de horários estranhos e refeições irregulares tinham feito com que ela se sentisse drenada de energia. Então ela se sentou em uma mesa real, com uma omelete de bacon e queijo, vários pedaços de pão de trigo untados com conserva de pêssego e uma garrafa fresca de café quente. Assim fortificada, ela estava de volta à Pacific Coast Highway, quando seu telefone tocou. Um olhar para o visor lhe disse que era Mirabelle retornando sua mensagem anterior, então ela deixou que fosse para o correio de voz e fez uma rápida curva à esquerda sobre a pista estreita na entrada para a propriedade de Raphael. As árvores adultas arqueavam para cima, tão densas e próximas que formavam um túnel vivo. Algumas noites era tão escuro sob essas árvores que seus faróis mal conseguiam iluminar o caminho. Hoje à noite, com algumas das árvores desfolhadas para o inverno e a lua crescente para cheia, pedaços de luz se filtravam através dos galhos nus, dos troncos pálidos de plátano e do vidoeiro.

Profundo entre as árvores estava o portão principal, para além do qual estavam os campos bem cuidados e artisticamente iluminados, um gracioso rolo de relva verdejante ia até a casa principal, com a floresta escura por trás dela escondendo a mansão de Alexandra.

Os guardas devem ter ligado com antecedência porque Mirabelle estava esperando quando ela chegou. Ela encontrou Cyn no meio da entrada de automóveis, nervosa de excitação. — Senhor Raphael está em casa, Cyn, você sabia? O mantiveram na cadeia o dia todo! Meu Deus! Todo mundo aqui estava totalmente transtornado, até Alexandra estava nervosa esta noite, e ela normalmente é calma. Eu tinha certeza de que os vampiros iam entrar em guerra ou algo assim. Você deveria ter visto isso!

Cyn olhou a menina silenciosamente e soltou um suspiro profundo. Ela estava emocionada por Mirabelle ter se recuperado tão rapidamente. Realmente. Ela estava. Sua boca se curvou num sorriso carinhoso. — Mas ele já voltou, certo, Mirabelle?

— Certo. Ele chegou em casa horas atrás. Todo mundo correu para a casa principal. Todos queriam estar lá para cumprimentá-lo. Meio assustador, na verdade. Todos aqueles vampiros ali esperando por ele, totalmente focados, não dizendo uma palavra. E, de repente esse grande SUV chega e ele sai e... Eu juro, Cyn, era como se todos eles respirassem ao mesmo tempo. — Ela balançou

a cabeça. — Meu coração estava batendo como louco, eu estava tão feliz em vê-lo. Você acha que é assim?

Cyn analisou a questão. — O que é assim? — Ela perguntou finalmente.

— Ter um mestre, você sabe. Sendo prometida a alguém como Raphael. Como se você não conseguisse respirar, se ele não estiver por perto.

Uma vez que Cyn tinha a mesma dificuldade para respirar quando Raphael estava por perto, ela levou a idéia a sério. Ela pensou sobre o que Duncan lhe havia dito uma vez, sobre sua lealdade inabalável ao Raphael, sobre o poder absoluto que Raphael tinha sobre cada um de seus vampiros jurados. — Você sabe, Mirabelle. Penso que é exatamente assim.

— Legal.

Cyn levantou uma sobrancelha cética. — Se você o diz. Não creio que você ouviu de Liz? — Ela perguntou esperançosa.

— Mas, eu fiz! Eu estava prestes a ligar para você ontem quando essa coisa toda com Raphael explodiu.

Cyn olhou para Mirabelle. Esqueça a respiração, era isso o que acontecia entre um vampiro mestre e seus filhos? Toda a lealdade e afeição de Mirabelle tão completamente destruídas pela crueldade casual de Jabril, agora estavam sendo ressuscitadas e canalizadas completamente em Raphael. Era este o tipo de lealdade não diluída que Raphael gostava em todos os seus vampiros? Bons deuses, havia milhares deles! Não admira que ele fosse um bastardo arrogante.

— De qualquer forma, sim. — Mirabelle continuava. — Liz me deixou uma mensagem. Um cara está deixando-a ficar em sua casa, diz que vai ajudá-la a obter o seu dinheiro, uma vez que ela tiver dezoito anos. — Mirabelle revirou os olhos. — Disse-lhe que era uma péssima idéia e que estamos aqui na Califórnia e que Raphael realmente é legal, mas ela não acredita em mim. Então eu disse a ela…

— Espere. Como vocês tiveram essa conversa? Ela te ligou?

— Oh, não. Nós nos encontramos numa sala de chat mais cedo esta noite. Aquele cara a deixa usar o seu computador. O dela foi roubado, como você disse. De qualquer forma, então eu disse-lhe para chamar aquela sua amiga, Luci. Ela disse que iria, mas depois tivemos uma espécie de corte, e a palavra veio da casa principal que Raphael estava a caminho e eu não queria perder isso, então...

Cyn fez uma pausa, tentando absorver a corrida de informação. — Okay. Deixe-me ligar...

Seu telefone vibrou, interrompendo. Ela conferiu o visor e abriu.

— Ei, Luci.

— Oi, Cyn. Ouça, eu acho que tenho sua criança perdida aqui. — Cyn olhou para Mirabelle e apontou para ela de forma significativa. — Ela está um pouco inquieta. — Luci continuou em voz baixa. — mas eu estou tentando convencê-la que você é um dos caras bons.

— Eu aprecio isso. Posso falar com ela?

— Ainda não. Na verdade, por que você não aparece mais tarde? Ela está bastante estressada no momento. O cara que a estava hospedando meio que a apavorou.

— Ela está machucada?

— Não fisicamente, não. Um par de arranhões, algumas contusões, mas eu não acho que ele bateu nela, não diretamente de qualquer maneira. Não pelo que ela me disse. Medo na maior parte.

— Vamos esperar que ela esteja dizendo a verdade. Quando devo passar por aí?

— Dê-nos uma ou duas horas. Eu vou chamar, mas eu acho que ela vai se encontrar com você.

— A irmã pode ir?

— Ela é uma vampira, certo?

— Certo.

Luci ficou em silêncio, pensando sobre isso. Cyn podia ouvir a televisão ao fundo, pontuada por um comentário alto ocasional. — Isso provavelmente não é uma boa idéia. — Luci disse finalmente. — Deixe-a ver primeiro a humana boa que você é, e então veremos depois disso.

— Certo. Falo com você depois. — Cyn nunca questionava os instintos de Luci quando se tratava deste tipo de coisa.

Mirabelle estava ao seu lado assim que o telefone capotou fechado. — Liz?

— Ela está na casa de Luci. Estou indo para lá.

— Tudo bem! Vamos embora.

— Hum, bem, sobre isso. Luci pensa, e eu concordo, que é melhor que eu vá sozinha primeiro. Ela está segura com Luci, então não há motivo para pressionar agora. Eu vou me encontrar com ela mais tarde e veremos aonde vai a partir daí. Ela está meio nervosa sobre essa coisa toda de vampiros.

— Ela sabe que eu nunca a machucaria. — protestou Mirabelle.

— Não de propósito, não. Mas vamos lá, Mirabelle, ela foge para a Califórnia e de repente você está aqui. Pelo que ela sabe, Jabril enviou você para encontrá-la e levá-la de volta para ele.

— Oh, certo, como se Raphael alguma vez...

— Liz não sabe nada sobre Raphael, ela nem sequer sabe quem ele é. — disse Cyn com paciência. — Ela só sabe o que você lhe disse, e ela não pode confiar nisso. — Ela olhou para cima quando Alexandra apareceu na entrada da garagem. — Legal, Alexandra. — disse ela, apontando para o jardim topiário rapidamente assumindo o antigo pátio.

— Sim, ele está indo bem. Recebi a inspiração de um livro que li enquanto estávamos em Colorado. Um dos outros vampiros recomendou. O nome do autor era King, eu acho.

Cyn piscou, um calafrio puramente instintivo ondulou por sua pele e aumentou o arrepio. Ela olhou para cima para encontrar Alexandra estudando-a com uma expressão divertida e manteve seu próprio rosto cuidadosamente em branco. Alexandra parecia tão recatada que era fácil, por vezes, esquecer que ela era antiga e letal em sua própria maneira. Mas Cyn não gostava de ser brinquedo de ninguém.

— Parece que encontramos Liz. — disse ela em vez disso. — Ou ela nos encontrou. Mirabelle pode dar-lhe os detalhes. — O celular dela vibrou, indicando uma mensagem recebida, e ela puxou-o para fora, verificando o visor. — Certo. Era Luci, então eu estou fora daqui. Eu poderia vê-la mais tarde, dependendo. Se não, então amanhã. — Ela olhou para Mirabelle. — Vou ligar para você, Mirabelle, depois de eu conversar com Liz, e dizer-lhe o que está acontecendo. Nesse meio tempo, não se preocupe.

Capítulo 38

Cyn se apressou a subir os degraus da casa que ela e Luci tinham comprado e reformado há alguns anos. Era uma estrutura dos anos cinqüenta, dois andares com uma larga varanda à moda antiga e tapume de madeira. O lote de meio acre estava em uma parte de L.A. que tinha sido o bairro de escolha para médicos e advogados. Mas a cidade havia mudado, os médicos e os advogados tinham todos se movido para o sul e oeste, e muitas dessas casas antigas tinham sido divididas em apartamentos para estudantes universitários. Ela e Luci tinham conseguido um bom preço por essa, principalmente porque estava em péssimo estado. A senhora idosa de quem elas compraram a casa, tinha vivido lá por mais de sessenta anos, e não tinha colocado um centavo para manutenção durante pelo menos vinte anos.

Ela abriu a porta sem bater e foi direto para a parte de trás, passando por uma ampla sala de estar. A televisão panorâmica estava explodindo com a cor e o som de um filme que Cyn não reconhecia. Sofás, cadeiras e piso estavam repletos de adolescentes que não lhe deram nenhuma atenção quando passou, embora ela suspeitasse que era mais uma questão de escolha do que de atenção.

O escritório de Luci era na parte de trás da casa perto da cozinha, em uma pequena sala que havia sido uma despensa ou algo assim. Elas tinham arrancado o encanamento e colocado janelas para as muitas plantas de Luci, que estavam ameaçando saturar o pequeno espaço.

Luci estava sentada em sua mesa, de costas para a porta. Uma adolescente estava sentada na cadeira ao lado dela e a semelhança com Mirabelle era inegável. Ela olhou para cima quando Cyn entrou na sala, seus olhos cansados e desconfiados. Cyn deu-lhe um pequeno aceno de cabeça, olhou para a amiga e disse: — Luci.

Lucia se virou, a preocupação se dissolvendo em um sorriso de boas-vindas. — Cyn. — disse ela calorosamente, ficando em pé e vindo para um abraço. Luci era uma pessoa de muitos abraços. Cyn realmente não era, mas ela tentava por causa de Luci. Liz observava o intercâmbio com atenção.

— Liz, esta é minha grande amiga Cynthia Leighton. Ela e eu abrimos esta casa juntas, há muitos anos atrás.

Os grandes olhos azuis de Liz estudaram Cyn com cuidado, verificando sua boca, as mãos, até mesmo seus olhos. Procurando indicadores vampíricos, Cyn pensou. Não que ela estivesse ofendida. Ela teria feito a mesma coisa.

— Então, você é uma amiga de Luci? — Liz perguntou em dúvida.

Cyn acenou com a cabeça. — Desde a faculdade.

— E você está trabalhando para a minha irmã?

— Não é realmente *trabalhando para*, mais como *trabalhar com*. Tenho certeza que Luci lhe disse... — Ela olhou sua amiga para confirmação. Luci assentiu, depois sentou, puxando mais uma cadeira de madeira desgastada para Cyn fazer o mesmo.

— Jabril na verdade me contratou para te encontrar. — continuou Cyn, tomando o assento desconfortável relutantemente. — Mas então eu conheci Mirabelle e, bem, inferno, eu conheci Jabril. Eu ajudei Mirabelle a sair de lá e viemos procurar por você. Sorte para mim, você decidiu L.A.

— Há outro cara procurando por mim também. — Liz ofereceu com cautela. Um ligeiro sotaque tornou-se mais evidente em seu discurso quando ela começou a relaxar.

— Yeah. Eu o conheci. Cara musculoso, com cabelo branco curto?

— Eu acho que sim. Eu não o vi, mas alguns dos meus amigos me disseram que ele estava procurando. Isso foi antes... — Ela desviou o olhar, desconfortável, e Luci interveio, chegando a tomar a mão de Liz em ambas as dela.

— Está tudo bem, querida. Nada disso importa agora, e Cyn entende. Não é mesmo, Cyn?

— Sin[11]? — Liz disse. — Te chamam de Pecado?

— Cyn com um CY. — Cyn disse. — Eu sempre odiei o nome Cyndi e Cynthia soa tão... Não sei... Respeitável. — Luci bufou e revirou os olhos, surpreendendo um risinho de Liz.

— Meus pais sempre me chamaram de Elsie. — Liz ofereceu. — Pensei que eu odiava isso também. — acrescentou melancolicamente.

Cyn sabia o suficiente sobre os pais da garota e sua morte prematura para mudar de assunto. — Então me diga o que aconteceu, Liz. Eu estive procurando por você em todo o lugar.

[11] Pecado em inglês.

— Sim, eu ouvi. Você parecia legal, e deu os cupons de alimentos para todas as crianças. Mas eu não sabia em quem podia confiar. — Ela olhou para suas mãos, seguras firmemente pela Luci. — E todas aquelas meninas estavam morrendo. — Ela olhou para cima, encontrando os olhos de Cyn. — Eu estava com medo e Todd começou a vir ao redor. Ele faz um monte de coisas com as crianças de rua, jogos de basquete e merdas como essa. Ele começou a falar comigo e ele me pareceu muito legal, apesar de ser velho e fora de forma para um cara que gosta de esportes. Ele usa aquelas grandes camisas listradas o tempo todo, você sabe, como aqueles caras Australianos fazem? Mas todas as crianças pareciam conhecê-lo, então... — Ela deu de ombros.

— Quando ele descobriu que eu era do Texas, ele disse que tinha família lá também. Alguns primos ou algo assim. E eu contei sobre Mirabelle e Jabril e tudo, era como se se eu pudesse me esconder até o meu aniversário de dezoito anos e tudo estaria bem, porque então eu teria o meu próprio dinheiro. Então ele disse: porque eu não ia ficar com ele até então, você sabe, faltam só umas duas semanas? — Ela fez uma pausa para dar a Cyn um olhar triste. — Ele parecia um cara legal. — ela repetiu.

— Então o que aconteceu? O que fez você mudar de idéia?

— Ele nunca me tocou. Não assim. Eu teria saído de lá se ele tivesse, porque ele é... Bem, tem quarenta ou algo assim. De qualquer forma, ele começou a ficar realmente mandão. Como se eu tivesse que lhe dizer onde quer que eu fosse e o que eu estava fazendo e tudo mais. E então recebi a mensagem de Mirabelle dizendo que ela estava aqui e que deveríamos nos encontrar. Eu perdi o meu computador, mas ele deixou-me usar o seu para verificar minhas mensagens e outras coisas. Ele trabalha à noite em algum lugar, e eu não queria sair depois de escurecer, além de que era um bom momento para tentar chegar a Mirabelle e deixá-la saber que eu estava segura. De qualquer forma, eu tenho essa mensagem dizendo que ela estava aqui na Califórnia e parecia estranho. Quero dizer, por que ela estaria aqui? Então eu escrevi de volta para ela que eu não tinha certeza e como eu sabia que era seguro? E ela me disse sobre aquele cara Raphael, que ele não é como o idiota do Jabril ou qualquer coisa, e ela está vivendo em um lugar agradável e eu posso ir ficar com ela.

Cyn assentiu. Ela já tinha ouvido a maior parte de Mirabelle.

— De qualquer forma, então eu estou on-line com Mirabelle, e ele veio e começa a enlouquecer sobre vampiros e especialmente Raphael, e me diz que Raphael foi preso por matar aquelas meninas e não quer que eu tenha nada a ver com ele ou com Mirabelle, porque esse vampiro do caralho — foi assim que ele o chamou, esse vampiro do caralho — está usando Mirabelle para chegar a mim porque eu sou seu tipo. E eu disse: o que você quer dizer com *eu sou o seu tipo*? Mas então ele diz que eu não preciso me preocupar porque eu não sou como todas as outras meninas.

— Não é igual a elas como? — Cyn disse calmamente.

— Ele disse que todas aquelas meninas saíam com vampiros e por isso elas morreram.

Cyn trocou um olhar com Luci. — Como você disse que seu nome era, Liz?

— Todd. Todd Ryder. Ele mora perto da praia, porém nesse tipo de parte espumosa onde é realmente lotado. Veneza, eu acho que eles chamam. Alguém me disse que eles têm canais lá como na Itália, mas nunca vi nenhum.

— Eu mostrarei a você em algum momento. — disse Cyn distraidamente. — O que aconteceu então?

— O filho da puta tentou me trancar em sua casa, foi isso que aconteceu! Depois nós discutimos, eu fui para o quarto e dormi. E quando me levantei, ele tinha trancado a porta do quarto! E todas as janelas tinham aquelas barras, como na prisão sabe? Então eu estou batendo na porta, mas ele foi para o trabalho e me deixou lá sem mesmo um banheiro ou qualquer outra coisa!

Luci olhou por cima do ombro, para Cyn, com um sorriso satisfeito. — Minha menina Liz aqui quebrou a porta. — disse ela.

Liz corou, envergonhada e orgulhosa ao mesmo tempo. — Sim, bem, era uma daquelas portas baratas e ocas. Não demorou muito. Ele tinha essa lâmpada de metal velha na mesa. Realmente feia, mas pesada. Então, eu bati e bati. Machuquei meu braço, mas uma vez que eu quebrei através dela foi muito rápido. Meti a mão e abri a porta, e então eu saí de lá. Eu não tinha nada além da minha bolsa de qualquer jeito, então eu a agarrei e saí correndo. — Ela olhou para Cyn e encolheu os ombros novamente. — E aqui estou eu.

— Então você está aqui e estou muito feliz em ver você. — Cyn concordou. — O que você quer fazer agora?

— Eu não sei. Eu realmente não pensei chegar até aqui.

Cyn acenou com a cabeça. — E provavelmente você está bem aqui, por agora, mas você precisa ser cuidadosa. O homem de Jabril não vai pensar duas vezes sobre violar a lei para agarrá-la. Eu me sentiria melhor se você ficasse comigo até conseguirmos tudo esclarecido.

— Eu não quero viver com vampiros.

Cyn abriu a boca para ressaltar que ela não vivia com vampiros, mas Luci falou. — Talvez Liz pudesse ficar aqui por algum tempo. — sugeriu. — Tudo vai parecer diferente depois que você tiver alguns dias para pensar. — ela disse à Liz.

— E quanto a Mirabelle? — Liz perguntou, olhando para Cyn. — Ela está morando com você?

Cyn balançou a cabeça. — Mirabelle tem necessidades nutricionais que não posso cumprir. Ela vai ficar na propriedade de Raphael, na casa de sua irmã Alexandra, que está separada de todos os outros. As duas descobriram as compras pela Internet, Deus nos ajude. — Ela estremeceu dramaticamente. — Se você não quiser ficar comigo agora, talvez você possa, pelo menos, ir a uma visita à Mirabelle. Eu ficaria feliz em lhe dar uma carona, e sei que ela gostaria de ver você, saber que você está realmente bem.

Liz torceu a boca, mordendo o interior de seu lábio inferior em pensamento. Ela olhou para Cyn, depois de volta para Luci. — Eu acho que eu gostaria de ficar aqui esta noite, pelo menos. Confio em Luci. — Cyn ignorou a implicação de que ela, por outro lado, não deveria ser confiável. — E talvez amanhã à noite — Liz continuou, — eu possa ver Mirabelle. Isso seria aprovado? — Ela dirigiu a pergunta à Luci, não à Cyn.

Luci inclinou-se e abraçou a menina, na altura. — É claro, o que você quiser. Vamos lá, nós vamos te arrumar um lugar. Você precisa de um banho, e eu acho que eu tenho algumas roupas que lhe servirão. — As duas estavam praticamente ignorando Cyn quando elas começaram a sair da sala, mas Cyn tocou o braço de Liz, puxando a atenção dela quando a surpreendeu.

— Você pode me dizer onde esse cara Todd vive? Se não o endereço, então como chegar lá?

Liz deu-lhe um olhar preocupado. Ela olhou para Luci, e Luci afagou-lhe o ombro. — Porque não vai para cima. — ela disse para a garota. — É o quarto no topo da escada, com a porta azul. Eu estarei lá em um minuto. — Ela deu um olhar sombrio à Cyn quando Liz tomou dois degraus de cada vez.

— Eu tenho o endereço de Todd. — Luci disse baixinho, voltando para seu escritório. — Nós nunca tivemos qualquer problema com ele. Ele faz um monte de coisas com as crianças, organização de jogos e assim por diante, para mantê-las fora das ruas. Ele costumava fazer alguma divulgação também, quando ele tinha uma namorada, mas eles se separaram e ele adere muito bem às atividades organizadas agora.

Cyn teve um palpite. — A namorada tem um nome?

— Hum, Patty alguma coisa, eu acho. — respondeu Luci, buscando em seu banco de dados de computador. — Ela era mais jovem que Todd, não bonita, mas bonita o bastante. Tipo de rosto pontudo e boca pequena. O quê? — Ela perguntou em alarme, vendo o olhar angustiado na face da Cyn.

Capítulo 39

A caminho de Veneza e da casa de Todd Ryder, Cyn deu um rápido telefonema para Mirabelle, explicou a situação e lhe disse para contar com uma visita de Liz na noite seguinte.

— Por que não hoje à noite? Ela poderia ficar aqui; Alexandra não se importaria.

— Primeiro de tudo, ela está bem pra baixo, Mirabelle. Foi um par de semanas ásperas para ela em uma cidade estranha, completamente sozinha na rua. Quer dizer, dê-lhe uma pausa. E em segundo lugar, ela não está exatamente entusiasmada com a idéia de viver com mais vampiros, você sabe?

— Eu acho. Mas ela não quer me ver, pelo menos? — A última parte foi mais um gemido plangente.

— Claro que ela quer. E ela vai. Amanhã à noite. Além disso, já é quase madrugada. No momento em que chegássemos aí, você estaria pronta para ir dormir.

— Suponho que você está certa. Mas ela está definitivamente bem, não é? Você não está protegendo-me da verdade ou alguma coisa assim?

— Eu não faria isso, Mirabelle. Liz está bem. Muito cansada, mas só isso. Você verá por si mesma amanhã.

— Okay. Obrigado, Cyn. Você quer falar com alguém aqui?

— Não, obrigado. Estou indo para casa também. Ouça, vou chamá-la antes de ir. Durma bem.

Mirabelle deu uma risada juvenil. — Certo. Você também. Tchau.

Cyn deixou cair o telefone sobre o suporte quando ela virou para rua escura de Ryder. Ao contrário das observações desdenhosas de Liz, este era realmente um bairro caro, embora à primeira vista talvez não parecesse a ela. As casas eram pequenas e amontoadas, e havia um pouco de problemas criminais de vagabundos que faziam da praia a sua casa. Mas era apenas alguns quarteirões de areia, e Ryder tinha que estar fazendo muito bem para se dar ao

luxo de comprar este lugar. É claro, era sempre possível que ele tenha alugado. Cyn ainda não tinha executado uma verificação de antecedentes sobre ele.

Ela estacionou seu carro um par de casas para baixo e sentou-se lá estudando o lugar de Ryder. Era uma casa antiga, estreita com um único andar e com uma garagem. As casas de ambos os lados tinham sido remodeladas para adicionar um segundo andar — os lotes eram pequenos e as pessoas tinham que construir para aumentar — e a casa de Ryder parecia amontoada sobre si mesma entre as dos seus vizinhos, encolhendo-se sob o olhar desdenhoso das duas casas atualizadas. Liz disse-lhe que Ryder mantinha um horário regular, deixando o trabalho e voltando para casa praticamente à mesma hora todos os dias, o que significava que ele não devia voltar por um bom par de horas. Seria melhor esperar e voltar logo depois que ele saísse para trabalhar em outro dia, mas era sexta-feira e Liz achava que ele não trabalhava sextas-feiras ou sábados à noite. O que significava que Cyn teria que esperar até domingo à noite para pegá-lo indo trabalhar e a paciência nunca foi seu ponto forte. Além disso, a audiência de Mirabelle com Raphael era domingo.

Não havia luzes acesas na casa de Ryder, nem mesmo uma luz na varanda. Seus vizinhos tinham instalado luzes ao ar livre e uma mostrava o brilho fraco do que era provavelmente uma luz noturna no andar de cima. Ela bateu seus dedos nervosamente no volante e decidiu aproveitar a oportunidade. Desligando a luz do teto, ela colocou seu telefone para vibrar, colocou-o em seu bolso do casaco e fechou sua porta aberta silenciosamente. Ela fez seu caminho pela rua escura, passando pela casa de Ryder só para atravessar e chegar na sua propriedade a partir da garagem ao lado. A entrada da garagem estreita estava inacabada, exceto por duas linhas paralelas de concreto que Cyn seguiu quando ela fez seu caminho em silêncio à volta da casa.

Foi uma questão de alguns minutos de trabalho para ela entrar. Colocando luvas de borracha finas, ela abriu a fechadura e entrou pela porta dos fundos. A frente era muito aberta para a rua e, além disso, como tantas pessoas, a porta traseira de Ryder tinha uma fechadura muito mais frágil do que a da frente. Por que as pessoas assumem que os bandidos usariam a porta da frente?

Uma vez lá dentro, ela examinou a pequena casa pelo brilho dos LEDs de vários aparelhos eletrônicos — dois quartos e uma pequena sala de estar, com piso de madeira e sem um único tapete de lance para suavizar o efeito, nem mesmo um tapete de porta. Cyn começou a atravessar a sala da frente, rindo dos destroços da porta que Liz havia deixado para trás. Ela parou de rir quando viu a confusão dentro do quarto. Lençóis e cobertores tinham sido arrancados da cama e atirados ao redor do pequeno quarto. O colchão e os travesseiros tinham sido barbaramente cortados com algo afiado, e espalhados pelo chão. Pequenos pedaços ainda flutuavam no ar, iluminados por um raio de luz vinda da rua através de uma janela agora sem grades. A lâmpada que Liz tinha usado

para cacetear a porta estava dobrada ao redor do aro da porta, o seu metal barato dividido pela metada.

Então Todd Ryder tinha temperamento. Cyn verificou a lixeira da sala rapidamente, mas não esperava encontrar nada aqui. Muito mais interessante era o quarto principal ao fundo do corredor, que estava perfeitamente limpo e arrumado. A cama estava feita e os travesseiros organizados. Ela fez um rápido abrir e olhar em cada gaveta, levantando uma sobrancelha para a grande e parcialmente usada caixa de preservativos na gaveta da cabeceira. Com ou sem namorada, Todd, aparentemente, tinha planos. No armário, as camisas estavam agrupadas de acordo com o estilo, polo de mangas curtas para o verão, de mangas compridas de rugby para um tempo mais frio. Vários pares de calças cáqui estavam pendurados e engomados, ainda nos sacos de plástico da lavanderia. Sapatos foram colocados em pares, lado a lado no chão.

O minúsculo banheiro tinha ainda menos para lhe dizer. Todd Ryder era aparentemente a imagem de boa saúde. Não havia sequer uma garrafa de aspirina para dividir o espaço com seu creme de barbear e barbeador, e a sua loção pós-barba tinha um cheiro muito parecido com perfume para o gosto de Cyn.

De volta à sala de estar, Cyn esfregou as mãos de alegria ao ver a mesa e o computador de Ryder. A porta de um carro bateu no lado de fora e ela congelou, o coração martelando, mas o ronronar suave de um motor afastou-se ao longo da rua. Ela foi rapidamente para a mesa, lembrando que seu tempo era curto. Ela se sentou e ligou o computador enquanto verificava as gavetas uma a uma. Havia um arquivo organizado para as contas devidas e pagas que ela folheou rapidamente, não encontrando nada interessante para além de um projeto de lei para uma unidade de armazenamento em Culver City. Ela observou a localização e número do armário automaticamente, mas continuou procurando. A pasta azul separada estava cheia de contracheques que lhe disseram que Todd Ryder trabalhava para uma fábrica de embalagem de carne. Agora isso era interessante. Um homem que passava suas noites massacrando lados de carne não iria hesitar um pouco, ou mesmo muito, com sangue. Um arquivo final continha panfletos sobre os jogos que Ryder organizou para as crianças de rua, uma lista de nomes e números de telefone — treinadores, talvez? — um calendário de jogos e alguns formulários de consentimento em branco. Provavelmente não muito utilizado este último, a maioria dessas crianças não tinha ninguém que se importasse o suficiente para se preocupar com o seu consentimento.

No momento em que ela terminou com as gavetas, o computador tinha terminado a sua inicialização. Uma rápida verificação a fez balançar a cabeça. O organizado Todd não praticava a computação segura. Bom para ela, não tão bom para Todd. Ele sabia o suficiente para não armazenar sua senha de e-mail, que foi decepcionante, mas não o suficiente para instalar até mesmo um rudimentar programa de varredura. Cyn quase gargalhou quando ela começou a erguer o histórico do computador de Todd. Ele visitou um monte de fóruns

dedicados à discussão dos vampiros. Muitos dos sites eram do tipo que Ian Hartzler teria freqüentado, fóruns povoadas por fanáticos que queriam ser vampiros, e outros que alegavam já terem sido trazidos. Outros sites eram mais escuros, conspiração orientada e cheia de terríveis advertências de uma aquisição de vampiros, alegando que todos, desde o presidente até o cobrador de impostos local ou era escravizado pelos vampiros ou era um vampiro. Cyn anotou os endereços, usando seu celular para deixar uma mensagem de voz a si própria com as informações e acrescentando a informação da empresa de armazenamento por precaução.

Ainda mais interessante, ela descobriu que Todd tinha feito várias pesquisas nos últimos dias, procurando histórias sobre meninas mortas, e especificamente por mortes envolvendo vampiros. Havia pouca publicidade sobre assassinatos e nenhuma sobre a teoria de estimação de Santillo. A prisão de Raphael não tinha nem feito notícia. Era em parte porque o tinham levado à instalação que praticamente ninguém conhecia, mas também porque os assassinatos simplesmente não eram notícia. Além disso, Raphael vivia bem abaixo do radar; não era como se sua prisão teria sido manchete de qualquer maneira. É claro que, trabalhando com crianças de rua, Ryder deve ter ouvido falar sobre os assassinatos, mas por que relacionar tudo com os vampiros? Mais uma vez, interessante, mas não convincente.

Cyn continuou sua busca no computador, mas não aprendeu nada de novo. Havia algum software de contabilidade e alguns jogos, mas parecia que Ryder usava seu computador principalmente para acessar a Internet. Se ele estava guardando o diário de um serial killer em algum lugar, não era neste computador. Ela desligou o sistema e se afastou da mesa, tendo o cuidado de guardar a cadeira da maneira que ela a encontrou.

A cozinha era a próxima, mais revestimento de madeira com muito azul e branco nas bancadas de azulejo e armários de pinho. Os armários guardavam uma banal variedade de alimentos; debaixo da pia estavam os usuais suprimentos de limpeza. A geladeira estava praticamente vazia, com um pacote de seis cervejas faltando uma garrafa e um litro de leite. Panelas e frigideiras pareciam virtualmente não usadas. Mesmo a cafeteira tinha sido limpa, o pote de vidro sentado de cabeça para baixo sobre uma grelha de madeira a um lado da pia brilhando. Ryder teria sido uma ótima dona de casa para alguém. Ou talvez essa era a razão pela qual ele ainda estava solteiro na casa dos quarenta anos. Ele nunca conheceu uma mulher que se poderia igualar a ele no departamento de dona de casa. Infelizmente, ser uma aberração arrumada não era um crime. A luz ambiente mudou quando ela estava na porta fazendo uma varredura final. As luzes da rua tinham desligado; hora de ir.

Em segurança no seu carro e perversamente decepcionada por não ter encontrado nada realmente suspeito, Cyn assistiu quando um velho sedan BMW entrou na garagem. Todd Ryder era mais jovem do que ela esperava pela descrição de Liz. Provavelmente mais perto de 35 que quarenta, com cabelo castanho claro e o corpo ligeiramente rechonchudo de um ex-atleta.

Provavelmente jogou no ensino médio ou mesmo na faculdade. Ele estava usando um de seus muitos pares de bem passadas calças cáqui, junto com uma camisa azul e vermelha de rugby. A camisa era de um tamanho muito grande, que era provavelmente uma tentativa de cobrir os 15 quilos extras na zona da barriga. Ele saiu do carro e fez uma pausa para passar o polegar sobre a guarnição da porta, sacudindo a cabeça em desgosto antes de ir para baixo na entrada de automóveis e dentro da casa. BMW eram bons, carros sólidos, Cyn pensou, lembrando o garoto do beco que tinha ouvido o carro do assassino. Definitivamente não é cheio de chacoalhos e essa merda.

Ela esperou mais alguns minutos antes de dirigir para casa, cruzando o norte ao longo de Pacific Coast Highway a velocidade de rodovia e sentindo pena das pessoas presas na hora do rush matinal da zona sul. Ela pensou sobre o que ela sabia. A única vítima de que a polícia tinha alguma informação era sobre Patti Hammel, que por acaso era a antiga namorada de Todd Ryder e que apesar de ser a primeira vítima, não se encaixava no perfil. Conveniente que ela não tenha família ou amigos. Ninguém para reclamar o corpo, ninguém a quem apresentar um relatório, exceto seu antigo namorado Todd, que não tinha dado um sussurro de preocupação. Todd, cujo temperamento era violento quando ele explodia. E então havia a testemunha que tinha apontado Raphael como o assassino e que talvez odiasse vampiros o suficiente para fazer a coisa toda. Ela abriu seu telefone e chamou Eckhoff do celular.

— Merda, Leighton, você sabe que horas são?

— A cidade nunca dorme, meu velho. Seja legal para mim; estou prestes a lhe fazer um favor.

— Você pode começar com um pedido de desculpas por sua última mensagem.

— Quem é sua testemunha sobre o caso? Aquela que apontou um vampiro como assassino?

— Você me acordou para isso? Não é meu maldito caso. Além disso, eu disse a você...

— Yeah, yeah. Mas você verificou nele quando eu perguntei sobre isso antes. Eu conheço você. Então não me diga. Eu vou te dizer. O nome dele é Todd Ryder.

— Como... Que porra é essa, Leighton. Quem no inferno...

— E que coincidência... Você sabe o nome do antigo namorado de Patti Hammel? — Ela perguntou com falso entusiasmo. Houve um silêncio mortal, seguido pelo juramento vicioso e o som do movimento de Eckhoff. Cyn sorriu. — Fica em torno, não é?

— Onde você conseguiu isso? — Eckhoff disse em voz baixa. — Nem mesmo Santillo teria ignorado algo tão óbvio.

— Você tem que procurar algo para ignorar isso, Dean. Santillo ouviu o que ele queria ouvir. Você quer minha informação ou não?

— Merda. Sim, caramba. E nem me diga onde você conseguiu.

— Ok. — disse ela alegremente, em seguida, passou todos os detalhes que ela tinha descoberto, a partir do seu menino perdido sem nome sendo testemunha da obsessão de Todd Ryder por vampiros, seu bom carro e sua unidade de aluguel. — Eu tenho os detalhes sobre os sites e sua unidade de aluguel no meu correio de voz. Vou enviá-lo para você quando desligar, e eu só quero uma coisa em troca de todos os meus esforços em nome da polícia de Los Angeles.

— Sim? O que é? — Ele perguntou acidamente.

— Puxa Dean. Eu acho que mereço alguma coisa aqui.

— Tudo bem, tudo bem. O quê?

— Eu quero saber por que ele fez isso. Eu quero 10 minutos em uma sala com ele após a detenção.

Eckhoff ficou em silêncio. — Só você, certo, não...

Cyn riu. — Eu não vou matar o seu suspeito, Eckhoff. Dez minutos, isso é tudo que eu peço. Fora do registo, é claro.

Eckhoff suspirou profundamente. — Por que você está fazendo isso, Cyn? Você poderia causar alguns problemas aqui, se você quisesse. Santillo e seus amigos prejudicaram o seu menino, por que não machucá-los de volta?

— Porque, ao contrário do que todos vocês parecem pensar, eu ainda acredito na lei, chefe. E tudo que eu realmente quero é parar este idiota antes que ele mate mais alguém.

— Estou ficando com os olhos marejados aqui, novata.

— E essa é a minha dica para desligar. Lembre-se de sua promessa.

Capítulo 40

Houston, Texas

Jabril saiu de seu chuveiro, secando-se rapidamente antes de vestir o roupão de seda pendurado atrás da porta. Ele envolveu-o em torno de si, desfrutando do contato dele contra sua pele nua. Não adiantava se vestir. Ainda não. Ele estava tentando uma nova escrava esta noite — alguém para substituir a sua antiga favorita. Ela estava se mostrando ser mais difícil de substituir do que ele esperava, o que só lhe disse que deveria ter se livrado dela antes. Nunca era bom apegar-se à um escravo de sangue. Eles existiam para servi-lo, nada mais.

Ele caminhou de volta para o quarto, admirando a mobília nova. Sua equipe havia sido admiravelmente rápida em remontar o quarto, ele estava bastante satisfeito.

Uma batida soou na porta. — Justo na hora. — ele murmurou. — Vem. — ele gritou.

— Meu senhor. — Asim escorregou dentro do quarto em sua forma usual. O vampiro nunca abria totalmente uma porta para entrar, mas sim apenas o suficiente para que ele pudesse deslizar na abertura.

Jabril franziu o cenho. — Eu não estava esperando você, Asim.

— Não, meu senhor, mas eu tenho notícias de Elizabeth que eu pensei que você gostaria de ouvir.

Jabril sentiu uma onda de prazer avarento. — Ela foi encontrada então. Ela está segura?

— Encontrada, sim, meu senhor. Windle ainda não a tem sob custódia, embora ele espere que isso aconteça muito em breve.

— Se ele sabe onde ela está, então por que a demora?

— Ele vem seguindo sua trilha de perto por vários dias, meu senhor, e seguia-a até uma casa particular onde ela estava hospedada. Infelizmente, ela agora mudou-se para algum tipo de casa para fugitivos. Existem várias pessoas hospedadas na casa, e ele viu a mulher Leighton entrar e sair mais de uma vez.

Jabril praguejou violentamente. — Ela não pode ser permitida...

— Não, meu senhor. — Asim se atreveu a interromper. — Windle estabeleceu uma vigilância na casa e está muito confiante de que ele terá Elizabeth sob sua custódia em poucos dias, se não horas.

Jabril estudou seu tenente, considerando se esta notícia merecia punição. Qualquer investigador competente já teria a menina sob custódia. Claro, ele tinha sido forçado a depender de agentes humanos. Ele só podia pressionar Raphael até um certo ponto, e enviar agentes vampiros para pegar a menina iria atravessar uma fronteira que não estava preparado para violar. Ainda não.

Uma batida soou na porta e Asim afastou-se para permitir que ela se abrisse. Uma jovem mulher estava ali — nua, com o cabelo longo, preto pendurado até a curva de sua bem torneada bunda. Sua pele era um adorável castanho dourado, e as pontas dos seus pequenos mamilos, dos seios altos, já estavam duros com medo. Jabril piscou preguiçosamente e estendeu a sua mão.

— Muito bem, Assim. — disse ele distraidamente, puxando a garota para mais perto e envolvendo seu punho na abundância daqueles cabelos sedosos. Ele puxou a cabeça para um lado, expondo seu pescoço. Suas presas dividiam a gengiva com fome. — Mantenha-me informado. — ele conseguiu dizer, antes de cortar suas presas na pele macia de seu pescoço, sentindo a vibração de seus gritos ecoando nos seus ossos.

Ele estava vagamente consciente de Asim se retirando e fechando a porta enquanto bebia profundamente o sangue da menina, sentindo-o correr quente e fresco pela sua garganta. Ele rosnava de prazer enquanto o seu pau endurecia, ávido por um sabor próprio. Ele levantou a cabeça, pegou-a e jogou-a na cama, seus leves gritos de dor só fazendo-o mais duro. Sim, era definitivamente tempo para uma mudança.

Capítulo 41

Los Angeles, Califórnia

A instalação estava escura e silenciosa na noite após a prisão de Todd Ryder. Parecia vazia, um nítido contraste com a noite em que Raphael tinha sido trazido e as salas tinham sido embaladas de parede a parede com pessoas de uniforme azul. Cyn caminhou calmamente pelo corredor coberto de linóleo, fazendo um esforço para impedir que suas botas fizessem barulho, de alguma forma não querendo perturbar o silêncio. Atrás dela, Duncan poderia muito bem ter sido um fantasma por todo barulho que ele fez. Se ele não tivesse vindo com ela, ela não saberia que ele estava lá.

A porta se abriu e Eckhoff entrou na luz. Seu olhar passou dela para Duncan e ele franziu a testa. — Cyn. — Ele abriu a porta completamente e ela viu seu tenente situado dentro, com um Santillo carrancudo atrás dele.

— Tenente Garzon. — ela reconheceu. Ela ignorou Santillo.

— Leighton. — disse Garzon. — Agradecemos a sua ajuda sobre este assunto. — Santillo mostrou a seu tenente um olhar furioso.

— Estou sempre feliz em ajudar o departamento, senhor. — respondeu Cyn honestamente. Ela se afastou um pouco e indicou Duncan. — Este é o Chefe da segurança do Senhor Raphael, Duncan... — Ela percebeu que não tinha idéia do sobrenome de Duncan, mas ele resolveu rapidamente a situação.

— Duncan Milford. — disse ele, seu sotaque do sul, mais uma vez tornando-se uma evidente aparência. Ele estendeu o braço para um aperto de mão e o tenente respondeu automaticamente oferecendo a sua mão em troca. Eckhoff seguiu o exemplo. Por um minuto, ela pensou que Duncan ia realmente apertar a mão de Santillo também, mas ele se estabeleceu por um amistoso aceno na direção do detetive, que deve ter sido um esforço.

Cyn não sabia se era o sotaque do Sul ou a boa aparência humana de Duncan, mas todo mundo relaxou após isso. Foi preciso todo o seu auto-controle para não rir em voz alta. Claro, uma das razões para ser Duncan ali ao lado dela e não outra pessoa era justamente porque ele parecia tão humano.

— Então o que é que você gostaria de nós? — Garzon perguntou a Duncan.

— Bem, senhor, é uma questão de segurança. — Duncan falou lentamente. — Você entende. O suspeito... — O jeito que ele disse convidou todos eles a se juntar a ele em substituir a palavra por "assassino." Não havia nenhuma dúvida nesta sala quanto à culpabilidade de Ryder. — O suspeito tentou enquadrar o meu chefe em algumas acusações muito graves e não consigo descobrir o porquê. Nós não o conhecemos, ele não está em nenhum dos nossos arquivos. Então imaginei, uma vez que a Sra. Leighton aqui foi útil no rastreamento desse cara, você poderia deixar-nos ter uma palavra com ele, descobrir porque ele quis culpar o Senhor Raphael. Gostamos de ficar de olho nesse tipo de coisa.

Cyn queria vomitar no bom e velho ato, mas pareceu funcionar. O tenente estava balançando a cabeça antes mesmo de Duncan ter acabado de falar. — É claro. Não deve ser um problema. Leighton aqui sabe as regras de interrogatório, e você deve ter alguma experiência, Sr. Milford?

— Duncan, senhor. Apenas Duncan. E sim, eu tenho. Fiz meu tempo no trabalho.

Quase 200 anos atrás, Cyn queria acrescentar. Duncan olhou para ela de soslaio, como se soubesse o que ela estava pensando.

— Bem, bom, então — o tenente estava dizendo. — Nós estaremos levando-o daqui a pouco tempo. Ele pertence ao centro, mas queríamos manter esta pequena visita em baixo perfil. Então, vamos a isso. Dez minutos, certo, Leighton?

— Sim, senhor.

— Bom o suficiente. Eckhoff...

— Como você soube? — Santillo exigiu, seu olhar tornando claro que ele estava falando com ela.

Cyn olhou para ele, as sobrancelhas levantadas em questão.

— Como você conectou a Ryder?

Cyn encarou-o de maneira uniforme, decidindo se ia responder sua pergunta. Que diabos. — O caso em paralelo com um dos meus próprios — disse ela. — Uma adolescente fugitiva do Texas. Falei com um monte de garotos tentando encontrá-la e todos eles queriam falar sobre o assassino. Tudo o que eles disseram conduziu de volta ao Ryder. Ele trabalhou com os meninos de rua, tinha o hábito de tomar uma menina de vez em quando, ele até tinha um emprego que lhe daria o conhecimento para drenar os corpos da forma que o assassino fez.

— Mas foi Lucia Shinn que o identificou como namorado de Hammel. Ela tem tentado falar com vocês há semanas sobre isso e ninguém quis ouvir.

Santillo ficou vermelho de raiva, mas ele não disse mais nada. Eckhoff limpou a garganta e fez um movimento em direção à porta. — Vamos terminar isto, Leighton.

Eckhoff levou-os ao fundo do corredor e passou a cela onde Raphael tinha sido detido. — Por aqui. — disse ele abrindo uma porta sem marcação. — Estamos equipados para gravar, mas...

— Isso não será necessário. — Cyn disse rapidamente.

— Não desta vez. — Eckhoff concordou. — Quer que eu vá com você?

— Duncan estará comigo. — Eckhoff abriu a boca para protestar, mas Cyn levantou a mão. — Ele não vai dizer nada, mas eu quero que Ryder o veja. Uma pequena intimidação nunca fez mal, Dean, e se Ryder matou aquelas meninas...

— Ele matou todas elas. A unidade de armazenamento acabou por ser um daqueles lugares RV. Geralmente usados como um grande espaço para estacionamento, mas o nosso menino tinha uma garagem cheia, completa com água corrente e um dissipador caso quisesse lavar o velho trailer. Ele havia criado um matadouro pessoal lá dentro.

— A evidência?

— Todo o lugar cheirava a lixívia, mas parece que Hammel estava passando muito tempo em sua casa quando ele a matou, porque ele tinha um monte de coisas pessoais dela, livros, papéis, esse tipo de coisa. Ele deveria ter incinerado tudo. Sorte para nós, ele guardou tudo na unidade de armazenamento, agradável e limpo.

— Sim, Todd é um cara arrumado. Alguma arma do crime?

— Provavelmente um velho garfo de churrasco liso. Havia alguns na unidade, parte alta, os do tipo pesado. O médico procurou fragmentos de metal nas feridas no pescoço.

— O que deveriam ter feito antes.

Eckhoff encolheu os ombros. — Dez minutos, Leighton.

Ryder olhou para cima quando eles entraram na sala. Ele estava sentado em uma simples cadeira de metal presa ao chão. Havia uma mesa correspondente, mas tinha sido afastada e empurrada contra uma parede para que o prisioneiro se sentasse exposto, as mãos algemadas atrás das costas e os tornozelos algemados. Ele ainda estava usando a camisa listrada de rugby e calça cáqui, porém não pareciam estar tão bem passadas. — Quem diabos é você? — Ele retrucou.

— Não é importante, Todd. — Cyn disse agradavelmente. — Mas já que você perguntou tão gentilmente, eu vou lhe dizer. Eu sou aquela que o encontrou.

— Besteira.

— Cuidado com a boca. — Ela disse. — Então me diga. Sei que tudo volta para Patti. Acho que ela provavelmente foi um acidente, talvez por causa de uma discussão. Ela quer sair, você está chateado…

— Foda-se! Eu pareço o tipo de cara que precisa implorar a uma mulher para ficar ao redor? Merda. Duas horas depois de ela ter saído, eu tinha alguém mais jovem deslizando em minha cama.

— Sim, mas será que ela deslizou para fora de sua cama Todd? Suas amigas têm expectativa de vida bastante curta ultimamente.

— Isso não é culpa minha. Elas ficam por aí com a porra dos sanguessugas, as coisas acontecem.

Cyn olhou para ele e deu um sorriso que teria feito Raphael orgulhoso. Todd Ryder obviamente viu porque ele começou a suar. — Sinto muito, Todd. — Cyn disse docemente. — Eu não apresentei você ao meu companheiro. — Ela ficou de lado para que ele pudesse ver claramente Duncan. — Este é Duncan.

Os olhos de Ryder faiscaram para onde Duncan estava de costas para a janela, observando com os braços cruzados casualmente.

— Yeah? Grande maldito negócio. Você vai jogar seu namorado sobre mim ou algo assim? Estou apavorado. Espero que você tenha um bom advogado, senhora, porque eu não irei cair por algo que não fiz. Foda-se.

Cyn balançou a cabeça em desapontamento escarnecido. — Você é tão amigável. Mas não se preocupe…

— Eu não estou preocupado. — ele cortou rapidamente, mas Cyn continuou como se ele nunca tivesse falado.

—... Duncan aqui não vai bater em você. — Ela se inclinou para frente e confidenciou: — Não é realmente o seu estilo. É, Duncan? — Ela olhou por cima do ombro.

Duncan nunca mudou de posição, ele só abriu a boca e sorriu.

Os olhos de Ryder se arregalaram e gotas de suor caíram de sua testa quando a sala se encheu com o cheiro do medo. — Que porra ele está fazendo aqui? — Ele engasgou. — Você não pode fazer isso. Eu tenho direitos.

— Patti tinha direitos também, Todd. Tal como todas aquelas meninas que você matou para salvar seu próprio traseiro. Ou espere... Talvez você gostasse disso, hein? Os policiais vão encontrar traços de esperma naquelas pequenas lembranças em seu esconderijo?

Ele olhou para longe de Duncan, com o rosto torcido de nojo. — Jesus, você é uma puta repulsiva… — Seu olhar retrucou, suas palavras cortadas quando Duncan avançou um passo.

— Cuidado com sua boca, humano.

Ryder piscou furiosamente, os músculos da coxa tremendo debaixo do material castanho enquanto ele lutava para empurrar a cadeira aparafusada longe do vampiro. — Olha, olha. Eu gostaria de ajudar, mas eu não…

Duncan se inclinou um pouco mais perto e cheirou. — Nervoso homenzinho? — Ele sussurrou e soprou uma lufada suave sobre Ryder, suor humedecendo a pele.

Ryder saltou como se tivesse sido esfaqueado, seus olhos rolando quase brancos de medo quando um ruído agudo estridente veio da sua garganta. — Você não pode fazer isso. — disse Ryder de novo, sua voz um sussurro rouco.

— Mas, Todd, eu nunca estive aqui. — disse Cyn razoavelmente.

Ele encarou-a, tentando dar um sentido a suas palavras. Seu rosto empalideceu. — Não. — ele sussurrou. — Você não pode, eu não sou...

Cyn sorriu.

— Ok. — ele resmungou, deslocando seu olhar freneticamente entre Cyn e Duncan enquanto esforçava-se para ficar de olho no vampiro enquanto

conversava com ela. — Olhe. Vou dizer o que você quer saber, mas não deixe que ele... — Ele sacudiu a cabeça em direção Duncan.

— Confessar é bom para a alma. — Duncan disse suavemente. — Ou assim ouvi. — Ele riu e foi um som aterrorizante.

— Por favor. — Ryder sussurrou sem fôlego. — Eu vou falar, mas não...

— Então, fale. — Cyn disse em uma voz entediada. — Comece pelo início.

— Ok, ok. — disse Ryder, depois engoliu ruidosamente. — Você tem que acreditar em mim, no entanto. Eu não queria matá-la. — ele disse rapidamente. — Patti. Tivemos uma briga, como você disse. — Ele acenou para Cyn. — Ela foi convidada para uma dessas festas com os vampiros, essas casas de sangue. Ela estava tão animada. Foi revoltante.

Ele obviamente se lembrou da sua audiência e olhou para cima, os olhos arregalados. — Eu não quis dizer... — Ele engoliu em seco novamente nervoso e continuou. — Eu a amava e pedi-lhe para não ir, mas ela não se importou. Eu fiquei chateado e joguei alguma coisa. Eu nem me lembro do que era, mas eu não queria bater nela. Eu a amava — repetiu ele em um lamento, como se isso desculpasse tudo.

— Mas eu sabia que a polícia não iria acreditar em mim, assim eu... — Ele sentou-se em linha reta de repente, sugando uma respiração, como se ciente pela primeira vez do que estava prestes a dizer. Ele franziu a testa e deu a Cyn um olhar calculado, mas Duncan de repente estava ali, bem na frente dele, bloqueando-o de ver alguém ou alguma coisa. Com os olhos vidrados Ryder continuou a falar.

— Decidi uma vez que foram os vampiros que começaram tudo, eles deveriam pagar por isso. Mas eu tinha que fazer algo rápido. Levei Patti para a banheira e sangrei-a de modo que parecesse que um vampiro o tinha feito, então eu despejei o corpo em algum lugar que policiais iriam encontrar. Eu só fiz com as outras meninas para parecer que Patti fazia parte de uma matança. Quero dizer, aqueles vampiros matam pessoas o tempo todo, então que diferença...

Cyn desligou a voz de Ryder, desgostosa por suas tentativas patéticas de justificar tudo o que tinha feito. Como se aquelas meninas merecessem morrer porque Patti Hammel tinha fodido com um vampiro. Ela não precisava ouvir para saber o tipo de merda que ele era. E, além disso, não importa o que Eckhoff disse, ela sabia que a conversa estava sendo gravada. Não oficialmente, e os policiais não seriam capazes de usá-la como evidência, mas iria lhes dizer tudo o que precisavam saber para culpar Ryder pelos assassinatos. Ela se sentou na cadeira, olhando para seus pés, até que Duncan tocou o ombro dela suavemente.

— Cynthia.

Ela olhou para cima, espantada por perceber que Ryder tinha parado de falar. Todo quarto fedia a suor e medo e ela queria sair. Ela se levantou. — Duncan? Terminamos? — Ela teve presença de espírito suficiente para continuar com as costas viradas para a janela, mas Duncan estava estudando-a com preocupação, então ela respirou fundo e soltou lentamente. — Eu estou bem. Vamos apenas dar o fora daqui.

Quando ela deixou Duncan em frente à casa principal, não era sequer meia-noite ainda. Ela parou e deixou o motor ligado, Duncan voltou-se para ela, surpreso. — Você não está entrando?

— Hoje não. Ouça Duncan. Obrigada. Eu não poderia ter feito isso sem você.

Ele deu de ombros. — Nada do que ele disse vai ser usado no tribunal.

— Não, mas agora eles sabem o que perguntar e eles vão tirar algo dele. Suficiente para condenar de qualquer maneira. Além disso, você é um vampiro assustador. Eu não acho que Todd vai ter pressa para sair da cadeia.

— Vou contar a Raphael os detalhes a menos que você... — Ele não terminou, mas olhou para ela com expectativa.

— Não, vá em frente. Eu preciso dormir um pouco. Há sempre uma espécie de decepção depois de eu fechar um caso, sabe?

Duncan sorriu consciente que a irritava de alguma forma, e assim ela resmungou, — O que há com o sotaque? Você tinha no aeroporto, também, com Mirabelle. Você normalmente não fala assim.

Seu sorriso ampliou. — Mas eu faço, Cynthia. — ele disse com um sotaque pesado. — É esse discurso do norte que não é normal.

Cyn riu. — Você é um homem de muitas surpresas, Duncan Milford. É seu nome verdadeiro?

— Já foi. — disse ele sombriamente. — Agora é apenas Duncan.

— Bem, apenas Duncan, obrigado.

Ele inclinou a cabeça em uma pequena reverência e deslizou para fora do carro. — Aproveite o seu descanso, Cynthia.

— Obrigado. E eu acho que eu vou te ver no domingo, certo?

— Oh, sim. — disse ele com uma expressão satisfeita. — Eu não perderia isso.

Capítulo 42

No dia seguinte, Liz estava esperando quando Cyn chegou à casa. Luci tinha encontrado roupas para ela em algum lugar, um par de jeans limpos que pendia baixo o suficiente para mostrar o brilho de prata em seu umbigo, junto com um par de tops em camadas, um sobre o outro em um confronto de cores que era devidamente desafiador. Cyn sorriu. Ela tinha uma sensação de que ela e Liz teriam tido muito em comum certa vez.

— Eu conversei com Mirabelle. — Liz disse, sem preâmbulo. — Ela sabe que estamos indo.

— Assim ouvi. Você está pronta?

— Yeah. Este carro é seu? — Ela perguntou, olhando para o grande SUV. — Legal. Posso dirigir?

— Você tem uma licença? — Liz sacudiu a cabeça. — Então a resposta é não. Mas veremos como corrigir isso em breve. Vamos lá, não é longe.

— Estamos quase lá? — Liz perguntou 30 minutos mais tarde. — Pensei que você disse que não era tão longe?

Cyn não respondeu imediatamente. Ela estava se concentrando em quatro faixas de cruzamento de trânsito congestionado no último minuto, aventurando-se entre auto-estradas e ganhando mais do que um gesto obsceno e um coro de buzinas de seus companheiros motoristas.

Alguns minutos depois, eles passaram pelo Tunel McLaren e foram jogadas na Pacific Coast Highway em Malibu. — Qualquer coisa menos do que uma hora não é muito nesta cidade. Mas não vai demorar muito agora. — assegurou-lhe Cyn.

Liz olhou para a estreita fileira de casas caras assentadas ao lado da rodovia, as portas da frente apenas a metros de distância do tráfego correndo. Além delas não havia nada, exceto a areia e o turvo preto de veludo do Oceano Pacífico debaixo de uma lua quase cheia. — LA é maior do que eu pensava. — disse ela em voz baixa.

— Parece dessa maneira. — Cyn concordou. — O problema é que não há um verdadeiro centro. É uma espécie de espalhar por todo o lugar.

— Eu acho.

Cyn deu uma olhada. — Mirabelle está realmente animada em ver você.

— Mmm. Eu também. — Ela deu a Cyn um olhar lateral. — Você tem certeza que está tudo bem, certo? Quero dizer, Luci disse que eu deveria confiar em você e tudo, mas você não sabe como é Jabril. Ele é realmente furtivo, e ele dá dinheiro aos juízes, então eles fazem o que quer que...

— Liz.

— Eu amo Mirabelle e eu sei que ela tenta, mas ele a machuca e...

— Liz.

Elizabeth olhou para ela com os olhos arregalados com temor.

— Elizabeth, querida, está tudo bem. Jabril não tem nenhum poder aqui, e você pode confiar em Raphael. Eu confio nele. Ele não vai machucar Mirabelle e ele não vai te machucar. E mesmo que alguém tentasse te prejudicar, eu não iria deixar, ok? Eu vou ficar com você enquanto você quiser, até se sentir segura. E sempre que você quiser voltar para Luci, diga a palavra e nós voltamos.

Liz engoliu em seco.

— Tudo bem? — Cyn perguntou.

— Tudo bem. — Foi fraco, mas definitivo.

— Bom o suficiente. — Cyn disse com um sorriso. — Porque é isso. — Ela fez um gesto à frente e à esquerda, onde a propriedade de Raphael não era nada mais do que uma floresta escura de árvores altas na lateral da estrada. — Parece pior do que é. — ela confidenciou. — Assim que passar pelo portão, será muito agradável. — Ela fez a virada, mas parou antes de chegarem ao portão. — Tem certeza que você está bem com isso, certo? Se não, nós viramos agora mesmo e esquecemos a coisa toda.

Liz sacudiu a cabeça, absorvendo uma respiração profunda. — Não. Não, eu estou bem. Quero ver minha irmã.

— Não se preocupe com eles. — disse Cyn, quando estacionou em frente ao portão. Os guardas vampiros de Raphael fecharam sobre o Range Rover, olhando com muito cuidado. O mais próximo ao seu lado reconheceu Cyn com um amigável assentimento, e ela sabia que Alexandra tinha-os advertido sobre a visita de Elizabeth, mas eles seguiram o procedimento de qualquer maneira, que era como devia ser. Ela ouviu um exalar aliviado de Liz quando os guardas se afastaram e acenaram através da porta.

— Assustador. — disse Liz.

— Sim, bastante. A segurança de Raphael parece-me muito mais apertada do que a de Jabril.

— Você quer dizer *do que a do Cretino*.

— Sim, isso é o que eu quero dizer. Aqui estamos nós. — Ela puxou o Range Rover para o lado da estrada perto da Mansão de Alexandra e desligou o motor.

Liz olhou pela janela da frente. — Que tipo de casa é essa? Parece algo de um filme antigo.

— Uh huh. Mas não diga a Alexandra, ok? Ela adora esta casa.

— Duh. Como seu fosse dizer. Então e agora?

— Bem, agora, saímos do carro e... — Sua visão periférica pegou um movimento perto da casa. — Aqui vem Mirabelle.

Liz ficou tensa quando Mirabelle deixou a porta da cozinha aberta atrás dela e desceu a calçada em direção a elas. — Ela quase parece normal. — Liz sussurrou.

— Ela é quase normal. — Cyn sussurrou de volta.

Liz subitamente riu e abriu a porta, quase caindo do carro em sua ânsia de encontrar Mirabelle no meio do caminho. Cyn assistiu as duas irmãs se abraçarem, envergonhada de sentir lágrimas puxando os olhos. — Meu trabalho aqui está feito.

Cyn desviou da mansão e foi para o meio das árvores, fazendo uma pausa enquanto passava no recém-plantado jardim de labirinto. Era incrível o que bastante dinheiro poderia fazer em um tão curto período de tempo. Você quer um labirinto? Não é preciso esperar para os arbustos crescerem. Nós trazemos exemplares já crescidos e os esculpimos em qualquer formato que você escolher. Sem dúvida, Alexandra planejava que esses crescessem ainda mais alto, especialmente se o livro de Stephen King, The Shining, fosse o seu modelo. Ela caminhou sobre a borda, não tendo desejo de testar os caminhos sombrios

entre os arbustos. Talvez em plena luz do dia, mas não na escuridão e não cercada por vampiros, não importa o quão amigáveis.

Ela ouviu alguém começar a tocar piano no andar de cima e sorriu, imaginando que Mirabelle estava mostrando suas recém-adquiridas habilidades. Ela não conseguia imaginar que a prestação entusiasta vinha da mão meticulosa de Alexandra.

Alexandra a tinha convidado para ficar, é claro. Mirabelle e Liz tinham se retirado quase que imediatamente, suas cabeças dobradas juntamente, trocando sussurros conspiratórios. Mas Cyn não estava no humor para os jogos de Alexandra. Era muito parecido com o trabalho e Cyn achava que merecia uma pausa. Afinal, ela tinha encontrado Elizabeth e resolvido vários assassinatos, tudo num espaço de 24 horas. A idéia da reação de Jabril ao que o seu dinheiro adiantado tinha comprado fez Cyn sorrir.

Ela fez seu caminho em torno do perímetro do labirinto e saiu para o percurso entre as duas casas. O recinto foi cuidadosamente preparado aqui, a vegetação densa varrida para criar mais de floresta do que uma barreira. O cascalho debaixo dos seus pés brilhava branco ao luar, que era a única iluminação do caminho. Os vampiros não precisavam de nada mais, e ninguém jamais foi convidado a caminhar aqui. Com exceção de Cynthia, é claro. Ela tinha vindo por este caminho com Raphael na noite que eles se conheceram, quando ela concordou em ajudá-lo a recuperar Alexandra. O chão sob seus pés começou a inclinar-se para cima delicadamente, e ela sabia que a casa principal estava além da ascensão. Mas ela não queria ir para lá. Ainda não. Então, ela saiu do percurso e encontrou seu caminho através das árvores, deslizando os dedos sobre a casca áspera quando ela passou até chegar a uma espécie de clareira, um vale privado criado pela arte do jardineiro.

Ela caiu no chão, aproveitando o pretexto de estar sozinha na floresta. Estava uma temperatura agradável, não quente, mas confortável o suficiente em sua jaqueta de couro. Ela recostou-se contra um tronco de árvore e fechou os olhos, ouvindo o murmúrio constante do oceano.

— Você encontrou o seu passarinho. — A voz dele saiu da noite, como mel suave e insinuando coisas escuras.

Capítulo 43

Cyn sabia que ele estava lá, sentia sua abordagem através dessa conexão indefinível que pareciam compartilhar. Ela abriu os olhos, mas ele não passava de uma escuridão profunda sob as árvores. — Eu encontrei. — disse ela sem se mover.

Raphael lançou as sombras que o cercavam e entrou na clareira, selecionando uma árvore para se encostar. Ele usava seu elegante traje habitual, e Cyn observou com diversão quando ele tirou a jaqueta e jogou-a de lado para sentar graciosamente no chão. Ele sentou-se à sua frente, afrouxando o nó da gravata e esticando as pernas compridas, até que seus pés estavam quase se tocando.

Nenhum deles falou em primeiro lugar. Cyn podia ouvir sua lenta respiração constante e sabia que ele podia detectar muito mais que isso dela — a repentina corrida de seu coração à vista dele, o sangue que corria para suas bochechas com nervosismo e excitação, até mesmo o calor do desejo que era uma reação quase instantânea à sua presença.

— Por quê? — Ela perguntou finalmente.

Os olhos negros de Raphael estavam foscos com o luar quando o seu olhar encontrou-a na noite. Ele não a insultou fingindo não entender a pergunta, mas ele desviou o olhar, olhando para um passado que ela não podia ver.

— Em minhas primeiras décadas como Vampiro, eu morava sozinho. — disse ele. — Eu matei, mas só quando eu estava com fome. Dou-me isso pelo menos. Alguns vampiros jovens deixam-se levar pelo seu novo poder, saem matando indiscriminadamente até que sejam parados de um jeito ou de outro. Eu nunca fui um desses. Mas, mesmo assim, quando eu matei, não dei atenção ao individual, à vida que eu estava tomando. Era comida, nada mais e eu precisava dela para viver, então eu pegava. Jamais conscientemente considerava essas coisas no momento, é claro. Eu era pouco mais que um animal, uma criatura de astúcia e instinto, sabendo apenas com empenho para sobreviver a este dia e ao seguinte e a um depois desse. — Ele tirou uma partícula invisível das suas calças, em um gesto que ela teria assumido como nervos de qualquer outra pessoa.

— O tempo passou. — continuou ele. — E eu comecei a dominar minha nova vida, recuperar o controle sobre quem e o que eu era. E o que eu encontrei dentro de mim foi poder. Verdadeiro poder pela primeira vez na minha vida. Não mais sendo o lacaio do meu pai ou uma ferramenta mal utilizada de um príncipe. Eu era um Vampiro, e não apenas um Vampiro, mas um mestre com grande poder. Minha senhora, aquela que me criou, sentiu meu despertar e minha crescente força e me chamou à ela finalmente, pretendendo me usar para seus próprios propósitos, assim como eu tinha sido usado por outras pessoas durante toda a minha vida.

Sua voz endureceu. — Eu não tinha intenção de ser usado. Não por ela, não por qualquer pessoa, nunca mais. Mas havia coisas que eu precisava aprender, coisas de Vampiros e humanos, de poder e de vida. Eu poderia desprezar os príncipes que me usaram, desprezar o meu pai que me manteve ligado à terra de sua fazenda, mas eles me viram pelo que eu fui — um ignorante fazendeiro, nada mais.

Uma coruja piou bem alto, seguida por uma lufada de som, uma vez que voou através das copas das árvores. Raphael jogou seu olhar para cima, seguindo o movimento da ave facilmente enquanto Cyn tentava ver mesmo que um flash de uma pálida asa. Ele baixou os olhos, olhou para ela de forma rápida e em seguida desviou os olhos, como se fosse muito difícil para ele dizer-lhe essas coisas enquanto encontrava o seu olhar.

— Fiquei com a minha senhora por muitos anos. — continuou ele. — Eu deixei-a usar a minha mente — e meu corpo — para seus próprios fins. E eu aprendi. Como ser um cavalheiro, como governar os outros, ou no caso dela, mais como não governar os outros, mas ainda assim eu aprendi, mesmo apenas por seu mau exemplo. E estudei poder. Meu poder, que eu rapidamente descobri era bem maior que o dela. Eu praticava em segredo, testando a minha vontade sobre os outros, experimentando, expandindo os limites do que eu poderia conseguir com um simples pensamento. Tive o cuidado de esconder a minha crescente força da minha senhora. Um contra um, eu podia ter acabado com ela assim, mas ela teria se unido aos seus outros filhos contra mim, e eu ainda não era hábil o suficiente para todos.

— E depois ela morreu. — Ele balançou a cabeça e riu baixinho. — Ela era totalmente auto-indulgente, confiante em seu charme e sua beleza, que era considerável, eu garanto. Mas no final, sua beleza não foi nada, ou talvez tudo. Foi uma esposa ciumenta que a destruiu, apunhalando-a através do coração enquanto ela estava em seu descanso diurno ao lado de seu amante, que também era o marido da mulher. Foi um erro estúpido deixar-se vulnerável assim, e tão completamente previsível que ela terminaria de uma forma tão vergonhosa.

Ele permaneceu em silêncio pelo espaço de uma respiração e quando ele falou em seguida, houve uma tristeza subjacente às suas palavras. — A maioria de seus filhos morreu junto com ela. Eles estavam indissoluvelmente ligados à

sua vontade, e no seu momento final, ela deixou-os secos em uma vã tentativa de se salvar. Ela deve ter sabido que era fútil, deve ter sabido que estava apenas arrastando-os para a morte com ela, mas não se importou. Nenhum preço seria muito grande se houvesse mesmo que a mais fina chance de que sua própria longa vida pudesse ser salva.

— Eu e alguns outros sobrevivemos, aqueles que tiveram o poder de resistir ao seu apelo final. Alguns desses morreram logo depois, caindo na vida de libertinagem que foi tudo que ela lhes ensinou. O resto se perdeu na busca de um novo mestre, quando eu peguei a minha nova liberdade e criei um território meu. Até então, nenhum dos velhos mestres sozinho tinha força para me desafiar. E quando eles se uniram contra mim, eu peguei minhas poucas pessoas e vim aqui para a América, o novo mundo.

Ele encontrou o seu olhar diretamente, enfatizando as palavras seguintes. — Em mais de 500 anos como Vampiro, eu não reconheci nenhum mestre, nenhum senhor, nenhuma senhora. Desde a morte de minha senhora nenhuma criatura viva ou morta pediu mais de mim do que eu estou disposto a dar, a lealdade entre companheiros, a fidelidade entre Senhor e filho.

— Mas Alexandra... — Cyn protestou.

— Alexandra — disse ele quase cansado — é uma mulher mesquinha que já foi uma criança que eu amava. Eu às vezes acho que ela teria feito melhor se eu nunca a tivesse encontrado naquele calabouço em Paris, ou se eu a tivesse deixado para fazer seu próprio caminho ou falhar ao tentar.

Ele balançou a cabeça. — Não, minha Cyn, não houve uma em todas estas centenas de anos que me dominou. Até que eu conheci você. Desde o início, eu quis você e a sua resistência a meus avanços só me fez te querer mais. Quando eu finalmente me coloquei dentro de você, senti você arqueando embaixo de mim com paixão, tudo que eu conseguia pensar era ter você outra vez e mais outra vez. Minha fome por você era tão fresca, era como se não tivéssemos estado juntos apenas momentos antes. Eu olhei para seu rosto, para seus olhos cheios de desejo só para mim e eu soube que daria tudo o que eu tinha para manter você segura ao meu lado e na minha cama.

— Assim, tendo finalmente encontrado um adversário que não consegui derrotar, eu fugi — disse ele em desgosto. — Ao invés de enfrentá-la na minha fraqueza, pensei em te deixar para trás, esquecer sobre você, que eu achava que era certamente possível. Afinal, como poderia um ser humano me oprimir com sentimentos em um período tão curto de tempo? — Ele sorriu amargamente, sacudindo a cabeça diante de sua própria tolice.

— Você me disse uma vez que eu assombrava seus sonhos. — disse ele em voz baixa. — Com você indo embora, eu tenho vivido por aqueles momentos roubados de seu sono. Eu queria que você se lembrasse de mim de forma que nenhum outro homem conseguisse tocá-la do jeito que eu tinha. A própria

possibilidade me deixou louco. Quando eu soube que você tinha ido para o Texas, meu primeiro pensamento foi de destruir Jabril Karim antes que seus olhos sequer olhassem você, para que ele nem mesmo pensasse em tomá-la para ele próprio.

Uma nuvem cobriu a lua no alto, escondendo o rosto dele até que apenas a prata brilhante de seus olhos era visível quando ele encontrou o seu olhar. — Eu fui dominado por fim, doce Cyn, indefeso diante da falha da maioria dos humanos. Eu te amo.

Cyn olhou para ele, seu coração batendo tão forte, tão depressa, que esmagou o fôlego de seus pulmões. Uma parte dela queria lembrar cada detalhe desta noite, as sombras profundas sob as árvores, a dispersão da luz da lua para onde poderia, o cheiro do eucalipto, afiado e picante — o momento em que ele revelou sua alma para ela pela primeira vez. Ela queria se jogar em seus braços, senti-lo embrulhar o corpo grande em torno dela e dizer-lhe mais uma vez que a amava. E então ele pensava que era uma falha amá-la dessa maneira? Ela entendia perfeitamente. Ela lutou contra o amor a maior parte de sua vida — amor pelo seu pai, sua mãe ausente, a sucessão de babás dentro e fora de seu mundo. Amor deixa você para baixo, faz você vulnerável. Nenhuma outra emoção tinha o poder de apagar a razão, de destruir paredes cuidadosamente construídas e deixá-lo sangrando em meio aos destroços.

Mas porque ela entendeu, porque ela se lembrava muito bem da dor de perdê-lo, ela permaneceu imóvel, sentada no escuro silencioso sob sua árvore.

Raphael sorriu tristemente, levantando a cabeça de repente na direção da mansão de Alexandra, como se estivesse ouvindo. — Seu pequeno pássaro está pronto para voar. — comentou ele. Quase imediatamente, ele se levantou, varrendo o paletó e oferecendo a Cyn uma mão levantada.

Ela colocou a mão na sua, deixando-o puxá-la de pé, sentindo a fácil força em cada movimento. Ele a abraçou e puxou-a para perto, deslizando sua mão em torno das costas para segurá-la. — A escolha é sua, doce Cyn — ele murmurou em seu ouvido. Ele levantou o rosto e beijou-a em seguida, um suave, lento beijo a que ela não podia evitar responder. — Venha a mim, quando estiver pronta. — ele sussurrou, e então ele a soltou e se afastou.

— Raphael... — ela começou, mas ele a interrompeu.

— Ela não pertence aqui. — disse ele, olhando em direção à casa de Alexandra. — A irmã, Elizabeth. — Ele olhou de volta para Cyn. — Ela não pertence entre o meu povo. Ela deveria estar fora no mundo.

— Eu sei. — Cyn acenou com a cabeça. — Eu vou encontrar algo para ela, em algum lugar.

— Eu não quero Mirabelle vivendo com Alexandra também. — disse ele numa voz pensativa. — Eu entendo o pensamento de Duncan em trazê-la aqui. De certa forma, foi bem feito. Mas eu tenho outros planos para Mirabelle.

— O que quer dizer com planos? Que tipo de planos? — Cyn exigiu, de repente se sentindo muito protetora de ambas as irmãs.

Raphael sorriu para ela, como se esperasse a reação. — Nada sem o seu consentimento, minha Cyn. Não tem que se preocupar por isso. Eu estava pensando em faculdade, na verdade. Ela vale mais do que uma vida como brinquedo de Alexandra.

— Oh.

Ele encontrou seus olhos de forma constante. — Mas lembre-se disso, lubimaya, agora ela é minha, não sua.

Cyn suspirou. — Eu sei. — ela admitiu a contragosto.

Raphael riu. — Vinde a mim, doce Cyn. Eu estarei esperando.

E ele se foi, sem deixar vestígios da sua partida além do sussurro das folhas e do sabor persistente de lábios macios contra sua boca.

Capítulo 44

Houston, Texas

Jabril estava sentado à sua mesa, lendo os últimos relatórios dos seus contadores. Ele se esforçou para manter a calma, alimentando sua agitação crescente na intercepção de uma caneta-tinteiro elegante em sua mão direita enquanto examinava as longas filas de números. Seu povo estava trabalhando febrilmente, saqueando o máximo de dinheiro de Mirabelle enquanto podiam, antes que a garota estúpida descobrisse o que ele estava fazendo e colocasse um fim nisso. Era o mínimo que ela lhe devia por todos os anos que ele tinha cuidado dela quando ninguém mais tinha se incomodado. Puta ingrata.

Claro, ela já havia contratado uma série de gananciosos advogados lá fora, na Califórnia, para desafiar tudo o que ele tinha feito. Sem dúvida, Raphael tinha ficado mais do que feliz em ajudar, razão pela qual as pessoas de Jabril estavam movendo os fundos o mais rapidamente que podiam para roubá-los. Não que isso poderia ser chamado de roubo. Ele estava apenas tomando o que era seu por direito, afinal de contas. Se ao menos ele tivesse mais tempo. A caneta delicada estalou e o reservatório de tinta rachou, derramando um líquido escuro sobre seus dedos e os papéis por baixo. Jabril pulou da cadeira, jurando enquanto ele jogava os pedaços quebrados de lado. Ele olhou para cima com um rosnado furioso quando a porta se abriu e Asim correu dentro.

Asim registou no instante o seu desânimo quando viu a bagunça com as manchas de tinta. Jabril olhou para ele.

Ele precisava de alguém para suportar o peso da sua ira e Asim faria tão bem quanto qualquer outro.

— Não fique aí, seu idiota patético. — ele arrebentou. — Pegue uma toalha.

Asim correu para o banheiro contíguo, retornando com uma grossa toalha branca, que estendeu diante dele como uma oferta. — Meu senhor. — disse Asim quando Jabril arrancou a toalha e começou a limpar as mãos. — Você tem uma chamada telefônica.

Jabril sibilou para ele, incrédulo. — Será que parece que eu estou ansioso para falar ao telefone, Asim? Quem está ligando agora?

Os olhos de Asim balançaram nervosamente de um lado da sala para o outro, como se verificando ouvintes invisíveis. Ele deu um passo muito perto e sussurrou um nome.

Os olhos de Jabril se arregalaram de surpresa. — Bem, isso é interessante. O que ela quer?

Asim tossiu. — Amizade. Eu a persuadi a falar diretamente com você.

— Amigos? Quão pitoresco. — Jabril sentou-se e estendeu a mão para o telefone, com a boca torcendo com desgosto ao ver o azul manchando as mãos antes de ele pegar o marfim antigo do receptor de ouro.

— Como é agradável ter notícias suas, minha querida. — disse ele, sua voz suave modulada para refletir nenhuma de sua raiva anterior. Ele ouviu, recostando-se à toa e cruzando as pernas na altura do joelho. — Mmm. E por que você faria isso para mim? — Ele riu levemente. — Não, não, estou interessado, estou apenas surpreso. Você dificilmente pode me culpar por isso. — Ele escutou a voz suave e feminina. Ela estava quase sussurrando, com medo de ser ouvida. E quem podia culpá-la? — E quando isso seria? — Perguntou. — Assim, em breve? Bem, excelente. Isso pode funcionar muito bem. — Ele ouviu ainda como seu interlocutor fez um pedido.

— Eu vejo. De repente, tudo fica claro. — Ele riu de novo, desta vez com desdém. — Realmente, minha querida. Se aprende algumas coisas ao longo dos séculos. Isso não muda nada, no entanto. Seus propósitos e os meus coincidem. Você tem certeza do tempo?

— Eu vou ter alguém à espera, então. Ah, e, minha cara? Não seria sábio me decepcionar. — Ele desligou e encontrou o olhar questionador de Asim. — Esse seu investigador incompetente, qual era o seu nome?

— Windle, meu senhor. Patrick Windle.

— E ele ainda está em Los Angeles, procurando cegamente por Elizabeth?

— Sim, meu senhor. Ele me garantiu que a terá sob sua custódia em breve.

— Será mesmo? Que otimista. Bem, nós podemos ter feito seu trabalho por ele, a chance de agarrar não só nossa doce Elizabeth, mas também a puta traiçoeira de Raphael. Eu sonhava em colocar minhas mãos nela mais uma vez, Asim, e ela está prestes a cair em minhas mãos.

Capítulo 45

Depois de toda a antecipação e preocupação, a audiência de Mirabelle perante Raphael foi relativamente simples. Como Cyn tinha dito a Mirabelle, ela esperava algo pomposo e formal, mas ela deveria saber melhor. Raphael era muito mais um Diretor Executivo do que um rei. Concedido, um Diretor Executivo com o poder de matar qualquer um que o desagradasse, mas quem disse que as empresas não fazem o mesmo? Os métodos de Raphael eram simplesmente mais diretos.

Cyn chegou antes da hora marcada por Alexandra. A mansão estava tranqüila, toda a remodelação feita, pelo menos por agora. O som do piano clássico derivou escada abaixo, deixando Cyn saber que era Alexandra na sala de música e não Mirabelle. Ela pensou em parar para dizer olá, por cortesia, mas seguiu para o quarto de Mirabelle em vez disso.

Cyn apreciou tudo que Alexandra tinha feito — que ela tinha tomado Mirabelle em sua casa, lhe dado um lugar para pertencer. Mas ela não estava muito confortável com a irmã de Raphael.

Havia algo sobre Alexandra que fazia Cyn pensar que os pensamentos da mulher vampira raramente combinavam com suas palavras.

A porta de Mirabelle estava aberta, mas Cyn bateu levemente antes de entrar para encontrá-la envolvida em uma longa túnica de seda azul safira e em pé na frente do espelho. Ela estava olhando pensativamente para seu reflexo, seus pensamentos aparentemente longe de tudo o que estava vendo lá.

— Mirabelle? — Cyn disse suavemente.

A jovem vampira olhou lentamente ao longo do seu ombro, não de todo espantada, então ela deve ter ouvido Cyn entrar afinal. — Olá, Cynthia. — ela disse com um pequeno sorriso.

— Você está pronta para esta noite?

— Oh, sim. — ela disse. Ela vagueou até a antiga penteadeira, pegou uma escova e começou a passá-la através de seu cabelo com suavidade, com movimentos longos. Seu cabelo loiro escurecera depois de anos longe do sol, tinha sido atenuado por um estilista e agora brilhava com um tom ouro mel.

Cyn olhou em volta. O quarto era todo de renda branca e linho. A cama de dossel estava empilhada com travesseiros espumosos de todas as formas e tamanhos, o edredom grosso e rechonchudo era de renda bordada. Cyn teve um pensamento passageiro sobre o porquê de uma vampira se dar ao trabalho de decorar um quarto que ela nunca dormia. Por que não projetá-lo como uma sala de estar em seu lugar? Os vampiros todos dormiam no cofre lá embaixo de qualquer maneira. Embora, em algum momento, a cama poderia ter outro uso, ela supunha. Ela olhou para Mirabelle, que estava mais uma vez mergulhada na contemplação, seu braço levantado para escovar os cabelos quase que automaticamente.

— Você redecorou. — Cyn disse.

Mirabelle olhou ao redor, como se surpresa com as mudanças. — Alexandra fez isso.

Cyn inclinou a cabeça ligeiramente, intrigada. — Você não gosta?

Mirabelle olhou sobre seu ombro com um sorriso triste. — Não é realmente o meu gosto, sabe?

— Você está bem, Mirabelle? — Cyn perguntou baixinho.

Os olhos azuis da menina centrados nela, de repente se encheram de lágrimas. — Eu queria fazer a coisa certa, Cyn. Tudo está tão confuso e eu...

Cyn atravessou a sala e puxou a mulher mais nova ao redor, colocando as mãos sobre os ombros de Mirabelle. — Você está fazendo a coisa certa, Mirabelle. Você fez a coisa certa. Foi preciso coragem para se afastar de Jabril, para pegar sua vida de volta dele e torná-la sua própria. Estou orgulhosa de você. Sua mãe e seu pai estariam orgulhosos de você. Eles teriam odiado o que ele fez com você e com Elizabeth.

— Elizabeth. — repetiu Mirabelle, endireitando-se para fora do abraço e dando uma respiração profunda. — Certo.

Ela caminhou até o armário onde a sua roupa para a noite estava pendurada em um cabide acolchoado. Ela e Alexandra haviam escolhido dentre uma seleção enviada por uma das melhores lojas da Rodeo Drive, junto com uma série de outras roupas do armário agora preenchido de Mirabelle. Não há necessidade de deixar a segurança da propriedade de Raphael em Malibu — se você tivesse bastante dinheiro, tudo era possível nesta cidade, e Mirabelle tinha um monte de dinheiro. Cyn tinha ficado um pouco irritada por ter sido excluída do frenesi de compras, mas ela teve que admitir que a escolha foi boa. A calça equipada era de uma fina lã penteada e o longo casaco correspondente batia abaixo do joelho. A roupa toda era negra, mas com um brilhante, quase iridescente forro azul na jaqueta. O estilo era provavelmente demasiado velho para Mirabelle, muito sombrio, mas o forro era bonito, e o negro ia esconder

qualquer lamentável mancha de sangue. Mirabelle entrou na calça e colocou o manto em seus ombros. Cyn se aproximou para ajudar, tomando o manto de modo que mulher mais jovem pudesse vestir o tanque de seda sem mangas que ia debaixo da jaqueta.

— Você já falou com Elizabeth esta noite? — Cyn perguntou.

— Eu liguei, mas nós não falamos muito. Ela disse boa sorte e para eu ligar-lhe depois. Ela realmente não entende tudo isso, você sabe. Essa coisa de vampiro. — Cyn assistiu em silêncio enquanto Mirabelle sentou-se para colocar seus sapatos pretos Ferragamo com um salto de três polegadas. — Amanhã é o aniversário de Liz. Ela vai ter oficialmente dezoito anos.

— Eu sei. Luci tem uma pequena festa planejada na casa. Você vai?

Mirabelle ignorou o convite, dizendo em seu lugar. — Liz disse que você a está levando a sua primeira aula de condução também.

— Yep. Era isso ou ensiná-la eu mesma. — Cyn comentou casualmente. — Vai ser mais fácil para ela depois que receber sua licença. Ela poderá visitá-la quando quiser.

— Eu acho.

Cyn se aproximou e sentou na cama, ficando ao nível dos olhos da garota sentada.

— O que está acontecendo aqui, garota?

Mirabelle olhou para cima, seus olhos encontrando os Cyn com uma súbita e desesperada intensidade. — Liz é minha irmãzinha. Minha irmãzinha! Eu nunca percebi até que a vi no outro dia, que ela está ficando mais velha, mas eu estou exatamente a mesma. Eu serei sempre exatamente a mesma. Muito em breve, ela estará mais velha do que eu e depois... — Ela deixou cair a cabeça e engoliu em seco. — Ela vai morrer. — ela quase sussurrou. — E eu vou estar sozinha. Não é como Alexandra. Ela tem Raphael. Ela sempre terá Raphael.

Cyn olhou para a cabeça curvada de Mirabelle, profundamente perturbada e se perguntando de onde diabos isso tinha vindo. Mirabelle não tem contato com muitas pessoas, somente Alexandra e os guardas. Ela se lembrou de Alexandra dizendo que queria transformar Cyn, queria fazê-la Vampira, para ser sua amiga para sempre. Teria ela se concentrado em Mirabelle ao invés? Uma agradável pequena bebê vampiro, sozinha no mundo, para Alexandra a moldar em uma amiga permanente e acólita?

— Você assumiu um grande risco ao vir aqui. — Cyn disse suavemente. — De certa forma, você fez o possível para Liz sobreviver, para ficar longe de Jabril e ter uma vida real. E agora você tem que deixá-la viver à sua maneira.

Mas a família é mais do que sangue, Mirabelle. São os seus amigos, as pessoas que se preocupam com você, as pessoas que você gosta. Você pode fazer a sua própria família.

Ela se levantou, puxando Mirabelle com ela.

— Eu fiz alguns amigos aqui. — Mirabelle disse de repente. — Elke veio hoje. Ela me mostrou o ginásio, aquele utilizado pelos guardas de Raphael.

— Eu já trabalhei com Elke. — disse Cyn. Elke era, de fato, a única mulher vampira na primeira linha de segurança de Raphael. Havia outros vampiros do sexo feminino entre o pessoal de segurança dele, mas Elke era a única que Cyn conhecia a quem foi confiado guardá-lo pessoalmente. Ela e Elke não eram exatamente amigas, mas elas tinham alcançado um estranho tipo de respeito uma pela outra após o seqüestro de Alexandra.

— Ela se ofereceu para me ajudar a fazer algum treinamento físico. Você sabe, como levantamento de peso e coisas de artes marciais.

— Provavelmente uma boa idéia. — comentou Cyn.

— Eu achava que sim, mas Alexandra disse…

— Deixe-me lhe dizer algo, Mirabelle. — Cyn interrompeu, sua voz baixa. — Alexandra foi seqüestrada um par de meses atrás. Não importa o porquê, mas quando eles a levaram, você sabe o que ela fez?

Os olhos de Mirabelle estavam bem abertos quando ela balançou a cabeça.

— Ela sentou lá em uma casa suja, exatamente onde a colocaram e esperou que alguém viesse resgatá-la. Você acha que isso é o que Elke teria feito? O que Liz deveria ter feito? Sentar lá e esperar por alguém para salvá-la? Pegue as aulas com Elke, fique tão forte quanto possível, e aprenda o máximo que puder. E se alguma vez você precisar ser resgatada, você estará pronta para salvar a si própria.

Os olhos de Mirabelle estavam brilhando de repente com lágrimas. — Sinto muito, Cyn. Eu não…

Cyn pulou para trás, surpresa e consternada com a reação. — Eu não estou falando de você, Mirabelle. Você era uma criança quando Jabril tomou você, e estava sozinha, eu quis dizer…

— Oh. — Mirabelle interrompeu. — Não. Eu sei que não foi isso que você quis dizer. Realmente, está tudo bem.

Ela parou e respirou fundo, enxugando as lágrimas.

— Você não está preocupada com a testemunha de Jabril, está? Porque Raphael nunca...

— Oh, não, — Mirabelle assegurou-lhe rapidamente. — Não estou preocupada com isso. É que está tudo acontecendo tão rápido. Mas você está certa. Eu vou aceitar a oferta de Elke e eu vou ser forte. Mais forte do que qualquer um pensa que eu sou. Começando hoje à noite.

Alexandra estava esperando por elas fora da sala de música. Ela estava usando um terno caramelo St. John de malha, com um estilo quase militar.

A saia abraçando o corpo se agarrou à sua figura pequena, a imagem perfeita de uma mulher St. Jonh. Ela deu a Cyn um olhar estranho. Um olhar que fez Cyn pensar que Alexandra tinha ouvido cada palavra que ela disse à Mirabelle.

— Não estamos adoráveis esta noite? — disse Alexandra à medida que se aproximava. — Essa é uma cor maravilhosa em você, Cynthia.

Cyn olhou para baixo automaticamente em seu próprio vestido. Era um profundo e rico verde esmeralda cintilante em seda grega com um pescoço de barco e mangas compridas afiladas. Ela escolheu intencionalmente, sabendo que a cor realçava o verde de seus olhos e a saia exibia pernas longas ainda mais com saltos agulha de dez centímetros. Ela talvez não soubesse exatamente o que queria de seu relacionamento com Raphael, mas ela queria ter a maldita certeza de que ele a notava.

— Vamos levar o meu carro? — Cyn perguntou. — Eu não acho que estes saltos foram projetados para um passeio na floresta.

Alexandra riu alegremente e virou-se para liderar a descida das escadas. — Pena que você não é uma vampira, Cynthia. Mirabelle e eu não teríamos qualquer problema. — Ela se virou com um olhar privado para Mirabelle. — Será que nós teríamos, querida?

Mirabelle corou e deu a Cyn um olhar de soslaio. — O carro está muito bem, Cyn. Eu não quero ficar toda suada antes mesmo de eu chegar lá. — Ela bufou uma risada depreciativa. — Eu tenho certeza que vou suar bastante uma vez que começar.

— Não seja tola. — disse Alexandra despreocupadamente, esperando por Mirabelle para recuperar o atraso com ela e ligando seus braços. — Você vai ficar bem. Não vai Cynthia? — Este último foi lançado por cima do ombro enquanto as duas vampiras desciam as escadas.

— Sim, Alexandra, ela irá. — disse Cyn. — Mirabelle vai ficar bem.

Capítulo 46

Juro estava esperando por elas na casa principal, seu irmão gêmeo — que parecia nunca falar e cujo nome Cyn ainda não sabia — estava ao lado dele, como sempre. Duas árvores imperturbáveis guardando o santuário de Raphael. Juro olhou Cyn cautelosamente, claramente convencido de que ela tinha uma arma escondida em algum lugar, mas não tendo idéia de onde poderia estar escondida sob o vestido. Ele deu-lhe um olhar resignado e Cyn afagou-lhe o braço em simpatia.

— Meu irmão está nos esperando, Juro. — Alexandra disse com um traço de impaciência.

— Ele está, Alexandra. — Juro concordou. Cyn viu a boca elegante de Alexandra apertar um pouco e imaginou se havia alguma tensão entre a irmã de Raphael e seu guarda-costas chefe. Se houvesse, Juro estava claramente imperturbável por isso. Ele se virou e abriu o caminho, seu gêmeo esperou até que eles tivessem passado antes de assumir a retaguarda.

Subiram as escadas e no longo corredor andaram em um pequeno desfile até chegar ao enorme par de portas elaboradamente esculpidas em frente ao escritório de Raphael. Juro parou para bater uma vez, esperando que as portas balançassem, sem a ajuda de uma mão visível. Ele deu um passo atrás e as três mulheres entraram, Alexandra em primeiro lugar, Mirabelle e Cyn atrás dela.

Raphael estava no escritório de trabalho, com estantes que iam desde o chão até o teto alto. Escadas deslizantes estavam posicionadas em intervalos para fornecer acesso às prateleiras mais altas, que estavam cheias de livros de todas as formas, tamanhos e idades. Era uma sala mais adequada para um pesquisador, um professor de história, talvez, ao invés de um vampiro. Mas quando se vive durante séculos, a história torna-se um caso pessoal, Cyn supôs.

Raphael estava sentado atrás de uma mesa enorme, Duncan de pé de um lado. Atrás deles estava uma parede de vidro mostrando nada além do oceano e a lua. Juro tinha tomado uma posição à direita da porta, ao lado de seu irmão gêmeo e espremido entre eles estava um vampiro que Cyn não reconhecia. Ela examinou a sua roupa escura em desprezo perpétuo e percebeu que ele era certamente a testemunha do Jabril. Não admira que Juro e seu irmão estavam guardando-o com tanto cuidado.

Ela olhou para Mirabelle, mas a menina parecia não ter olhos para ninguém além de Raphael. Cyn encontrou seu olhar negro e teve que admitir que ele era uma visão que valia a pena olhar.

Raphael ficou parado quando elas se aproximaram, o seu olhar sobre as pernas nuas de Cyn de forma cobiçante antes de finalmente encontrar os seus olhos com um calor que a deixou muito contente por ela ter tomado tempo para escolher com cuidado. Seus lábios mal se curvaram em um sorriso apreciativo, antes de ele usar uma expressão mais sombria e olhar para Mirabelle em expectativa.

— Você pediu para me ver, Mirabelle. — ele questionou formalmente.

— Sim, meu senhor. — A voz de Mirabelle estava rouca com os nervos e ela levou duas tentativas para conseguir colocar as poucas palavras para fora. Ela fez uma pausa, obviamente irritada consigo e então chamou um longo suspiro de coragem e se curvou profundamente. — Meu Senhor Raphael. — disse ela, pondo-se na posição vertical. — É uma honra solicitar sua permissão para me mudar do território e soberania de meu pai, Jabril Karim. Eu ofereço a você minha lealdade e o meu serviço, se você me aceitar, meu senhor.

Alexandra acenou com aprovação e sorriu com orgulho, seu olhar alternando entre Mirabelle e Raphael.

— E o seu senhor deu seu consentimento para esta deslocalização, Mirabelle? — A voz suave de Raphael fez a pergunta necessária, embora todos ali soubessem a resposta.

— Não, meu senhor, ele não deu. Eu vim a você por minha própria vontade e desejo.

Cyn ouviu uma agitação por trás dela com as palavras de Mirabelle e viu os olhos de Raphael piscarem por cima do ombro para onde estava a testemunha de Jabril. Ele segurou o olhar do vampiro por apenas um segundo antes de virar sua atenção de volta para Mirabelle.

— Você entende. — ele disse a ela. — Se eu aceitá-la, qualquer aliança com seu Senhor será perdida. Você será como minha.

— Sim, meu senhor.

— E é isso o que você realmente deseja?

— Com todo o meu coração, meu senhor, é meu desejo.

— Muito bem. — Raphael escorregou para fora do paletó com um encolher de ombros graciosos e colocou-o sobre sua mesa. Cyn sentiu um puxão de desejo em seu corpo quando ele desabotoou a manga esquerda da camisa e

começou a enrolá-la em seu antebraço com movimentos uniformes. Ela tinha uma fraqueza pelas belas mãos de um homem. As mãos de Raphael eram fortes, seus dedos longos, seus antebraços suavemente musculosos. Ela engoliu em seco e reprimiu as memórias do que aquelas mãos poderiam fazer.

Duncan tinha produzido uma faca pequena, não mais que quinze centímetros de comprimento, sua borda afiada brilhando contra o antigo metal enegrecido da lâmina. Raphael olhou para a arma e assentiu enquanto caminhava em torno da mesa. — Ajoelhe-se diante de mim, Mirabelle.

Mirabelle deu um passo em frente e caiu de joelhos, aterrando com uma graça que teria feito qualquer cortesão orgulhoso. Toda a prática a estava ajudando hoje à noite. Raphael colocou as duas mãos na cabeça baixa de Mirabelle. Nada pareceu acontecer por alguns minutos, e depois Mirabelle suspirou em óbvio prazer e lágrimas rosa começaram a rolar por debaixo das suas pálpebras fechadas.

Raphael levantou as mãos, estendendo a direita em direção a Duncan, que silenciosamente entregou-lhe a faca. Cyn engoliu um suspiro pequeno quando, sem aviso, Raphael correu a lâmina afiada sobre a pele macia sob seu pulso esquerdo, abrindo um corte de oito centímetros na vertical.

Sangue jorrou imediatamente, manchando a borda de seu punho branco imaculado, antes que ele baixasse a mão e o deixasse correr na palma dele em concha. O nariz de Mirabelle se contraiu e seus olhos se abriram para um olhar faminto — o sangue de um vampiro, mais rico e mais poderoso do que o sangue de qualquer criatura na Terra, muito mais rico do que qualquer coisa que Mirabelle teria alguma vez provado antes, exceto talvez para seu pesadelo transformado nas mãos de Jabril. E Cyn tinha que acreditar que o sangue de Raphael seria mais doce do que qualquer coisa que Jabril poderia produzir.

Raphael assistiu a jovem vampira silenciosamente, retendo seu braço até que o sangue era uma piscina crescente na palma da mão larga, até que encheu os vincos entre os dedos e ameaçou gotejar para o tapete, até que Mirabelle estava perto de romper com a tentação diante dela. E então ele ofereceu-o com o mais minúsculo movimento em direção à boca em espera. Mirabelle respondeu ansiosamente, procurando seu braço, as mãos tremendo com o esforço de mover-se lentamente, deliberadamente. Quando Raphael não fez nenhum movimento para negar-lhe, para puxar a sua mão, ela fechou os olhos em êxtase e baixou sua boca para o sangue correndo.

Mirabelle deu um gemido orgástico, sua garganta trabalhando firmemente enquanto ela bebia de Raphael. Cyn queria desviar o olhar, sentindo-se como uma intrusa, uma voyeur testemunhando algo que deveria ter sido intensamente privado. Em vez disso ela o observava, determinada a testemunhar a submissão de Mirabelle para seu novo senhor, para reconhecer esta parte da vida de Raphael. Ela o observava também, sua escura cabeça

inclinada, olhos fechados, os músculos de seu antebraço cerrados para manter o sangue fluindo. Por quanto tempo ele poderia continuar com isso?

Assim que o pensamento ocorreu, Raphael estava tocando Mirabelle suavemente com a outra mão. Ela afastou-se imediatamente com um suspiro de prazer, sua língua lambendo os lábios ensangüentados, para salvar até a última gota do líquido precioso. Ela se sentou sobre os calcanhares e olhou para seu novo mestre, um olhar de absoluta adoração em seu rosto corado.

— Obrigado, Mestre. — disse ela em um ronronar, baixo e sensual, nada como a voz regular dela.

Raphael olhou para ela, com uma expressão de paciência confusa. — Você é muito bem-vinda, Mirabelle.

Duncan avançou quase imediatamente, descendo para ajudar Mirabelle a seus pés. Ela tropeçou ligeiramente, tonta, quase embriagada, devido ao sangue potente. — Venha, pequena. — disse ele. — Nós temos planejado uma pequena celebração em sua honra.

Ela deu-lhe o sorriso encantado de uma criança. — Uma festa? Para mim?

— Para você. — Duncan concordou. Ele a pegou pelo braço e guiou-a para fora da sala. A testemunha de Jabril tinha ido embora, aparentemente escoltado para longe em algum momento por Juro que também estava ausente. Cyn só podia esperar que a escolta o levasse todo o caminho para o aeroporto e para um avião de volta para o Texas.

Juro ficou esperando fora da porta aberta, com o rosto normalmente solene em diversão quando Mirabelle saudou-o como um amigo perdido há muito tempo. Alexandra começou a seguir, mas fez uma pausa, voltando a olhar para Cyn.

— Cynthia?

Cyn estava assistindo Raphael quando ele parou o fluxo de sangue, dobrando seu braço e colocando pressão sobre a ferida. Seu rosto estava inexpressivo, como se esse tipo de coisa acontecesse o tempo todo, como se o sangue escorrendo de seus dedos e molhando o elegante tapete persa fosse um inconveniente, nada mais. Seus olhos negros de repente surgiram para encontrar os dela e Cyn foi atingida por uma necessidade tão forte que a teria conduzido para ele de joelhos se ela não tivesse uma cadeira para se segurar.

— Vá em frente, Alexandra. — disse ela sem fôlego. — Irei depois.

O protesto crescente de Alexandra foi abortado quando o olhar de Raphael passou para ela. Não havia nada de calor fraternal naquele olhar. Alexandra suspirou tristemente e girou, batendo seus saltos da moda

suavemente contra o tapete quando ela saiu pela porta que se fechou silenciosamente atrás dela.

Raphael soltou um pequeno suspiro aliviado e recostou-se para se sentar na borda de sua mesa.

— Você está bem? — Cyn perguntou, indicando o seu braço ferido com um aceno de cabeça.

Raphael deu-lhe um sorriso torto. — Adoro quando você se preocupa comigo, minha Cyn. Ninguém mais faz.

Ela soltou um pequeno acesso de descrença. — Duncan se preocupa com você. — ela discordou. — Ele é pior do que uma mãe galinha.

— Sim, bem. — Raphael disse suavemente. — Isso não é exatamente a mesma coisa, não é?

Cyn estudou-o do outro lado da sala, e depois balançou a cabeça em desgosto. — Quem estou enganando? — Ela murmurou. Ela caminhou até a mesa, aproveitando o balanço natural dado aos seus quadris pelos saltos altos. Raphael permaneceu imóvel, mas seu cuidadoso olhar seguia cada movimento.

Quando ela estava perto o suficiente para tocar, ele disse: — Você não quer se juntar à celebração de Mirabelle?

A boca de Cyn se curvou para cima. — Eu prefiro comemorar com seu mestre. — Ela estendeu a mão e tomou o seu braço ferido na mão, puxando-o até sua boca. Os olhos nunca deixando os seus, ela passou a língua lentamente pela ferida, tendo tempo para lamber a pele macia de seu pulso antes de fechar a boca sobre o seu pulso com um beijo suave.

Um grunhido retumbou profundamente no peito de Raphael e ele estendeu a mão para puxá-la para ele, seu braço ileso serpenteando em torno de suas costas, os dedos espalmados sobre sua bunda para pressioná-la perto. Seus lábios dançavam ao longo da pele nua do pescoço e ombros, seguindo a linha de sua mandíbula, antes que ele tomasse sua boca em um longo e lento beijo. — Este é um lindo vestido, minha Cyn. — ele sussurrou contra seus lábios. — Quão rapidamente podemos tirar você dele?

Ela riu de alegria, torcendo os dedos pelos cabelos grossos, apreciando a sensação de seus lábios contra ela, cada nervo hiper-vivo com o sangue que ela tinha lambido de seu braço acelerando através de seu sistema. Ela inclinou-se totalmente contra ele e seus braços vieram em torno dela para abraçá-la.

Ele parou de repente, levando-a com ele. — Venha. — disse ele.

Ela sorriu contra seus lábios macios. — Você acha que será assim tão fácil, meu senhor?

— Doce Cyn. — Raphael ronronou. — Não tenho intenção de fazer com que seja fácil.

Cyn estremeceu debaixo da promessa, a sua voz escura quando ele a pegou e levou-a através da sala. As arestas de uma estante escovaram suas costas antes que ele estendesse a mão e acendesse um interruptor invisível. As prateleiras ao lado dela começaram a se mover, girando para revelar uma porta escondida.

— Um quarto secreto. — ela brincou. — Quão misterioso.

— Um elevador. — ele corrigiu e apoiou-a para dentro, batendo-a contra a parede e cobrindo seu corpo com o seu quando a pequena caixa começou a se mover para baixo.

Capítulo 47

O Escritório de Raphael era no segundo andar, mas Cyn não podia dizer o quanto o elevador viajou. Ela não pensava em qualquer coisa além da necessidade de tocar e ser tocada por Raphael. Sua boca devorou a dela avidamente, seus lábios trancados em um beijo ardente que ela não quis terminar quando seus corpos moldaram-se um ao outro, nada os separando além de uma fina camada de roupa. E ainda não era o suficiente. Ela precisava senti-lo, pele nua contra pele nua, o deslizar dos músculos, o repicar dos nervos estimulados a uma intensidade quase dolorosa.

Ela estava consciente de que tinha deixado o elevador só porque havia um carpete debaixo dos seus pés quando ela tirou os sapatos. Os dedos frios de Raphael deslizaram pelas costas dela enquanto ele tirava o vestido verde, deslizando as mangas de seus ombros até que estavam agrupadas em torno de seus pés. Ele cantarolou com prazer ao ver a renda contendo os seios antes que isso também caísse no tapete, expondo montes totalmente pesados com desejo, os rosados mamilos estavam duros e doloridos por seu toque. Cyn gritou quando sua boca provou um, depois o outro, passando os dentes ao longo da carne tenra enviando pontadas de desejo carregado através de seu corpo inteiro, até que ela mal conseguia se manter de pé.

Enquanto a boca de Raphael trazia um tormento glorioso para seus seios, suas mãos vagavam pelas costas, mergulhando abaixo da faixa estreita de sua tanga e tirando-a sem esforço, um pouco mais de renda adicionada à pilha a seus pés. Cyn gemeu com a necessidade de tê-lo agora, duro e rápido, batendo entre suas pernas. Ela rasgou a sua camisa, botões voando em sua urgência. O cinto não foi um obstáculo, seu zíper apenas a entrada para o seu comprimento suave lá dentro. Ela enfiou a mão por baixo do tecido das calças e o encontrou duro e pronto, seus dedos mergulharam mais baixo para acariciar seu saco pesado.

Ela colocou uma fileira de beijos em seu peito, seguindo a linha de pelos sedosos para baixo em toda a plana e lisa extensão de sua barriga. Ela caiu de joelhos, deslizando as mãos pelos seus quadris para empurrar suas calças para longe e libertar sua ereção. Raphael sibilou em surpresa quando ela o levou em sua boca, girando a língua ao redor da cabeça e provocando a espessura de seu pênis, levando-o mais profundo até que ele atingiu a traseira de sua garganta enquanto seus dedos continuaram a acariciar suas bolas. Ele agarrou seus cabelos, segurando-a no lugar e gemendo com o prazer, antes de descer para puxá-la e jogá-la sobre o que parecia ser uma extensão infinita de cama.

Os olhos de Raphael brilhavam prata, seu olhar nunca deixando-a quando ele tirou o resto de sua roupa e se estendeu sobre ela. Sua cabeça caiu para o pescoço e mais abaixo, sugando seus seios com suave dor, sugando um bocado da carne entre os dentes, as presas dele deixando rastros de sangue que escorriam sobre os montes rechonchudos, até que ele os lambeu deixando limpos com um rosnado baixo de fome.

Cyn se contorcia sob seu ataque sensual, cada nervo cantando na afiada ponta de êxtase, seu coração inchado com a simples alegria de estar com ele novamente. Ela arqueou as costas, oferecendo-se, querendo mais, gritando quando suas presas afundaram em sua carne e tremendo com prazer quando a sua suave língua seguiu. Ela protestou quando ele levou sua boca longe de seus seios, apenas para suspirar com prazer quando ele deslizou para baixo entre as suas pernas e começou a se animar com os sucos de sua excitação. Suas presas afundaram-se na protuberância macia de seu clitóris, jogando-a em um clímax de tal intensidade requintada que ela achava que ia perder a consciência.

Ela cerrou ambas as mãos em seu cabelo curto e puxou-o de volta até o comprimento de seu corpo.

— Foda-me, Raphael. Foda-me a... — Sua demanda se transformou em um gemido de satisfação, quando ele obedeceu, dirigindo o seu enorme pênis profundamente entre suas pernas em um único golpe poderoso. Ela estava molhada e pronta para ele, tremendo de necessidade e ainda assim ele esticou-a gloriosamente, enterrando o comprimento total dentro dela e segurando lá, mal se movendo, ofegando enquanto seu calor o rodeava. Com a visão embaçada com o desejo, Cyn observou-o acima dela, os olhos fechados com o esforço de permanecer imóvel. Ela podia sentir seu pau pulsando dentro dela, podia ver seu peito mexer com a batida do seu coração, o fôlego de seus pulmões. Ela estendeu a mão e correu os dedos suavemente sobre sua testa, em todo do arco de seu belo rosto cinzelado e para baixo para a plenitude de seus lábios.

Seus olhos se abriram e encontraram seu olhar, brilhando sob a luz baixa quando ele começou a empurrar.

Lentamente no início, um suave deslizar dentro e fora enquanto seus sucos lubrificavam o movimento, enquanto suas paredes interiores ajustavam-se à sua espessura e saudaram sua invasão. Mais rápido quando a fome aumentou, enquanto se levantava para encontrá-lo, envolvendo suas longas pernas em torno de suas costas e puxando-se sobre seu eixo. Seu clímax começou lá no fundo, uma flexão do seu ventre que estremeceu para fora até que estava acariciando seu pau, quando ele bombeou ainda mais rápido, dirigindo ambos para o ponto de delírio e além.

Cyn gritou quando a onda a varreu, arqueando as costas, agarrando seus músculos. Ela agarrou-se a Raphael, querendo que esse sentimento, essa união

de seus corpos, continuasse para sempre, o ouviu rugir quando seu clímax ondulou ao longo de seu pau e desencadeou o seu, drenando-o enquanto a sua quente libertação enchia corpo dela.

Ele caiu contra ela, rolando um pouco para suportá-la em seus braços, tirando o seu peso fora dela enquanto mantinha-se firmemente embainhado dentro. Cyn estava em seus braços, sentindo seu pau ainda flexionando dentro dela, tremendo com as consequências de sua união. Raphael apertou seus braços, segurando-a como se ela fosse algo precioso para ele, algo que ele tinha perdido e agora encontrado, que nunca iria deixar ir de novo.

Cyn virou o rosto contra seu peito quando as lágrimas começaram a fluir. — Eu senti sua falta, também. — ela sussurrou, não sabendo se ele ouviu.

Raphael beijou sua testa e as bochechas, saboreando as lágrimas.

— Lubimaya?

Cyn tentou controlar a necessidade terrível e insensata de chorar, envergonhada por sua própria emoção. — Os sonhos eram agradáveis, Raphael, mas isto foi muito melhor. — ela conseguiu dizer, forçando um riso leve.

Ele não disse nada por um momento, enquanto Cyn silenciosamente pedia para ele esquecer o assunto. Quando ele riu, ela relaxou, enganchando a perna em torno de seu quadril e rolando para cima, com ele ainda enterrado entre suas coxas. Encontrando seu olhar, ela começou a se mover lentamente, balançando para frente e para trás em seu eixo sensível, apertando os músculos de seu núcleo, colocando seus seios em oferta. Seu olhar ficou aquecido e ele endureceu mais uma vez. Ele alcançou por trás dela para fazer a bunda dela com as duas mãos em forma de concha, segurando-a contra ele quando começou um constante dentro e fora, tomando o controle dela. Cyn ofegou quando ele foi muito mais profundo, enchendo-a completamente. Seus olhos fecharam e ela caiu sobre o peito dele, saboreando a sensação de seus rígidos músculos e pelos sedosos contra a suavidade de seus seios. Ela levantou o suficiente para beijá-lo, acariciando suas presas distendidas com a língua, sentindo a leve picada quando ela tirou seu próprio sangue.

Raphael rosnou o nome dela, um estrondo de som baixo em seu peito, vibrando através de seus ossos. Enquanto seu sangue continuava a fluir, ele agarrou-a com força e virou-os, se impulsionando agora entre as suas coxas, levantando as suas pernas ainda mais para aprofundar, dirigindo dentro dela com golpes poderosos que a ergueram da cama. Cyn gemeu baixinho, perdida na corrida de sensações. Ela colocou seus braços ainda mais firmemente em torno dele, prendendo-o dentro dela, nunca querendo deixá-lo ir. Outro orgasmo iniciou um lento estremecer através do seu corpo, e a boca de Raphael encontrou a doce veia em seu pescoço. Ela tremeu com a dureza de diamante de seus dentes contra sua pele, gritando quando elas perfuraram sua veia, quando sentiu a força do seu sangue deslizando pela garganta dele. Cada nervo em seu

corpo ganhou vida de uma vez, um pequeno choro de alegria perdido no rugido de satisfação de Raphael. Sua libertação disparou dentro dela, e ela convulsionou em um orgasmo intenso, suas unhas abrindo linhas de sangue nas costas dele, mandando-o em mais outro climax.

Cyn estava nos braços de Raphael, ofegante, atordoada em silêncio pela força de suas emoções, apavorada que ela acordasse para descobrir que não era nada além de outro sonho.

Seu coração acelerou ainda mais rápido com pensamento, e ela apertou-o pegando nele, desejando nunca mais acordar se fosse um sonho. Como se detectando o medo dela, Raphael acariciou uma confortável mão pelas suas costas, beijando a sua pele e lambendo as trilhas de sangue de seu pescoço.

Doces arrepios de prazer dispararam através de si e ela gemeu. — Pare com isso. — ela sussurrou aconchegando-se mais perto dele. — Eu preciso de pelo menos 10 minutos de pausa aqui.

Raphael riu e beijou-a na boca. — Dez minutos, dez anos, dez séculos, doce Cyn. — ele murmurou, subitamente sério. — Eu te amo. O tempo que me resta é seu.

Cyn congelou, seu coração batendo com algo mais do que apenas sexo fantástico. — Eu também te amo. — ela sussurrou, quase com medo.

— Então fique, minha Cyn. Fique comigo para sempre.

Cyn sabia que o amanhecer estava chegando, quando ela ouviu o baque surdo das pesadas portas se fechando, fechando-os por dentro e deixando todos os outros fora. Raphael despertou de um cochilo quando ela se sentou, o lençol caindo de seu corpo nu.

— Eu prometi a Liz que a levaria à sua primeira aula de direção hoje. — disse ela.

Raphael a puxou de volta para baixo e se inclinou para frente para sugar preguiçosamente os seios ainda inchados de sua noite juntos. Ele levantou a cabeça tempo suficiente para dizer: — Você pode sair quando quiser. Tudo vai

bloquear atrás de você. — Então, ele baixou a boca para o peito mais uma vez, empurrando-a de volta para os travesseiros quando sua língua vagou mais abaixo.

— Você vai voltar? — Ele perguntou, seu hálito quente contra a pele úmida do seu ventre.

— Tente... — Ela ofegou quando sua língua passou sobre seu clitóris. Ela engoliu em seco e começou novamente.

— Tente manter-me afastada. — ela conseguiu.

— Não. — Rafael murmurou. — Nada vai me impedir de ter você. Lembre-se, minha Cyn. Nada.

Cyn estremeceu pelo pressentimento súbito e sussurrou uma prece aos ventos para que o destino estivesse ocupado em outros lugares esta manhã.

Capítulo 48

Cyn subiu os degraus da frente para ir ter com Lucia correndo alegremente, mesmo que ela tivesse tido pouco mais de duas horas de sono. Seu corpo estava ferido e dolorido, mas era um tipo bom de dor, o tipo que faz você se sentir energizada... Pelo menos por algumas horas. Em algum momento, ela iria bater de cara com um travesseiro, mas ainda não. Nem sequer um nível de ruído que fazia a parede balançar da gangue de adolescentes usuais vendo televisão e jogando jogos poderiam perturbá-la esta manhã.

Lucia estava ao telefone em seu escritório. Ela deu um aceno silencioso a Cyn e levantou a sobrancelha intencionalmente antes de voltar a qualquer burocracia que ela estivesse discutindo. Cyn recuou pelo corredor até o pé da escada e gritou por Liz. Não seu modo usual de comunicação, mas quando em Roma...?

Ao fundo do corredor, ela ouviu Lucia falando ao telefone com uma maldição, e ela entrou novamente no escritório a tempo de ver sua amiga escrever notas furiosamente, resmungando baixinho sobre os idiotas da respiração oral que dirigiam o governo nestes dias. Lucia virou e olhou para Cyn.

— E você! — Disse ela, continuando a sua diatribe não relacionada. — Eu sei o que você andou fazendo, sua cadela. Olhe para você, toda brilhante e incandescente, com satisfação enquanto estou aqui nas trincheiras lutando contra os idiotas lá do serviço social. Diga-me que não foi o vampiro.

Cyn lhe deu um sorriso largo.

— Oh, Merda, Cyn, por que… — Luci se deteve e olhou atentamente para a amiga.

— Você está feliz. — disse ela, então apertou ainda mais perto. — Não, você está fodidamente apaixonada. — Ela suspirou. — Se você está feliz, eu estou feliz. Mas, querida. — ela colocou a mão no braço de Cyn. — Tenha cuidado.

Cyn lhe deu um abraço espontâneo, algo que ela raramente fazia. Luci riu e disse: — Ok, agora eu sei que você está apaixonada. Mas diga àquele grande sanguessuga que se ele quebrar seu coração novamente, eu estou indo para ele com uma estaca.

Ouviu-se passos descendo as escadas e Liz apareceu na porta. Ela parou quando viu as duas mulheres se abraçando. — O que foi? — Ela disse, soando um pouco preocupada.

— Não é nada. — Luci disse rapidamente, dando a Cyn um olhar de advertência antes que ela pudesse responder com a evidente réplica de mau gosto. Não que ela faria. Honestamente.

— Hey, garota, Feliz Aniversário! — Cyn disse alegremente. — Pronta para o grande dia?

— Dá um tempo, como se eu nunca tivesse dirigido antes. — Liz revirou os olhos com o desgosto intemporal de todos os adolescentes. — Eu preciso dessas lições estúpidas para obter a minha licença, mas não é como se eu já não soubesse dirigir.

— Certo. — Cyn disse, com um sorriso privado para Lucia. — Vamos começar este exercício inútil então. Estaremos de volta em um par de horas. — acrescentou ela em direção da Luci. — Você quer alguma coisa enquanto estou fora?

— Sim, como algumas das coisas que você teve na noite passada. — Luci disse secamente. — Já faz um tempo.

Cyn riu. Liz parecia confusa, mas não queria admitir que se importava com o que elas estavam falando, ela dançou com impaciência. — Então, estamos fazendo isso ou o quê?

— Estamos fazendo isso e estamos indo embora. Me ligue se você pensar em algo, Luce. Qualquer coisa que eu possa lhe trazer, de qualquer maneira. — O riso de Luci seguia pelo corredor e para fora da porta.

A escola de condução era no distrito Leste de LA, uma área de armazéns e indústrias, não muito longe da nova instalação onde Raphael tinha sido tão recentemente encarcerado. Normalmente, o instrutor de condução teria tomado a localização do aluno, mas como a atual residência de Liz era o abrigo de fugitivos, Cyn imaginou que seria melhor ir com ela e usar seu condomínio em Malibu como endereço oficial da Liz. Não que a maioria desses lugares se importava em demasia com sutilezas como uma morada permanente, mas eles deveriam e Cyn provavelmente teria a sorte de conseguir um empregado que tivesse o trabalho de verificar.

Liz tinha obtido uma cópia autenticada de sua certidão de nascimento no Texas antes que ela fugisse de Houston, sabendo que seria necessário quando chegasse a hora de salvaguardar a sua herança de Jabril. Por agora, era a sua única prova de idade e identificação, e para backup, sua "tia" Cynthia estava indo como adulto responsável. De sua parte, tia Cynthia queria salientar que era uma tia muito jovem, mais como uma irmã, realmente.

Estacionar na rua sempre foi problemático nesse bairro, especialmente durante a semana de negócios, então elas entraram em uma garagem a cerca de um quarteirão de distância da escola. Liz estava contando a ela sobre um desentendimento em curso na casa que era de meninos versus meninas e algo a ver com a seleção de filmes. Cyn estava apenas ouvindo, sua atenção em um sedan azul escuro que parecia ter as escolhido quando elas passaram a escola e agora estava seguindo-as na estrutura de estacionamento. Ela não conseguia ver muito detalhe no interior da garagem, mas a própria insipidez do veículo a deixou inquieta. Ela considerou ter uma das guardas de Raphael hoje, mas tinha descartado a idéia quase que imediatamente. Sua Glock estava aninhada sob sua jaqueta, segura em seu usual coldre de ombro. E era dia. O pior que ela teria de lidar era com um bandido contratado por Jabril. Ela podia lidar com isso.

No entanto, quando ela virou-se para fora da rampa e viu o carro sedan passar, continuando para níveis mais elevados, ela deu um suspiro de alívio. Rondando acima e para baixo de alguns corredores, ela finalmente estacionou a Range Rover em uma vaga não muito longe da escada aberta. Uma vez fora do carro, ela fez uma pausa para olhar cuidadosamente em torno da garagem, antes de abrir a porta do passageiro para recuperar sua mochila, dizendo a si mesma que ela era preocupada demais.

A súbita arremetida de movimento a fez virar, metade para dentro do banco de trás, tarde demais para evitar a Taser[12] que foi empurrada contra seu peito. Seus dentes apertaram e ela deu um gemido involuntário quando ela bateu no carro antes de cair desajeitadamente no chão de cimento frio. Ela teve um confuso vislumbre do rosto vermelho e de cabelos brancos do investigador de Jabril, antes que ele emitisse uma segunda onda da Taser e então o som de Liz gritando o seu nome enquanto ela corria ao redor do carro.

Não, ela pensou quando caiu na inconsciência. Não, Liz, corra!

[12] Tipo de arma com fios que se prendem ao suspeito e dão choque.

Capítulo 49

— Meu senhor.

Raphael estava sentado à sua mesa, revendo a proposta de um novo complexo, em Seattle. A população humana havia crescido substancialmente nos últimos cem anos, e seus vampiros em Washington estavam sentindo necessidade de reforçar a segurança. O que tinha sido um refúgio rural com poucos vizinhos era agora um subúrbio movimentado e seu povo estava sugerindo um movimento ainda mais além dos limites da cidade. Ele deu a Duncan um sorriso ausente, se perguntando onde estava Cyn e quão logo ela voltaria. Ela disse algo sobre uma festa de aniversário para a menina Liz, mas ele passou muitas noites sem ela e a queria aqui. Agora.

Ele olhou para cima casualmente e estava abruptamente ciente da expressão solene de seu tenente.

— Duncan?

— Eu recebi um telefonema da amiga de Cynthia, Lucia Shinn. Ela administra o abrigo onde a irmã de Mirabelle, Elizabeth está ficando. Parece que Cynthia e Elizabeth não voltaram de sua excursão à escola de condução esta manhã e a Sra. Shinn não conseguiu alcançá-las, apesar das repetidas tentativas.

Raphael ficou de pé. — Você verificou com Alexandra? Talvez elas estão com Mirabelle. — Ele não acreditava nisso. Se Cyn estivesse na propriedade, ele saberia disso, ele sentiria em seu sangue.

— Sra. Shinn me disse que ela ligou para a mansão de Alexandra imediatamente após o pôr do sol.

Raphael e Duncan compartilharam um olhar. — E ainda assim ninguém da mansão entrou em contato comigo.

— Sra. Shinn ficou preocupada o suficiente para ela ligar-nos diretamente, rastreando o número através de sua frente comercial.

O telefone da casa tocou e Duncan o pegou, ouviu durante alguns minutos e emitiu um conciso comando. Ele desligou e voltou-se para Raphael. — Nossa segurança conectou-se ao GPS no carro de Cynthia há algum tempo atrás. Foi sem o seu conhecimento, mas achei sábio...

Raphael o cortou. — Onde ela está?

— Seu veículo — salientou Duncan — seguiu o padrão esperado nesta manhã, indo primeiro pegar Elizabeth, então para um local próximo à escola de condução, muito provavelmente uma estrutura de estacionamento. Ele ficou lá por um tempo muito breve, uma questão de minutos, tempo suficiente para não ter realizado qualquer tipo de negócio. Desde então, tem estado se movendo firmemente na direção sudeste, permitindo múltiplas paradas para reabastecimento. Está agora ligeiramente a oeste de Tucson, no Arizona.

— Você ligou para seu telefone celular? — Raphael perguntou enquanto caminhava para a porta.

— Nenhuma resposta, mas nós rastreamos o GPS do celular para a estrutura de estacionamento perto da escola de condução, o que sugere que ou o telefone não está com ela ou…

— Ou ela não está se movendo. Mande alguém para lá.

— Já a caminho, meu senhor. Eu devo ter um relatório momentaneamente. — Ele apressou-se para acompanhar Raphael, que estava tomando as escadas, duas de cada vez. Juro se encontrou com eles no fundo e abriu o caminho através da grande porta dupla e para fora na calçada onde dois SUVs estavam esperando, os motores em marcha lenta.

O telefone de Duncan tocou novamente quando se apressavam para baixo na Pacific Coast Highway em direção à Santa Monica, a direção de ambos, o aeroporto e última posição conhecida de Cyn. Raphael estava ciente do toque do telefone e da conversa baixa de Duncan, mas sua mente estava cheia de pensamentos sobre Cyn. Ele tinha inimigos. E Cyn era muito humana, muito vulnerável.

E muito importante para ele, caramba.

Duncan terminou a sua chamada. — O telefone foi encontrado em uma garagem, junto com sua mochila. — ele disse severamente. — Sua última chamada foi para o número dela própria, o de casa logo depois que ela deixou a fazenda esta manhã. Provavelmente verificando as mensagens.

No banco da frente, Juro olhou por cima do ombro e falou sem ser perguntado. — Marcamos um voo para Tucson, meu senhor. — disse ele. — Seu povo em Phoenix irá encontrar-nos no chão.

Capítulo 50

Tudo doía. Cyn tentou se mover para aliviar a pressão em seu braço direito que estava de, alguma forma, torcido e começando a adormecer. Pânico deflagrou quando a memória voltou, mas ela se obrigou a permanecer imóvel e silenciosa.

Ela estava num carro, ou um veículo de algum tipo e estava em movimento. Havia uma fita sobre sua boca, ela podia sentir o puxão do adesivo em seu rosto. Suas mãos e pés estavam atados, provavelmente com o mesmo tipo de fita de sua boca, e suas mãos estavam atrás das costas.

Ela ouviu um suave soluço nas proximidades. Então, não estava sozinha em seu cativeiro. Elizabeth, ela se lembrou, e soube imediatamente quem as tinha, mesmo antes de seu cérebro produzir a última imagem que tinha visto antes de sua perda de consciência. O filho da puta que trabalhava para Jabril. O que significava que estavam voltando para o Texas. Mas quão longe eles tinham ido?

Ela virou-se e lutou para ver algo, qualquer coisa, agradecida que o imbecil não lhe tivesse vendado os olhos. Estava escuro lá fora, totalmente escuro, ainda mais pelos vidros fumês do Range Rover. Range Rover. Elas estavam no porta-malas de seu próprio carro, o que era na verdade uma notícia muito boa. Se ela pudesse se soltar de alguma forma, havia armas escondidas aqui que viriam bem a calhar, até mesmo contra um vampiro.

Especialmente contra um vampiro.

Ela deslizou ao redor com cuidado, recolhendo mais detalhes. Liz estava ao lado dela, igualmente amarrada.

Ela estava olhando silenciosamente para Cyn com olhos que estavam inchados e vermelhos de tanto chorar, então ela provavelmente estava consciente há algum tempo. Esperançosamente, isso significava que a mulher mais jovem não tinha sido atingida com a Taser, ou pelo menos não tanto. Cyn encontrou o olhar da menina com cuidado, certificando-se que ela soubesse que Cyn estava acordada e consciente. O olhar de terror em seu rosto disse que ela entendia tão bem quanto Cyn quem as tinha e o que o futuro lhes reservava se elas não conseguissem escapar.

Cyn sentiu uma onda de raiva por sua situação, mas lutou contra isso, guardando-a para mais tarde. Ela usaria essa raiva, mas ainda não.

Ok, então elas estavam em seu carro e o investigador provavelmente estava conduzindo. Ele tinha estado sozinho quando a atacou — ela sentiu uma renovada onda de raiva pela memória e jurou que lhe pagaria de volta em espécie, se ela alguma vez tivesse a chance. Mas como conseguir essa chance?

A luz ambiente brilhou de repente e Cyn congelou. Eles estavam encostando em uma espécie de parada de caminhões ou posto de gasolina. Ela podia ouvir vozes próximas e o zumbido constante de motores a diesel em marcha lenta à esquerda, enquanto seus motoristas cuidavam de qualquer negócio que os trouxe aqui. A porta da frente do Range Rover foi aberta e as luzes interiores acenderam brevemente, antes de ela ouvir uma maldição murmurada e as luzes serem desligadas. A porta do carro bateu.

Silêncio e depois a batida de um bico sendo introduzido no tanque de combustível logo atrás de Cyn, onde ela estava contra a parede lateral do porta-malas. Ela cheirou os gases e ouviu o gorgolejar da gasolina quando o investigador de Jabril encheu o tanque. Isto durou tempo suficiente para que ela soubesse que o tanque tinha estado quase vazio. Ela tinha abastecido o carro no caminho para Luci, mas o motor V8 era um inferno no gás, então eles viajaram menos de 200 milhas desde o seqüestro. A menos que esta não tenha sido a primeira parada para combustível. Liz poderia saber sobre isso, mas ela estava tão muda quanto Cyn no momento.

A tampa do tanque foi fechada e depois mais silêncio até que o carro mudou com o peso de alguém subindo de volta para o banco do motorista. Cyn começou a fazer barulho, chutando a lateral do compartimento, gritando sem palavras por baixo da fita.

— Cale-se senão lhe darei outro choque — uma voz de homem rosnou.

Cyn respondeu fazendo mais barulho que nunca, sabendo que ele poderia não só ouvi-la, mas que o irritava — esperançosamente o suficiente para fazer algo sobre isso.

O motor ligou e o carro começou a se mover. O coração de Cyn afundou e ela pensou que tinha falhado, mas não desistiu, gritando ainda mais alto, batendo seus pés enfaixados contra a porta e os lados do SUV. Liz juntou-se à ela, seja porque imaginou que Cyn tinha um plano ou apenas porque ela estava assustada e chateada. Cyn aplaudiu-a silenciosamente, quanto mais barulho melhor.

— Maldição! — O motorista jurou. O carro desviou, viajou uma distância curta e parou com o motor em funcionamento. Estava mais escuro aqui, e Cyn sabia que seu captor tinha se afastado de qualquer área pública que eles tenham estado antes. A escotilha se abriu de repente e o rosto corado e com

raiva do investigador apareceu. O olhar de Cyn foi imediatamente para a Taser em sua mão direita.

— Você cala a boca, cadela — disse ele a Cyn, claramente vendo-a como a instigadora. — Eu só preciso de você viva, não funcionando, você entendeu? Eu lhe darei um choque que fará um idiota babando parecer Einstein comparado com você.

Cyn olhou para ele, mas continuou fazendo barulho, pedindo agora. O homem franziu a testa, em seguida virou-se para Liz e rasgou a fita de seu rosto. — Qual é o problema, mocinha? — Ele perguntou.

Liz gritou quando ele rasgou a pele junto com a fita, e levou vários minutos enquanto ela se esforçava para controlar seu choro o suficiente para falar.

— Foda-se — o investigador rosnou e moveu-se para fechar a escotilha, mas Liz levantou-se ligeiramente e gritou impedindo-o.

— Por favor — ela soluçou. — Por favor, senhor. Temos que... — Ela corou furiosamente, engoliu em seco e sussurrou. — Temos de fazer xixi.

Boa menina, Cyn pensou. Esta era a Liz que tinha engenhado sua própria fuga do Texas.

— Merda. Porra de mulheres, têm as bexigas como ervilhas. Caramba. Eu deveria deixá-las mijarem nas calças, mas então eu tinha que sentir o cheiro até ao Novo México.

Novo México. Cyn pensou furiosamente. Ele as estava levando para o Novo México, o que significava território de Jabril. Quão mais longe?

— Tudo bem. Tudo bem — ele murmurou para si mesmo e olhou para as duas mulheres. — Vocês podem ir uma de cada vez. E não façam nada engraçado ou a outra paga, entenderam? As mãos vão ficar amarradas, então é melhor esperar...

— Por favor — Liz choramingou. — Eu não vou ser capaz de chegar as minhas calças para baixo. — Seus olhos se arregalaram e ela olhou para ele com horror. — Oh Deus — ela sussurrou e começou a chorar ainda mais.

— Foda-se, o que você acha que eu sou? Algum tipo de pervertido? Olha, cala a boca, as mãos ficam amarradas, mas eu vou mudá-las para frente e você se considere sortuda por eu não suportar o cheiro de mijo. Você também, garota durona — ele zombou de Cyn. — É melhor você pensar um pouco nesse docinho aqui antes de tentar qualquer coisa.

Cyn acenou com a cabeça.

Ele dirigiu o caminhão por outra curta distância, estacionou e deu a volta para abrir a escotilha novamente. Ele libertou Liz primeiro, cortando a fita das mãos dela enquanto seus pés ainda estivessem ligados, não fazendo nenhum esforço para ser gentil quando rolou rapidamente suas mãos para frente. Então, ele cortou a fita dos pés com a mesma faca e puxou-a da parte traseira do caminhão. — Vá em frente. Você tem cinco minutos.

— Cinco minutos, mas eu nem...

— Cinco minutos, mocinha. Pegar ou largar.

Liz pegou. A escotilha desceu e Cyn ficou imóvel, ouvindo os passos arenosos do investigador no lado de fora. Ele parou e o carro balançou um pouco sob o seu peso quando ele se inclinou contra a lateral, perto da frente. Cyn levantou a cabeça cautelosamente e deu uma olhada rápida ao redor. Eles estavam estacionados em frente a um banheiro de tijolo, do tipo visto em praias públicas e ao longo das estradas por todo o oeste americano. A uma curta distância, ela ainda podia ver as luzes da parada de caminhões, podia ouvir o barulho de freios e as chamadas dos motoristas — tentadoramente perto, mas demasiado longe para fazer algo bom.

Ela mergulhou de volta para baixo das janelas e tentou chegar a um plano. Com as mãos amarradas na frente, teria muito mais opções, mas ela não queria correr o risco dele ferir Liz ou, até mesmo, matar e deixar à beira da estrada a ela mesma. Liz tinha que ser a prioridade máxima de Jabril, mas ele queria Cyn como vingança, não só contra ela, mas contra Raphael. Ela estremeceu com a idéia do que o lorde vampiro do Texas faria se ele colocasse as mãos sobre ela. Mirabelle tinha sido bastante eloqüente em suas descrições do abuso de Jabril sobre seus escravos de sangue.

Pensar em Mirabelle a fez perceber que alguém deveria ter sentido falta delas por essa altura.

Luci teria ligado quando elas não voltaram para a festa de aniversário. Iria Raphael pensar que ela tinha fugido dele novamente? Não. Mesmo se ele achasse que ela tinha fugido, não fazia sentido levar Liz com ela. Ele saberia que algo estava errado e ele saberia que Jabril estava envolvido.

Mas será que ele a encontraria a tempo? Tinham passado horas desde que tinham sido raptadas, horas cheias de luz natural e de sol que deram ao seu captor uma vantagem considerável.

A escotilha abriu sem aviso para revelar Liz, fita mais uma vez lhe silenciando a boca, as mãos amarradas na frente.

— Certo, cadela, sua vez — o homem rosnou. Agarrou Cyn pelos cabelos e puxou-a para fora do carro, deixando-a cair. Ela rachou seu cotovelo duro no

asfalto e deixou-o ouvir seu grito de dor. Quanto mais assustada e indefesa ele pensasse que ela estava, melhor. Ele agachou-se ao lado dela, um joelho esmagando seu quadril, segurando-a no lugar enquanto ele libertava as mãos de trás, em seguida, virando-as e amarrando-as na frente. De pé, ele se inclinou para cortar a fita em torno de seus tornozelos e puxou aos seus pés.

Cyn tropeçou nas pernas dormentes e fracas da combinação do choque e das horas de imobilidade, mas ela teve o cuidado de manter seus olhos baixos para que ele não visse a sua raiva.

— Vai. — disse ele, empurrando-a. — E não se esqueça que eu tenho sua amiguinha aqui.

Cyn começou a caminhar, lentamente no início. Ela ouviu um barulho como um rasgar atrás dela, e se virou para ver o investigador amarando os tornozelos de Liz novamente. Sua mente correu, seguiu para o banheiro público na esperança de haver algo dentro que ela pudesse usar como arma.

A entrada era um buraco escuro, sem portas, iluminado apenas por uma única lâmpada amarela atrás de uma rachada tampa de plástico. Ela tropeçou na calçada desigual, caindo na parede da entrada do bloco. Ela se inclinou ali por um momento, deixando seu captor ver sua fraqueza, usando o tempo para pensar. Quando ela pensou que tinha atrasado o máximo que podia, ela endireitou-se e entrou.

Era tão escuro no banheiro que ela teria usado uma lanterna sob condições normais. Felizmente, ela não tinha realmente necessidade de utilizar as instalações. Independentemente do que aquele idiota pensasse, em sua experiência, as mulheres poderiam segurar muito melhor do que os homens.

Elas tinham mais prática esperando em longas filas.

Ela usou seu tempo para procurar no banheiro mofado, apertando os olhos no escuro, tentando encontrar algo para usar como uma arma, ou apenas uma borda afiada. Isso era tudo que ela precisava. Algo para cortar a fita. Windle a tinha despojado do coldre de ombro, mas ela continuava com uma abundância de armas no carro e ela supunha que o Sr. Super Investigador ou não tinha tido tempo ou não tinha pensado em procurar, já que a tampa do compartimento lateral havia estado intacta. Se ela estivesse certa, era um descuido que ela pretendia usar contra ele. E se ela estivesse errada? Bem, era melhor estar certa.

Grandes palavras, Cyn. Como você vai fazer isso? Pense, pense, pense. Ela caiu no chão úmido, seus músculos ainda fracos e tremendo de seu calvário.

— Vamos embora, cadela! — Seu sequestrador gritou do lado de fora, claramente não se importando se alguém ouvisse.

Cyn esfregou os olhos cansados e torceu o pé embaixo dela para se levantar. O calcanhar da bota pegou na bainha da calça jeans e ela puxou impacientemente, xingando quando a borda de metal decorativo do calcanhar prendeu no seu jeans. Ela congelou, olhando para suas botas favoritas, em seus enfeites de metal elaborados no calcanhar. Um dos quais, ela viu agora, estava solto o suficiente para ser arrancado da bainha. Poderia funcionar, mas ela precisava de algum tempo... E suas mãos teriam de permanecer presas na frente dela.

Cyn voltou lá para fora, fazendo o seu melhor para parecer exausta e abatida. Deixou-se cair duas vezes no caminho de volta para o Land Rover, deitando-se no chão pela segunda vez até que o homem veio e a arrastou até seus pés. Mesmo assim, ela deixou-se cair frouxamente em suas mãos, fazendo com que ele praticamente a carregasse para o grande SUV.

— Não é tão dura, afinal, é, cadela? — Ele regozijou-se. Quando chegaram ao carro, ele levantou a tampa e jogou-a na traseira. Ela gemeu impotente e começou a chorar, deixando seus ombros tremerem visivelmente com os soluços de desespero quando ele amarou seus pés novamente.

— Inútil. — O investigador murmurou com nojo. Bateu a escotilha fechada e logo estava de volta ao assento do motorista, acelerando para fora do estacionamento, pneus girando no asfalto sujo.

Na bagageira, os soluços da Cyn silenciaram e ela sorriu. — Apanhei-te, desgraçado. — ela sussurrou ferozmente.

Capítulo 51

Raphael olhou pela janela do jato quando o elegante Gulfstream[13] abandonou o céu noturno sobre Tucson. Ele estava fervendo por dentro, querendo nada mais do que um inimigo à mão, o sangue de alguém para saciar a sua fúria. Ele pensou em Jabril Karim, sobre quão cuidadosamente o Lorde Vampiro do Sul manipulou os políticos locais, lhes aplicando dinheiro e presentes e mostrando-se como o bom cidadão para o mundo. E ao mesmo tempo o seu domínio privado era como uma cena saída de algum jogo arcaico.

Jabril poderia facilmente ter pegado para si o dinheiro que ele tentou roubar de Mirabelle e sua irmã. Sua família era bem relacionada em seu país de origem, mesmo agora, com contatos e oportunidades de investimentos o suficiente para fazer dele um homem rico. Mas em vez disso, ele decidiu jogar o príncipe ocioso, roubando o que ele queria, deixando seus lacaios pagarem o preço de seus excessos.

Duncan murmurava atrás dele. Seu tenente havia estado ao telefone quase que constantemente, permanecendo em contato com os seus seguranças que estavam em Malibu. Eles ainda estavam rastreando o SUV de Cyn, observando como ele se dirigia continuamente em direção ao território de Jabril. Jabril provavelmente se achava inteligente por ter obtido um humano para seqüestrar as duas mulheres à luz do dia. Isso deu ao seqüestrador várias horas de vantagem, enquanto os vampiros dormiam e sem dúvida Jabril assumiu que Raphael não teria nenhuma maneira de traçar o seu paradeiro, em qualquer caso.

Ironicamente, se o outro lorde vampiro tivesse tomado somente Elizabeth, poderia ter funcionado.

Raphael não teria nenhuma maneira de seguir o agente humano de Jabril e ainda menos motivação para tentar um resgate. Mas Jabril tinha tomado Cyn. Cyn pertencia a Raphael. Iria ser um grande prazer educar Jabril nas maravilhas da tecnologia moderna.

Duncan se inclinou para frente. — Eles continuam na Interstate 10, meu senhor, mas o nosso povo me disse que o veículo entrará em uma zona de recepção questionável em pouco tempo.

[13] Marca de jato.

— O que isso significa, Duncan?

— Nosso programa de monitoramento baseia-se na rede sem fio para comunicação, como um telefone celular. O satélite continuará a rastrear o veículo, mas não terá nenhuma maneira de atualizar nosso sistema, para nos informar sobre a atual localização, até que ele recupere a cobertura sem fio. Deve ser por pouco tempo, e em qualquer caso, acredito que o destino é claro. Ele está seguindo uma linha direta para o Novo México, visando o território de Jabril.

— Isso não vai salvá-lo. — Raphael rosnou. Jabril claramente assumiu que Raphael não estaria disposto a persegui-lo através dos limites territoriais, o que envolveria o Conselho Vampiro na disputa. Jabril era um tolo.

O jato particular deu uma parada e Raphael esperou impacientemente uma de suas pessoas abrir a escotilha. Ele teria saído do avião imediatamente, mas Juro se meteu à sua frente e desceu a curta escada sozinho enquanto seu irmão eficazmente bloqueava a saída.

Raphael fez uma careta e estava prestes a remover este obstáculo para sua saída quando o guarda-costas abruptamente desocupou a escotilha, tomando as escadas até ao chão em um único salto.

Havia três enormes SUVs em marcha lenta na pista, o seu acabamento preto e janelas escuras metalizadas brilhavam com as luzes do avião. Seis vampiros de seu ninho em Phoenix estavam esperando por ele quando pisou na pista, incluindo um motorista que permaneceu em cada veículo. Uma vampira deu um passo adiante, indo a um joelho.

— Mestre.

— Levante, Winona. — Ele disse à líder do ninho. — Nós não temos tempo para isso. Duncan tem informado você?

Winona levantou graciosamente, girando para andar ao lado de Raphael em direção aos veículos. — Ele tem, meu senhor e nós temos mantido contato direto com a sua base de segurança também. Conheço a área para onde o veículo está se dirigido. Há talvez 50 milhas de ponto cego na cobertura sem fio, não mais, mas estão se aproximando da fronteira do Estado.

— Eu entendo. Me coloquem perto o suficiente e isso não importará. — Raphael já estava sentindo o zumbido fraco em seu sangue que dizia que Cyn estava próxima. Quanto mais se aproximasse mais forte seria.

— Como você diz, meu senhor. — Winona sinalizou para seu povo em espera e todos se empilharam nos veículos. Juro colocou Raphael no segundo dos três SUVs, em seguida, empurrou sua massa no banco da frente, enquanto

Duncan manobrou para a terceira fila, deixando o assento do meio para Raphael e Winona.

Em alguns momentos, eles estavam acelerando para fora do aeroporto, as luzes rotativas nos telhados dos carros marcando-os como veículos oficiais e facilitando o seu caminho através do tráfego à noite.

Era tudo muito legítimo; Jabril não era o único vampiro que mantinha relações cordiais com as autoridades locais. Mas, finalmente, as luzes rodando já não eram necessárias uma vez que deixaram a cidade para trás e se dirigiam para a escuridão impenetrável do deserto do Arizona.

Capítulo 52

Elizabeth há muito havia desmaiado de exaustão, mas Cyn continuou a trabalhar obstinadamente na fita que ligava seus pulsos juntos. Seus braços doíam, os dedos dormentes e os pulsos sangrando em numerosos cortes enquanto ela se debatia para cortar a fita usando apenas a borda irregular do calcanhar de sua bota. Mesmo com suas mãos em frente dela, era difícil. A bagageira estava cheia com ambas deitadas ligadas e ela tinha que ter cuidado para não chamar a atenção de seu captor com movimentos demais. Ela fez uma pausa para descansar seus trêmulos músculos do braço e deitou sua cabeça no tapete, querendo nada mais do que fechar os olhos e cair no sono, mesmo que apenas por um curto período de tempo.

Ela sacudiu acordada quando um telefone celular tocou nas proximidades. Seu primeiro pensamento foi que era o seu próprio telefone e ela se perguntou onde ele estava. Certamente Luci ou Raphael teriam tentado chamar quando não conseguiram encontrá-la. O telefone tocou novamente, mas não era dela. O investigador de Jabril xingou, e depois respondeu com um ríspido — Olá. — Cyn esticou-se para ouvir a conversa unilateral.

— Sim, senhor. Eu tenho as duas.

— Eu não estou feliz com isso. Aquele grande desgraçado deve estar vindo atrás de mim. O sol se pôs horas atrás. Sim? Bem, tente você colocar duas mulheres inconscientes em um avião sem que ninguém faça perguntas. Além disso, eu acho que levando o carro da cadela me comprou algumas horas.

— Ninguém está nos seguindo, isso eu posso dizer, não que eu saberia se... Sim senhor, ainda na interestadual, talvez 60 milhas da fronteira do Novo México. Sim, senhor, o que você quiser. Quanto mais cedo eu entregar essas duas a você, mais feliz estarei.

Cyn podia ouvir ruídos de sinal sonoro fraco quando ele ingressou alguma coisa no painel do seu sistema de navegação — Eu tenho isso. Você tem certeza... Sim, senhor. Como você diz, é seu dinheiro. Eu estarei lá em menos... Fodido telefone celular. — Cyn ouviu um baque quando algo bateu no assento de carro, então — Vampiro idiota. Se ele ia me encontrar, por que eu tive que dirigir até aqui em primeiro lugar?

Todos os pensamentos de descansar fugiram quando Cyn percebeu que seu tempo tinha se esgotado. Ela se encolheu até onde pôde e começou a

esfregar as mãos atadas contra a placa de metal minúscula, os dedos e punhos sangrando estavam esquecidos. Ela tinha menos de 60 milhas para se soltar ou ela estaria se preocupando com muito mais do que alguns cortes rasos.

Capítulo 53

No interior escuro da limusine, Jabril deu a Asim um olhar interrogativo.

— Windle vai alcançar a fronteira um pouco antes de nós, menos de uma hora agora. — Asim se deslocou com nervosismo. — Meu Senhor, eu estou desconfortável com a idéia de cruzar a fronteira. É desnecessário e provocativo. Você poderia deixar seus guardas irem ao encontro com o investigador em vez disso e trazerem as prisioneiras para você aqui em seu próprio território. — Ele fez um gesto para o deserto vazio em torno deles.

— Quem é que você teme, Asim? O ser humano? — Jabril zombou. — Você é uma mulher velha, às vezes. Talvez eu devesse ter trazido Calixto em vez de você, afinal de contas. Ele, pelo menos, não estaria se preocupando com os perigos invisíveis. Não, Asim. Em breve, Raphael vai ser humilhado e Elizabeth vai ser minha. Permita-me aproveitar o momento.

Tendo pouca escolha no assunto, Asim concordou com um afiado aceno de cabeça. — Sua vontade, meu senhor.

— Sim, Asim. Sempre.

Capítulo 54

O Range Rover havia se retirado da rodovia há algum tempo, deixando a estrada para trás e colidindo através do deserto. Seu movimento finalmente parou e Cyn ouviu o investigador resmungando enquanto descia do assento do motorista. Ela ousou uma espiada pela janela.

Eles estavam estacionados no meio do nada, as luzes de uma pequena cidade visíveis ao longe.

Os faróis de halogênio do seu carro formavam um retângulo de luz próximo ao chão, tornando mais difícil de ver qualquer coisa além do seu brilho. O homem de cabelos brancos estava parado ao lado do carro, esfregando suas costas. Aparentemente, a longa viagem tinha tomado um preço sobre ele fisicamente.

— Experimente vir aqui atrás, seu merda. — ela rosnou.

Ela mergulhou novamente embaixo da parte traseira do assento. A fita em suas mãos e boca se foi, mas seus pés ainda estavam ligados, os dedos muito escorregadios com sangue e desajeitados com fadiga para obter o controle sobre as múltiplas camadas de fita. Assim, ao inferno com seus pés, ela não precisava de seus pés para disparar uma arma e Jabril poderia estar aqui a qualquer momento.

— Elizabeth, — ela disse baixinho, sacudindo a mulher mais jovem. — Acorde, querida. Eu preciso que você se mova.

Elizabeth acordou com um sobressalto, seus olhos se alargando com confusão. — O quê? Hein? — Ela se esforçou para sentar-se, e Cyn viu o conhecimento de onde estavam piscar em seu rosto antes dela cair de costas no chão com um gemido.

Cyn concordou com o sentimento. — Isso resume tudo. — Disse ela rapidamente. Sem tempo a perder, ela agarrou os braços de Liz com ambas as mãos e pediu para ela se afastar do compartimento do lado onde suas armas estavam guardadas.

— Suas mãos! — Liz sussurrou em choque. — Como... Poderá libertar-me também? — Ela estendeu as mãos ansiosamente, franzindo a testa quando viu sangue escorrendo dos dedos de Cyn. — O que aconteceu? Oh meu Deus...

— Não se preocupe com isso, temos problemas maiores. Troque de lugar comigo.

Cyn olhou para cima novamente quando elas manobraram em torno de si, sentindo o carro mexer ligeiramente com o movimento, mas o seu captor tinha andado para longe e fitava a distância.

— Eu tenho um mau pressentimento sobre isso. — Ela murmurou, arranhando as bordas do compartimento lateral. Ele finalmente se soltou e ela empurrou-o de lado, dando um suspiro de alívio quando viu que tudo continuava lá e alcançou imediatamente a faca dobrável na parede do compartimento. Ela cortou a fita que ligava seus próprios pés primeiro e depois libertou as mãos de Liz com um golpe rápido entregando-lhe a faca. — Faça em seus pés. — disse secamente.

Ela pegou uma mala de lona preta, descompactando-a para revelar duas pistolas Sig Sauer.

Ela pegou uma de cada vez, fez uma rápida verificação de segurança em cada e pegou uma caixa de munições 147 Hydra-Shok. Esta era a sua carga para matar vampiros, fazia um buraco arrumado ao entrar, mas uma confusão realmente grande ao sair. Ela supunha que até mesmo um vampiro não conseguia ficar de pé tendo seu cérebro espalhado em pedaços minúsculos. Quanto mais não fosse para colocá-lo no chão tempo o suficiente para que ela o estacasse. Ela fechou o compartimento da primeira arma com eficiência praticada e pegou a segunda.

— Ok, estamos num mundo de merda aqui, Liz. — Disse ela, falando rápido e baixo. — Mas não vamos descer ainda. Alguma vez você já disparou uma arma?

Ela olhou para cima e viu medo total no rosto da adolescente. Cyn parou o que estava fazendo, colocou a arma para baixo e respirou fundo. Pânico mataria as duas. — Ouça-me, Liz. — disse ela lentamente. — Raphael está a caminho. Eu posso senti-lo na minha cabeça, mas não sei o quão longe ele está ou quanto tempo ele vai levar para chegar aqui. De qualquer maneira, não podemos nos dar ao luxo de sentar e esperar, então eu preciso de sua ajuda. — Ela tomou as mãos trêmulas da menina em seus dedos ensangüentados. — Você pode fazer isso? Você foi forte o suficiente para fugir uma vez, você pode fazê-lo novamente?

Grandes lágrimas começaram a rolar pelo rosto de Liz e a mente de Cyn já estava executando planos alternativos quando a menina de repente devolveu o aperto de Cyn. — Prefiro morrer a voltar para lá. — ela sussurrou. — Diga-me o que eu preciso fazer.

— Boa menina. — Cyn respirou. — Okay. Alguma vez você já disparou uma arma? — Ela repetiu. Liz balançou a cabeça em silêncio. Talvez fosse melhor se ambas pudessem atirar, mas a verdade era que um tiro reto de uma 9mm não ia fazer nada para um vampiro e Cyn não tinha intenção de entregar uma carga de sua munição "especial" para uma novata. Seria muito fácil as pessoas erradas, como Cyn ou Liz mesma, acabarem mortas.

— Tudo bem. Não podemos vencê-los em uma briga de qualquer maneira. Eles são muito rápidos e muito fortes, por isso precisamos ser mais espertas. Quero que você lute. Grite, chute, morda, eu não me importo o que você faz, mas não vá facilmente. Jabril quer você viva, mas ele é um merda doente, então ele provavelmente vai morder você só para te ensinar uma lição. — Cyn não tornou bonita a possibilidade. Ela queria Liz com raiva e pronta para lutar, não histérica porque o vampiro mau e grande tinha chupado um pouco de sangue, ou mesmo um monte de sangue. — Lembre-se disso, Liz. Pode doer como o inferno, mas não vai matá-la e não vai torná-la uma vampira. É preciso muito mais que uma mordida para fazer isso.

Cyn abaixou-se quando a escuridão foi subitamente abafada por um banho de luz. Espiando por cima do assento, ela viu três carros passarem o seu e darem uma parada que produziu poeira em um bruto semicírculo de frente para a traseira do veículo. Um desses carros era uma longa e agradável limusine e Cyn tinha uma boa idéia de quem estava sentado na parte de trás do assento. O aparecimento do guarda-costas de Jabril confirmou sua suspeita e ela deu ao destino um aceno de agradecimento pelo gigante Calixto não estar entre os seguranças que viajaram com o lorde vampiro. Os vampiros saltaram dos sedans e assumiram posições ao redor da limo quando o investigador de cabelos brancos se aproximou para cumprimentar seu empregador.

Cyn assistiu tempo suficiente para ver Asim emergir, carregando uma pasta preta, depois disso ela caiu de volta no piso de seu compartimento e enviou um apelo silencioso para Raphael se apressar. — É Jabril. — disse ela a Liz, lutando para manter a voz firme. — Asim está com ele e um monte de outros. Você está pronta para isso?

— Não. — A voz de Liz estava tremendo e ela deu risada desesperada. — Eu tenho uma escolha?

— Bom ponto. — Cyn sussurrou quando ouviu passos esmagando mais perto.

A escotilha balançou para cima. — Vosso transporte aguarda, senhoras, — o homem disse com uma voz que fez o estômago de Cyn virar. Jabril deve estar pagando a esse imbecil um monte de dinheiro.

O homem agarrou Liz em primeiro lugar, empurrando-a para fora do carro. Sua boca se abriu quando viu a fita cortada e Cyn rolou de joelhos, preparada para tirar proveito de sua surpresa.

Mas Asim saltou para frente e capturou-a com aquela estranha agilidade de vampiro, tomando a arma da mão dela tão facilmente como se ela fosse uma criança. O investigador grunhiu um envergonhado agradecimento de ajuda para Asim, e olhou para Cyn antes de colocar Elizabeth em posição vertical para enfrentar a limo quando Jabril emergiu de suas profundezas.

— Não faça isso. — Liz pediu, torcendo-se nos braços do investigador. — Você não sabe o que ele é, o que ele vai fazer comigo? — Ela estava fazendo o seu melhor para tornar difícil para ele se agarrar a ela.

Não havia necessidade de fingir o terror em sua voz. — A lei diz que ele é seu dono, mocinha.

— Não! Não mais. Eu tenho dezoito anos. Hoje é meu aniversário. Por favor! Por favor, deixe-me ir. Ele vai me matar.

— Bem, agora, como eu sei que você está dizendo a verdade, hein? Considerando que o Sr. Jabril Karim lá, me deu 50 mil razões para acreditar nele.

— Seu filho da puta. — gritou Liz. — Me deixe ir! — Ela estava sacudindo os braços, chutando-o, até mesmo quebrando a cabeça para frente em uma cabeçada que falhou. O investigador esforçou-se para agarrá-la e ela o mordeu, afundando seus dentes duro o suficiente para tirar sangue.

— Maldita! — Ele jurou. Ele ergueu a mão para bater nela, mas Jabril interceptou-o com um gesto casual, bloqueando o grosso punho do homem em uma mão delicada.

— Isso não será necessário. — Ele segurou o queixo de Liz com uma mão, virando-a suavemente para olhá-lo. Ele sorriu.

Cyn assistiu impotente enquanto Liz sucumbia ao poder de Jabril, e se perguntou por que ela pensou que elas seriam capazes de resistir-lhe. O lorde vampiro falou suavemente e Liz se inclinou para ele, esfregando-se contra ele como um gato. Jabril abraçou-a em uma paródia obscena de afeto e sentou no chão, segurando-a sem esforço em seu colo, enquanto as presas dele deslizavam para fora e ele baixava a boca para seu pescoço. Cyn se virou, incapaz de assistir, mas Asim forçou sua cabeça naquela direção, segurando-a com uma força inesperada.

Seus olhos se fecharam contra a visão e Asim riu.

— Você pensou resistir a nós, Cynthia? — Ele sussurrou em seu ouvido. Ele apertou ainda mais, uma mão deslizou sobre seus seios e para baixo de seu abdômen sugestivamente. Cyn não se preocupou em esconder o arrepio de repulsa, a voz de Asim endureceu com raiva. — Diga-me. — ele disse,

apertando-a ligeiramente. — Você pensou que sua arma insignificante poderia prejudicar o meu mestre?

— Com respeito, senhor. — o investigador falou por trás deles, donde estava vasculhando o esconderijo de armas de Cyn. — Essa arma embala uma carga muito pesada. A cadela sabe o que está fazendo.

— Sério? — Asim ronronou. Ele sacudiu a cabeça para o investigador. — Você aí. Auxilie o Senhor Jabril Karim. Quando ele terminar com a menina, você pode colocá-la na limusine.

Cyn pensou no início que o homem recusaria, mas depois ele deixou cair a caixa de munição e tomou vários passos para mais perto de Jabril, murmurando, — ...não um servo de merda. — Cyn olhou para suas costas. Ela não precisava ver o que Jabril estava fazendo com Liz. Ela podia ouvir os sons de sua alimentação perfeitamente bem.

— É verdade o que ele disse? — Asim murmurou em seu ouvido. — Você pode matar meu mestre com essa arma?

Cyn lutou contra o impulso instintivo de se afastar da sua respiração sibilante. — Provavelmente. O suficiente para estacá-lo de qualquer maneira. Eu estava ansiosa por isso.

Asim ficou em silêncio pelo tempo de duas respirações. — Então, faça. — disse ele em voz tão baixa que as palavras eram pouco mais que ar.

Cyn congelou, atordoada e suspeita. Ela poderia confiar no vampiro? Por que ele faria isso?

Por outro lado, que escolha ela tinha?

— Por que você não faz isso? — Ela respirou.

— Eu não posso. — disse Asim com simples honestidade. — Ele é meu pai, meu mestre de vários séculos. — Sua voz cresceu mais suave, mais persuasiva. — Mas você pode, Cynthia. — Ele fez um gesto com um ombro para onde Liz estava enquanto Jabril lambia o sangue de seu pescoço como um gato exigente. — Não vale a pena dar uma chance? O que você tem a perder?

De fato, Cyn pensou. Ela abriu a boca para concordar, mas então se lembrou de algo que Raphael tinha lhe dito sobre a morte de sua Senhora. — O que acontece quando ele morre? E os outros? — Ela assentiu com a cabeça para os lacaios de Jabril que se concentraram com uma fome singular no que seu mestre estava fazendo.

— Eles são fracos. Vou lidar com eles.

— Lidar como? — Visões de Asim jogando a ela e a Liz aos lobos passou vividamente em sua mente.

Asim riu novamente. — Tão desconfiada. Não somos aliados? — Ele passou um dedo fino pelo seu rosto. — Eu não desperdiçaria tal beleza nos gostos deles. Não, eu tenho um outro sacrifício em mente. — Ele olhou de volta para o investigador.

Cyn sentiu repulsa por sua casual crueldade, mas se era uma escolha entre ela e Liz ou o homem que as tinha entregado aos vampiros...

— O que acontece com Liz?

— Ela vem comigo.

— Não.

— Sim. — sua voz endureceu. — Elizabeth continua comigo e você vai embora livre. Essa é a minha oferta. Fique tranqüila, vou tratá-la muito melhor do que Jabril tratou Mirabelle.

— Eu quero Liz segura.

— Tal como eu. O tempo está se esgotando, Cynthia. Ele vai terminar em breve e sua única chance será enquanto ele está distraído com a alimentação. Será que temos um acordo?

Cyn respirou, engasgada com sua palavra seguinte. — Sim.

A arma cutucou em sua mão e ela tomou-a, correndo os dedos sobre a superfície, verificando a sua prontidão. As mãos de Asim caíram dela e ela sacudiu rapidamente para longe dele, para sua diversão. Ela esperou até que a boca de Jabril se levantasse para longe de pele pálida de Liz, observou quando ele jogou a cabeça para trás para saborear o sangue escorrendo pela sua garganta.

Em um único, suave movimento, ela levantou a arma, mirou cuidadosamente e disparou. Seu dedo apertou o gatilho duas vezes em rápida sucessão.

Os olhos de Jabril brilharam abertos nos segundos finais, mais irritado do que assustado, mas era tarde demais até mesmo para um lorde vampiro. Dois buracos perfeitamente redondos apareceram acima da ponte de seu nariz, se enchendo rapidamente com sangue enquanto o resto de sua cabeça explodia. Ele caiu para trás, impulsionado pela força da explosão, Liz rolando dos braços sem vida dele.

Os seguranças de Jabril congelaram tempo suficiente para Asim, em uma explosão de velocidade de vampiro, pegar Liz e jogá-la no carro. Cyn fez um movimento abortado na direção do investigador, mas Asim tombou-a em cima de Liz e empurrou a homem desnorteado em direção ao Jabril morto com o mesmo movimento. Cyn tentou gritar um aviso, mas teve de se afastar quando Asim fechou a escotilha.

Ela escalou de volta para a janela a tempo de ver vários dos vampiros de Jabril colapsarem em seus joelhos, os seus rostos contorcidos de dor e tristeza. Os outros permaneceram em pé, mas mal.

Balançando de um lado para outro, olhos vazios e fixos, seus músculos tensos e veias salientes como se estivessem sob alguma tensão terrível. De repente, um deles jogou a cabeça para trás e uivou, com as mãos rasgando seu próprio cabelo, arrancando grandes pedaços sangrentos do couro cabeludo junto com ele.

Como se isso fosse algum tipo de sinal, os outros responderam batendo na sua própria carne, virando as faces para o céu noturno em uma horrível cacofonia de luto.

O primeiro virou-se abruptamente, seu próprio sangue escorrendo pelo rosto e mãos, a cabeça girando lentamente da esquerda para a direita enquanto examinava a área, olhos piscando amarelo com fúria quando viu o homem aterrorizado saindo lentamente para fora do círculo de carros. A boca do vampiro abriu em um sorriso cruel, suas presas reluzindo brancas e afiadas. Ele uivou novamente, mas já não em sofrimento. Os vampiros enlouquecidos viraram como um só.

E Cyn gritou.

Capítulo 55

Eles aceleraram durante a noite em silêncio, o único barulho era do assobio de pneus no asfalto. Sem outros carros na estrada, os motoristas vampiros tinham desligado os faróis, vendo melhor com apenas o luar para guiá-los. Os pensamentos de Raphael estavam na estrada à frente, onde ele podia sentir Cyn cada vez mais frenética a cada milha mais perto da fronteira. Certamente ela sabia para onde estava sendo levada e o que a esperava lá. Seu povo tinha perdido todo o contato com o mundo externo algumas milhas atrás, na entrada da zona morta de wireless. Ele achou estranho que tal coisa ainda podia existir em um mundo onde cada pessoa parecia possuir um telefone celular. Ele ouviu a maldição de Duncan sob sua respiração enquanto tentava mais uma vez estabelecer contato.

— Não importa, Duncan. — disse ele em voz baixa. — Ela está muito próxima.

— Meu senhor... — Winona começou, mas Raphael a interrompeu com uma acentuada inspiração de ar. Ele endureceu de forma abrupta, seu olhar treinado para frente, os olhos brilhando em prata fundida quando ele estendeu a mão instintivamente para proteger seu povo contra uma súbita onda de poder desenfreado.

— Jabril. — ele rosnou.

Os olhos de Winona estavam arregalados com confusão, mas Duncan compreendeu. — Ele está morto?

Duncan assentiu em descrença.

— Ele estará em breve. — disse Raphael distraidamente, esforçando-se para encontrar Cyn em meio à tempestade da morte de Jabril. Sua cabeça ergueu quando o grito de terror de Cyn de repente perfurou o tumulto.

— Pare! — Ele disse com tanta força de vontade que todos os três motoristas estavam atingindo os freios antes de suas mentes conscientes sequer saberem que uma ordem tinha sido dada. — Duncan. — Raphael disse bruscamente e então ele se foi, a porta entreaberta para a brisa de sua passagem.

— Traga os veículos. — Duncan ordenou a uma Winona surpresa quando ele passou por ela para seguir Juro, que tinha arrancado a porta do passageiro aberta com tanta fúria que o metal ainda estava gemendo com a tensão.

Em questão de momentos, os veículos estavam vazios, deixando apenas Winona e os motoristas na estrada deserta.

Capítulo 56

Cyn tapou os ouvidos contra os uivos dos vampiros enlouquecidos. Ela só desejou conseguir tirar seu horrorizado olhar para longe da vista de Windle sendo dilacerado pedaço por pedaço, os vampiros arrancando pedaços de carne, chupando a carne e lutando uns com os outros pelos despojos.

Apenas Asim parecia não afetado, de pé, imóvel com as costas para o carro. Um dos vampiros loucos saltou para o carro e Cyn tentou gritar sobre a bile subindo até a sua garganta. Ela empurrou-se para longe da janela e contra a parte traseira do assento, mas Asim repeliu o atacante com facilidade. Ele jogou o vampiro nos braços de outro e assistiu calmamente enquanto os dois começaram a rasgar um ao outro em um renovado frenesi.

Aparentemente, o plano de Asim para lidar com os lacaios de Jabril envolvia deixá-los destruírem-se uns aos outros para que ele não tivesse que o fazer.

Cyn olhou em choque por mais uns momentos e depois sacudiu-se em movimento. Ela não tinha ilusões sobre a disposição de Asim em manter o seu acordo, porque ela não tinha intenção de manter sua parte também. Será que ele realmente achava que ela iria entregar Liz para se salvar? Claro, ele achava. Este era o cara que, neste preciso momento, estava deixando seus futuros súditos rasgarem-se, a fim de tornar sua vida mais fácil ao longo dos próximos dias. Nada que Asim fizesse a surpreenderia.

Seu olhar caiu sobre a arma que ele a deixou usar para matar Jabril. Bem, quase nada, pensou ela. Ela procurou no compartimento até que encontrou a segunda arma com seu carregador cheio de Hydra-Shok, verificou rapidamente e enfiou-a contra as costas sob o seu casaco, então se virou para uma Liz inconsciente.

A ferida do pescoço já tinha selado, o que era típico de uma mordida de vampiro. A natureza era uma coisa maravilhosa. Às vezes. Cyn sentiu a testa da menina, afastando uma mecha de cabelo loiro. Estava fresca, mas seca e quando ela checou o pulso, ele era forte. Jabril tinha muita experiência em drenar mulheres, ele sabia o quanto poderia tomar sem prejudicar sua vítima. Ainda bem que ele precisava de Liz viva.

Cyn percebeu que cresceu um silêncio fora do carro e ela olhou acima para ver Asim pondo as mãos sobre um vampiro de joelhos. Ela lembrou da

cerimônia de Raphael com Mirabelle e percebeu que ele estava provavelmente fazendo a mesma coisa. Perguntou-se se Asim era forte o suficiente para manter o território de Jabril, mas não perdeu muito tempo se preocupando com isso. Afinal, se as coisas corressem à sua maneira, o território de Jabril ainda precisaria de um novo senhor depois desta noite.

Asim levantou as mãos da cabeça de seu mais novo servo, ombros caídos brevemente em exaustão. O recém jurado vampiro permaneceu de joelhos, balançando levemente, os olhos fechados. Apenas um outro vampiro se ajoelhou ao lado dele e este estava em um estado ainda pior, recostando-se sobre seus calcanhares, a cabeça pendendo em semiconsciência. Ambos estavam salpicados com sangue e mostravam sinais de uma luta dura. Como se ciente de sua análise, Asim virou e caminhou em direção ao carro, seus olhos encontrando os dela através da distância.

Cyn deu uma respiração profunda. Adrenalina fazia seu coração bater forte, seu sangue fluir e cada nervo zumbir. Ela lutou contra o impulso de tocar a arma escondida nas suas costas e em vez disso ela cerrou os dedos ao redor da arma que Asim conhecia, a que ela tinha usado para matar Jabril. Ela segurou-a à vista, nem mesmo pestanejando quando Asim chegou ao carro e puxou a porta pesada para cima. Mais rápido do que ela poderia seguir, ele se inclinou e pegou a arma da mão dela, segurando seu pulso e apertando-o dolorosamente. — Nós não queremos nenhum acidente agora, não é Cynthia?

Ele lhe deu um sorriso rápido e depois trouxe sua mão à boca, lambendo o sangue que continuava vazando de seus dedos rasgados. — Jabril estava certo. Seu sangue é delicioso.

Cyn engoliu sua repulsa e olhou para ele em vez disso. — Elizabeth precisa de ajuda médica, um hospital.

Ele a ignorou, soltando a mão dela e chegando para levantar Liz em seus braços. — Você sabe o que acontece quando um vampiro morre, Cynthia? — Ele perguntou. Seus olhos fixos nela, então em todos os corpos espalhados no deserto. — Quero dizer à parte desses. — ele descartou. — Você sabe como um substituto é escolhido? Seu assassino herda tudo. Seu poder, o seu território. — Ele acariciou uma Liz inconsciente com um sorriso sonhador. — Tudo o que foi de Jabril agora é meu.

— Mas você não o matou. Eu fiz.

Asim riu. — Quem iria acreditar nisso? Jabril tinha Mirabelle, mas eu terei Elizabeth. — Ele desviou o olhar para ela e endureceu. — E você também, minha querida. — Lambeu os lábios como se saboreando o gosto de seu sangue. — Meu harém pessoal.

Ela nem estava surpresa. — Isso não foi o nosso acordo. — ela lembrou-o gentilmente.

— Não, eu acho que não. — ele concordou. — Talvez eu a devolva a Raphael eventualmente. Em troca de seu apoio. — Ele mudou Elizabeth de posição em seus braços e sacudiu a cabeça em direção a Cyn.

— Venha comigo agora. Vamos deixar esses outros para o sol — Ele se virou e caminhou em direção à limusine esperando.

Cyn deu dois passos atrás dele, tirou a segunda arma e disparou. Três tiros na nuca. Bam, bam, bam. Ela teve o cuidado de angular o cano para cima e para longe de onde ele carregava Liz contra seu fino peito, mas não poderia ajudar com a pulverização de sangue quando a cabeça do vampiro explodiu. — Pense novamente, imbecil. — ela sibilou.

O novo lorde vampiro caiu ao chão, derrubando Elizabeth e caindo em cima dela. Cyn ficou olhando para ele, respirando com dificuldade, quase incapaz de acreditar que havia funcionado. Com um sobressalto de medo, ela se lembrou dos outros vampiros e girou, arma levantada para atirar. Mas o choque de perder um segundo mestre em uma noite foi demais para os vampiros já enfraquecidos. Ambos estavam deitados mortos na sujeira.

Cyn tomou um cansado fôlego e quis saber onde ela ia encontrar a força para terminar o trabalho de hoje à noite. Ela se inclinou para frente, descansando as mãos nos joelhos, sabendo que se ela sentasse, ela nunca levantaria novamente. Finalmente, demasiado fraca para carregar Elizabeth para o Range Rover, ela arrastou o corpo de Asim para longe dela e para mais perto dos outros, obteve um cobertor na parte de trás do SUV e cobriu a garota inconsciente, onde ela estava. E então ela se forçou a continuar em movimento, andar em torno da clareira e sistematicamente colocar uma bala no cérebro de todos os vampiros lá.

De volta à bagageira do Range Rover, ela abriu uma outra mala de armas. Esta era de couro, macia como manteiga e luxuosa ao toque, com um design elegante. Dentro havia quatro leves estacas de madeira lixada, cada ponta com uma borda de aço dobrada. Eram lindas e letais, especialmente desenhadas para ela por um fabricante de facas que havia tomado orgulho em seu produto e gravado intrincados desenhos ao redor da faixa de cada lâmina que se agarrava à madeira. Era preciso força para apunhalar uma estaca de madeira no peito de um vampiro. O aço tornava mais fácil.

Ela olhou para as estacas, agarrou as quatro e voltou à sua tarefa macabra.

Um vampiro não estava morto, se ele ainda tinha um corpo. Ela não queria nada além de um monte de poeira no chão do deserto.

Pouco tempo depois, Cyn se agachou ao lado do que restava da sua última vítima, arma em uma mão, estaca na outra. Em volta dela, pilhas de

vampiros em pó começaram a se deslocar suavemente enquanto um vento frio soprava através do deserto. Como se perigo seguisse o vento, a noite ficou de repente mais escura e cheia de ameaças. Ela virou-se. Fora do estreito círculo de luz formado pelos faróis dos carros, as sombras se moveram, envolvendo a noite em torno delas e se aproximando. Cyn segurou suas armas com mais força, seu lábio curvando em um grunhido selvagem.

O vento soprou mais forte, esbofeteando os carros com sua ferocidade. O cabelo de Cyn voou em seu rosto e ela o escovou com um gesto impaciente, olhando como um redemoinho surgia da tempestade, mais negra do que a noite ao seu redor, movendo-se mais rapidamente, sugando a escuridão que se aproximava. Ela se levantou e aproximou-se de onde Liz estava indefesa, o coração batendo forte, a boca seca de medo.

O vento da meia-noite soprava por entre os carros. Cyn levantou a arma. E as sombras desapareceram.

Juro moveu-se em primeiro lugar, colocando-se entre Raphael e a arma de Cyn. Raphael levantou a mão e Juro se afastou.

— Lubimaya. — Raphael disse com tristeza. — Sinto muito estarmos atrasados.

Cyn piscou. Seus braços caíram ao lado do corpo, as armas que ela segurara de forma tão eficaz subitamente ficaram muito pesadas para segurar. Sua cabeça pendeu e ela teria caído, mas Raphael a pegou, embalando-a em seus braços enquanto seus vampiros olhavam incrédulos para os danos que uma mulher humana havia forjado.

Capítulo 57

Cyn ouviu os rotores do helicóptero desacelerarem do lado de fora enquanto as portas se fechavam e o elevador começava a se mover. Raphael se encostou na parede, olhando para ela silenciosamente. Ele não falou muito desde que a encontrou em meio a pilhas de pó de vampiros no deserto. Não que tivesse havido muita oportunidade. Eles tinham conduzido de volta a Tucson, indo diretamente para o aeroporto. O médico pessoal de Raphael estava esperando por eles lá e enquanto ele tratava Liz, Cyn teve tempo para um banho rápido e uma muda de roupa. As roupas eram de Winona e não se encaixavam, mas elas eram melhores do que aquilo que ela estava usando.

Depois de um vôo rápido para Santa Monica e um passeio de helicóptero para Malibu, eles chegaram à propriedade um pouco antes do amanhecer. Duncan e Juro tinham voado com eles no helicóptero, junto com o Dr. Saephan e Liz, mas o resto da equipe de Raphael estaria no aeroporto hoje durante a luz do dia. Não houve tempo suficiente para trazer todos em segurança de volta para a fazenda em Malibu. Alguns dos guardas humanos de Raphael já estavam a caminho para proteger o hangar privado e zelar pelos vampiros adormecidos.

As portas do elevador abriram no santuário de Raphael e Cyn se apressou a sair da pequena caixa, derrubando sua jaqueta emprestada. Velas espalhadas por toda a sala explodiram para a vida quando Raphael exerceu sua vontade e ela pulou, rindo do seu próprio nervosismo.

Ela não conseguia ficar parada e passeava de um lado para o outro, sua pele muito apertada, seus nervos tilintando até que teve vontade de gritar.

— Cyn. — disse Raphael.

Ela parou e olhou para ele. — Ele estava esperando por nós. — disse ela. — Na escola de condução. Ele sabia que estaríamos lá.

— Sim.

A simples palavra estava repleta de informações, mas ela estava cansada demais para analisar tudo e Raphael não disse mais nada.

Ela retomou seu ritmo e Raphael continuou a observar em silêncio. — Onde está Liz? — Ela perguntou distraidamente.

— Dr. Saephan está cuidando dela. Suas instalações aqui são modernas e completas. Ela vai acordar e não se lembrará de nada.

Cyn fez uma pausa para dar-lhe um olhar duro. — Você vai apagar sua memória?

— Suas memórias serão apagadas. Não por mim pessoalmente, não. Cyn, é importante, extremamente importante que ninguém saiba que foi você quem matou Jabril. Os outros não importam, mas Jabril...

Ela cruzou o quarto para ficar na frente dele. — Você vai limpar minhas memórias também?

— Não. — Ele parecia um pouco ofendido por ela ter perguntado.

— E quanto a Lucia? Ela saberá que algo aconteceu, ela não é idiota.

— Eu vou deixar isso para você. — disse ele rigidamente. — Mas o Dr. Saephan tem uma excelente reputação na comunidade local e ela não terá nenhum motivo para duvidar do que ele lhe diz. Ela foi informada de que você e Elizabeth estão bem e foi convidada a visitá-las mais tarde. Se desejar, Duncan pode... Falar com ela.

— Falar com ela. — Cyn repetiu.

— Cyn. — Era uma demanda de compreensão.

— Pare com isso. — disse ela.

— Parar o quê?

— Pare de me olhar como se estivesse esperando o outro sapato cair.

— Existe um outro sapato?

— Não. — Ela deu um longo suspiro cansado e foi para seus braços, finalmente deixando-o puxá-la para descansar contra seu peito, onde ela ouviu a lenta batida de seu coração. — Eles o rasgaram em partes. — ela sussurrou enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas. — Ele era nada mais do que pedaços de carne sangrenta. Você não poderia nem dizer... — Ela engoliu em seco. — Eles teriam feito o mesmo comigo. — Seus braços se apertaram em volta dela e ela colocou os braços em torno de sua cintura. Ele estava vestindo uma longa túnica de seda e nada mais. Ela não se lembrava de vê-lo se trocando.

— Você não está vestindo nenhuma roupa.

— É quase amanhecer, lubimaya. — As palavras mal tinham saído da sua boca antes dela ouvir o som sólido do fechamento das portas em torno deles. Era estranhamente reconfortante.

— Eu estou tão cansada. — ela respirou.

Raphael beijou sua testa e ajudou a retirar o resto de sua roupa, praticamente carregando-a para a grande cama e aconchegando-a debaixo das cobertas. Ela virou quando ele deslizou ao lado dela. — Me abrace.

— Para sempre, minha Cyn.

Capítulo 58

Cyn inclinou-se contra a janela atrás da mesa de Raphael, sentindo-a vibrar com cada onda que rolava na praia abaixo. Raphael estava sentado em frente a ela, observando impassível quando Juro escoltou Mirabelle até a sala. Duncan entrou em seguida, uma mão no cotovelo de Alexandra, como se estivesse acompanhando-a em um salão elegante. Raphael se levantou, prolongando tempo o suficiente para trilhar uma mão ao longo do braço de Cyn antes de fazer seu caminho em torno da mesa para enfrentá-los. Ele se posicionou um pouco de lado para que Cyn pudesse ver seu rosto claramente.

Mirabelle não esperou o lorde vampiro falar com ela. Ela se separou de Juro e se jogou aos pés de Raphael, enterrando seu rosto nas mãos, seus ombros tremendo com lágrimas silenciosas.

Raphael considerou sombriamente sua forma prostrada, antes de levantar a cabeça para encontrar o olhar frio de Alexandra do outro lado da sala. Ela ergueu o queixo em desafio, os olhos negros piscando.

— Mirabelle. — disse Raphael.

— Meu senhor, — ela gritou, chorando tanto que mal podia falar. — Eu nunca trairia você, Mestre! Nunca.

Raphael inclinou a cabeça, intrigado. — Eu disse que você o fez, criança?

Mirabelle não ergueu os olhos de sua posição submissa, dirigindo a sua resposta ao tapete que estava a centímetros do seu rosto. — Eu ouvi os guardas falando, meu senhor. Eu sei que alguém telefonou a Jabril. Mas não fui eu. Juro para você, meu senhor. — Ela olhou para cima então, seus olhos azuis cheios de dor. — Eu não traí você, Mestre. Eu não faria!

Cyn estudou o rosto de Mirabelle. Ela viu desespero ali e perda, mas não culpa, nenhum medo de ser descoberta. Mirabelle não era o traidor, ela pensou, e sabia que era verdade.

O olhar de Raphael mudou para onde Alexandra estava orgulhosa e altiva, extremamente confiante.

— Eu não avisei você, Alexandra? — Perguntou. — Você achou que eu poderia perdoar isso?

— Eu não faço idéia...

— Silêncio. — Era uma simples palavra, falada com suavidade e sem emoção. Mas a raiva de Raphael era uma presença física na sala, pesando o ar como uma tempestade prestes a quebrar. — Você esquece, Alexandra, que eu sou mais do que o filho de nossa mãe. Eu sou seu mestre. Você não tem segredos para mim.

Os olhos de Alexandra se arregalaram em surpresa e pela primeira vez, seu rosto refletiu uma preocupação desconfortável. — Você foi enfeitiçado por essa humana. — ela rosnou. — Eu tentei apenas salvar você. Você vai entender um dia e você me agradecerá.

Raphael a considerou em silêncio, esperando.

Alexandra abanou a mão num gesto nervoso, como se afastando sua raiva. — Eu sou sua irmã, Raphael. O seu sangue. Você não pode escolher um humano, mesmo esta, sobre o seu próprio sangue. Você me ama.

— Quinhentos anos atrás... — Raphael disse gentilmente, — Eu amei uma criança chamada Sasha. — Sua voz endureceu. — Eu nem conheço você. — Ele fez um gesto e Juro se aproximou de Alexandra, sua enorme mão fechando em torno do braço dela como uma algema.

Alexandra lutou inutilmente, tentando se afastar. — Raphael, — ela chorou. — Você não pode fazer isso! Eu sou sua... — Raphael simplesmente olhou para ela. Seus apelos foram cortados em meio da frase enquanto ela lutava para falar contra a sua compulsão, deixando-a com nada além de soluços mudos de descrença quando Juro e seu irmão a levaram entre eles.

Mirabelle ainda estava ajoelhada no chão, sua boca aberta em estado de choque, sua expressão mais do que ligeiramente tocada pelo alívio quando Alexandra foi escoltada da sala.

— Mirabelle. — Sua cabeça girou quando Raphael falou seu nome e ela encolheu-se de medo.

— Eu nunca faria... — ela começou novamente.

— Eu sei, criança. Eu nunca suspeitei de você. Vá agora. Elizabeth tem perguntado por você.

Mirabelle se esforçou para ficar de pé e se curvou rapidamente. — Obrigado, meu senhor. — disse ela com fervor. Seu olhar deslizou rapidamente sobre a Cyn e para longe antes que ela corresse da sala. Duncan a seguiu, fechando a porta atrás dele e deixando-os sozinhos.

Cyn circulou em torno da mesa para Raphael e ele estendeu a mão automaticamente para puxá-la perto. Ela se enterrou contra o seu peito largo e perguntou: — O que você vai fazer?

— O Conselho convocou uma reunião para tratar do território vazio de Jabril. — Raphael respondeu cansado. — Provavelmente vão jogá-lo aberto a qualquer um que possa segurá-lo. Nenhum dos servos de Jabril é forte o suficiente para lutar pelo direito — ninguém que o queira, de qualquer maneira. E, além disso, há muitos jovens querendo maior poder nos territórios. Isso vai liberar um pouco dessa pressão.

— Isso não é o que eu... — ela começou a dizer, mas o olhar em seus olhos lhe disse que ele não pretendia lhe dar qualquer outra resposta. Ela olhou para ele, sem saber como se sentia sobre isso.

— Eu sou Vampiro, Cyn. — disse ele, como se isso explicasse tudo.

— Isso não é bom o bastante. — disse ela. — Eu não vou deixar você se esconder atrás dessa merda de vampiro inescrutável. Eu quero saber o que você vai fazer com Alexandra.

Raphael considerou-a com seus olhos negros. — Você quase morreu.

— Eu estou ciente disso. E se eu tivesse morrido lá fora, no deserto, o meu fantasma teria assombrado você impiedosamente até que você destruísse cada um dos filhos da puta que fizeram isso.

Seus lábios macios curvaram em um leve sorriso. — Mas eu não morri, Raphael.

— Ela pretendia que você morresse. Ou pior. Muito pior.

Cyn franziu a testa para ele. — Isso é realmente sobre mim? Ou é sobre você? Ela traiu você também naquela noite. Mais do que a mim. É esta alguma besteira de vampiros?

Ele deu um suspiro impaciente e se afastou. Ele teria se afastado dela, mas ela colocou a mão em seu braço, segurando-o no lugar. — Não a mate, Raphael. Você nunca vai se perdoar. Você jamais me perdoará.

Seus olhos brilharam para encontrar os dela.

— Esta é a mulher pelo qual você moveu céu e terra, satisfazendo todos os seus caprichos, por quantos séculos, Raphael? Você me contratou para encontrá-la quando seus inimigos a levaram de você e destruiu cada um deles por vingança. Não me diga que você não tem amor por ela, mesmo que seja apenas o amor pela criança que ela costumava ser. Sua morte vai pairar sobre você, sobre nós, como um câncer, corroendo tudo o que somos até que cada vez

que você me olhar não verá nada além de sua morte. — Ela deu um passo para mais perto dele, colocando as palmas das mãos contra seu peito. — Eu não posso viver dessa maneira, Raphael. Eu não vou. Eu amo você demais.

Ele olhou para longe dela, mas antes de seus olhos deixarem o rosto dela, ela viu um breve lampejo de alívio em suas profundidades de obsidiana[14]. Ela sentiu-o suspirar, sentiu seu corpo inteiro relaxar sob suas mãos.

— Muito bem, lubimaya. Vou poupá-la. Mas ela vai saber que é a você que deve sua vida.

Cyn encolheu os ombros. — Espero que ela se engasgue com isso. Acredite em mim, eu não tenho amor por Alexandra.

Ele sorriu então, como se ela tivesse novamente dito algo que ele esperava, e isso agradou-lhe.

Ele a puxou contra seu corpo, segurando-a firmemente dentro do círculo de seus braços. — Estou pensando em encadear você na minha cama a partir de agora. — ele murmurou contra seu cabelo. — Estou cansado de acordar para ver que você se foi.

Ela bufou. — Você pode tentar.

Apertou-a mais em seus braços. — Eu posso fazer melhor do que tentar, lubimaya. Existem muitos tipos de correntes.

— Excêntrico. — comentou. — Faça o seu melhor, Lorde Raphael.

— Com você, minha Cyn, sempre.

[14] É um tipo de vidro vulcânico, formado quando a lava esfria rápidamente.

Epílogo

— Buffalo? — Cyn repetiu incrédula.

— Eu sei. — Sarah concordou com tristeza. — Mas é uma boa universidade, e o trabalho é por mandato[15]. Além disso, não é na Califórnia e você sabe que eu quero sair daqui.

— Querida, Buffalo é o mais longe da Califórnia que você pode ir e continuar a estar nos Estados Unidos. Eles têm verdadeiros invernos lá, você sabe. Assista ao canal do tempo. Eles estão sempre mostrando imagens de Buffalo com pessoas enterradas até suas bundas na neve.

Sarah riu. — Você é tão bruta, Cyn.

— Sim, bem. Conseqüência de ser uma policial.

— Eu acho que você apenas usa isso como desculpa.

Cyn sorriu. — Apanhada.

— Então. — disse Sarah, prolongando as sílabas. — Você tem algo que queira compartilhar comigo?

Cyn tomou um gole de seu Martini, dando a Sarah um olhar arregalado sobre a borda do copo.

— Oh, vamos, Cyn. Deixe-me ver a pedra.

Cyn riu. — Oh, você quer dizer essa coisa? — Ela estendeu a mão e Sarah tomou aquela coisinha linda. Havia pelo menos cinco quilates assentados nesse fino dedo, e isso era apenas o travesseiro de diamante no centro. Ela apostava em outros poucos quilates na faixa de canais em torno dele.

— É lindo, Cyn. Mas você sabe disso. Então, quando é o casamento?

[15] Do original *'job's tenure track'*, que é uma expressão usada para trabalhos académicos em que não pode haver despedimento sem justa causa.

— Casamento? — Zombou de sua amiga. — Você sabe como me sinto sobre casamento. Além disso, os vampiros não se casam, eles têm toda essa coisa de acasalamento que fazem.

— Acasalamento? Como gorilas?

Cyn riu. — Muito semelhante, sim.

— Então isso significa que você vai se tornar uma vampira? Devo começar a cobrir meu pescoço quando você estiver ao redor?

— Dificilmente. Vampiros não costumam se casar com outros vampiros. Eu fiz a mesma pergunta uma vez. — Ela fez uma pausa para tomar outro gole de sua bebida. — Você sabe como o sexo tem fama de ser…

— Imagino. — Sarah disse secamente.

— Bem, sim. De qualquer forma, tomar sangue está ligado ao sexo para eles, então se eu me tornasse uma vampira, Raphael teria que ir para outro lugar para o seu sangue, e uma vez que é ligado com o sexo...

— Oh.

— Certo. Você me conhece. Eu não compartilho bem.

Sarah riu. Na verdade Cyn era generosa ao extremo, mas ela nunca diria isso na cara de sua amiga. Poderia arruinar aquela imagem cuidadosamente cultivada de menina resistente. — E sobre a coisa da idade? Quero dizer, ele vai ficar jovem e você…

— Essa é a beleza disso. Ele toma o meu sangue e eu tomo o seu. Não muito, mas…

— Nojento! Você está bebendo o seu sangue? — Sarah olhou ao redor rapidamente e baixou a voz. — Eca, Cyn!

— Não é assim tão mau. — Cyn repreendeu. — Além de que é apenas um pouco e isso me mantém jovem e linda. — Ela sorriu e se inclinou para frente conspirando. — E isso faz com que o sexo fique ainda melhor.

Sarah soltou um suspiro. — Okay. Vamos mudar de assunto. Você ainda tem sua agência?

— Não. — Cyn disse com pesar. — Isso teve que ir. É difícil fazer um trabalho à paisana quando você tem um guarda-costas por perto o tempo todo.

— Você tem um guarda-costas?

— Yeah. Era isso ou uma tatuagem na minha testa. Peguei o guarda-costas. Por falar nisso... — Ela apontou por cima do ombro de Sarah. — Vê aquele cara ali no bar?

Sarah se torceu para olhar e viu-se olhando para um alto, bem musculoso homem negro que parecia estar obsessivamente focado em seu cantinho da sala. Seus olhos se arregalaram e ela chicoteou de volta em torno de Cyn. — Isso é um vampiro? — Ela sussurrou.

— Yeah. Difícil dizer, né? Você se acostuma. E por falar em vampiros...

Houve uma agitação súbita no bar lotado. Conversas morreram para sussurros e as pessoas se chegaram para os lados, abrindo caminho para alguém entrando pela porta da rua. Havia dois homens, um loiro e um moreno, mas foi o de cabelos escuros que chamou a atenção de todos. Alto e de peito largo, com um rosto que só poderia ser descrito como belo, ele se movia com graça do tipo letal que ela geralmente associava a algo perigoso e selvagem. Tanto mulheres como homens se endireitaram onde estavam ou sentaram-se, os seus rostos absortos, olhos vidrados quando eles meio que se... Inclinaram em sua direção. Ela ouviu Cyn rir alegremente e olhou para a amiga.

— Diga-me que não é ele. — disse ela em descrença.

— Esse é o meu querido. — Cyn confirmou.

— Oh, homem. — Sarah disse em admiração. — Onde eu posso conseguir um desses?

— Provavelmente não em Buffalo. — Cyn comentou secamente. Ela tomou um gole final de seu Martini e se levantou. — Minha carona está aqui querida. Boa sorte com o trabalho. Espero que eles saibam a sorte que é ter você.

— Eu vou ter a certeza e dizer-lhes. — disse Sarah. Ela estendeu a mão e trocaram abraços.

— Envie-me seu novo endereço quando você o tiver.

— Eu vou. E boa sorte com... Você sabe. Tudo. Estou realmente feliz por você, Cyn.

— Eu sei. — Ela beijou a bochecha de Sarah e sussurrou: — O seu virá também. É só você esperar.

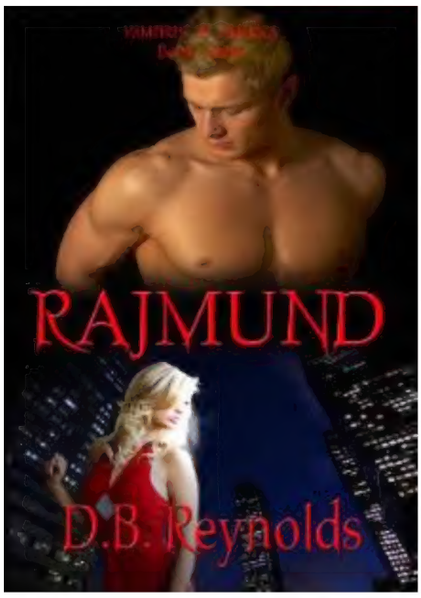
Sarah viu quando Cynthia caminhou para encontrar seu amante vampiro. Seu braço passou em volta de sua cintura assim que ela chegou a ele e eles trocaram um beijo tão terno que trouxe lágrimas aos olhos de Sarah. Ela

balançou a cabeça. — Sim. — ela murmurou para si mesma. — Mas será que ele sabe que ele é suposto me procurar em Buffalo?

Continua...

A série Vampires in America

continua em... Rajmund



Sinopse: Buffalo, Nova Iorque - cachoeiras trovejantes, grandes equipas esportivas... e um Lorde Vampiro traiçoeiro que está perdendo a sua mente lentamente.

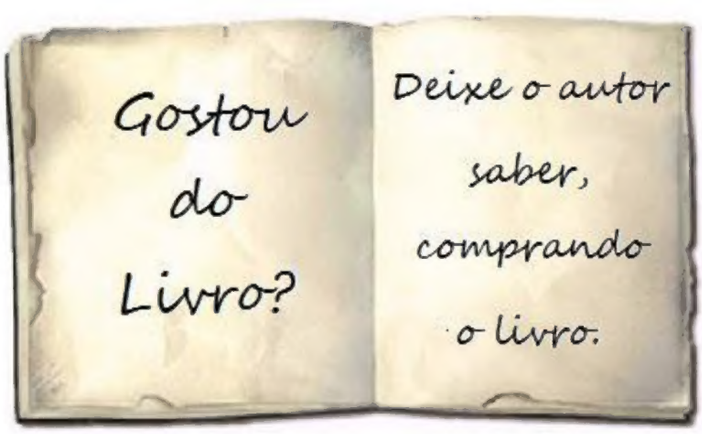
O vampiro da Cidade de Nova Iorque, Rajmund Gregor, é o mestre indiscutível da Big Apple. Ele não se curva perante ninguém a não ser o seu mestre, o Lorde Vampiro Krystof, que tem governado o Nordeste durante centenas de anos. Mas quando Krystof convoca Rajmund a sua sede em Buffalo, Raj encontra o seu mestre sucumbindo lentamente à loucura e seu território desmoronando em torno dele. Raj é o único dos 'filhos' de Krystof forte o suficiente para tomar o poder, mas ele vai ter que salvar o seu mestre antes que possa destruí-lo. Várias mulheres desapareceram e a polícia local está convencida de que um vampiro está por trás disso. Krystof está tão longe da realidade que está capturando e matando mulheres humanas? Um dos vampiros rogue* (desonestos, neste caso mais como os excluidos da sociedade vampírica) se moveu para o território de Krystof e está fazendo a matança? Ou é algo muito mais insidioso, algo que poderia ameaçar a existência dos vampiros em todo o mundo?

Sarah Stratton é uma mentira viva. Seu passado esconde um segredo que ela não partilha com ninguém - nem mesmo com a sua boa amiga Cynthia Leighton, a companheira do lorde vampiro da Costa Oeste. É um segredo que poderia destruir sua cuidadosamente construída vida como professora em uma universidade de Buffalo. É também um segredo que poderia salvar as vidas das mulheres desaparecidas. Para salvá-las, contudo, ela deve entrar na comunidade vampírica de Buffalo e colocar-se sob os cuidados de Rajmund Gregor. Mas será que ela pode confiar em Raj, o vampiro perigosamente sedutor que quer reivindicar muito mais do que os segredos dela?

D. B. Reynolds é a autora da série Vampires in America, bem como de outros livros de ficção paranormal. Ela é também a destinatária de duas nomeações para Emmys por seu trabalho em som televisivo. DB se casou com seu professor da Universidade e agora vive com ele em um desfiladeiro inflamável perto de Los Angeles. Quando não está escrevendo seu próximo livro, ela geralmente pode ser encontrada lendo o de outra pessoa.

Email: dbreynoldswriter@aol.com

http://dbreynolds.wordpress.com/



Esta obra foi traduzida pela **Comunidade After Dark**, que tem como objetivo a tradução de livros ainda **não** lançados no Brasil. É uma tradução sem fins lucrativos. Portanto a venda ou troca deste e-book é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode tê-lo em seus arquivos pessoais, mas pedimos que, **por favor, não hospede este e-book em nenhum outro lugar.** Caso queira tê-lo sendo disponibilizado em arquivo público, entre em contato com a Equipe Responsável pela Comunidade através do e-mail: tadsuporte@gmail.com.

http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=100455503

All Creatures of the night get together After dark